

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A NARRATIVA

(ELEMENTOS ESSENCIAIS E ELEMENTOS NÃO ESSENCIAIS DA NARRATIVA)

por

Rosa Helena Blanco Machado

Dissertação apresentada ao Departamento
de Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas

1980

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Orientador: Professor Doutor Haquira Osakabe

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que, nos períodos de março/1975 a julho/1977 (Processo nº 2479/74) e agosto/1977 a julho/1978 (Processo nº 77/0567), respectivamente, nos concederam bolsas de estudo, tornando possível a realização do presente trabalho.

Nossos agradecimentos queridos ao pro
fessor Haquira Osakabe pelo cuidado e
dedicação dispensados em todos os mo
mentos desse trabalho conjunto. Aos
professores e amigos Ana L. Amêndola,
Ataliba T. de Castilho, Cláudia Lemos,
Eny Orlandi, Jonas A. Romualdo, Michel
Lahud, que em ocasiões diversas, nos
ajudaram, através de conversas e leitura
ras de nossos manuscritos, a tornar
mais claras e amadurecidas as nossas
idéias, possibilitando a feitura desa
sa dissertação. Aos nossos informan
tes, sem cuja ajuda, impossível a tese.
A A. Messias C. Machado, meu marido,
que sempre me soube dar a força maior
necessária para que essa tese se corpor
rificasse.

A

Francisco e Dorinda

iv

Resumo

Esta dissertação trata de alguns aspectos da Narrativa, aspectos esses considerados sob a perspectiva de análise apresentada por W. Labov e J. Waletzky em seus artigos de 1967 e 1972. Tal modelo acaba por estabelecer a caracterização formal e funcional das narrativas orais de experiência pessoal, esperando traçar uma estrutura geral subjacente a qualquer das formas narrativas encontradas. A partir da descrição formal de lineia-se o quadro geral das funções governantes de sua estrutura, quadro esse constituído basicamente dos cinco elementos/funções de Orientação, Complicação, Avaliação, Resolução e Coda. Para os autores esses cinco elementos são igualmente importantes posto que compartilham do mesmo modo para a organização da estrutura narrativa, embora assinalem, aqui e acolá em sua exposição, o caráter essencial de alguns deles - a Complicação e a Resolução, em oposição à não essencialidade dos demais - Orientação, Avaliação e Coda.

É a partir dessa oposição não definida nos trabalhos desses autores, mas já esboçada, que, em última análise estaremos trabalhando em nossa dissertação. À tentativa de aplicação do modelo a narrativas também orais e de experiência pessoal do Português, sobrevieram várias dificuldades que nos pareceram decorrentes da imprecisão e do não refinamento nos diversos modos de apreensão dessas funções e mesmo de alguns de seus instrumentos. Observávamos a sistematicidade de ocorrência e de caracterização da Complicação e da Resolução em oposição à 'fragilidade' da caracterização formal e mesmo funcional da Avaliação, Orientação e Coda (ape

sar da 'importância' sobretudo da Avaliação, segundo Labov, para a estrutura da narrativa). Aventamos então, e trabalhamos nessa dissertação a hipótese de que esses elementos são concorrentes, sim, mas para a organização e estrutura daquele produto global discursivo apresentado pelo sujeito/falante (mediante a pergunta comprovada anteriormente como eficiente na solicitação do discurso narrativo) a que demos o nome de Texto Narrativo, e não exatamente elementos governantes da estrutura narrativa no sentido de que sejam constitutivos do discurso da narração. A Orientação, a Avaliação e a Coda cumprem funções de avaliar, orientar e finalizar (o espaço discursivo do sujeito) e podem cumprir essas funções noutros textos não caracterizados como narrativos; podem ademais se constituírem, quando bem trabalhados/elaborados, até em pequenos modelos de outros tipos específicos de discurso tais como a Descrição e a Dissertação.

Isso é o que buscamos verificar em nosso trabalho. Para concluir recorremos ainda a uma outra vertente sob a qual tem sido vista a narrativa, de forma a melhor encerrarmos as nossas argumentações.

QUADRO DA MATÉRIA

	pág.
INTRODUÇÃO -----	1
Notas da Introdução -----	13
CAP. I - DISCUSSÃO DO MODELO DE LABOV E WALETZKY -----	14
I.1 - Observações preliminares em torno do modelo -----	15
I.2 - Aplicação do modelo a narrativas do Português: <u>D</u> ificuldades encontradas -----	31
I.3 - Primeiros resultados na caracterização formal e funcional dos elementos governantes da narrativa sob a revisão crítica do modelo. Hipóteses de Trabalho -----	57
Notas do Capítulo I -----	79
CAP. II - ANÁLISE DE ALGUMAS NARRATIVAS DO PORTUGUÊS -----	81
II.1 - Abordagem aos aspectos mais gerais. Configuração dos dois subgrupos: elementos essenciais e não essenciais da narrativa -----	81
II.2 - Exame das funções de Orientação, Avaliação, Coda e Resumo. Levantamento das suas marcas formais mais recorrentes -----	107
II.3 - Outras possibilidades de interpretação desses elementos não essenciais de narrativa: Orientação, Avaliação e Coda, enquanto configuradores de outros tipos discursivos -----	193
Notas do Capítulo II -----	213
CONCLUSÕES -----	215
BIBLIOGRAFIA -----	245

INTRODUÇÃO

Muitas têm sido as abordagens feitas à Narração no decorrer dos tempos, em estudos os quais, por uma via ou por outra, acabam sempre se encaixando dentro do âmbito maior dos estudos sobre a linguagem, ainda que em certos casos o propósito seja verificar relações ou traços do comportamento humano não exatamente de natureza verbal mas que são sabidamente captados através desse material de estudo tão rico quanto o são as narrações. E naturalmente esse interesse pelo estudo das narrativas nos coloca à disposição um vasto material bibliográfico de natureza até variada. Quando nos voltamos para o estudo desse discurso específico, a Narração, evidentemente dispúnhamos de ampla bibliografia de análise e teoria sobre o assunto. E nos propusemos a acompanhar alguns exemplares de modelos de análise de narrativas a fim de nos situarmos melhor em meio ao campo de estudos, a partir de uma bibliografia já bastante vista e conhecida por todos aqueles que do mesmo modo se interessam pelo tema.

Procedemos então a leitura, iniciando por V. Propp por ser ele um dos primeiros estudiosos da narrativa que se preocuparam com uma análise fundamentada em procedimentos mais sistemáticos, digamos, não tanto envolvidos com as noções vagas (como 'motivo' ou 'tema') através das quais se costumava classificar e caracterizar os diversos tipos de narrativas. E à continuação, procurávamos nos familiarizar também com as reflexões em torno à narrativa de autores como Brémond, Barthes e outros.

O motivo desencadeador é primeiro do nosso interesse pela narra

tiva se deu entretanto através da leitura dos estudos efetuados por W. Labov e J. Waletzky em torno a esse tipo específico de discurso. Por ser uma análise que se distancia em vários aspectos daquelas de que antes fa lávamos, vamos deixá-la de lado por uns instantes e discutirmos rapidamen te aquelas anteriores.

Dessa bibliografia se pode depreender um traço comum nos objeti vos das pesquisas: todas as análise procuram captar as formas de organi zação ou de estrutura da narrativa.

Tanto Propp, quanto Brémond e Barthes, considerando 'funções' ou 'possibilidades lógicas de Melhoramento ou de Degradação' ou ainda as relações Distribucional e Integrativa que delinham as 'Funções' e os 'In indices', em Barthes, buscam depreender nos textos examinados quais as unidades constitutivas e quais os mecanismos de organizarem-se essas uni dades.

As 'Funções' de Propp, embora tenham como mérito atribuírem tra ços mais regulares à narrativa, são por outro lado, ainda depreendidas e classificadas por critérios baseados mais bem na interpretação das diver sas 'ações' (elementos fixos) dos 'personagens' (elementos variáveis) nos Contos Maravilhosos¹. As possibilidades lógicas de Melhoramento e/ou De gradação² são conferidos segundo uma perspectiva de que todos os proces sos caminham para uma ou outra dessas modalidades de desfecho da sequên cia (agrupamento de três funções), o que naturalmente incorre numa inter pretação do analista em torno aos acontecimentos ordenados que concorrem para esse projeto humano.

A análise de Barthes³, embora trabalhando com procedimentos mais bem científicos, através de conceitos como Nível de Descrição, tomado à Linguística, e operando com noções como Discurso, mediante a categoria de Pessoa e conceitos como 'Instância do Discurso', onde se definem o 'eu' e o 'tu', para trabalhar as personagens da narrativa, não fornece os procedimentos precisos necessários para a apreensão e apreensão dessas unidades constitutivas, nem os mecanismos de como se dão as relações integratórias que acabam por constituir a 'língua' da narrativa.

Em outras palavras, queremos dizer que, na posição em que nos encontramos, qual seja a de estudar, sob uma perspectiva linguística, o discurso da narração, as reflexões desses autores, por serem outras as suas preocupações, os meios de análise - a busca da estrutura do texto narrativo com base em procedimentos mais bem interpretativos, não se adaptam ou não oferecem os subsídios necessários que buscávamos.

Para os nossos propósitos então, e em decorrência dessas diferenças nas perspectivas de abordagens, as análises de Propp, Brémond e Barthes acabaram por se definir na bibliografia lida apenas como uma leitura extra de compreensão do fenômeno da narração mas que não viria a intervir diretamente nas análises que efetuamos.

Ao contrário, os estudos de W. Labov e J. Waletzky se fazem com base numa metodologia que se propõe todo o tempo científica, e trabalha efetivamente com noções, conceitos e procedimentos propriamente linguísticos. A própria compreensão do objeto faz necessariamente incluir

na análise esses conceitos e noções estritamente linguísticos, quais sejam por exemplo, a delimitação de classes e sub-classes da língua e mecnismos sintáticos (verbos, verbos de estado, orações subordinadas) presentes todo o tempo na análise desses autores.

Por outro lado, as cada vez mais crescentes adesões à corrente do pensamento linguístico de que é necessário ampliar-se o escopo de exame e reflexão da ciência linguística (que nas grandes vertentes tem-se limitado à Frase), propondo o estudo de comportamento linguístico na própria situação de fala, a situação da interlocução, vieram aumentar para nós as possibilidades desse estudo, sob o prisma linguístico propriamente, tal como nos propúnhamos e da maneira para a qual afinal fomos 'alertados' nesse interesse pela narração, isto é, no estudo da totalidade discursiva apresentada pelo falante/narrador.

Nesse sentido são as reflexões de Labov e Waletzky aquelas que mais se encontram emparelhadas em seus objetivos, e mais que isso, em sua natureza (ambas se propõem 'análises linguísticas') às nossas pretensões, e em verdade elas se constituem como o ponto de partida para as reflexões que constituirão o corpo dessa Dissertação.

As tarefas preliminares de aplicação do modelo de Labov e J. Waletzky a narrativas do Português (e mesmo do Inglês) e as decorrentes dificuldades encontradas levaram-nos a repensar o problema do discurso narrativo questionando mesmo procedimentos de análise e conclusões, em certa medida, a que chegam os autores citados, em seus estudos. Dessa forma é que são essas análises o ponto de partida das nossas investigações.

A exposição desses motivos (de desavença, na verdade) se dará sobretudo no capítulo I dessa Dissertação, e esperamos então mostrar argumentos convincentes a respeito da imprecisão e muitas vezes incoerência na disposição das técnicas e meios usados para depreender-se numa narrativa aquelas partes constitutivas/governantes, e mais que isso, os raciocínios que os autores articulam para conferir a esses elementos o estatuto de estruturais da narrativa. Ai esperamos trabalhar mais de perto os 'momentos' de dificuldades na aplicação do modelo, tanto em narrativas do Português quanto do Inglês. Ao lado das soluções apresentadas pelos autores procuraremos em geral apontar para outras possibilidades de interpretação. E assim procederemos a discussão da proposta de Labov, abordando e discutindo as falhas do modelo.

No capítulo II nos deteremos propriamente no exame das narrativas que constituem o nosso corpus, a partir e tendo sempre em mente o modelo de origem, e veremos mais detalhadamente os problemas mais recorrentes encontrados, alguns deles já apontados por Labov, buscando direcionar a análise para o questionamento dos elementos específicos de Orientação, Avaliação e Coda, dentre os cinco apontados (como veremos adiante), postulados por esses autores enquanto 'funções governantes da estrutura narrativa'.

Ao final da exposição apresentaremos a título de conclusões, os estudos efetuados por H. Weinrich na obra intitulada 'Les Temps' (ver bibliografia) que têm como ponto de enfoque a classe dos verbos, ou a forma temporal nos textos, e da qual, em decorrência da análise se tem configu

rada uma certa teoria da narração. Da confluência entre as reflexões de Labov e Waletzky e Weinrich, e as nossas, tentaremos afinal consolidar um pouco mais as conclusões de certa forma já delineadas no capítulo II.

Vamos passar agora a uma breve exposição da proposta de Labov e Waletzky, apresentada em 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience'⁴ (1967), e num artigo intitulado 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax' (1972), de autoria de W. Labov.

As narrativas estudadas por esses autores são especificamente narrativas orais de experiência pessoal.

Segundo os próprios autores 'a análise é formal procurando levantar e isolar as unidades estruturais invariantes, com base em técnicas de análise' (p. 12). É funcional na medida em que considera a narrativa 'como uma técnica verbal para recapitular a experiência, em particular uma técnica de construir unidades narrativas que compartilham a sequência temporal daquela experiência'. Distinguem-se duas funções na narrativa: a Referencial e a Avaliativa. (p. 13).

A sequência temporal é a propriedade definidora da narrativa: nem toda recapitulação de experiência é narrativa. As unidades que queremos isolar serão definidas pelo fato de que elas recapitulam a experiência na mesma ordem dos eventos originais (pp. 20 e 21). É portanto a interpretação semântica da sequência temporal que dá à sequência de acontecimentos o status de narrativa. Desse modo, as cláusulas narrativas independentes são as relevantes para a narrativa, uma vez que o são para a sequência temporal (em oposição às cláusulas subordinadas que não concorrem para a se

quência temporal).

Por operações denominadas de 'conjuntos de deslocamentos' pode-se estabelecer então uma base formal para considerar a sequência temporal entre as cláusulas independentes de uma narrativa. Essas operações dirão, grosso modo, se uma dada cláusula da narrativa poderá ser movida através todo o texto narrativo ou não sem alterar a sequência temporal da interpretação semântica original.

Para definir a condição pela qual se diz que duas cláusulas são ordenadas uma em relação a outra, isto é, não podem ser deslocadas sem que isso altere a sequência temporal da interpretação semântica original, deve-se verificar se o movimento de deslocamento de uma cláusula não se estende até o local de uma outra sentença que a segue, e inversamente, se esta cláusula seguinte também não se estende até o local da precedente. Nesses casos as duas cláusulas estão ordenadas temporalmente uma com respeito a outra. Quando isso acontece diz-se que estas cláusulas estão separadas por Juntura Temporal.

A unidade básica da narrativa é a cláusula narrativa. Formalmente esta cláusula se define pela ausência de pares de cláusulas ordenadas temporalmente no seu conjunto de deslocamento. E assim define-se uma narrativa: 'Qualquer sequência de cláusulas que contém pelo menos uma Juntura Temporal considera-se uma narrativa' (p. 28).

Núcleos narrativos são os verbos que figuram nas cláusulas narrativas e carregam o tempo marcador da cláusula. As formas e categorias gramaticais que podem funcionar como núcleo são limitadas.

A relação semântica fundamental encontrada na narrativa é a relação A então B, embora outras relações possam ser encontradas aí. A Juntura Temporal é semanticamente equivalente à conjunção temporal. Então (em Inglês a relação é A then B).

A estrutura geral da narrativa é governada por Funções Narrativas. Algumas cláusulas livres, aquelas que têm conjunto de deslocamento que escoam por toda narrativa, que se encontram notadamente no princípio ou formalmente antes da primeira cláusula narrativa, têm como função em geral orientar o ouvinte a respeito de pessoa, lugar, tempo e situação. Constituem a seção de Orientação da narrativa. Esta seção não está presente em todas as narrativas, 'nem sempre realiza estas quatro funções', e a função de Orientação nem sempre é dada pelas cláusulas livres: elas podem se apresentar também nas cláusulas narrativas por meio de frases ou itens lexicais contidos nessas últimas. Podem além disso figurar em outras posições na narrativa, e quando a seção de Orientação é deslocada observa-se que esse deslocamento realiza outras funções' (p. 32).

A Complicação geralmente compreende o corpo de cláusulas narrativas contendo os acontecimentos. Esta seção termina regularmente por uma Resolução.

A Avaliação é segundo os autores típica das narrativas de experiência pessoal. Ela depreende-se da atitude mesma do narrador em direção ao ouvinte no sentido de informá-lo muitas vezes da 'validade' de sua experiência. Frequentemente ela se encontra no limite entre a Complicação e a Resolução mas pode aparecer fundida com a Resolução. Formalmente a fun

ção de Avaliação é realizada por cláusulas multicoordenadas (cláusulas coordenadas entre si) ou grupos de cláusulas Livres ou Restritivas (aquelas cujos conjuntos de deslocamento têm um movimento restrito dentro da narrativa), mas podem estar presentes como modificações lexicais ou frases de uma cláusula narrativa. Por essa razão a definição fundamental da Avaliação deve ser semântica embora sua implicação seja estrutural: 'A Avaliação de uma narrativa é definida por nós como aquela parte da narrativa que muda a atitude do narrador em direção à narrativa enfatizando a importância relativa de algumas unidades narrativas comparadas com outras' (p. 37).

A Avaliação se apresenta por uma variedade de meios na narrativa: Semântica, formal ou culturalmente definida. Pode dar-se através de diversos graus de encaixamento na estrutura da narrativa: 'Há um largo movimento do tipo mais altamente internalizado - a Avaliação de uma terceira pessoa, ao mais externo, a colocação direta do narrador para o ouvinte sobre os seus sentimentos no tempo' (p. 39).

Resolução é a parte da sequência narrativa que segue a Avaliação.

Coda 'é um artifício formal para trazer a perspectiva ao momento presente' (p. 39). É um elemento adicional e quando presente, vem sempre após a Resolução.

No artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax' W. Labov desenvolve aquelas reflexões iniciadas no artigo primeiro e apresenta algumas modificações não muito substanciais do ponto de vista do esquema geral das funções postuladas. O autor retoma aqui rapidamente o con

ceito de narrativa, apresenta e discute pouco as diversas funções já vistas, postula mais um elemento - o Resumo (Abstract), que não é de grande importância para o quadro já exposto e reforça o papel da Avaliação na narrativa. É sobretudo sobre este elemento que se centrarão as reflexões.

O esquema geral das funções narrativas é modificado e a Avaliação ocupa agora um lugar central entre as demais funções, sendo inclusive responsável pelos desvios ou modificações que se impõem à estrutura sintática da narrativa. A Avaliação não se limita agora à seção existente, fixa, entre a Complicação e a Resolução mas está percorrendo toda a narrativa como 'focos de ondas (de Avaliação) que penetram a narrativa' (p. 369).

À estrutura sintática básica da cláusula narrativa, constituída de oito elementos, vão se impor os desvios ou modificações de maior complexidade, os quais segundo Labov, têm uma força avaliativa marcada. São apresentados então os diversos esquemas sintáticos usados para realizar tal função, partindo-se dos esquemas mais simples aos mais complexos que, grosso modo, correspondem à escala das formas mais externas às mais internas (isto é, mais encaixadas) de Avaliação.

Esses elementos são agrupados nos quatro grandes rótulos a seguir, colocados em ordem crescente de complexidade: os Intensificadores, os Comparadores, os Correlativos e as Explicações. Cada grupo se constitui de pequenos elementos tais como: gestos que acompanham dêiticos, quantificadores, negativas, questões, uso de futuro (tempo verbal), modais, comparações, progressivos em Be...ing, duplos apositivos, formações de Left-hand, Right-hand, e sentenças ligadas por partículas causativas, sen

tenças compostas e complexas.

O uso de tais esquemas sintáticos é para Labov uma tentativa de marca avaliando o acontecimento. O desvio do padrão sintático de uma cláusula narrativa, que geralmente deve conter:

Conjunção, sujeito, auxiliar, verbo, complemento, advérbio de mo
do ou instrumento, advérbio de lugar e tempo,

mostra, segundo o autor, que o falante quer realçar certos pontos em re
lação a outros, tornando mais complexa a sintaxe de maneira a avaliar o acontecimento ou parte dele. O uso de futuro quando se narra algo que já aconteceu, ou o uso de negativas, fazendo marcar a oposição entre o que não aconteceu (e poderia ter acontecido) e o que de fato ocorreu, são for
mas de explicitar uma posição de avaliação do narrador.

Tais padrões sintáticos podem aparecer tanto em cláusulas que são ditas puramente de Avaliação, compondo a seção de Avaliação, como em cláusulas narrativas contendo partes que, segundo tal interpretação, se
riam elementos de Avaliação. Como se disse antes, a Avaliação parece per
correr toda a narrativa e se manifesta sob diversas formas. Há expressões nitidamente de Avaliação como por exemplo quando o 'Narrador pode parar a narrativa, dirigir-se ao ouvinte e falhar-lhe qual é o ponto principal' (ti
po mais externo de Avaliação), com comentários do tipo:

gg 'and it was the strangest feeling
 because you couldn't tell
 if they were really gonna make it'

(p. 371)

ã Avaliação mais interna que se manifesta quando há interferência de uma terceira pessoa que avalia a ação do antagonista para o narrador:

as 'but that night the manager, Lloyd B. said:
you better pack up and get out
because that son of a bitch never forgives anything
once he gets it in his hand'

Segundo a interpretação de Labov 'o narrador poderia muito bem ter atribuído este comentário avaliativo a ele próprio mas há mais força dramática quando ele vem de um observador neutro' (p. 373).

E são esses os pontos mais importantes nos enfoques desses autores nos textos vistos: no primeiro trabalha-se mais o esquema geral das cinco funções governantes da narrativa, fornecendo pequenos detalhes sobre os elementos, e no segundo texto dá-se maior peso à Avaliação, conferindo-lhe um papel maior na estruturação da narrativa.

No primeiro capítulo trabalharemos mais de perto o modelo de Labov e Waletzky e veremos quais as dificuldades que se depreendem já mesmo na simples leitura dos textos vistos, como se pode observar.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1. V. Propp - Morphologie du Conte, 1965.
2. Cl. Brémont, "A Lógica dos Possíveis Narrativos", in Análise Estrutural da Narrativa, 1971.
3. R. Barthes, Introdução à "Análise Estrutural da Narrativa", in Análise Estrutural da Narrativa, 1971.
4. W. Labov, J. Waletzky "Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience" in J. Helm (ed) Essays on the Verbal and Visual Arts, 1967.
5. W. Labov "The transformation of Experience in Narrative Syntax" in Language in the Inner City, 1972.

CAPÍTULO I

DISCUSSÃO DO MODELO DE LABOV E WALETZKY

Apontadas as razões pelas quais nós nos detivemos nas análises efetuadas pelos autores W. Labov e J. Waletzky em trono à narrativa, deixando de lado diversas outras abordagens, das quais demos já aqui algumas notícias e que tratam igualmente esse tipo específico de discurso (quais seja, as análises efetuadas por Propp, Brémond, Barthes), nós vamos tentar mostrar nesse capítulo aquilo que estamos considerando como possíveis problemas que surgem (surgiram) quando efetivamente procuramos aplicar a narrativas do Português (e do Inglês), os mecanismos de análise e interpretação de dados conforme os procedimentos indicados por aqueles autores em seus estudos.

Ainda como tarefa deste capítulo nos propomos a indagar do estatuto conferido a elementos vários que aparecem num texto narrativo, os quais, segundo o modelo que nos serve pelo menos de ponto de partida em nossas investigações, têm todos eles um traço comum qual seja, o de estruturador da narrativa, cumprindo portanto uma função governante desse tipo de discurso. A nossa indagação em torno a esses elementos se volta então para esse traço comum de estruturador de um tipo de discurso - a narrativa, e discute o estatuto a eles assim conferido. Adiantando um pouco as nossas reflexões e hipóteses, podemos já agora levantar a dúvida sobretal estatuto e mesmo antecipar uma função, sim, para esses diversos elementos, mas uma função que concorre para o todo narrativo, para o texto e não exa

tamente para o tipo específico de discurso de que tratamos, a Narração. À continuação de nossas reflexões isso se tornará claro, e, esperamos, justificado pelas nossas análises.

A dúvida e a imprecisão sobretudo, nessa tarefa de aplicação do modelo nos levaram nesse interesse que temos pelo estudo da narrativa, a localizar aí o ponto de partida de nossos questionamentos, tornaram-se efetivamente, no decorrer do trabalho, a questão central, e daí derivaram-se as nossas hipóteses, e as linhas diversas que essas hipóteses sugerem. Com as consequentes análises críticas que procederemos em torno às abordagens ao discurso narrativo (assim o estamos chamando) que fizeram os autores citados, procuraremos situar passo a passo os problemas vistos e, ao final, as hipóteses que levantamos como possíveis alternativas de solução na interpretação dos dados.

1.1 Observações preliminares em torno ao modelo.

Em seu artigo 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience', os autores definem uma narrativa, isto é, um texto produzido pelo falante mediante uma pergunta como: 'Você já esteve em situação de perigo? O que aconteceu?', definem informalmente como sendo um 'método de recapitular a experiência passada fazendo equivaler uma sequência verbal de cláusulas à sequência de eventos que realmente ocorreram' (artigo citado, p. 20). Continuando, dizem os autores: 'Narrativa não é o único método para referir-se a uma sequência de eventos e nem toda recapitulação de experiência é narrativa' (artigo citado, p. 20), mostrando assim que se

pode proceder a essa recapitulação através de procedimentos sintáticos de encaixamento sem que haja essa ordenação sequenciada dos acontecimentos que equivalem à ordenação dos enunciados: 'as unidades básicas narrativas que queremos isolar são definidas pelo fato de que elas recapitulam a experiência na mesma ordem dos eventos originais' (...) 'esses elementos são caracterizados pela sequência temporal: sua ordem não pode ser mudada sem que mude a sequência inferida de eventos na interpretação semântica original'. Parece portanto ser este o critério básico para a definição do que seja uma narrativa, isto é, o discurso narrativo.

Como se observou na descrição que fizemos da análise de Labov e Waletzky, os autores se utilizam do que chamam de 'operações' que fornecem uma base formal para estabelecer a sequência temporal entre as diversas cláusulas independentes. São tais operações os conjuntos de deslocamento que podem sofrer as diversas cláusulas e que definem a Juntura Temporal. A partir dessas operações classificam-se então as diversas cláusulas em Cláusulas Narrativas, Cláusulas Livres, Cláusulas Coordenadas e Cláusulas Restritivas.

A Juntura Temporal permite verificar quais as cláusulas ditas Narrativas, isto é, aquelas que apresentam conjunto zero de deslocamento: "Duas cláusulas que estão ordenadas temporalmente uma em relação à outra são ditas como separadas por Juntura Temporal" (p. 25).

Grosseiramente, assim estão reconstituídos os mecanismos de que se servem os autores para estudar a narrativa e o esquema formal a ela atribuído, conforme apresentação no artigo citado.

As diversas cláusulas independentes de uma narrativa, quer formando seções, quer isoladas, cumprem uma função na totalidade narrativa apresentada pelo falante. De certa forma de acordo com o esquema formal que lhes foi atribuído, as diversas cláusulas (narrativas, livres, restritivas, coordenadas), cumprem também diferentes papéis no todo discursivo, isto é, no texto narrativo.

Tendo já tudo isso sido descrito anteriormente, vamos verificar agora os problemas de que falávamos decorrentes da aplicação de tal modelo. Consideremos a narrativa 6, tal como apresentada pelos autores nesse artigo citado, página 23:

0a18	Ye I was in the Boy Scouts at the time
1b17	and we was doing the 50-yard dash
2c16	racing
3d15	but we was at the pier, marked off
4e14	and so we was doing the 50-yard dash
5f13	there was about 8 or 9 of us, you know, going down
	coming back,
6g0	and, going down the third time, I caught cramps
0h0	and I started yelling 'Help'!
0i1	but the fellows didn't believe me, you know,
1j0	they thought I was just trying to catch up
	because I was going on or slowing down.
0k1	So all of them kept going
1l0	they leave me

0m3 and so I started going down
 13n5 Scoutmaster was up there
 6o3 he was watching me
 7p2 but he didn't pay me no attention either
 0q0 and for no reason at all there was another guy,
 who had just walked up that minute...
 0r0 he just jumped over
 0s0 and grabbed me

Verifica-se que as seis primeiras cláusulas dessa narrativa cum prem uma função de Orientação, constituindo a seção de Orientação da narrativa, geralmente localizada no início do texto. A par disso, ou melhor, antes disso procedeu-se o exame formal da narrativa e se verificou que são todas elas cláusulas livres por terem conjuntos de deslocamento¹ que escoam por toda a narrativa, isto é, elas não estão propriamente encadeadas no corpo de acontecimentos mas existem independentemente de qualquer das cláusulas narrativas propriamente ditas que virão em seguida. Seu papel é portanto informar o ouvinte das condições espaço-temporais em que ocorreu o evento, e fornecer algumas explicações com relação aos personagens e procedimentos.

As cláusulas (de g a m) seguintes são classificadas como cláusulas narrativas, isto é, têm conjunto zero de deslocamento não podendo trocar sua ordem sem que isso altere a interpretação semântica original. Isso parece com efeito dar-se nas cláusulas g,h,k,l,m. Entretanto cremos ser possível algumas restrições em relação à interpretação que se dá às

cláusulas i,j ('but the fellows didn't believe me, you know', 'they thought I was just trying to catch up because I was going on or slowing down'), dadas como coordenadas entre si e narrativas em relação às cláusulas anterior e posterior. Se observarmos melhor a natureza de tais enunciados, vemos que sua 'posição' aí, e a impossibilidade de deslocamento pelo texto, não estão comprometidas com o mesmo critério que nos leva a falar dessa impossibilidade para com as demais cláusulas. Em outras palavras o que parece ocorrer aí é muito mais uma apreciação do narrador em torno ao acontecimento, justificando em certa medida, o comportamento dos seus colegas em não atender a seu grito de socorro. À primeira vista parece tratar-se de cláusulas narrativas, isto é, ordenadas, mas sobretudo a cláusula j não resiste a um exame mais atento: ela se mostra bem mais como uma explicação do descrédito dos seus amigos ao seu grito de socorro. Creemos ser possível o deslocamento dessas cláusulas, conjuntamente, isto é, enquanto coordenadas, até a cláusula f ou mesmo pelo resto da narrativa se consideramos que essas cláusulas expressam um juízo do narrador em torno ao fato acontecido. Elas vêm colocadas em tal posição, não exatamente obedecendo a sequência temporal mas por uma questão de estruturação do texto organizado pelo narrador. Ainda que tal juízo do narrador encontre ressonância no pensamento das demais personagens-colegas, corresponde ao que de fato eles pensaram, eles não pensaram antes de deixá-lo, apenas, e antes dele afundar: evidentemente tal pensamento ainda persistiu (por algum tempo).

Procuramos mostrar, através de todo esse intrincado 'raciocínio' que o critério da Juntura Temporal, ainda que precioso para a conside

ração da narrativa, ou não está bem explícito, ou não foi aí aplicado corretamente. Aliás, é desse tipo de raciocínio muito mais intuitivo do que técnico ou formal, que se servem os próprios autores na consideração das cláusulas seguintes, n,o,p, que constituem a seção de Avaliação da narrativa (observe-se a respeito o que os autores dizem a respeito à p. 24 do artigo citado).

Tais cláusulas (n,o,p) são descritas formalmente como sendo uma cláusula Livre (n) e Restritivas (o,p), tendo a primeira delas (n) um conjunto de deslocamento por toda a narrativa e as duas seguintes deslocamentos restritos. São consideradas como cláusulas de Avaliação, interrompen-do, num momento crítico, o curso dos acontecimentos propriamente ditos, entre as cláusulas de Complicação e as de Resolução. Labov e Waletzky tecem todo um raciocínio semântico-interpretativo para mostrar que essas cláusulas têm tais conjuntos de deslocamento (não estando ordenadas temporalmente em relação às que as seguem e as que lhes antecedem), e têm uma função perfeita de avaliar o momento crítico da narrativa.

Embora não concordando exatamente com o raciocínio efetuado por Labov e Waletzky para configurar os conjuntos de deslocamento para as três cláusulas, e não concordando mesmo com os próprios conjuntos de deslocamento propostos, reconhecemos que de fato elas não estão ordenadas temporalmente e que, além disso, elas têm com efeito, uma função avaliativa dentro da narrativa, além de uma função referencial, em nosso entender. Elas 'quebram' o processo narrativo propriamente dito, avaliando através de novas informações de pessoa e lugar.

A par disso observamos que a posição da seção de Avaliação, neste ponto (entre a Complicação e a Resolução), se mantém em diversas narrativas do Português por nós analisadas, ainda que sejam encontrados outros elementos avaliativos por toda a narrativa, como aliás Labov já chamava a atenção em seu segundo artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax'.

A narrativa 6 apresenta portanto uma seção de Orientação (cláusulas de a a f), uma Complicação (de g a m), uma seção de Avaliação (n, o, p), e uma seção de Resolução. Não apresenta o elemento Coda.

Vejamos agora a narrativa apresentada à página 35 do artigo 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience':

0a30	Well, in the business I was associated at that time, the Doc was an old man...
1b29	He had killed one man,
2c28	or - had done time.
3d27	But he had a young wife
4e26	and those days I dressed well.
5f25	And seemingly, she was trying to make me.
6g24	I never noticed it.
7h23	Fact is, I didn't like her very well, because she had she was nice looking girl until you saw her feet
8i22	She had big feet.
9j21	Jesus, God, she had big feet!
10k0	Then she left a note one day she was going to commit

suicide

because he was always raising hell about me.

010 He came to my hotel. Nice big blue 44 too.

0m3 I talked him out of it,

1n2 and says, 'Well, we'll go look for her,

and if we can't find her, well, you can-

go ahead, pull the trigger if you want to'.

3p0 I was maneuvering.

0q0 So he took me up on it,

0r0 and we went to where they found her handkerchief -
the edge of a creek

0t0 And we couldn't find anything.

0u1 And got back

2lv9 it was a tent show,

1w1 she was laying on a cot with an ice bag on her head.

12x7 She hadn't committed suicide.

1y0 But - however - that settled it for the day

0z0 But that night the manager, Floyd Adams, said,

'You better pack up,

00aa0 and get out,

because that son of a bitch never forgives anything
once he gets it in his head'.

0bb1 And I did.

1cc0 I packed up

0dd0 and got out

Oee0 That was two.

A narrativa é constituída de 31 cláusulas independentes, sendo considerada uma narrativa completa na medida em que apresenta os cinco elementos estruturais, a saber: Complicação, Resolução, Orientação, Avaliação e Coda.

Cumprem a função de Orientação as primeiras cláusulas a partir de a até a cláusula j; k é a primeira cláusula Narrativa, iniciando a seção de Complicação cuja 'ação' é interrompida, segundo os autores, à altura da cláusula m; essa, junto às cláusulas n,o,p (coordenadas entre si) "suspendem a ação num momento crítico - quando o perigo de morte é maior, e contém uma afirmação explícita da atitude do narrador. Sua frieza num momento de crise enfatiza o perigo e reflete bem sobre ele (narrador) próprio" (p. 36).

Parece-nos correto tal 'raciocínio' de que o narrador procura realmente avaliar o momento e a si próprio, a esse ponto da narrativa, e que é demonstrado ademais, pela fala que ele (narrador/personagem) dirige ao outro personagem, ou ainda pelo que é expresso na cláusula p. E assim sendo concordamos que de fato tais cláusulas tenham um peso avaliativo. Por outro lado tais cláusulas poderiam também ser interpretadas simplesmente como eventos do corpo da Complicação, isto é, fazendo parte dos eventos narrados propriamente ditos, com a diferença única de serem tais eventos na verdade uma das faces de um diálogo entre personagem/narrador e 'antagonista'. Naturalmente, como dissemos acima, é óbvio que pode-se interpretar a fala do narrador/personagem enquanto 'carregada' de elementos

apreciativos em torno a esse momento particular, e em última instância, a respeito de sua personalidade atribuindo a si mesmo traços de frieza e capacidade de raciocínio num momento deveras crítico. Sendo ademais essa uma narrativa de experiência pessoal, tais 'traços' de Avaliação se mostram muito mais perceptíveis e factíveis.

Formalmente essas cláusulas (m,n,o,p) se caracterizam por apresentarem conjuntos de deslocamento que permitem a sua rearticulação entre elas próprias, isto é, desde que não ultrapassem o subscripto algarismo à esquerda de m e o algarismo subscripto à direita de o - em ambos os casos, zero. Em outras palavras, são cláusulas coordenadas entre si. Nesse sentido não se pode falar portanto de sua ordenação temporal. Suas configurações formais parecem então adequar-se à descrição que é dada às cláusulas de Avaliação do ponto de vista formal. Observe-se entretanto que elas podem ser consideradas como simultâneas, isto é, a nível da ação elas ocorrem ao mesmo tempo entre si e ordenadas em relação às que se seguem e lhes antecedem. O seu conjunto (de cláusulas) obedecem portanto a uma sequência temporal no conjunto da narrativa.

O que estamos querendo dizer é que a 'classificação' ou 'catologação' de tais cláusulas como puramente constituindo uma seção de Avaliação da narrativa, sem que concorram para o desenvolvimento da narrativa (pelo menos é desta forma que se afigura o esquema apresentado à página 37 do texto em relação a essa narrativa), não nos parece correta, ou pelo menos não nos parece se poder depreender de tal narrativa somente essa 'leitura'. A menos que se diga que há certas passagens na narrativa, re

correndo à terminologia de Labov, dentro do corpo da Complicação, que são avaliados mais fortemente, talvez até marcadas por algum traço lingüístico - o uso de condicionais por exemplo inserido na fala do personagem, não vemos como falar dessas cláusulas (m,n,o sobretudo) somente como tendo função Avaliativa. Entretanto nós não dispomos de qualquer critério mais formal ou técnico (por exemplo de ordem sintática ou outro qualquer) que nos conduza à interpretação decisiva de tais enunciados como cláusulas que cumprem a função de Avaliação nessa narrativa, função essa entendida en quanto elemento estruturador desse tipo específico de discursos. Observe-se que nós tecemos aqui uma outra 'forma' de abordagem a tais cláusulas e conseqüentemente uma nova análise de sua 'função' narrativa que efetivamente não pode ser descartada. Isto se dá, talvez, por terem sido utilizados, quer em nossa análise, quer na análise de Labov, critérios que se poderiam chamar bem mais de semântico-interpretativos do que os critérios formais que Labov e Waletzky propuseram na sua tentativa exatamente de estudar a narrativa a partir de seu esquema formal, com base no qual se apoiaria em certa medida o esquema funcional da narrativa.

As cláusulas m,n,o,p são cláusulas coordenadas entre si mas separadas por Juntura Temporal daquelas que as seguem e as precedem. Dessa maneira o critério da Juntura Temporal que por exemplo marca as cláusulas de Avaliação (entende-se, marca na medida em que ela não aparece, se parando, as cláusulas) da narrativa vista anteriormente, já não se presta tanto, ou mesmo nada, para a apreensão e apreensão desses enunciados agora analisados. E de fato a interpretação de tais cláusulas enquanto constituindo a seção de Avaliação se dá com base na definição de Avaliação via

critérios semânticos no subtipo classificado como 'direct statement' descrito à página 37 do primeiro artigo.

Dessas três cláusulas somente p, ainda contando com um critério interpretativo, se prestaria com mais clareza, ao menos para nós, a uma catalogação entre os elementos puramente apreciativos, um comentário mesmo: 'I was maneuvering' ('eu estava enrolando'). A aplicação de um critério como o de Juntura Temporal, embora tenha já sido analisado em frases como essa, se dá de certa forma inadequadamente pois que tal critério iria configurar que tal 'atitude' do narrador ocorre somente naquele instante. Na realidade cremos nem mesmo ser plausível se falar aqui de 'atitude'. Assim colocado, a significação de tal frase nos passa mais como uma ação, quando na verdade é esse enunciado a expressão simples de uma apreciação sua em torno a sua 'verdadeira' atitude, qual seja a de enfrentar o homem que se punha a sua frente, ameaçando-o com uma arma, e ainda assim tentar o diálogo e propor até condições.

Ainda nessa narrativa encontramos outras cláusulas que constituem mais duas seções de Avaliação, e as três em conjunto de certa forma 'sustentam a estrutura da narrativa' (p. 36 do artigo citado). São ^{as} cláusulas y ('it was a tent shown'), x ('she hadn't committed suicide') e possivelmente a cláusula z ('But that night the manager, Floyd Adams, said: you better pack up').

Não está claro contudo, a que ponto efetivamente se tem o final da Resolução e o início da Coda. Veja-se o que os autores dizem a esse respeito: "A Resolução é colocada com algum caráter terminante em y ('that

settled it for the day'). Finalmente há uma acrescentada Avaliação explicita de uma terceira parte que confirma as implicações das seções primeiras de Avaliação e uma conclusão. O diagrama mostra como as seções de Avaliação esboçam a estrutura da narrativa" (p. 36).

A Coda parece ser, conforme as análises efetuadas em torno a esse elemento (p. 40), constituída das três últimas cláusulas cc,dd,ee. Mas não há, ou os autores não apresentam, os critérios de que se serviram para classificar tais cláusulas como Coda, exceto talvez, o critério da Juntura Temporal, que segundo eles, separa as cláusulas da Coda das cláusulas anteriores. Salvo a última cláusula, que aliás tem forma característica de Coda (ee: 'that was two'), e contendo dêiticos, não vemos como entender as duas cláusulas anteriores (cc,dd) enquanto também constituintes/constituidoras da seção de Coda. Efetivamente separadas por Juntura Temporal mais precisamente das cláusulas anteriores, elas muito bem poderiam estar ainda fazendo parte da seção de Resolução da narrativa. A 'Juntura' que há entre essas cláusulas e a seguinte (ee) propriamente Coda não nos parece ser da mesma natureza que a Juntura Temporal descrita por Labov como separando as cláusulas ordenadas temporalmente. 'That was two' encontra um similar muito frequente nas narrativas do Português - 'e foi o que aconteceu', 'foi isso', que são formas empregadas pelo narrador para 'concluir' o seu texto e tempo de fala, afastando, agora sim, aquelas perguntas já apontadas por Labov², e abrindo 'espaço' para o seu interlocutor. Nesse ponto da alocução o narrador traz de volta o momento da enunciação, afastando de vez aquilo que é passado e que foi narrado. Veremos que a Coda se apresenta sob formas diversas, diferentes 'funções' assume,

a par da função de Coda, e expressa às vezes algum outro valor semântico a mais dentro desse todo narrativo e/ou sobre esse total.

Desses três elementos (Orientação, Avaliação e Coda) somente a Orientação nos parece se apresentar com um pouco mais de nitidez na caracterização formal que lhe é atribuída dentro do modelo proposto por Labov. Ainda que tal caracterização não esteja de todo adequada e completa, pode-se dizer que a Orientação é cumprida pelas primeiras cláusulas independentes de uma narrativa, e que têm conjunto de deslocamento por todo o texto. Assim sendo, sua apreensão e identificação se tornam mais fáceis embora se encontrem muitas vezes elementos que bem poderiam ser interpretados como de Orientação em outros pontos do texto e/ou mesmo inseridos numa cláusula narrativa qualquer. Isto porque numa narrativa podem aparecer, em vários pontos, elementos que fornecem indicações de circunstancialidade e criando referência para o texto.

Sobre esse aspecto discutiremos com mais detalhes no decorrer dessa exposição. De qualquer modo ressalte-se aqui que é mais fácil distinguir dentro do todo narrativo algo que é puramente informativo/circunstancial.

Quanto às noções de Avaliação e Coda, ainda que atribuindo valor inestimável especificamente à Avaliação na estruturação de uma narrativa, os próprios autores de certa forma expressam uma certa preocupação quanto à definição e quanto à caracterização formal desses elementos. Observe-se o que eles dizem a respeito de cada um deles, às pp. 37 e 40 de "Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience":

Nem toda seção de Avaliação tem o traço estrutural de suspender a ação de Complicação (...). Em muitos casos a Avaliação pode estar presente como uma modificação lexical ou frasal de uma cláusula narrativa, ou pelas próprias cláusulas narrativas ou coincidir com as últimas cláusulas narrativas. Por essa razão a definição fundamental de Avaliação deve ser semântica embora suas implicações sejam estruturais'.

"A Avaliação de uma narrativa é definida por nós como aquela parte de uma narrativa que revela a atitude do narrador em direção à narrativa enfatizando a importância relativa de algumas unidades narrativas quando comparadas a outras. Isso pode ser feito por uma variedade de meios'. A Avaliação pode ser definida semanticamente, formalmente ou culturalmente.

Em relação à Coda:

"É interessante notar que todas as Codas são separadas da Resolução por Juntura Temporal. Ao mesmo tempo parece que algum critério semântico é necessário para identificar Codas: o fato de que elas não são frequentemente descrições de eventos necessários para responder à questão: O que aconteceu?"

Como exemplo de Coda eles dão:

'That was one of the most important!'.
'

Ainda para a Coda veja-se o que diz Labov à página 365 do artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax':

"Há também cláusulas livres a serem encontradas nos finais de

narrativas, por exemplo:

'That was one of the most important'.

Mesmo quanto à Orientação há certas passagens nos textos vistos que expressam a imprecisão dessa buscada caracterização formal/funcional da narrativa.

"Vamo-nos referir (portanto) a este traço estrutural como uma seção de Orientação: formalmente o grupo de cláusulas livres que precedem a primeira cláusula narrativa. Nem todas as narrativas têm seções de Orientação e nem todas as seções de Orientação realizam essas quatro funções juntas. Ademais, algumas cláusulas livres com essas funções ocorrem em outras posições. Finalmente encontramos funções de Orientação sendo realizadas frequentemente por frases ou itens lexicais contidos em cláusulas narrativas. A despeito dessas limitações o quadro geral da narrativa mostra que a seção de Orientação é um traço estrutural da estrutura narrativa*. Quando seções de Orientação são deslocadas, frequentemente percebemos que este deslocamento realiza uma outra função (Avaliação)³".

Essas passagens mostram as razões das dificuldades que para nós se apresentaram, e, acreditamos, também para os autores, haja visto a oscilação na descrição desses elementos no momento de aplicação do modelo a narrativas não só do Português mas até mesmo do Inglês, como estivemos tentando mostrar aqui.

(*) O grifo é nosso.

I.2 Aplicação do modelo a narrativas do Português: dificuldades encontradas.

Em narrativas do Português foram feitas análises semelhantes, nas etapas preliminares dessa pesquisa, a um conjunto de narrativas orais colhidas por alunos de um Curso de Pós-Graduação da Unicamp, sob a orientação do Professor B. F. Head. As nossas análises iniciais, enquanto campo exploratório, foram feitas sobre esse material.

O material com ^{que} efetivamente trabalhamos esta dissertação consta de um corpus de mais ou menos 90 narrativas orais, gravadas em fitas magnetofônicas, na sua maioria feitas em entrevista com um único informante (há alguns casos de conversa na qual participavam várias pessoas).

A constituição desse corpus foi feita após processo de pré-testagem com os objetivos de verificar se estavam corretos e poderiam ser productivos os meios, melhor dito, as perguntas com as quais tentávamos criar e estimular uma situação de fala propícia ao surgimento do discurso narrativo. A pergunta inicial tem sido:

'Você já foi assaltado?'.
.

que, seguida de resposta afirmativa imediatamente possibilita o produto discursivo que queremos. Caso seja negativa, perguntamos se o interlocutor 'sabe de algum caso de assalto que tivesse ocorrido com outra pessoa, amigo ou não, ou até desconhecido'.

Ao lado dessas perguntas, utilizamos também, para a obtenção desse corpus, uma questão do tipo:

'Você tem medo de assombração? Você sabe de algum caso de assom
bração?'.

De maneira geral, todas as pessoas com quem mantivemos este con
tacto, sentem-se solicitadas a elaborar um discurso narrativo, pelo menos
em uma das situações criadas. Às vezes ocorrem casos em que o informante
tem resposta (narrativa) para todas elas.

São narrativas orais de experiência pessoal e de experiência vi
cária, como chama Labov. Diferentemente do corpus trabalhado por esses au
tores, em sua maioria constituído de narrativas de experiência pessoal,
as nossas narrativas dizem respeito ao narrador e/ou não.

Como restrições, tentamos apenas limitar, um tanto quanto arbi
trariamente, a idade do informante, coletando material somente de pessoas
acima de 18 anos, e isto com o intuito de controlar melhor os dados e dar
maior objetividade: obviamente não poderíamos trabalhar com narrativas de
criança porque isto pressupõe estudos de natureza bem diversa daqueles que
realizamos, estudos que envolvem problemas de aquisição de linguagem per
tinentes ao campo da Psicolinguística. Nesse ponto também diferimos das
análises de Labov e Waletzky que trabalham com narrativas de prê-adoles
centes, adolescentes e adultos.

Um outro ponto em que difere o corpus trabalhado por esses auto
res, do nosso corpus, está na sua restrição à formação escolar dos infor
mantes: enquanto nosso corpus contém narrativas representativas de elemen
tos de diversos 'graus' de escolaridade, indo mesmo do analfabeto ao índi
víduo professor de Universidade, Labov e Waletzky trabalham com índiví

duos que no máximo foram ao 'high school' sem concluí-lo (Ver página 13 do artigo Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience').

Vamos transcrever abaixo a narrativa 4 do nosso corpus, procurando analisá-la sob a luz das análises efetuadas por Labov e Waletzky e apresentadas, sobretudo em seu 1º artigo. Forneceremos a narrativa se parada em suas cláusulas independentes, tendo calculado já o conjunto de deslocamento para cada uma delas.

0a20 O mais interessante foi o caso do gerente da Unimar.
 1b19 Ele comprou um carro zerinho,
 2c18 estava pagando uma prestação de mil e tantos cruzei
 ros.
 3d17 E ele morava num apartamento,
 4e17 e o carro dormia embaixo
 5f15 então ele sempre olhava lá de cima.
 6g0 Um dia ele acordou
 0h0 olhou,
 0i0 viu o carro lá, muito bem.
 0j0 tomou banho,
 0k0 tomou café,
 0l0 desceu para trabalhar
 0m0 aí abriu a porta
 0n0 quando ele ligou, nada, não ligou
 0o1 Quando ele olhou o carro estava suspenso assim,
 1p5 Não tinha motor

- 16g4 Depenaram o carro na porta dele.
 17r3 Esse foi o mais interessante que já vi
 18s0 Tiraram o motor na porta dele,
 0t0 ele acordou de manhã
 0u0 estava lá o carro zerinho, sem motor.

Hã, de princípio alguns problemas no estabelecimento dos conjuntos de deslocamento das cláusulas iniciais, sobretudo em relação a b, c, e, f. Seria possível sustentar-se o raciocínio de que são todas cláusulas li vres com conjuntos de deslocamento por toda a narrativa? É inegável, por exemplo, que a cláusula b 'ele comprou um carro zerinho', deve anteceder cláusulas como c e f, e as demais que as seguem. Em dizendo deve, esta mos talvez pressupondo que essas cláusulas b está ordenada temporalmente em relação às cláusulas de Complicação e nesse sentido não seria uma cláusula livre, tal como parece ser a princípio (constituindo, ademais a se ção de Orientação da narrativa). E ainda, o próprio acontecimento narra do nas cláusulas de g a p, teriam que ser posterior a esse evento expres so pela cláusula b.

Por outro lado, se obedecemos ao esquema dos conjuntos de deslo camento proposto por Labov e Waletzky para a narrativa 6 já vista, nos deparamos com um problema semelhante, em nossa opinião, qual seja o de si tuar o acontecimento. Labov propõe que a cláusula q ('and going down the third time, I caught of cramps') seja uma cláusula de conjunto de deslo camento 6g0; com isso pode-se mudar a sua posição para o início da narra tiva sem alterar a interpretação semântica original (inferida) dos aconte

cimentos. Se isso assim não ocorre, ou, em outras palavras, se de fato a narrativa não inicia com esta cláusula k, mas com a cláusula livre a (I was in the Boy Scouts at the time), é justamente porque há uma estrutura avaliativa que é organizada pelo falante e que como tal deve ser considerada e mantida.

Se isso é possível para essa cláusula da narrativa 6, pensamos que tal raciocínio também pode ser aplicado ao nosso caso, conferindo a essas cláusulas o estatuto de cláusulas livres com deslocamento por toda a narrativa.

As cláusulas verdadeiramente separadas por Juntura Temporal, cláusulas portanto sequenciadas temporalmente, são aquelas de g a p; as demais são cláusulas livres ou no mínimo restritivas. Assim sendo, podemos falar das cláusulas de a a f como constituindo a seção de Orientação da narrativa.

As cláusulas b, c, e, talvez f, podem ser entendidas como eventos que antecedem o acontecimento a ser narrado, aquele que é singular e único*. Essas cláusulas (b, c, e, f) criam referência para as cláusulas de Complicação que vêm em seguida. Elas diferem um tanto quanto das cláusulas típicas de Orientação porque não são exatamente responsáveis por informações de tempo, lugar, pessoas e costumes; ainda assim nessa narrativa nós diríamos que as cláusulas a e d respondem pelas informações de pessoa, lu

(*) Mais adiante daremos uma definição mais precisa, do que estamos entendendo por 'acontecimento singular e único'.

gar, e as cláusulas problemáticas b, c, e, f, respondem por outras (pessoas e comportamentos).

A primeira cláusula narrativa, g ('um dia ele acordou') encaixa uma série de eventos, esses sim perfeitamente sequenciados e ordenados temporalmente; as cláusulas de g a p estão realmente separadas por Jun
tura Temporal. Quanto à cláusula q ('depenaram o carro na porta dele') não se pode dizer o mesmo, isto é, que o enunciado esteja equiparado ou equivalente à ordem dos acontecimentos inferidos na narrativa. 'Depenaram o carro na porta dele' sem dúvida é a expressão de um fato que efetivamente ocorreu antes dos eventos expressos por esse grupo de cláusulas narrativas que estivemos analisando. Interpretando o enunciado dentro do todo narrativo diríamos que o narrador está a essa altura avaliando o acontecimento: 'Depenaram', isto é, tiraram-lhe tudo. Por essas razões nós atribuímos a esses enunciado um valor avaliativo conferido pelo narrador. Seria um enunciado não exatamente comprometido com o acontecimento mas, antes, um enunciado em que se faz sentir muito mais a interferência do narrador em direção ao que ele conta.

As cláusulas seguintes - de r a w, formariam talvez a seção de Coda. A primeira delas r ('esse foi o mais interessante que eu já vi'), aliás é uma repetição da primeira cláusula independente da narrativa; no entanto sua posição ao final da narrativa revela-a muito mais como Coda do que, obviamente, Orientação. Além do mais a forma do enunciado é característica dos enunciados responsáveis pela função de Coda.

As três últimas cláusulas constituem problema mais sério na con

sideração das Cudas sem exatamente sê-lo. Na verdade a Coda pode dar-se de vários modos e essa é nada mais que uma dessas maneiras. São cláusulas ordenadas entre si, constituindo uma pequena narrativa que sintetiza a questão central - o roubo, da narrativa maior. Tais cláusulas não estão ordenadas em relação à última cláusula narrativa (embora estejam entre si) e assim, não se encontram separadas, como dizia Labov, por Juntura Temporal.

Muitas interpretações poderiam ser dadas a esse pequeno texto narrativo que tem a função de 'Coda' dentro desse texto maior: por ele o narrador poderia por exemplo estar tentando explicar a cláusula anterior avaliativa, resumida - 'Depenaram o carro na porta dele', ou poderia estar também avaliando, pela repetição, e finalizando sua narrativa, isto é, encerrando o seu 'tempo' de fala. Em resumo, a Coda foge aos esquemas propostos por Labov e Waletzky na descrição do seu modelo.

Um outro problema que aparece nessa narrativa é relativo à função da Avaliação, que, segundo os autores, é o elemento típico de uma narrativa de experiência pessoal e a sua ocorrência sistemática lhe confere um estatuto de elemento governante da estrutura narrativa, isto é, desse tipo específico de discurso chamado de Narração.

Como pudemos ver até aqui, tal narrativa não apresenta uma seção de Avaliação típica, situada entre as seções de Complicação e Resolução. A menos que se considerem as cláusulas b, c, e, f como cláusulas de Complicação e portanto devendo ter conjuntos zero de deslocamento, não há

mesmo possibilidade de se falar em seção de Complicação e Resolução sepa radamente. Vimos que há um único bloco de cláusulas responsáveis pelos acontecimentos/eventos e que apresentam uma Complicação e uma Resolução sem serem exatamente interrompidos por cláusulas independentes (ou não) que expressem a função de Avaliação. Isso não significa entretanto que não ha ja elementos avaliativos no corpo da narrativa. Como já havíamos dito, a cláusula f ('depenaram o caro...') parece ter essa função marcada inclusi ve pelo item lexical 'dépenaram', e do mesmo modo, as cláusulas que for mam 'a Coda podem também ser interpretadas como tendo um peso avaliativo, ao lado de sua função de Coda, evidentemente. Além disso alguns itens le xicais como (carro) zerinho, ou expressões do tipo 'uma prestação de mil e tantos cruzeiros', 'bem na porta', podem ser interpretadas como 'ava liações' que incidem sobre pontos da narrativa, no caso sobre o produto do roubo (o carro). Contem-se ainda expressões negativas encontradas nas próprias cláusulas de Complicação e Resolução: 'quando ele ligou, nada, não ligou', 'não tinha motor'. São esses esquemas sintáticos (uso de nega tivas) aliás, alguns daqueles apontados por Labov como artifícios usa dos pelo narrador para marcar avaliando, certas 'partes' da narrativa (pe la negação expressa-se o que não ocorreu contrapondo-se ao que poderia ter ocorrido. Ver Labov, 1972).

Vemos assim que não é fácil distinguir esses elementos estrutu rais de uma narrativa, e que sua apreensão e depreensão sustentam-se muito mais à base da 'interpretação semântica' dos enunciados. Sem querer negar

o valor de tal 'interpretação' dos dados para análise, fica entretanto claro que a falta de um critério mais rígido, mais rigoroso, levando-se em conta o caráter de uma análise mais objetiva e científica que se quer dar aos fatos, dificulta e impede mesmo a análise do dado com o refinamento e a objetividade a que afinal se propuseram os autores em seus estudos.

A Juntura Temporal é sem dúvida um critério objetivo, e ao que parece, efetivamente concorre para a definição e caracterização do que seja um discurso narrativo. Entretanto a sua aplicação não está clara em muitos pontos: é ela quem determina a separação das cláusulas narrativas das demais (livres, restritas e coordenadas), mas não sabemos se ela apenas caracteriza as cláusulas de Complicação e Resolução, e assim o fazendo isolaria as demais, ou se ela é possível também nas cláusulas que respondem pelas outras funções. Ou por outra, o critério da Juntura Temporal por si só não dá conta da caracterização das cláusulas de Avaliação, Orientação e Coda, uma vez que, como já vimos, uma cláusula pode estar ou não separada por Juntura Temporal, e ser classificada como cláusula de Avaliação, ou ainda Coda. Pelas narrativas analisadas por Labov e Waletzky, somente as cláusulas de Orientação têm geralmente conjuntos de deslocamento que ocorrem por toda a narrativa, isto é, são cláusulas livres. Assim sendo o esquema e o aparato formal criados pelos autores para estudar a narrativa, perde sua consistência e sua aplicabilidade quando tentamos verificar o esquema funcional da narrativa, buscando as diversas funções governantes desse discurso específico.

Vejamos outra narrativa do nosso corpus (nº 14)

- 0a2 Minha mãe, não sei se era porque a gente gostava de an
 dar no mato, brincando, minha mãe disse uma vez que uma
 amiga dela, o marido dela tava ficando amarelo e com o
 cotovelo cheio de pele grossa...
- 1b19 e eu... a gente ficava atento com aquilo
- a' e que o marido dela quando foi um dia ela descobriu que
 o marido dela virava lobisomem.
- 2c17 então ela estava de vestido vermelho,
- 3d1 e saiu andando
- 4e15 Vejam sô!
- 1f0 Quando chegou lá ela diz que viu aquele enorme cachor
 rão atrás dela,
- 0g0 e ela subiu na árvore
- 0h0 e ele conseguiu morder o vestido dela
- 0i12 Então ficou aquelas linhas nos dentes do cara
- 1j0 (Quando chegou em casa...) Ai tã, ela ficou,
- k (foi embora prã casa) (truncamento)
- 0l0 ele desapareceu
- 0m0 ela foi prã casa
- 0n0 quando chegou lá, passado muito tempo, ele apareceu,
- 0o0 ai ele deitou no colo dela
- 1p1 e tava conversando
- 1q4 daí quando ele sorriu a mulher viu a linha nos dentes
 dele!

- r- Ah, mas eu... você sabe que eu nunca mais fui brincar no mato?
- s- Quem é que ia virar lobisomem prá eu ver? meu pai?
- t- Eu sei lá, eu... sabe que isso me deixou impressionada?
- u- Mas eu não acredito que alguém vá virar lobisomem!

Há aqui também algumas considerações a fazer já mesmo no estabelecimento das cláusulas independentes. O que estamos considerando como as três primeiras cláusulas independentes desta narrativa na verdade podem ser reduzidas a apenas duas, se concordamos que há uma interrupção de uma cláusula maior (a) por uma cláusula explicitamente marcada pelo narrador: b 'e eu... a gente ficava atento com aquilo'; tal cláusula divide a fala do personagem (que conta ao narrador tal estória) em duas partes, mas na verdade o que se tem é uma só locução: 'minha mãe... disse uma vez... e quando foi um dia ela descobriu que o marido virava lobisomem'. Nós a separamos em duas cláusulas somente por obediência à ordem em que são dados os enunciados, mas percebe-se claramente que se trata de uma mesma fala. A cláusula b, visivelmente livre, pode ser deslocada tanto para antes quanto para depois da fala do personagem, e pode vir mesmo em qualquer ponto da narrativa.

A fim de manter a ordem dos enunciados, vamos chamar, para efeitos de análise de a' à segunda parte da fala desse personagem - 'e que o marido dela quando foi um dia ela descobriu que ele estava virando lobisomem', e que, como tal, não estará submetida às operações de conjunto de deslocamento que sofrem as cláusulas independentes⁴.

As cláusulas a e a' aparentemente ordenadas em relação às cláusulas narrativas que se seguem (mais explicitamente, a partir da cláusula d 'e saiu andando') se constituem, ao que nos parece num pequeno resumo, atingindo o ponto principal da narrativa - alguém virar lobisomem, e preenchendo ao lado disso, a função de Orientação, junto também à cláusula c ('então ela estava de vestido vermelho'), fornecendo algumas informações sobre pessoas e comportamentos. Quando se tenta estabelecer os conjuntos de deslocamento para essas cláusulas, vemos que elas podem percorrer todo o corpo da narrativa, sem prejudicar a interpretação semântica original dos acontecimentos. Na verdade, toda a narrativa que se segue - a partir da cláusula d, é para explicar e justificar (Ela descobriu que o marido virava lobisomem. Como? A resposta está nas cláusulas seguintes) essas cláusulas iniciais. A cláusula a, portanto, cria alguma referência para as cláusulas narrativas que virão, e a cláusula a' explicita o ponto principal da narrativa. Mais uma vez, a descoberta de que o 'marido virava lobisomem' só pode (deve) ter-se dado após os eventos narrados a partir de d.

A narrativa propriamente dita se inicia a partir da cláusula d, e tem-se então o encadeamento de enunciados esses sim ordenados temporalmente, e que se estendem até a cláusula q propriamente. A cláusula c tem um conjunto de deslocamento livre pelo menos em direção à cláusula final. Ela nos dá certa informação (sendo mesmo um enunciado descritivo) mas com fins, ao que nos parece, de avaliar o acontecimento de alguma maneira; junto com as cláusulas anteriores, ela nos dá o que se entende talvez por nexos de causalidade da narrativa: em estando vestida de vermelho,

seria mais fácil atrair o lobisomem, conforme rezam as crenças populares em torno a essa entidade mítica.

As cláusulas que se seguem a essa, sim, podemos chamar de ordenadas temporalmente, e de fato, se trocarmos de ordem os enunciados tal como estão, teremos prejudicado a interpretação semântica original daí inferida, e aquela que nos fornece o narrador.

A cláusula p (e tava conversando) ã primeira vista ordenada (e narrativa) na verdade se revela como uma cláusula restritiva podendo ser deslocada para antes, talvez, e para depois. A menos que se converta o enunciado para, por exemplo, 'ficou (ficaram) conversando', o que nos parece, no caso, desvirtuá-lo, não há como dizer que tal enunciado, da forma como é apresentado, possa ser considerado ordenado temporalmente. No máximo ele será tido como uma cláusula coordenada a o e q ('ai ele deitou no colo dela, daí quando ele sorriu a mulher viu a linha nos dentes dele!').

Quanto às cláusulas r,s,t,u, observa-se para elas um estatuto completamente diferente das demais. A primeira delas, r, talvez fosse analisada por Labov como sendo separada por Juntura Temporal: com efeito, o que é enunciado em r, refere-se a um tempo depois do tempo da narrativa; ela está ordenada por exemplo em relação a q que é a última cláusula narrativa. Aqui entretanto nós discordamos da análise de Labov e Waletzky e dizemos que não é o critério da Juntura Temporal que permite falar de uma possível ordenação temporal entre essas cláusulas. O fato de que o que é enunciado em r não 'pode' ser enunciado antes, ou em

posição anterior na narrativa por ser um 'evento' que ocorre 'depois' do que é contado propriamente; não implica absolutamente em se analisar aí duas cláusulas separadas por Juntura Temporal. Observe-se que o que é enunciado em r não está mais fazendo parte da cadeia de acontecimentos narrados. Nessa narrativa inclusive se pode perceber melhor esse problema, pela mudança de personagem. O que o narrador enuncia em r faz parte da sua experiência própria, estando essa experiência relacionada (como uma consequência, é o que parece) ao que é narrado. Ainda se deve salientar que essa cláusula r na verdade pode ser colocada mesmo no início da narrativa sem que isso prejudique a interpretação semântica original. O que há na verdade é uma ordenação de enunciados, sim, com base na organização do texto feita pelo narrador, uma ordenação que diz respeito à estrutura do texto e não propriamente à cadeia de acontecimentos. Para explicar essa situação estamos então postulando um elemento operacional que diz respeito a essa estrutura do texto. Em outros termos, pode-se pensar aí numa Juntura mas não uma Juntura Temporal, e sim uma Juntura Textual: como já dizíamos, tal Juntura concorre não para a sequência de enunciados equivalente à ordem em que aconteceram os eventos, ou por outroa, não comprometida com o acontecimento, mas uma Juntura que concorre para a organização do texto, para a totalidade discursiva portanto.

Além disso, ou por isso mesmo, esse enunciado (r) e os que o seguem, são de natureza bem diversa dos enunciados que lhes antecedem: quer sejam os de Complicação e Resolução, quer os de Orientação ou Avaliação. Essas cláusulas r,s,t,u, estão funcionando para a narrativa como o elemento Coda. São cláusulas ademais carregadas de apreciações do narrador que

a sua maneira tece comentários sobre o problema caracterizado na narrativa, mais explicitamente, sobre a sua crença (ou não) na existência de lo bisomem e suas atitudes emocionais em relação a isso. Com a cláusula r, o narrador dá por efetivamente encerrada a narrativa, melhor dizendo - o acontecimento narrado, e marca sua posição em relação ao que foi narrado, abrindo 'espaço' para as apreciações ou a 'vez' do seu interlocutor.

Até certo ponto parece que as operações de conjuntos de desloca mento e o critério da Juntura Temporal tem-nos ajudado na apreensão das diversas cláusulas que respondem pelas diferentes funções da narrativa. É possível entretanto que estejamos abordando a narrativa utilizando-nos dessas operações e do critério da Juntura Temporal tentando ajustar os da dos e assim separar efetivamente essas diversas funções. Explicando me lhor: há alguns pontos em que uma outra interpretação e análise possam ser dadas por Labov. Por exemplo: na separação das cláusulas independen tes e nos conjuntos de deslocamento das cláusulas a', p e as cláusulas da Coda, nessa narrativa vista por último. De maneira geral há sempre pontos de divergência quanto aos elementos de Avaliação, Orientação e Coda.

Tudo isso nos parece, decorre da imprecisão da análise efetuada pelos autores; haverá, com efeito, elementos (cláusulas), quer em grupo, quer isoladas, que respondem, separadamente, pelas diversas funções? A pergunta, de certa forma, já está respondida mesmo através daqueles tre chos dos artigos dos autores, vistos anteriormente. Mas se insistimos ne la é porque o modelo, mesmo a análise de Labov, não nos dá uma resposta precisa e objetiva. Ainda que estabeleça algumas operações formais, um

critério tal qual o da Juntura Temporal, que não apenas servem para des
crever a narrativa do seu ponto de vista formal mas devem ter como conse
quência a sua aplicabilidade na análise funcional desse tipo específico de
discurso, os resultados obtidos na pesquisa, no entanto, revelam uma mis
tura nos procedimentos de análise, e consequentemente, a relativa inefi
cácia do modelo. Misturam-se, a depender do dado, de sua posição na nar
 rativa, diria mesmo da leitura, critérios interpretativos, critérios for
 mais na identificação dessas diversas funções governantes da estrutura nar
 rativa. Isso se dá sobretudo com relação àquelas cláusulas que respondem
pelas funções de Orientação, Avaliação e Coda (às vezes, Resumo). Pelas
 análises que vimos efetuando, somente com relação ao corpo de aconteci
 mentos propriamente dito da narrativa, pode-se falar da característica de
essencialidade, da sequência dos enunciados obedecendo à ordem em que os
eventos ocorreram, e da Juntura Temporal que de fato estabelece-se, sis
tematicamente entre as diversas cláusulas narrativas que respondem pela fun
ção de Complicação e Resolução conforme análises dos autores e nossas. Ob
 serve-se entretanto que ao lado da Complicação e Resolução, os demais ele
 mentos - Avaliação, Orientação, Coda, Resumo, são tão 'importantes' (embo
 ra nem sempre presentes) para a estrutura narrativa quanto os dois primei
 ros (conforme afirmação dos autores). Se igualmente concorrem para a es
truturação de uma narrativa, é natural que queiramos desses elementos uma
descrição e uma análise que efetivamente permitam a sua identificação e
depreensão, uma vez que a análise (o modelo) se propõe até certo ponto,
sustentado em procedimentos linguísticos, vale dizer, em bases considera
das científicas ou no mínimo que diz exigir o rigor e a objetividade ne

cessários a uma análise com pretensões científicas.

Isso parece não ocorrer a menos que não se questionam os procedimentos de que se servem Labov e Waletzky para: 1) efetuar a separação das cláusulas independentes de uma narrativa - para situar um problema: a questão do verbo dizer e suas subordinadas, 2) o estabelecimento dos conjuntos de deslocamento de algumas cláusulas e a aplicação do critério da Juntura Temporal, tal como descrito, em cláusulas diversas (sobretudo nas cláusulas de Coda), 3) caracterizar e definir a própria função que é atribuída a alguns elementos linguísticos da narrativa (tais elementos podem ser as cláusulas na sua totalidade ou partes delas, apenas).

Como resultado de todas essas observações, de certa forma feitas ainda exploratoriamente nas fases preliminares de nossa pesquisa, ficou, em primeiro lugar, a necessidade de esclarecer melhor o que sejam esses elementos governantes da narrativa, sua natureza e sua função propriamente dentro da narrativa, e isto sobretudo com relação à Orientação, à Avaliação, à Coda e ao Resumo, que aparece eventualmente.

A par dessa imprecisão quanto a esses elementos, permanece a idéia de que todos são igualmente concorrentes para a estrutura da narrativa, ainda que havendo certas 'restrições', como se pode ver pelas próprias descrições dos autores com referência a esses elementos (Avaliação, Orientação e Coda).

Veja-se o que diz Labov à página 363 do artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax':

"Algumas narrativas como (4):

'This boy punched me
And I punched him
and the teacher came in
and stopped the fight',

contêm somente cláusulas narrativas: elas são completas no sentido em que têm um começo, um meio e um final. Mas há outros elementos de estrutura narrativa encontrados em tipos mais inteiramente desenvolvidos. Resumidamente, uma narrativa completa pode mostrar o seguinte:

1. Resumo
2. Orientação
3. Ação de Complicação
4. Avaliação
5. Resultado ou Resolução
6. Coda".

Em seguida ele passa a descrever a natureza e a função dos elementos: Resumo, Orientação, Avaliação e Coda.

Do Resumo ele diz:

"Não é incomum que algumas narrativas comecem com uma ou duas cláusulas que sintetizam toda a estória...

Quando essa estória é ouvida pode-se dizer que o Resumo (Abstract) atinge (focaliza) o ponto da estória".

Em seguida:

(Sendo dado um pequeno trecho), "aqui o falante fornece um Resumo (Abstract) e segue-o com um outro após a questão do inquiridor. Então prontamente ele começa a própria narrativa. A narrativa poderia exatamente ter começado com a cláusula livre d; b e c nesse sentido não são absolutamente requeridos, pois que eles cobrem o mesmo 'espaço' que a narrativa como um todo".

Sobre a Orientação:

"No início é necessário identificar de alguma maneira o tempo, lugar, pessoa e sua atividade ou situação. Isso pode ser feito no curso das primeiras cláusulas narrativas, porém, mais frequentemente há uma seção de Orientação composta de cláusulas livres". (p. 364).

Mais adiante:

"Tecnicamente é possível que todas as cláusulas livres de Orientação sejam colocadas no início da narrativa mas na prática percebemos que muito desse material é colocado em pontos estratégicos mais tarde, por razões a serem examinadas mais adiante".

Sobre a Coda:

"Codas concluem, fecham a sequência de ação de Complicação e indicam que nenhum dos eventos que se seguem foram importantes para a narrativa".

Sobre a Avaliação:

(in 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience', p. 34).

"As funções de uma narrativa têm um efeito sobre a estrutura narrativa. Uma única sequência de Complicação e Resolução não indicam para o ouvinte a importância relativa desses eventos nem o ajudam a distinguir Complicação de Resolução. Percebemos também que em narrativas sem um 'ponto' é difícil distinguir a ação de Complicação do Resultado.

"Por isso é necessário que o narrador delineie a estrutura da narrativa ênfatizando* o ponto onde a Complicação chegou ao máximo: a ruptura entre a Complicação e o Resultado! Muitas narrativas contêm uma seção de Avaliação que realiza essa função'.

Já no artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax' p. 367, é dito a respeito da Avaliação:

"A diferença entre narrativas avaliadas e não avaliadas aparece mais claramente quando examinamos narrativas de experiência vicária'.

(Sobre narrativas vicárias) "(A Avaliação) é típico de muitas de tais narrativas de experiência vicária que coletamos. Começamos no meio das coisas sem qualquer seção de Orientação: a referência pronominal é muitas vezes ambígua e obscura por toda ela. Mas o efeito sem significado e desorientado tem raízes mais profundas. Nenhum dos eventos notáveis que ocorreram é avaliado (...).

(*) O grifo é nosso

"Devemos por isso modificar o esquema de Labov e Waletzky 1967, indicando E (Avaliação) como os focos de onda que permeiam a narrativa.."

"Uma narrativa completa começa com uma Orientação, prossegue para a ação de Complicação, é suspensa* nos focos de Avaliação antes da Resolução, conclui com a Resolução e faz o ouvinte retornar ao tempo presente com a Coda. A Avaliação de uma narrativa forma uma segunda estrutura que é concentrada na seção de Avaliação mas pode ser encontrada em várias formas através de toda a narrativa".

Ainda sobre a Avaliação:

(in Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience')

"Muitas seções de Avaliação são definidas formalmente. Cláusulas multicoordenadas ou grupos de cláusulas livres ou restritivas são frequentemente localizadas entre a ação de Complicação e a Resolução dessas complicações" (p. 35).

Sobre os elementos de Complicação e Resolução não há muitos traços de identificação, embora se possa dizer deles serem os enunciados responsáveis pelos eventos propriamente ditos, separados entre si por Juntura Temporal, isto é, enunciados ordenados temporalmente.

(*) O grifo é nosso

Nosso propósito básico nesse estudo é questionar exatamente a proposta de Labov e Waletzky que descreve cinco elementos governantes da estrutura narrativa, proposta essa que parte do exame de narrativas de experiência pessoal com o objetivo de chegar à efetiva 'organização' e estrutura de um discurso narrativo qualquer.

Como a aplicação do modelo, tal como oferecido, não nos dá muita segurança na análise de nossas narrativas, e mesmo nas narrativas do Inglês, e do mesmo modo, como estamos todo o tempo a lidar muito mais com a dúvida e a imprecisão tanto no esquema formal proposto para essas narrativas, quanto na posterior configuração de seus elementos governantes, vale dizer, estruturais, nos sentimos de certa forma propensos a pesquisar e indagar, justificadamente, a validade de tal modelo, iniciando propriamente pela busca de uma maior caracterização formal desse tipo específico de discurso.

Já vimos que os procedimentos das análises efetuadas por Labov e Waletzky não nos conduzem a um 'resultado' objetivo, tal qual se propunha a princípio. Embora ressaltando já de início o perigo que tal qualificação de 'objetivo' possa apresentar, acreditamos que um nível maior de objetividade com efeito pode ser imputado a essa pesquisa.

Vamos voltar agora às narrativas já vistas (e possivelmente algumas outras), e tentar mostrar que é possível o discernimento e a caracterização dos enunciados na narrativa, isto é, o produto total discursivo do narrador, com base também em outros procedimentos mais precisos, relacionados especificamente a categorias, classes e subclasses da língua.

Como consequência, já o dissemos, da 'ineficácia' e da imprecisão na aplicação do modelo, quer do ponto de vista formal quer e sobretudo funcional, às narrativas, procuramos, ainda assim auxiliado pelas operações de conjunto de deslocamento e pelo critério da Juntura Temporal, buscar e separar os diversos enunciados linguísticos responsáveis pelas diferentes funções de que fala Labov. Isso é o que estivemos fazendo até agora, a despeito das dúvidas e da imprecisão na caracterização desses elementos.

A par disso procurávamos um critério que nos permitisse mais objetivamente classificar um elemento como tendo função X ou Y na narrativa. Utilizando-nos do esquema formal fornecido por Labov, e apoiando-nos em parte em seus resultados, acabamos por distinguir e caracterizar certas partes da narrativa de outras, ainda que feito por procedimentos um tanto quanto intuitivos. Numa tarefa e num pensamento único, as cláusulas aparecem diante de nós separadas não somente via utilização desses critérios já mencionados, mas distintas na sua própria natureza, na sua sintaxe, mesmo na sua semanticidade. Observamos as diferentes 'estruturas' dos enunciados que compõem uma narrativa. Não somente contando com o critério semântico-interpretativo mas auxiliado por ele (e mesmo como uma consequência dessa 'apreensão'), e ainda com base em observações aqui e acolá dos autores em torno à estrutura sintática dos enunciados de uma narrativa, e do padrão sintático da cláusula narrativa, passamos a distinguir os diversos elementos linguísticos que regem a estrutura de um enunciado qualquer da narrativa; em outras palavras, indagávamos da composição do enunciado, da sua sintaxe e do 'tipo' ou da classe de pala

vra que o realiza, que o articula efetivamente.

O que a essa altura pode parecer óbvio, não o era para nós, no entretanto, ao início da pesquisa, uma vez que todos os enunciados contidos num texto narrativo são igualmente concorrentes para a sua estrutura, e se submetem da mesma forma a apenas um único critério, qual seja o da Juntura Temporal, extraído da propriedade definidora de sequência temporal da narrativa.

Desses passos aqui esmiuçados da pesquisa, constatamos a possibilidade de juntar àquela já consagrada propriedade definidora da narrativa, um outro traço caracterizador desse tipo específico de discurso constituído por certa categoria da língua ou talvez por certa classe ou sub-classe.

Em seus estudos Labov focaliza a todo o tempo, o núcleo verbal de cada cláusula que aparece num texto narrativo. E enumera os diversos tipos de verbos que podem aparecer como núcleo narrativo.

Supondo-se que, com base no critério da Juntura Temporal e na propriedade definidora da narrativa - a sequência temporal a que devem obedecer os diversos enunciados, as cláusulas que têm conjunto livre de deslocamento, ou restrito, podem vir em outras posições sem que isso altere a interpretação semântica original, nós tentamos isolar aquelas cláusulas (de conjuntos livres ou restritos) das demais (de conjunto zero de deslocamento).

Ao lado dessa subdivisão (cláusulas de conjuntos livres, restritos e cláusulas de conjuntos zero de deslocamento) possibilitada pela pro

priedade de sequência temporal, definidora de narrativa, observou-se a presença de tipos diferentes de verbo e mesmo diferentes formas de aspecto verbal para as diversas cláusulas (Orientação, Complicação, Avaliação, Resolução e Coda). Por esses critérios ainda agrupamos as cláusulas de Complicação e Resolução de um lado e as cláusulas de Orientação, Avaliação e Coda de outro.

Por uma variedade de motivos e razões, algumas das quais já aqui apontadas, percebemos afinal a possibilidade do estudo em separado desses sub-grupos, uma vez que suas formas e funções na narrativa são de natureza bem diversas.

A imprecisão e a inconsistência maior tanto do ponto de vista formal quanto funcional parecem residir na caracterização dos enunciados de Avaliação, Orientação e Coda, ao passo que nas cláusulas de Complicação e Resolução observa-se certa sistematicidade fundamentada sobretudo no critério da Juntura Temporal.

Grosso modo, constatou-se a princípio uma diversidade de tipos de verbo constituintes dos núcleos verbais desses dois sub-grupos. As cláusulas de Complicação e Resolução geralmente vêm marcados por verbos de Ação (ou de Processo), conforme algumas classificações dessa classe. Em contraposição, outros tipos de verbos foram encontrados nas outras cláusulas, aquelas de Avaliação, Orientação, Coda, articulados à categoria de Aspecto (o que ocorre também para o primeiro grupo citado). Com base nesses dois elementos - a classe dos verbos e a Juntura Temporal, tentamos então estabelecer um plano de estudo que incorporasse a análise de todas

essas funções governantes da narrativa e que indagasse de sua importância para o estudo da narrativa, mas ao mesmo tempo um estudo que tentasse mostrar as diversas 'partes' do texto narrativo, ou do que Labov chama de 'funções'; um plano de estudo global, portanto, mas na verdade um plano que absorva a possibilidade de duas análises separadas, distintas no que se refere ao objeto específico a ser estudado.

Tal plano de estudo abriga então duas pesquisas paralelas e com objetivos semelhantes: estudar a estrutura de um discurso narrativo, tanto do ponto de vista formal quanto funcional (este plano se acha sob uma mesma orientação).

Das cláusulas ditas como Essencialmente Narrativas (uma vez que não podem faltar à narrativa), se ocupa, na abordagem aos seus aspectos formais e funcionais, a colega Ana Luíza Amêndola. As demais funções e os elementos que se responsabilizam por essas funções se constituem propriamente a questão central desse nosso trabalho de pesquisa.

Vamos tentar mostrar na próxima seção, e através das narrativas já vistas, como esses diversos enunciados se diferem formal e funcionalmente, e mostrar as razões de porquê afinal acabamos por subdividir as cinco funções, agrupando-as em dois sub-grupos apenas.

I.3 Primeiros resultados na caracterização formal e funcional dos elementos governantes da narrativa sob a revisão crítica do modelo; oposição entre Tipo e Aspecto Verbal nas formas temporais encontradas nos núcleos das cláusulas. Hipóteses de trabalho.

Voltemos à narrativa 6, apresentada pelos autores à página 23 do artigo 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience', já apresentada neste capítulo.

Os enunciados descritos como responsáveis pela função de Orientação da narrativa, enunciados de a a f, contêm como núcleos os verbos: (I) was, (we) were doing, (was) racing, was at, there was, was doing.

Aparece nitidamente o verbo To Be realizado quer no passado simple quer no passado progressivo, e o verbo There to be, também realizado no passado. Tais verbos são geralmente classificados como Verbos de Estado.

Ao grupo de cláusulas seguintes, caracterizadas como cláusulas de Complicação, encontramos, como núcleos verbais (núcleos das cláusulas principais): (I) caught, (I) started yelling, didn't believe, (they) thought, Kept going, (they) leave me, (I) started going down.

São todos verbos realizados no passado simples, e, com exceção de Believe e Thought, são todos verbos classificados como verbos de Ação ou de Processo. Quanto aos verbos Believe e Thought, na classificação postulada por Halliday, por exemplo, eles são considerados como verbos de Processo Mental que se opõem aos verbos de Processo ou Ação propriamente ditos.

Observe-se aqui que os conjuntos de deslocamento propostos por nós para os enunciados que contêm esses verbos como núcleos, em verdade se estendem um pouco mais além do que os conjuntos propostos por Labov e Waletzky (cláusulas contendo Believe e Thought). Veremos no decorrer dessa exposição, que na maioria das vezes, esses verbos se colocam muito mais como núcleos de cláusulas (puramente) avaliativas do que como núcleos de cláusulas de Complicação e de Resolução.

A seção seguinte (enunciados n,o,p) apresentam os verbos There to be, To Be, pay (attention) na forma negativa. Para esses enunciados Labov e Waletzky descrevem uma função puramente avaliativa.

Para as últimas cláusulas temos os seguintes verbos: There to be, jumped, grabbed (me).

O único problema parece estar no verbo There to be, que aparece na cláusula q compondo a parte principal dessa cláusula. Como considerá-la aí então? Veremos que também nas narrativas do Português é frequente aparecer um enunciado de tal tipo dentro do corpo da Complicação e Resolução. São enunciados que cumprem uma certa função referencial dentro da narrativa, uma vez que através de verbos desse tipo (em Português, 'haver', 'existir', às vezes 'ter' no sentido de 'existir') possibilita-se, em geral, a emergência de um personagem que 'surge' no decorrer do relato. São enunciados que conferem existência a um personagem 'novo' num momento marcado da narrativa. A parte portanto da cláusula que contém tal núcleo verbal, embora sintaticamente seja marcada como a principal da oração, não será a parte de importância para a narrativa, como o são as

cláusulas que vimos analisando até agora.

Os demais são verbos ditos de Processo, constituindo a seção de Resolução.

O que se observa grosso modo, a partir dessas narrativas, é que os verbos de Processo ou Ação ocorrem em cláusulas de Complicação e Resolução e verbos classificados como de Estado, às vezes também verbos de Processo Mental, encontram-se muito mais nas cláusulas de Orientação, Avaliação e Coda. Na verdade, nada é assim tão simples e vão aparecer diversos problemas na depreensão e caracterização das cláusulas segundo os seus núcleos verbais. Essas complicações serão vistas no decorrer da exposição e análise.

Vejamos agora a narrativa 1, apresentada à página 35 do artigo citado. Da cláusula a à cláusula j, temos a seção de Orientação. Vejamos quais os verbos que constituem seus núcleos:

(I) was associated, (he) had killed, had done, (he) had, (those days I) dresséd, (she) was trying, (I never) noticed, (I) didn't like her, (she) was, (she) had.

Nesta seção já encontramos verbos e aspectos verbais diferentes daqueles encontrados na seção de Orientação da narrativa anterior. Todos realizados no passado, havendo um passado progressivo, vários passados simples, aparecendo agora o Past Perfect (passado perfeito) com verbos ditos de Processo ou de Ação tal como 'he had killed' I dressed well, acom

panhado de uma partícula de tempo que possibilita a sua interpretação en quanto correspondente ao aspecto Imperfectivo, para nós realizado pelo Pretérito Imperfeito. Como veremos, é frequente encontrar o Passado Per feito também em narrativas do Português.

Para as cláusulas seguintes, descritas como de Complicação (ain da que contendo uma seção de Avaliação, segundo Labov - cláusula m,n,o,p) encontramos os verbos: (I) talked, says, was maneuvering, (he) took me up, (we) went, (we) followed down, couldn't find, got back.

Exceto a cláusula t ('and we couldn't find anything'), uma cláu sula negativa modalizada com verbo de Processo (To find), e a cláusula p (was maneuvering), todas as demais se caracterizam por terem como núcleos verbos normalmente caracterizados de Processo ou de Ação. Quanto à cláusu la p já supúnhamos (vimos anteriormente) ser possivelmente uma cláusula avaliativa, com conjunto de deslocamento no mínimo coordenado.

Em relação a cláusula t ('we couldn't find anything'), apesar da negativa e da modalização (we couldn't), realmente parece tratar-se de uma cláusula de Complicação: a busca não foi bem sucedida e nada se encon trou. Após a busca segue-se a Resolução. Em outras palavras não se pode apelar para a negativa e a modalização enquanto apenas elementos que aju dam na caracterização da cláusula avaliativa: ao lado desses esquemas sin táticos devemos atentar todo o tempo para a sequência temporal dos aconte cimentos inferida da ordem dos enunciados.

As cláusulas v,w,x, apresentam os verbos: was, was laying, (she) hadn't committed suicide.

As cláusulas v e x são descritas como tendo conjuntos livres e restrito de deslocamento, com função de Avaliação. Sobre a cláusula w nada é dito de especial, mas sabemos que seu conjunto de deslocamento é zero, sendo ordenada em relação à anterior u e à posterior y. Trata-se então de uma cláusula narrativa de Resolução (e essa seção parece terminar realmente com a cláusula y, segundo os autores). Em relação a essa cláusula parece haver algum problema na sua caracterização. Esse tipo de verbo (To Be) realizado num passado progressivo é normalmente encontrado nas cláusulas iniciais compondo a seção de Orientação da narrativa. Não nos parece, claro, que essa cláusula esteja aí funcionando como cláusula de Orientação: ela deve estar na sequência de eventos que ocorreram e cuja ordem de realização os enunciados procuram marcar. É difícil assegurar algo quanto a essa cláusula porque de início nos deparamos com uma língua estrangeira e sendo precário o nosso conhecimento não podemos dar formas definitivas de análise. Entretanto, podemos nos arriscar, e, tecendo um paralelo às narrativas do Português (que veremos mais adiante), podemos pensar aí uma construção sintática onde se supõe a existência de um verbo do tipo 'vimos', 'constatamos' que explicitaria os passos seguidos pelos dois personagens:

'e voltamos,

era uma farsa,

(constatamos ou vimos que) ela estava descansando numa pequena cama com uma bolsa de gelo em sua cabeça'.

A cláusula y, caracterizada como de Resolução, tem como núcleo o

verbo 'settled', realizado também na forma simples do pretérito.

As demais cláusulas exceto a última (ee: 'that was two'), apresentam os verbos: 'Said' (pack up - got out), (I) did, (I) packed up, got out. Somente o verbo Said pode ser aqui descrito com um traço semântico que o distingue dos demais. Entretanto é ele quem confere a possibilidade do diálogo na narrativa, e os diálogos nós os estamos considerando como parte integrante daquilo que é essencialmente narrativo. Os demais verbos são verbos comumente descritos como de Ação.

A Coda propriamente dita (atente-se para o fato de que Labov e Waletzky já consideram como Coda as três últimas cláusulas, quais sejam, cc,dd,ee - ver p. 40), expressa pela cláusula ee: 'that was two', tem uma forma mais característica de Coda, propriamente, apresentando o verbo To be, e o dêitico that (observe-se por outro lado que a Coda não é sistemática e unicamente apresentada sob essa forma. Como veremos ela assume formas diversas, podendo mesmo ser constituída de cláusulas do tipo narrativa com verbos de Processo ou de Ação em seus núcleos).

Mesmo para narrativas do Inglês, o que se observou nessas etapas preliminares da pesquisa foi uma distribuição do tipo de verbo e, já mesmo do Aspecto Verbal, entre as cláusulas diversas que compõem a narrativa. Aliás é observado pelo próprio Labov a presença de certos 'tempos' verbais para as cláusulas de Orientação. Veja-se o que ele diz a propôsito (in 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax', p. 364):

"A seção de Orientação tem algumas propriedades sintáticas inte

ressantes: é bastante comum encontrar muitas cláusulas de passado progressivo na seção de Orientação - delineando o tipo de coisa que ocorria antes do primeiro evento ocorrido da narrativa ou durante o episódio inteiro".

Mais adiante, à página 381, falando dos diversos esquemas sintáticos de que se serve o narrador para marcar avaliando a sua narrativa:

"A narrativa sobre luta de adolescente de Larry é muito mais rica em estrutura auxiliar. O Abstract contém uma questão negativa na abertura que é claramente avaliativa e é repetida na Coda: 'Ain't that a bitch?'. É de fato um Abstract do componente avaliativo da narrativa. A seção de Orientação contém d-e que são progressivos e cópulas, como esperaríamos".

Podemos aqui antecipar uma breve discussão sobre os próprios 'esquemas sintáticos' que fogem à estrutura sintática básica das cláusulas narrativas, e que servem, segundo os autores, para marcar avaliando os acontecimentos. São tais esquemas, por exemplo, as negativas, os múltiplos participípios, duplos apositivos, as explicativas, e outros mais. Veja-se o que o autor diz a esse respeito (artigo citado, p. 376):

"Dada a existência desta organização simples de cláusulas narrativas, nós podemos perguntar: onde, quando e com que efeito as narrativas escapam a isso (a essa estrutura simples)*? Desde que a complexidade sintática é relativamente rara na narrativa, quando ela ocorre deve ter um

(*) Parênteses nossos

efeito marcado. E de fato nós percebemos que desvios da sintaxe narrativa básica têm uma força avaliativa marcada. A perspectiva do narrador é frequentemente expressa por elementos sintáticos relativamente menores na cláusula narrativa".

Basicamente, essa é a reflexão de Labov em torno à narrativa nesse seu segundo artigo. É sobre esse tema - desvios da estrutura narrativa básica, que ele tece as mais diversas considerações, entendendo que são esses tais esquemas os responsáveis pela Avaliação da narrativa, uma função que passa a ocupar agora uma posição configuradora de uma segunda estrutura da narrativa.

O que temos a dizer aqui é que há, evidentemente, por parte de Labov, uma preocupação maior com os elementos sintáticos que podem marcar uma narrativa compondo então a seção de Avaliação, alguns traços característicos da Coda (marcada, segundo o autor, sobretudo pela Deixis), e alguns elementos sobre a Orientação. Suas observações entretanto vinculam-se quase que exclusivamente com a função de Avaliação e conferem a esta função uma importância e um papel que não nos parece ser de tanto peso para a estrutura narrativa. Mais adiante voltaremos a essa questão, tentando expor melhor a posição de Labov nesse segundo artigo.

Vejamos agora algumas narrativas do Português para mostrar, ainda não com muitos detalhes, como se dá a distribuição dos núcleos verbais, segundo o tipo de verbo e o aspecto verbal, dentre as diversas cláusulas independentes de uma narrativa oral de experiência pessoal e/ou não.

Para tanto veremos a narrativa 13 do nosso corpus que fornece remos já em cláusulas independentes e com seus conjuntos de deslocamento (os quais, se necessário, serão discutidos logo após).

- a37 Tinha uma senhora que morava lá na minha cidade que era tia de papai.
- 1b36 Não era exatamente tia de papai: o esposo dela tinha sido tio,
- 2c35 Era tia emprestada né, porque o marido dela tinha sido tio,
- 3d34 Mas já era falecido,
- 4e33 Ela era muito velha
- 5f32 E ela vivia sozinha
- 6g31 Não tinha filhos nem nada.
- 7h30 Já estava muito velha mesmo, Da. Didi,
- 8i0 Então quando ela adoeceu assim prá morrer, não tinha ninguém que cuidasse dela, papai então levou ela lá prá casa.
- 0j0 Ela passou a ficar lá em casa,
- 0l0 Ficou lá em casa o tempo todo da doença até que morreu.
- 0m0 Bom, quando Da. Didi morreu aí então foi aquele terror dentro de casa, né,
- (?)n21 Nós todos com medo
- 1o20 Cada um via Da. Didi num canto
- 2p19 Ninguém passava nem de longe pela porta do quarto onde Da. Didi morreu.

- 12q18 Lã em cidade do interior a maioria antigamente era as
sim: o sanitário não ficava ligado ã casa, ficava no
quintal.
- 13r17 Bem, de noite a gente tinha que atravessar aquele quin
tal nê, prã ir pro sanitário,
e então eu ia pro sanitário... (truncamento)
- 14s16 e no caminho pro sanitário tinha um tanque velho que
era onde meu pai lavava... meu pai engarrafava bebida.
- 15t15 Meu tio tinha um alambique
- 16u14 e meu pai engarrafava
- 17v15 então tinha um tanque de cimento onde ele lavava as
garrafas e tudo.
- 9x1 Então num tanque velho eu avistei Da. Didi,
- 1z0 então eu avistei Da. Didi num tanque velho
- 0aa0 Voltei correndo prã casa nê, esbaforida
- 0bb0 Cheguei em casa com o coração saindo pela boca, aos
saltos,
- 0cc0 Minha mãe: 'o que foi? o que foi?'
- (?)ddl Nada. Não conseguia nem falar
- 1ee(?) A voz nem saia nê,
- off0 Eu vi Da. Didi no quintal mamãe!
- Ogg0 Menina deixe de bobagem!
- Ohh0 Eu vi mamãe, Da. Didi no quintal!
- Oiil Quando chega no tanque velho realmente viram uma som
bra no tanque velho,

- 33jj4 então, mas... minha mãe não tinha medo dessas coisas
nê,
- 1110 Foi lá junto,
- Ommo quando foi⁴quê chegou lá que foi ver... uma galinha!
- nnl Uma galinha fazendo uma sombra que eu afirmava ser Da.
Didi
- 3700- Foi a única assombração que eu já vi na minha vida.

As cláusulas de a a h são as cláusulas responsáveis pela função de Orientação: com efeito, elas se situam no início da narrativa e cumprem a função de informar o ouvinte sobre pessoas, lugar e hábitos. Apresentam todas elas conjuntos de deslocamentos que escoam por toda a narrativa, sendo caracterizadas portanto como cláusulas livres. À altura da cláusula i ('então quando ela adoeceu assim prá morrer...') temos então a primeira cláusula narrativa propriamente dita, e que vem ordenada em relação à seguinte j ('ela passou a ficar lá em casa').

Vejamos mais de perto a seção de Orientação: além de terem conjuntos livres de deslocamento, essas cláusulas apresentam em seus núcleos verbos do tipo: Ter, Ser, Viver, Estar. Salvo Viver os demais verbos são normalmente classificados como verbos de Estado e que estabelecem com os componentes da sentença uma relação diferente daquela que é estabelecida pelos verbos ditos de Ação ou Processo*. Quanto ao verbo Viver, talvez classificável como verbo de Ação, cremos ser possível caracterizá-lo ai

(*) Sobre esse ponto falaremos adiante com mais detalhes recorrendo às reflexões de Halliday em torno à classe dos verbos.

como um verbo que requer também uma predicação nominal na sentença, e se é, ele pode muito bem estar colocado ao lado de verbos como os demais da seção.

A par dessas considerações em torno ao tipo de verbo que aí aparece, podemos ainda apontar para o aspecto verbal como sendo um dos traços marcadores dessas sentenças que cumprem a função de Orientação numa narrativa: estão todos eles realizados no chamado aspecto Imperfectivo, marcados pelo nosso tempo verbal Pretérito Imperfeito.

O tipo de verbo e o aspecto verbal das cláusulas que cumprem tal função nas narrativas, evidentemente marcam uma espécie de enunciado que difere em sua organização, estrutura e semânticidade, dos enunciados que compõem sobretudo as seções de Complicação e Resolução de uma narrativa. É uma outra a relação que se estabelece nesses enunciados de Orientação entre os seus diversos componentes, e é portanto diversa a sua semânticidade. A relação que se estabelece entre o verbo e as outras partes dessas sentenças, leva à própria interpretação desses enunciados como aqueles responsáveis pela função referencial e até se quisermos estabelecendo certos nexos de causalidade na narrativa, o que faz caracterizar tais cláusulas^{como} formalmente livres.

O que estamos querendo dizer é que não só, ou apenas os conjuntos de deslocamento e o critério da Juntura Temporal, mas também a própria composição do enunciado, apresentando como núcleo um verbo de Estado, e a realização no aspecto Imperfectivo na maioria das vezes, são critérios com os quais podemos efetivamente contar para depreender numa nar

rativa os diversos enunciados que cumprem aquela função.

As cláusulas i,j,l,m, são aquelas que 'iniciam' propriamente a narrativa, instauram portanto o dinâmico narrativo. Estão separadas das anteriores e das seguintes por Juntura Temporal.

A cláusula n ('nós todos com medo'), poderia ser considerada narrativa, se admitíssemos que seu núcleo é preenchido por um verbo como 'ficamos (com medo)'. Entretanto como ele (o verbo) está omissso, outras compreensões são igualmente possíveis já que se pode ter também aí um verbo como 'estávamos (com medo)'. De qualquer modo, o que se tem nas cláusulas n,o,p, são 'descrições' do estado emocional e do comportamento das pessoas, após e por causa da morte da personagem-tia. Além disso observe-se que já na cláusula m fica estabelecido qual o clima que se instalou na casa após a morte da tia: 'bom, quando Da. Didi morreu aí então foi (ou criou-se, instalou-se) aquele terror dentro de casa'. Por essa razão estamos considerando que as cláusulas n (talvez), o,p sejam puramente observações do narrador em torno aos sentimentos das pessoas naquele momento. Quantoa seus conjuntos de deslocamento, ainda que não se possa dizer que são cláusulas que deslocam-se para antes delas próprias, cremos ser possível falar do seu deslocamento pelo resto do texto: se assim for, elas devem ser classificadas como tendo conjunto restrito de deslocamento.

Aliado a essas considerações observe-se que essas cláusulas apresentam verbos realizados no Imperfectivo, embora sejam esses verbos aqueles normalmente encontrados nas cláusulas de Complicação e Resolução (mas

nesses casos, realizados no Perfectivo). São cláusulas ademais que se repetem na medida em que todas elas expressam o medo das pessoas. Essas cláusulas criam uma primeira função avaliativa da narrativa; de certa forma elas impõem um certo 'clima' de expectativa à narrativa e criam ademais uma certa justificativa para o que se desenvolve em seguida. Cremos portanto que essas cláusulas constituem a primeira seção de Avaliação da narrativa.

As cláusulas que se seguem, de q a v, têm um estatuto diferente das demais cláusulas da narrativa. São cláusulas que bem poderiam chamar-se de Orientação pois que elas fornecem indicações de lugar, de costumes, embora não ocupem na narrativa aquela posição tradicional de Orientação. A narradora interrompe a narrativa para dar alguma explicação sobre o lugar onde vivia, supondo talvez serem tais hábitos desconhecidos do seu interlocutor. Tais cláusulas são fornecidas com fins a dar existência a certos elementos dos quais o narrador se serve para concluir sua narrativa: o caminho para o sanitário e nesse caminho o tanque. Há além disso informações sobre certos aspectos da vida da família da narradora que, acrescente-se, são perfeitamente prescindíveis ao entendimento do texto.

São enunciados que diferem dos enunciados que lhes antecedem imediatamente e dos que os seguem, tanto do ponto de vista formal quanto funcional: todos eles comportam conjuntos livres de deslocamento apresentando também alguns verbos de Estado tais quais os que aparecem nas cláusulas de Orientação: era, ficava, tinha (que), tinha, engarrafava, lavava. Somente os dois últimos verbos são classificados como verbos de Ação. En

tretanto eles aparecem aqui realizados no Imperfectivo, alinhando-se aos demais.

Em seguida temos uma série de enunciados separados por Juntura Temporal que vai do enunciado x ao enunciado mm. Desse conjunto de cláusulas que compõem a seção de Complicação da narrativa vamos separar por al gum tempo, as cláusulas dd,ee, que têm uma estrutura diferente das demais e parecem ao mesmo tempo, ser também cláusulas ordenadas temporalmente. Salvo essas duas cláusulas, as demais se caracterizam por terem verbos do tipo:

avistei, voltei, cheguei, (disse), viram, (viu)

todos eles realizados no aspecto verbal Perfectivo marcado pelo nosso Pre térito Perfeito.

Voltemos agora às cláusulas dd,ee ('nada, não conseguia nem fa lar'/'a voz nem saía, nê'). São cláusulas que, como já dissemos, parecem estar ordenadas em relação às anteriores: após a pergunta da mãe. Por es se motivo tendemos a conferir, de início, a esses enunciados, um conjun to zero de deslocamento. Entretanto nada nos pode assegurar que antes da cláusula narrativa anterior (cc: 'minha mãe: o que foi? o que foi?') não fosse possível a enunciação, a vigência portanto, desta cláusula, ou me lhor dito, daquilo que por ela é expreso - a emoção de que foi tomada a narradora a ponto de não conseguir falar. Por outro lado, a narradora re toma e até contradiz o que ela própria havia afirmado, quando enuncia as cláusulas seguintes reproduzindo o diálogo que tivera com a mãe. Ao que nos parece estamos mais uma vez aqui diante daquelas observações feitas

pelos narrador não exatamente com o intuito de recuperar o 'acontecimento' tal como ele 'objetivamente' ocorreu mas com uma pretensão muito mais forte de avaliar o acontecimento, no caso expressando o estado emocional em que teria ficado após julgar ter visto uma pessoa já morta. Observe-se ademais que ela utiliza para esses enunciados verbos realizados no Imperfectivo (ainda que verbos de Ação ou Processo) e muitas partículas de negação: nada, não, nem, as quais se constituem em recursos sintáticos usados pela narradora para avaliar sua narrativa.

Resumindo, o que queremos dizer é que tais cláusulas não devem ser consideradas como cláusulas de Complicação, como parecem a princípio, e sim como cláusulas de Avaliação, como expressões apreciativas quaisquer do narrador, em meio a muitas possíveis em relação ao estado emocional em que se encontrava e da consequência desse estado ao chegar em casa e relacionar-se com a mãe. Pela posição que ocupam na narrativa, pela presença dessas partículas negativas e pelo inegável valor semântico apreciativo que essas cláusulas possuem, é bem possível que Labov as considerasse enquanto cláusulas de Avaliação, tendo ademais a função de 'quebrar' o corpo de acontecimentos propriamente dito. constituindo então aquela seção típica de Avaliação que ocorre entre o fim da Complicação e o início da Resolução.

O critério da Juntura Temporal, por outro lado, não nos ajuda muito nessa tentativa de buscar uma justificativa de natureza mais formal para a sustentação de uma tese de que essas cláusulas sejam de fato avaliativas. Como já dissemos, em princípio pensamos tratar-se de cláusulas

ordenadas: ao menos 'logicamente', queremos dizer, dentro de um senso co mum, os enunciados dd,ee só poderiam ser realizados após a cláusula cc. Nesse sentido então eles deveriam estar ordenados temporalmente. Entre tanto, a natureza dos enunciados, a sua sintaxe, a sua semanticidade, nos poderiam levar àquela interpretação já aqui arriscada, de se considerar tais cláusulas como 'possíveis' mesmo antes da cláusula narrativa cc que as antecede: trata-se da expressão de uma emoção e, conforme o relato, nós, interlocutores, enquanto falantes da mesma língua e 'possuidores' de uma certa experiência em comum, percebemos a possibilidade de tal inter pretação.

Por outro lado, quer devido a posição que lhes conferiu a narradora, e por isso mesmo, tentando entendê-la e aceitá-la porque é a orga nização do narrador, quer pela própria natureza do verbo que ocupa o nú cleo dessas cláusulas - conseguiu falar, saía, ou até mesmo pela conside-
ração desses dois fatores, nós nos encontramos todo o tempo então num 'mo vimento' de vai e volta na caracterização e classificação dessas cláusu las no que se refere aos aspectos formais que buscamos para validar a sua caracterização enquanto elementos que preenchem a função avaliativa. É possível que a chave para o problema se concentre mais uma vez no verbo (e a locução verbal) que ocupa o núcleo dessas cláusulas. Enquanto ver bos normalmente classificados de Ação ou de Processo, esperando-se ade mais a sua realização num aspecto verbal que revelasse uma ação 'pontual', nós tendemos a interpretar tais cláusulas enquanto ocupando a posição or denada dentro do corpo de acontecimentos ordenados. Entretanto a sua rea lização no Imperfectivo e ademais acompanhado de partículas negativas

criam então o 'impasse' na sua compreensão: são enunciados que expressam uma ação que se esperava que ocorresse mas que na verdade não se realiza. É possível que esteja, nessa conjugação de aspectos que poderíamos chamar de contrários, sobre esses enunciados no interior de uma narração, a problemática com que nos deparamos, e esse movimento de oscilação (refletido inclusive nas duas possibilidades, pelo menos, de conjuntos de deslocamentos atribuídos a essas cláusulas) entre considerá-los 'narrativos' propriamente ditos ou não. Nas análises que vimos efetuando, entretanto, observa-se frequente e recorrentemente, problemas dessa natureza. No capítulo II, mostraremos e examinaremos detalhadamente a questão, observando o verbo, o seu tipo e aspecto, e as partículas negativas que o acompanham.

Vejamos agora o que se passa com a cláusula jj, também incluída nesse grupo maior de cláusulas de Complicação e Resolução. Seu conjunto de deslocamento é sem dúvida alguma, livre, e escoar por toda a narrativa: é a expressão de um fato que subjaz a qualquer dos eventos contados ou a própria narrativa. Apresenta, ao lado disso, a forma verbal Ter, que na construção tal como apresentada, poderia ser muito bem parafraseada por: 'Minha mãe não era medrosa em relação a essas coisas', constituindo assim uma relação de predicação nominal mais do que verbal. Ao lado disso, é uma forma temporal articulada no Imperfeito, marcando a oposição quanto ao aspecto verbal, em relação aos demais verbos da seção de Complicação.

As duas últimas cláusulas, nn,oo, constituem a seção da Coda dessa narrativa, e têm como função primeira restabelecer o momento da enunciação, o que está marcado sobretudo na última cláusula, trazendo a perspectiva de locução para o momento presente (recuando no tempo, portanto,

o ocorrido/narrado). Talvez para Labov somente a última cláusula funcione, de fato, como Coda na narrativa; porém para o ouvinte está claro que a narrativa, isto é, a sequência narrativa que recupera o acontecimento, está terminada à altura da cláusula mn. Em nn ('uma galinha fazendo uma sombra...') a narradora somente fornece, repetindo, uma explicação do que ocorrera. Tal cláusula nn, pode ter como núcleo verbal, um verbo como Era ou Tratava-se. Podemos ainda pensar que tal cláusula, repetindo a anterior, teria como núcleo um verbo tal como Ver (Ver, Constatar) que já su pomos esteja em mn. Em nosso enunciado teríamos então: (Vimos/viu que era) uma galinha fazendo uma sombra que eu afirmava ser Da. Didi'.

A última cláusula apresenta um verbo comum a esse tipo de cláusula (cláusulas da Coda): verbo Ser realizado no Perfectivo.

Com a ajuda portanto das operações previstas por Labov e Waletzky de conjuntos de deslocamento, do critério da Juntura Temporal, e obviamente, apoiando-nos na interpretação mais geral que se dá a narrativa, tentando sempre manter a interpretação semântica original a qual devem obedecer os enunciados lingüísticos, constatamos, num primeiro momento, enunciados que se distribuem por toda a narrativa segundo o tipo de verbo que ocupa o núcleo de cada um desses enunciados. Paralelamente, uma distribuição conforme o aspecto verbal que é realizado em cada uma dessas cláusulas. Constatou-se, grosso modo a presença de verbos de Estado em cláusulas sobretudo de Orientação, de Coda e muitas vezes de Avaliação e de verbos de Processo ou Ação para as cláusulas de Complicação e Resolução. Do

mesmo modo, verbos realizados no Imperfectivo para as cláusulas de Orientação (sobretudo), Avaliação e Coda; verbos realizados no Perfectivo nas cláusulas de Complicação e Resolução.

Uma vez que, parece, somente as cláusulas de Complicação e Resolução são sistematicamente marcadas pelo critério da Juntura Temporal, e verificando-se ademais que tais cláusulas ordenadas temporalmente apresentam verbos de Ação ou de Processo, tentamos estabelecer uma oposição entre esses enunciados e os demais que compõem o texto narrativo, observando as marcas linguísticas que os realizam. Desse modo chegamos aos dois subgrupos que mencionávamos anteriormente, dentre os cinco elementos funcionais da narrativa: as cláusulas de Complicação e Resolução de um lado e as cláusulas de Orientação, Avaliação e Coda.

Embora nada seja tão simples como quer parecer, se consideramos as presentes análises e tendo em vista muito outros problemas que iremos mostrando e tentando resolver no decorrer da exposição, podemos antecipar desde já uma certa sistematicidade na ocorrência (e recorrência) desses elementos linguísticos que acabamos de descrever, marcando num e noutro dos casos os diversos elementos que compõem todo o quadro das funções governantes da narrativa.

De agora por diante trataremos especificamente, e o mais que pudermos exaustivamente, desses três elementos (ou quatro) da narrativa considerados pelos autores citados como não essenciais na definição de um texto como sendo narrativo ou não. Segundo esses autores, somente a Complicação e a Resolução, ou talvez mesmo só a Complicação, são suficientes

para se constituir um texto definido como narrativo. Observe-se o que Labov e Waletzky dizem à página 41 do artigo 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience':

"A narrativa mais simples consistiria de uma única linha de Complicação, sem uma Resolução clara; frequentemente encontramos narrativas mínimas que têm tanto Complicação quanto Resolução".

A par disso, veja-se também o que Labov diz à página 370 do artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax', sobre o mesmo assunto.

Essa é uma questão que deverá ser discutida com mais vagar; no momento queremos somente salientar a própria oposição que os autores estabelecem dentre os cinco elementos propostos como estruturais da narrativa, agrupando, de um lado, a Complicação e a Resolução, e a Avaliação, a Orientação e a Coda de outro. Noutras palavras, no grupo dos cinco, trabalhos especificamente com aquelas funções que, por oposição à Complicação e à Resolução, são tidas como não essenciais à narrativa: a Orientação, a Avaliação, a Coda e eventualmente o Resumo.

Vimos até aqui, nas análises de Labov e Waletzky para suas narrativas, quais os problemas com que nos deparamos quando tentávamos a aplicação do modelo as nossas narrativas, e mesmo as nossas dúvidas em relação às análises efetuadas por Labov e Waletzky e sugerindo inclusive abordagens alternativas para as diversas narrativas; ressalvamos o critério da Juntura Temporal como de valiosa ajuda para o estudo desse tipo de discurso.

so específico - a narração, e tentamos finalmente mostrar como chegamos à primeira divisão que estabelecemos dentre os cinco elementos apontados, quais os meios (ou critérios) de que nos servimos para estabelecer tal oposição, tentando mostrar que é possível fazer tal divisão apoiando-nos na análise da composição dos diversos enunciados, nas diferenças entre si, partindo sobretudo das diferentes articulações em especial da classe dos Verbos.

Com base no levantamento das formas verbais encontradas nas diversas cláusulas, tentaremos por ora em diante, mostrar efetivamente as diferenças entre esses enunciados (através da análise minuciosa dos enunciados do sub-grupo já apontado), segundo o tipo de verbo e o aspecto verbal realizados.

Através desse levantamento, com posterior configuração mais nítida desses elementos, e o estudo mais detalhado de cada um deles, verificaremos mais de perto a veracidade do seu estatuto enquanto elementos governantes da estrutura narrativa, e posteriormente, as possibilidades de abordagens que se podiam dar a esses enunciados, configurando-lhes uma função não exatamente enquanto elemento estrutural da narrativa, porém, mais especificamente, uma função conferida dentro do texto narrativo, isto é, compreendida toda a produção discursiva do narrador durante seu 'momento' permitido de locução.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. Os números à esquerda e à direita da letra assinalam que a cláusula em questão sofre (ou não) operação de deslocamento conforme o seu conjunto, isto é, conforme os subscriptos à esquerda e à direita da letra que marca a cláusula. A cláusula a, por exemplo, pode ser deslocada para até depois da última cláusula independente, s, como indica o subscripto algarismo 18 a sua direita. A cláusula b verifica o mesmo conjunto de deslocamento à direita, e à esquerda sofre deslocamento de uma cláusula.
2. W. Labov, "The transformation of Experience in Narrative Syntax", 1972.
3. W. Labov, J. Waletzky, "Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience", 1967, p. 32.
4. Segundo o modelo de Labov, tal cláusula deveria ser separada. Para os autores uma fala que contenha duas ou mais orações coordenadas e presas ao verbo Dizer devem ser analisadas como orações independentes, cada uma delas contendo um verbo Dizer. Tal separação é justificada na análise pela possível ordenação temporal a que ficam sujeitas as orações desta fala.
5. É possível entretanto que Labov e Waletzky considerem tais cláusulas enquanto elementos propriamente narrativos, já que, como vimos, em suas análises as cláusulas a e a' são duas cláusulas separadas (e subordinadas) e sendo ordenadas temporalmente entre si. Por outro lado

do é possível que a' fosse considerada de fato como Resumo (ABSTRACT) da narrativa, e consequentemente uma cláusula livre. Não há, na exposição e análise dos autores, clareza em relação a esses pontos.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE ALGUMAS NARRATIVAS DO PORTUGUÊS

(Sob a consideração de procedimentos utilizados
no modelo apresentado)

II.1 Abordagem aos aspectos mais gerais. Configuração dos dois subgrupos: elementos essenciais e não essenciais da narrativa

Neste capítulo examinaremos mais de perto algumas das nossas narrativas, procurando já agora manter separadas as cláusulas que estamos chamando de cláusulas não essencialmente narrativas daquelas propriamente narrativas, e trabalhando mais detidamente com os enunciados responsáveis então pelas funções de Orientação, Avaliação, Coda e eventualmente Resumo.

Procederemos ao levantamento das formas verbais mais ocorrentes nos núcleos dessas cláusulas, com especial atenção à categoria do aspecto verbal realizado por essas formas temporais.

Além disso serão abordados de forma mais sistemática, alguns dos mecanismos sintáticos usados nessas cláusulas (sobretudo as de Avaliação) chamados por Labov de 'desvios sintáticos' por serem esquemas que fogem à estrutura sintática da cláusula narrativa básica. Esses esquemas sintáticos usados como meio de marcar a Avaliação das narrativas ocupam um bom espaço na exposição das nossas idéias pois que de

sua discussão é que acabamos por situar mais devidamente esses elementos entendidos na sua função de organizadores da narrativa, ou melhor dizendo, do texto narrativo com o qual afinal trabalhamos, e temos então a melhor compreensão da sua natureza enquanto elementos que devem ser recuperados na própria situação de interlocução, a situação de fala de onde emerge o processo narrativo.

A partir do levantamento das formas verbais, mais especificamente do tempo do verbo e do aspecto (ao lado do 'tipo', evidentemente), e a esquematização desses mecanismos sintáticos mais recorrentes, teremos então melhor configurado, a) essa divisão em dois sub-grupos dos quais já falamos anteriormente, b) a melhor compreensão e caracterização de cada um desses elementos (não essenciais) entre si.

Naturalmente, nessa discussão toda, estaremos todo o tempo com a atenção voltada para o modelo de análise que deu origem a nossas reflexões. E estaremos voltados para a exposição dos autores, das noções e dos critérios com que trabalham, e com que trabalhamos também, evidentemente, mas procedendo sempre que acharmos necessário e conveniente, os devidos ajustes e 'acertos' naquilo que acharmos que a anãlise efetivamente falha nessa finalidade de estudar a emergência do díscurso da narração.

Por fim, apoiados nesse 'levantamento' que pretendemos seja o suficiente 'exaustivo' para nos dar ao menos uma idéia geral da 'composição' de que falávamos, desses enunciados, buscaremos a justificativa para as nossas hipóteses iniciais de que esses elementos podem cum

prir essas funções - de orientar, avaliar e finalizar, não sã num texto narrativo mas em outras formas discursivas, e ainda que esses elementos podem se constituir em 'compartimentos discursivos estanques', se assim pudermos falar, com características próprias de uma descrição ou dissertação.

Esperamos que no decorrer da exposição fiquem mais claras essas idéias, e que tenhamos ao final uma compreensão mais abrangente das reais 'funções' desses elementos em sua concorrência para a organização do texto.

Vejamos a narrativa 14 do nosso corpus:

- a34 Um filho que matou a mãe
- 1b33 Agora foi da seguinte maneira
- 2c32 Ele era filho único
- 3d31 A mãe era viúva
- 3e40 e os dois eram muito ligados
- 5f29 E a mãe tinha muitos ciúmes do filho
- 6g28 era um negócio sério, os dois,
- 7h3 lá um belo dia o filho resolveu casar
- (?)i disse que ia casar
- j arranjou uma noiva
- k(?) e queria casar
- (?)0i3(?) a mãe realmente não foi de acordo
- 12m27 não seria de acordo não sã com essa noiva como com ne
 nhuma outra

13n26 Jamais seria de acordo que ele casasse

2o1 Mas disse que era por causa dessa moça, que não queria
o casamento com essa moça,

(?)p(?) mas ele gostava muito da moça e tal

1q0 insistiu

0r1 e casou.

1s0 casou

0t0 e como não podia deixar de suceder foram morar os três
juntos na mesma casa.

(?)u5 e a mãe sempre procurando um jeitinho prá separar os
dois não é,

v por fim, ele não teve mais nada o que inventar

35x35 o filho viajava muito

-z- assim, tinha roça fora

-aa- ia plantar

-bb- esse negócio todo

4cc0 então ela inventou que quando o filho viajava a esposa
recebia outro homem em casa.

Odd0 Então isso realmente o homem ficou parado, sem saber
o que fazer.

Oee2 Então ela disse:
'É, se você quiser ter a prova disso, você amanhã vai
ter que sair prá trabalhar,
você sai
e volta à noite'.

- ff- Normalmente ele saia,
 -gg- passava três, quatro dias fora.
 2hh0 Então ela planejou o seguinte: vestiu-se de homem,
 0ii0 e quando a nora já estava dormindo ela foi e deitou
 junto da nora.
 0jj0 E o filho quando chegou, já à noite, que entrou em ca
 sa,
 0ll0 avistou um homem
 0mm0 e matou
 0nn0 depois que matou foi que ele viu que era a mãe dele.

Parece claro que os conjuntos de deslocamentos possíveis para algumas dessas cláusulas são passíveis de modificações, melhor dito, de outras interpretações. O problema parece residir no fato de que o critério da Juntura Temporal não está bem explicitado quanto a sua verdadeira função numa narrativa: nalguns pontos ele aponta, pela sua ausência, para o que é ^{ide}natureza geral e subjacente ao texto, tal como nas cláusulas a a g; m,n; x,z,aa,bb,ff,gg. Entretanto as cláusulas de h a k e u, podem parecer ter ou conjuntos zero de deslocamento, ou restrito, como queremos propor: no que diz respeito às cláusulas h a k não sabemos bem se se trata de cláusulas ordenadas ou cláusulas coordenadas (simultâneas), e no caso da cláusula u, parece evidente que aquilo que aí é expresso não se passa somente naquele determinado momento mas 'percorre' alguns eventos na narrativa.

E mais uma vez verificamos que o critério da Juntura Temporal por

si sô não é suficiente para marcar, delimitando os diversos elementos responsáveis pelas funções governantes da estrutura narrativa.

Vejamos como procede o narrador para 'recriar' ou 'recuperar' o acontecimento narrado:

Realizando a função de Orientação da narrativa, encontramos as cláusulas de a a g. Produzindo esses enunciados a narradora nos fornece indicações de circunstancialidade, de personagens, hábitos ou costumes (aliás observe-se que não há qualquer referência a local ou tempo). Ainda nesse grupo de cláusulas podemos encontrar aquilo que Labov chama de Abstract (ou Resumo), expresso na primeira cláusula da narrativa - 'um filho que matou a mãe'. E em seguida ela passa a dar certos traços característicos dos personagens, dos seus hábitos, tentando mostrar sobretudo a relação que havia entre os dois personagens: uma relação muito estreita que não permitia a absorção de um terceiro elemento. Um dia essa situação de relação tão aproximada ameaça romper-se com a decisão do filho em casar-se (cláusula h). E aqui introduz-se efetivamente o primeiro evento narrativo, e é aqui que se inicia o acontecimento singular e único que faz desse texto um texto narrativo, contendo os eventos que parecem desmontar a situação existente.

Por acontecimento singular e único, aquele de que se ocupa propriamente a 'sequência narrativa', nós estamos entendendo a expressão de um acontecimento novo, merecedor da narração, singular e único porque não é o habitual, costumeiro ou o arrolar/enumerar de eventos (ou de 'ações') mas a expressão de um processo/evolução, dinâmico, de fatos/eventos

('ações') que se sucedem ordenadamente no tempo constituindo um todo e entendido nessa organização própria e sobretudo na sua unicidade. Configura-se linguisticamente como uma sequência ordenada de enunciados responsáveis esses pela expressão dos eventos (ou 'partes constituintes do acontecimento todo', estamos chamando), e obedecendo a ordem em que esses eventos ocorreram, para que se cumpra então a função narrativa propriamente dita.

Voltando às nossas cláusulas, dizíamos que a série de a a g talvez tivessem sido classificada por Labov como simplesmente uma série de cláusulas de Orientação. Mas percebe-se claramente que elas funcionam em algo mais além de simplesmente informar o ouvinte sobre pessoas (personagens) e comportamento. Por essa pequena 'descrição'* a narradora deixa passar certos elementos de natureza avaliativa, no sentido em que, tal como é estruturada essa narrativa, suas cláusulas parecem fornecer verdadeiras justificativas para o acontecimento que se desenrola.

Formalmente são cláusulas que contêm conjuntos livres de deslocamento por toda a narrativa. Se observarmos os enunciados isoladamente, constatamos a presença de verbos do mesmo tipo encontrados na seção de Orientação das narrativas anteriormente vistas: foi, era, eram, tinha, era. O verbo Matar, da primeira cláusula, realizado no Perfectivo, na verdade ocupa o núcleo da cláusula subordinada, e como tal não se coloca como cláusula independente uma vez que não concorre para a temporalidade,

(*) Veremos adiante algo mais detalhado sobre a caracterização de passagens como essa.

ou sequência temporal, melhor dito, que caracteriza as cláusulas independentes (em oposição às subordinadas). Assim sendo, somente o verbo Ser, realizado no Perfectivo - foi, parece fugir à regra no que diz respeito ao tempo/aspecto em que normalmente são realizados os verbos das seções de Orientação. Observe-se que todos os demais verbos são realizados no Imperfeito.

A primeira cláusula de narrativa focaliza o ponto central da estória que vai ser contada: trata-se de uma cláusula classificada como de Resumo ou Abstract. Tem uma função de captar o ponto principal da narrativa, o motivo mesmo pelo qual a estória é ou merece ser contada. Entretanto, obviamente, ela não constitui a própria estória, daí a sequência que se tem, com a apresentação das cláusulas de referência, ou que criam referência para a narrativa (o acontecimento) que virá a ser contado em seguida.

Para tanto a narradora se utiliza dessas seis primeiras cláusulas introdutórias que vimos analisando, as cláusulas de Orientação, e que, como já observamos, pode acumular subjacentemente também a função de Avaliação: dado o acontecimento insólito, a violência que é expressa na cláusula de Resumo, necessário se faz para a narradora justificar a sua estória.

O acontecimento singular e único, merecedor da própria locução, se faz introduzir à altura da cláusula h: 'lá belo dia o filho resolveu casar'. As cláusulas seguintes são aparentemente ordenadas, embora, aquilo que intuimos como a nossa experiência codificada, nos aconselhe a dizer

que a cláusula j: 'arranjou uma noiva', deveria anteceder as duas anteriores. O que acontece é que o critério da Juntura Temporal, como já observávamos, não se faz sentir com todo esse poder explanatório e caracterizador das cláusulas narrativas. A narradora assim apresenta os fatos, tal como se eles fossem 'revelados' num só momento. A cláusula k ('e queria casar') nos parece mais uma repetição do que já havia sido dito, é uma maneira de enfatizar a decisão do personagem. Através da insistência, pela repetição, a narradora de certa forma avalia a narrativa.

A próxima cláusula narrativa propriamente dita, l: 'a mãe realmente não foi de acordo', embora contendo uma partícula negativa, que segundo Labov é um dos recursos sintáticos utilizados pelo narrador para marcar a Avaliação, não nos parece ser uma cláusula cuja função seja apenas a de avaliar a narrativa: ela na verdade expressa um evento na sequência que nos é contada. Observe-se além disso que tal cláusula pode ser parafraseada por: 'a mãe discordou', que tornaria explícita a significação propriamente de uma 'ação realizada', no caso o desacordo da mãe em relação ao casamento.

Atente-se agora para as duas cláusulas seguintes: 'não seria de acordo não só com essa noiva como com nenhuma outra'/'jamais seria de acordo que ele casasse'. Aqui tem-se nitidamente a interferência da narradora em relação ao fato contado, com emissões de juízos sobre um dos personagens. Observem-se o verbo - Ser (seria), no condicional (o que nos leva a pensar num trabalho montado sobre hipóteses), e, agora sim, a presença acentuada de palavras negativas, essas possivelmente com um valor avaliativo.

liativo conferido pela narradora. Nesse momento a narradora interrompe a narrativa propriamente para dar lugar a uma seção típica de Avaliação. Estruturando o seu texto ela utiliza um Mas iniciando a cláusula seguinte: 'mas disse que era por causa dessa moça...'. O 'Mas' aí introduzido está em relação direta à narradora, isto é, àquela sua interferência: 'mas (apesar disso tudo eu disse e sendo isso verdadeiro) disse que era por causa dessa moça'. Assim ela reconstitui e retoma o acontecimento propriamente dito.

A cláusula seguinte p: 'mas ele gostava muito da moça', é uma cláusula que pode deslocar-se por toda a narrativa: obviamente ele gostava da moça antes e depois de tudo o que é expresso pelas cláusulas narrativas seguintes e antecedentes. Superficialmente ela é uma cláusula introduzida pela conjunção adversativa Mas, independente e com conjunto livre de deslocamento, o que a coloca para fora do grupo das cláusulas marcadas pela sequência temporal. Resta saber a que cláusula afinal ela se encontra de alguma maneira ligada pela conjunção coordenada. A leitura do texto em sua totalidade, não a simples observância dos enunciados em separado nos faz perceber uma relação maior de causalidade entre as cláusulas p e q estabelecendo um nexos subordinativo só perceptível a níveis mais profundos das relações sintáticas, a níveis do texto narrativo. Dessa nova leitura teríamos agora a relação: 'mas (como) ele gostava muito da moça e tal, insistiu' (e casou). O tratamento tradicional desses nexos subordinados nos ensina que a conjunção adversativa Mas está ligada ao enunciado, nessa relação, 'insistiu', sendo o enunciado 'e (como) ele gostava da moça e tal', a parte subordinada causal do período. Essa análise nos faz

ter agora então a leitura 'mas (ele insistiu porque gostava da moça e tal' (e casou). A análise que considera o Mas como ligado ao enunciado q em níveis mais profundos de estruturação sintática, recoloca a conjunção adversativa em seu verdadeiro lugar, isto é introduzindo um enunciado que expressa de uma certa maneira a negação de um 'pressuposto' da cláusula o 'mas (a mãe) disse que era por causa dessa moça, que não queria o casamento com essa moça', e claro só apreendido na consideração do texto em sua totalidade. O que estamos chamando de 'pressuposto' aqui evidentemente não se inscreve exatamente e/ou necessariamente em qualquer das diversas análises ou mesmo nas diversas definições que a Noção de Pressuposto tem em encontrado nos estudos da linguagem. Mas de qualquer maneira há sempre uma aproximação entre a forma como usamos o termo Pressuposto e como ele tem sido usado nesses estudos: há sempre uma leitura a mais e implícita na consideração de um certo enunciado. Aqui esse 'pressuposto' é dado pelo que se chama de experiência codificada que permite reconhecer para um enunciado como o, dentro de um texto tal como o narrativo, uma significação a mais do tipo: 'a mãe disse que não queria o casamento e essa 'decisão' deveria ser acatada pelo filho com a consequente desistência do casamento'. O que não ocorre. Daí o Mas introduzindo o enunciado em que é expressa a contrariedade a essa 'idéia' implícita. No desmembramento dessas relações que ora procedemos o Mas aparece então introduzindo a cláusula narrativa q e não a cláusula Não narrativa p, tendo a conjunção Mas aí a função de marcar certos traços de Avaliação conferidos pelo narrador ao evento*.

(*) Mais adiante veremos melhor o papel do Mas inclusive nas cláusulas Não narrativas, onde se tecem mais intrincadas relações entre os enunciados e onde são mais sensíveis as marcas de Avaliação por parte do narrador.

Voltando à questão da subordinação, essa análise mostra ainda as verdadeiras relações entre esses enunciados, e que de fato a cláusula p é uma cláusula de deslocamento livre porque em nível subjacente ela é uma cláusula de causalidade da narrativa (isto é, ela estabelece nexos de causalidade na narrativa), e como tal ela não concorre para a sequência temporal dos eventos.

A cláusula u, apresentando uma locução verbal - '(estava) sempre procurando um jeitinho prá separar os dois', e que aparentemente é vista como uma cláusula ordenada, na verdade é lançada pela narradora para um plano de fundo, e como uma maneira de avaliar o acontecimento. Observe-se que ela retoma essa 'temática' na cláusula seguinte v: 'por fim ela não teve mais nada o que inventar', que parece estar truncada ou pelo menos parece ser interrompida e só retomada à altura da cláusula cc: 'então ela inventou que quando o filho viajava a esposa recebia outro homem em casa'.

As cláusulas seguintes (x, z, aa, bb) são cláusulas das quais não se pode dizer como sendo cláusulas de Orientação, segundo o modelo de Labov; no entanto não parece restar dúvidas quanto a sua interpretação enquanto também veiculadoras de tal função. A questão é que aqui a Orientação se dá em referência direta a um evento, a um momento particular da narrativa. A descrição dos hábitos de trabalho do personagem que são expressos por essas cláusulas funcionam como uma sustentação do argumento de que se serve a mãe para provar ao filho a culpa da nora. Este seria talvez o momento avaliativo típico das narrativas, momento esse que, segun

do Labov, interrompe a seção de Complicação, separando-a da Resolução. São todas elas cláusulas livres tendo conjuntos de deslocamento que escoam por toda a narrativa.

A próxima cláusula narrativa (ee: 'então ela disse...'), sintiza, através do verbo Dizer vários passos possíveis na narrativa, expressos na fala do personagem: '... você sai, e volta à noite'.

A cláusula ff já contém em si mesma um advérbio que reitera a sua significação de algo que se passa costumeiramente: 'normalmente ele saia' ('passava três, quatro dias fora'). Daí em diante tem-se uma série de cláusulas ordenadas temporalmente, todas elas contendo verbos no Perfectivo, verbos normalmente classificados como de Ação; essas cláusulas não poderão sofrer alteração em sua ordem pois que isso prejudicará a interpretação semântica original da narrativa.

Vejamos agora mais de perto aquelas cláusulas que estamos chamando de Não Essencialmente Narrativas.

A seção de Orientação contém os elementos discursivos considerados necessários à compreensão dos eventos. Aí são dadas as informações gerais de Tempo, Lugar e c8racterização dos Personagens, responsáveis pela 'referência' para o acontecimento que virá a ser contado em seguida, mais efetivamente a partir da cláusula h (lá um belo dia o filho resolveu casar').

As cláusulas que compõem tal seção, como já vimos, contém em seus núcleos, verbos classificados como de Estado na sua maioria, reali

zados no aspecto Imperfectivo (salvo a cláusula b, já discutida). Pelo tipo de verbo e pelo aspecto que é realizado, essas cláusulas distinguem-se perfeitamente das que lhes seguem de imediato: h,i,j.

Fazem parte ainda desse grupo de cláusulas não essencialmente narrativas as cláusulas: k,m,n,p,u,x,z,aa,bb,ff. Dentre essas, três podem nos oferecer problemas, mas, das quais, de certa forma, já foram apontadas certas indicações de sua qualidade de não essencialmente narrativas. São elas: a cláusula k ('e queria casar'), em relação a qual podemos dizer que esteja subordinada ao verbo Dizer da cláusula antecedente i: 'disse que ia casar'. No entanto após a cláusula i, o que temos é uma cláusula que parece perfeitamente desvinculada da fala do personagem: a cláusula j ('arranjou uma noiva'). Além do mais, do ponto de vista do fato contado, tal cláusula k só faz mesmo repetir o que já havia sido dito antes. Observe-se além disso que a narradora produz seu enunciado utilizando-se do verbo Querer, realizado no Imperfectivo, o que o distingue dos demais.

Outra dessas cláusulas problemáticas é a cláusula u: 'e a mãe dele sempre procurando um jeitinho prá separar os dois'. É evidente que há aí uma locução verbal do tipo (estava) sempre procurando, como já havíamos assinalado. Embora não resulte, em termos de aspecto verbal, no mesmo que uma forma verbal simples, se procedêssemos a substituição dessa locução pela forma verbal do Imperfectivo, poderíamos perfeitamente ter: 'a mãe sempre procurava um jeitinho prá separar os dois'; mas não conseguiríamos um bom efeito, em termos da interpretação das cláusulas e da inferência da ordem dos acontecimentos, se a substituição ocorresse com uma

forma no Perfectivo: 'e a mãe sempre procurou um jeitinho prá separar os dois'. Ainda quanto ao seu aspecto formal, essa cláusula, como as demais, não é separada por Juntura Temporal, podendo ser deslocada para antes das cláusulas narrativas antecedente e seguinte (cláusula cc). Embora contendo em seu núcleo um verbo como Procurar, normalmente classificado de verbo de Ação, a forma como se dá o processo verbal - (estava) procurando, facilmente substituível pela forma do Imperfectivo - procurava, e o fato de não estar ordenada temporalmente, são critérios que nos conduzem a sua interpretação como uma cláusula não narrativa.

A sua inclusão no texto parece dar-se muito mais como uma interferência do narrador no momento da enunciação, e nesse sentido ela assume a função de Avaliação da narrativa e não se coloca necessariamente dentro da ordem dos eventos. Na verdade ela serve para sustentar, ou para justificar aquilo que é expresso nas cláusulas y ('e por fim ela não teve mais nada o que inventar') e cc.

Num outro esquema de Avaliação e ainda concorrendo para essa outra rede de significação que parece montar-se para além dos acontecimentos propriamente ditos, a narradora nos fornece através das cláusulas x,z, aa,bb ('o filho viajava muito'... 'esse negócio todo') alguma informação em princípio de natureza orientacional (referencial) sobre os costumes ou hábitos de vida de um dos personagens. Essas informações não concorrem absolutamente para a organização do discurso narrativo propriamente dito, ou seja para a recuperação do acontecimento, mas a sua inclusão, e mesmo a sua posição na sequência das cláusulas, têm evidentemente uma função

na organização do texto narrativo e na organização dessa outra rede de significação de que falamos antes. Dando continuidade e completando a interpretação para a cláusula u, um exame dessas cláusulas mostra que a narradora se utiliza delas para mostrar aí as condições que, na sua opinião, permitiram ou de que se serviu a mãe para sustentar afinal a afirmação contida em cc.

Possuem estruturas relativamente diversificadas embora, no geral, apresentem os traços sintáticos das cláusulas são essencialmente narrativas, e se aproximam bastante das cláusulas de Orientação colocadas no início do texto narrativo. Têm todas elas conjuntos livres de deslocamento também como as cláusulas de Orientação, são, com efeito, cláusulas que orientam, mas não constituem nenhuma outra seção de Orientação. As informações nelas contidas têm no texto a função de Avaliação quer seja pelo papel que lhes confere a narradora, expressando através delas as condições sob as quais 'a mãe' pôde montar a intriga da infidelidade, quer considerando-se mesmo a posição dessas cláusulas entre a seção de Complicação e a seção de Resolução da narrativa, suspendendo a ação e criando a ambiência para o final trágico.

As demais cláusulas são perfeitamente prescindíveis à narração, no sentido em que elas não atuam diretamente sobre o acontecimento singular e único que foi narrado. São cláusulas que apresentam verbos no condicional (m,n), partículas negativas (m,n), verbos no Imperfectivo, lançando certas ações verbais para fora do primeiro plano da narrativa (viajava, ia plantar (plantava) saia, passava), além do próprio advérbio de Mo

do - normalmente, que marca explicitamente a cláusula ff como sendo a expressão de um fato habitual, costumeiro.

Resta falar da cláusula v, que parece ter sido na origem uma cláusula narrativa, ou parte dela, através de um provável encaixamento sintático de subordinação ('por fim (como) ela não teve mais nada o que inventar, inventou que...') à cláusula cc, e que se apresenta afinal como uma forma truncada, fenômeno muito normal em linguagem coloquial oral.

Se tentássemos separar agora as cláusulas não essencialmente narrativas, deixando o grupo de cláusulas propriamente narrativas compondo um grupo tal qual são apresentadas, veríamos que ainda que com a ausência das demais cláusulas a compreensão dos eventos não sofreria alterações e não teríamos prejudicado a interpretação do acontecimento como um todo. Evidentemente poderíamos sentir a falta de certos nexos de causalidade na narrativa, que é justamente realizada por essas cláusulas com que trabalhamos. Atente ainda para o fato de que não poderíamos desconsiderar tão simplesmente o texto narrativo produzido pela narradora: ela o articula ao seu modo, orienta quando necessário, avalia o que acha que deve avaliar, suspendendo a ação em momentos digamos importantes da narrativa, enfim ela se utiliza de recursos linguísticos de todo tipo, e mesmo de recursos menos sistemáticos para organizar o seu texto. Dentre esses últimos poderíamos situar a própria posição dos enunciados na sequência emitida, a colocação de uma cláusula de orientação/avaliação num determinado ponto, às vezes procedendo subjacentemente relações de subordinação só perceptí

veis a nível do texto. Enfim são os mais variados esquemas aqueles usados num texto narrativo, e sua própria existência aí, bem como a sua função, se dão com grande intensidade como uma escolha e uma opção do narrador: isso é o que nos faz mais cautelosos ao falarmos da prescindência desses elementos não essenciais para a narrativa. Uma boa maneira de testar a validade dessas considerações é solicitar à narradora que conte outra vez a estória do 'filho que matou a mãe'. Como já verificamos em outros relatos, o que se observa é a manutenção da ordenação dos enunciados linguísticos que respondem pela função de Complicação e Resolução, sistematicamente; as demais cláusulas podem vir na mesma posição ou não, poderão aparecer outras cláusulas de Orientação, certas formas de Avaliação desaparecerão e poderão surgir outras, e mesmo a Orientação, ou a referência criada, pode mudar conforme, entre outras coisas, o tipo de relação que há entre o narrador e o ouvinte.

Essas cláusulas não essencialmente narrativas são igualmente os elementos componentes constitutivos do texto e, por esse motivo é difícil, se não nos preocuparmos em analisá-los mais cuidadosamente, separar e discernir aquilo que nesse produto discursivo global apresentado pela narradora, é de natureza inerentemente narrativa, isto é concorrente para a recuperação do acontecimento, e o que é de natureza discursiva mais geral, isto é, elementos que podem aparecer em outras manifestações discursivas com funções semelhantes às que apresentam ou cumprem no texto narrativo, ou ainda constituindo tipos discursivos específicos, como a Descrição por exemplo.

Esses elementos em sua totalidade, e os elementos de Complicação e Resolução, estruturam então o texto narrativo, isto é, o produto linguístico que nos fornece o narrador após uma pergunta do tipo usada na pesquisa, uma pergunta que permite desencadear um 'processo' narrativo. Conjuntamente eles atuam, embora não de maneira igual (divergem na pertinência, na sistematicidade e frequência com que aparecem, e na função), para a estrutura e organização do texto e, para além dessas funções normalmente descritas, eles criam verdadeiras redes de significação: a reconstituição e recuperação dos eventos na ordem em que eles de fato ocorreram e uma estrutura que fornece os elementos de orientação e avaliação para esse acontecimento singular e único que merece ser contado. Essas redes formam então o texto narrativo. Sendo de natureza não intrinsecamente narrativa, as cláusulas não essencialmente narrativas variam muito não só na sua composição mas na sua frequência no texto e por exemplo elas dependem muito das próprias condições das situações de fala em que o texto é produzido, pelas relações entre narrador e ouvinte e pelas impressões e conhecimento que os interlocutores têm um em relação ao outro, pelo conhecimento que eles se têm do objeto da fala - o acontecimento narrado.

É essa noção de texto narrativo que merece ser abordada com mais vagar e dela na verdade dependem em bom grau o sucesso e o alcance de nossas investigações, pois que é na consideração e na análise da totalidade do texto que os autores têm-se fundamentado para estudar o discurso narrativo. A partir da compreensão desse material linguístico é que Labov chega às conclusões sobre os diversos elementos estruturais da narrativa. É esse também o ponto de divergência inicial entre essas análises e as

reflexões que ora efetuamos pois que, diferentemente desses autores nós já procedemos dentro do material linguístico que nos é apresentado pelo narrador, à divisão de pelo menos dois grandes grupos de enunciados em meio a essa totalidade: o grupo das cláusulas narrativas e o grupo das cláusulas não essencialmente narrativas, e consideramos esse primeiro grupo como sendo a expressão da sequência narrativa responsável pelo acontecimento singular e único. Embora já tenhamos de certa forma apurado as razões pelas quais procedemos a essa divisão, necessário se faz voltar a uma análise mais minuciosa que justifique essa separação de objetos de estudos que ora anunciamos: de um lado a consideração de um texto narrativo e as implicações teóricas que advêm dessa análise, e por outro a introdução do conceito de sequência narrativa propriamente dita para cuja articulação é a classe linguística do verbo a principal responsável, caracterizando-se pela ordenação temporal das cláusulas que recuperam o acontecimento. Dessa questão e da questão das diversas funções dessas cláusulas não narrativas em outras manifestações discursivas nós nos ocuparemos com detalhes mais ao final desse trabalho. Até que se dê essa análise mais minuciosa observamos entretanto que estaremos trabalhando com o texto narrativo.

Só para concluir voltemos rapidamente à narrativa 14 que analisávamos. Além de não haver critérios rígidos, ou se quisermos, científicos, para falarmos com precisão das diversas funções de Orientação e Avaliação, observamos que esta narrativa não apresenta o elemento Coda. A narradora encerra efetivamente sua narrativa na cláusula 11: 'e depois que

matou foi que ele viu que era a mãe dele', e considera-a como suficiente para que o seu ouvinte teça a sua própria consideração em torno ao fato, dando-lhe portanto a sua vez de fala.

Ainda que insatisfatório para se tirar conclusões podemos adiantar agora alguns problemas que aparecem nesse texto narrativo e que vão aparecer em muitos outros do nosso corpus e que se colocaram inicialmente como pequenas dificuldades para a compreensão desse emaranhado em que certas horas se transforma o texto narrativo quando se inicia a reflexão.

Na narrativa 14 foram várias as questões pequeninas que tivemos que resolver. Já à altura da cláusula 1 ('a mãe realmente não foi acordo') deparamos com um enunciado contendo a partícula negativa Não na locução verbal 'não foi de acordo' que segundo nossa análise ocupa o núcleo de uma cláusula ordenada e portanto narrativa. Além do critério da Juntura Temporal que a caracteriza, procuramos já então estabelecer um critério a mais para marcar a função narrativa dessa cláusula em contraposição à função não narrativa (geralmente de Avaliação) de cláusulas também contendo uma partícula negativa como o Não (jamais, nunca), muito frequentes em nossas narrativas. Era preciso então marcar as diferenças entre aquilo que é essencialmente narrativo, isto é, da ordem do acontecimento, e aquilo que é puramente de Avaliação. Aí foi que buscamos a paráfrase da cláusula contendo o Não: 'discordou', paráfrase essa que deveria conter uma forma verbal cuja semanticidade mostrasse não a negação de uma ação possível e não realizada (o que ocorre por sua vez com as cláusulas nega

tivas de Avaliação) mas, ao contrário, que permitisse ver que de fato ha via uma ação por trás daquela marca de negação. Em 'a mãe realmente não foi de acordo' o que se expressa é uma reação de desacordo em relação à decisão do filho em casar-se. Veremos com a continuação das análises de nossas narrativas, outras cláusulas contendo o Não narrativo (das cláusu las narrativas) mas também o Não das cláusulas não narrativas (de maior incidência). E veremos melhor o porquê o onde reside a diferença entre es ses enunciados.

Duas outras questões com que temos nos defrontado também apare cem aqui e até relacionadas nas cláusulas p, q: 'mas ele gostava muito da moça e tal, insistiu', que analisamos como uma possível estrutura subordi nada subjacentemente: 'mas (como) ele gostava muito da moça e tal, insis tiu'. Esse problema da causalidade não explícita já tem sido vista no de correr da exposição e não requer muitas explicações aqui. Tal relação de subordinação não apresenta 'marcas superficiais' e sua compreensão se dá mesmo a partir da leitura, entendimento e interpretação do texto narrati vo. O que se deve observar entretanto é que o esclarecimento e o desvenda mento dessas relações subjacentes objetivam mostrar os verdadeiros meça nismos de confecção do texto narrativo e se chegar àquilo que é intrinse camente da ordem da narração.

Encontramos também nos textos narrativos cláusulas introduzidas pela conjunção adversativa 'Mas', cláusulas essas que parecem esconder re lações de significação outras além daquela significação tradicional de con junção coordenada adversativa relacionando dois enunciados linguísticos, e

adquirem, elas mesmas, quase que invariavelmente, uma carga avaliativa quer apareçam em cláusulas narrativas quer apareçam em cláusulas não narrativas. No exemplo específico dessa narrativa o enunciado contendo 'Mas' não foi ou não necessitou ser abordado mais de perto por tratar-se de uma cláusula já definitivamente caracterizada como narrativa pelas próprias marcas formais que ela apresenta. Mas já foi possível delinear-se então todo o esquema de avaliação que o narrador tece jogando com esses elementos (incluindo a subordinação) para montar o seu texto. Há casos entretanto em que a análise mostra-se mais cuidadosa e carente de recursos de interpretação um pouco mais sofisticados a fim de que se possa explicitar esses pequenos mecanismos de confecção do texto e montados com base sobretudo na importância - daí a avaliação, que lhe confere o narrador¹.

Antecipando um pouco a discussão apontamos já agora para as várias possibilidades de classificação desses enunciados contendo a adversativa Mas, tentando chegar mais facilmente, a generalizações mais precisas sobre o uso do Mas nas narrativas. Assim encontramos, como na narrativa 14 o Mas introduzindo cláusulas propriamente narrativas (cláusula o: 'mas disse que era por causa dessa moça, que não queria o casamento com essa moça'), cláusulas não essencialmente narrativas (como em p: 'mas ele gostava muito da moça e tal'; embora nesse caso o Mas esteja introduzindo superficialmente uma cláusula livre mas subjacentemente esteja ligado à cláusula narrativa q), introduzindo cláusulas narrativas ou não narrativas contendo uma partícula negativa, geralmente o Não, e, no caso sobretudo das cláusulas não narrativas tecendo com a partícula negativa mais um dos vários esquemas avaliativos encontrados nos textos. Amostras de cada

um desses casos, isolados ou conjuntamente a outros problemas serão vistos com mais minúcias nas análises que procederemos em seguida. Nessas ocasiões mostraremos então, como afinal pudemos chegar à detecção e o entendimento de cada um desses tipos aqui caracterizados e quais os procedimentos usados para a sua caracterização.

Estão aí mais ou menos resumidos alguns dos esquemas sintáticos abundantes nas narrativas e dos quais necessitou-se maior esclarecimento a fim de desvendar-se alguns dos mistérios da organização e constituição desse material discursivo com que nos propusemos a trabalhar. Importante observar entretanto que estivemos lidando até agora muito mais com as relações de significação entre os enunciados (as vezes com implícitos), relações essas nem sempre facilmente apreendidas a nível superficial, e buscando as suas implicações ou 'funções' para o texto narrativo.

Voltando agora um pouco às nossas preocupações mais iniciais, vamos examinar dentro de cada enunciado não narrativo as formas verbais que ocupam o seu núcleo, e tentar chegar a alguns esquemas mais gerais sobre o tipo de verbo, o aspecto em que é realizado e afinal quais as formas verbais que podem aparecer nas cláusulas não narrativas. Pelo modelo da narrativa 14 e já definitivas, para efeitos de análise, as conclusões sobre o que é essencialmente narrativo e o que não é, podemos afirmar que não é somente o tipo de verbo (de ação, estado ou processo mental, segundo algumas classificações) o que caracteriza a cláusula narrativa. Observem-se por exemplo as cláusulas b, f, i, j, k, m, (p), u, x, aa, ff, entre outras, que contêm em seus núcleos as formas verbais: foi, tinha, (disse),

arranjou, queria (casar), seria, (gostava), (estava) sempre procurando, viajava, ia plantar, saía. Vemos por essa amostra que as cláusulas não narrativas não podem ser caracterizadas por conterem um único tipo de verbo - de estado ou processo mental. Mas observamos por outro lado a incidência maior do verbo Ser, por exemplo - 6 ocorrências no texto - centralizadas quase unicamente na seção de Orientação, em contraposição aos outros tipos de verbo, e em contraposição, ai sim, sistematicamente, aos verbos unicamente de ação encontrados nas cláusulas de Complicação e Resolução. Um traço maior de identificação dos núcleos verbais das cláusulas não narrativas se dá quanto ao Aspecto Verbal, considerando-se a oposição mais geral de Perfectivo/Imperfectivo: as cláusulas não narrativas são marcadas em geral pelo traço aspectual Não Perfectivo, ao passo que as cláusulas narrativas pelo traço Perfectivo.

Essas são algumas constatações advindas do estudo em comparado dessas cláusulas narrativas com as cláusulas não narrativas. Buscando-se diferenças no interior dos enunciados não narrativos procedemos a classificações mais apuradas quanto ao aspecto verbal, marcando variações tênues entre eles. Evidentemente que se observaram diferenças aspectuais entre por exemplo: gostava, viajava, saía, de um lado, e '(estava) procurando um jeitinho' ou ainda 'a mãe era viuva', 'ele era filho único', de outro.

Dentre esse conjunto de cláusulas não narrativas, vamos ressaltar por enquanto a forma verbal da cláusula u ('e a mãe (estava) sempre procurando um jeitinho...) e aa ((ele) ia plantar). A 1a. delas sendo

mais comum (ainda que menos que o Imperfectivo simples como 'era' ou 'via java'), as duas são igualmente encontradas em textos narrativos. Quanto à primeira, ainda, o seu âmbito aspectual, restringindo um pouco mais a duração da ação em contraposição a 'ia plantar', que no texto tem significação de 'costumava plantar', é mais facilmente confundida com as cláusulas narrativas. Mas um exame mais atento mostra que esse tipo de cláusula não se encaixa numa ordenação temporal, ou seja, ela dificilmente estaria em Juntura Temporal com qualquer cláusula narrativa. Isso vem justificar a tese de que o verbo expressa então uma certa ação não ocorrida num momento único mas revelaria uma ação que poderia ou não ter funcionado como plano de fundo da narrativa. Em outras palavras, revelaria um aspecto de situação em que os eventos propriamente ocorreram.

Encontramos então ocupando os núcleos das cláusulas não narrativas não apenas as formas verbais simples de Imperfectivo mas também locuções formadas de Verbo Estar no Imperfeito + Gerúndio do verbo Principal e Verbo Ir no Imperfeito + Infinitivo do verbo Principal. Esse último é ainda encontrado com outra significação aspectual (com matizes modais por vezes) em outras narrativas. À medida em que formos analisando as amostras alertaremos para outras ocorrências dessas locuções ao mesmo tempo em que faremos o levantamento das novas formas aspectuais do Imperfectivo.

II.2 Exame das funções de Orientação, Avaliação, Coda e Resumo.

Levantamento das suas marcas formais mais recorrentes

II.2.1 Apreciação geral desses elementos com atenção as formas temporais encontradas: tipo de verbo, tempo e aspecto.

A narrativa que se segue, diferentemente da anterior, surgiu em meio a uma conversa entre 3,4 pessoas que falavam sobre assuntos de assombrão, manifestações de espiritismo, enfim, toda uma gama de fenômenos desta natureza.

(Narrativa 42 do corpus).

- a Ele chama, como é o nome, eu já esqueci o nome dele.
- b Eu sei que ele tava doente,
- c Foi fazer uma pescaria como eu te disse, ficou...
- d tinha muito rato por lá
- e e ele ficou com hepatite.
- f E ele ficava sempre pedindo por Zê que ele queria fi
car bom, queria ficar bom.
- g Aí ele foi pro hospital,
- h chegou lá já tava com acho que uns 8 dias e nada de
melhorar,
- i daí ele... sempre lá deitado
- j mas não esquecia do santo.
- l Aí pediu para ele que ele queria ficar bom,

m então quando foi não sei que horas lá da tarde, o Zé
 chegou na porta,
n ele viu a porta abrir,
o aí ele olhou,
p era o Zé que entrou.
q É impressionante!
r Você sabe que eu... é isso é que eu tenho medo!
s Vejam só!
t O Zé entrou,
u Falou com ele, que ele ia ficar bom, que alguém ia dar
 um pouco de sangue prá ele e ele ia ficar bom, quando
 ele ficasse bom que ele fosse lá na casa do Zé.
v É lá em Paradas (...) isso.
x E ele ficou bom mesmo
aa Quando ele ficou ele... (truncamento)
bb Quando você sair daqui o primeiro passeio vai ser na
 minha casa.
cc E ele foi prá casa do Zé,
dd Chegou lá,
ee levou charuto que ele gosta de charuto,
ff levou cerveja, cachaça prá ele,
gg aí o Zé disse: Não falei prá você que você ia ficar
 bom?
hh Quer dizer, é verdade que ele pintou porque se ele não
 tivesse ido lá como é que ele ia saber que ele chegou

e o cara, o santo, chega prá ele e diz: eu não falei
prá você que você ia ficar bom?

Nesta narrativa a 1a. cláusula narrativa, aquela de conjunto de deslocamento zero, separada por Juntura Temporal é a cláusula c: 'foi fazer uma pescaria...' que aparentemente estaria ligada por Juntura Temporal à cláusula e: 'ficou com hepatite'. Se assim é, a cláusula que se encontra entre ambas, d: 'tinha muito rato por lá', parece ser uma cláusula independente, não ordenada, de conjunto livre de deslocamento cuja função seria dar a causalidade a um certo evento, no caso. Entretanto nós temos a ver na cláusula d, uma oração que se encontra subordinada à oração seguinte e. Observe-se que já na cláusula c a narradora faz menção de expressar o fato de que ele ficou doente, mas interrompe e enuncia d para chegar à cláusula e ('e ele ficou com hepatite'). Isso nos leva a pensar na cláusula d: 'tinha muito rato por lá', como sendo uma oração subordinada de causa, que só é possível entender a nível do texto pela organização que lhe dá a narradora. Assim ficamos com uma cláusula do tipo: '(como) tinha muito rato por lá ele ficou com hepatite'.

Quer consideremos de um jeito, quer de outro, há sempre uma idéia de causalidade subjacente aí e a segunda hipótese torna-se mais confiável pois que agora explicita essa relação de causalidade.

Esse é um problema já abordado na narrativa anterior, e para dar continuidade à discussão vejamos agora algumas implicações dessa análise. Com efeito essa consideração nos conduz a um problema na esquematização formal que estamos querendo constituir: como se pode afinal dizer de uma

cláusula ser ela não essencialmente narrativa se ela pode estar, em níveis mais subjacentes das relações sintáticas, ligada por subordinação a uma outra que se diz narrativa? E o que acontece com os constituintes subordinados dessas cláusulas narrativas? A resposta a tais perguntas é que de fato muito daquilo que é dado como elemento de Orientação numa narrativa pode vir contido através de uma ligação sintática subordinada a uma cláusula propriamente narrativa. Isso se torna explícito, e aparece a nível superficial, quando o narrador se utiliza por exemplo de conectivos do tipo porque, pois, e outros ainda. Nesses casos algumas das funções que esses elementos cumprem são expressos então nas próprias cláusulas narrativas. Há casos porém que claramente percebe-se que o falante/narrador, marca independentemente suas cláusulas de Orientação e Avaliação.

O que distingue decisivamente esses dois tipos de enunciados é o fato de eles poderem ou não concorrer para a sequência temporal da narrativa. É com base nisso aliás que se fundamenta um dos critérios que Labov leva em conta quando, no seu modelo, propõe como primeiro passo de análise, a separação em cláusulas independentes, isto é, cláusulas que não se encontram vinculadas por qualquer relação de subordinação a uma outra. Isso se dá porque o que quer que venha expresso na parte subordinada da oração não é suscetível de interferir na ordenação temporal dos enunciados que recuperam o acontecimento. Por outro lado há casos em nossas análises em que é necessário discernir se de fato duas cláusulas são realmente independentes ou se há algum motivo para considerá-las ligadas via subordinação, em níveis mais profundos de relações sintáticas, perceptíveis apenas a nível do texto. Sabemos já que quando tal relação de subordinação é

marcada superficialmente, já mesmo no momento da separação em cláusulas independentes da narrativa nós nos consideramos isentos da análise da parte subordinada de tal período composto, que é responsável, grosso modo, pelas informações que respondem pela causalidade da narrativa: elementos de explicação, de causa, preenchendo função de Orientação e as vezes de Avaliação. Pela própria organização que lhe dá o narrador/falante elas devem pertencer ao conjunto de cláusulas ditas como essencialmente narrativas. E o critério formal de Juntura Temporal é o primeiro instrumento de que nos servimos para justificar a distância e a isenção no trato da cláusula. Quando tal relação entretanto não vem expressa superficialmente, o procedimento é buscar as verdadeiras relações entre os enunciados, e, no caso de se perceber a possibilidade de tal relação em níveis subjacentes, proceder a verdadeira ligação entre os enunciados mostrando o elo subordinativo e aí sim, mostrar a sua pertinência do ponto de vista formal, ao campo do estudo das cláusulas narrativas.

O passo propriamente narrativo subsequente a estas cláusulas é a cláusula g: 'ai ele foi pro hospital'. Entre essas duas cláusulas (e e g) há uma cuja composição difere das demais no que diz respeito à forma verbal que preenche seu núcleo, a cláusula f: 'ele ficava sempre pedindo pro Zé...'. Esta cláusula, tal como as cláusulas i e j, são expressões do narrador que mais enfatizam o ponto principal, o próprio tema, digamos assim, sobre o qual a narrativa é contada: a fé do personagem no Santo Zé. É claro que o descartamento puro e simples dessas cláusulas dentro desta narrativa, nos causa certa estranheza e chegamos mesmo a pensar que estamos, se assim agimos, comprometendo o seu entendimento. Parece-nos

contra intuitivo, talvez, querer retirar tais cláusulas do texto e ainda dizer que se trata da mesma estória. Entretanto um exame mais atento mos tra que as 'informações' que nos são dadas através destas cláusulas, no caso que estamos examinando, quer tenham função de Orientação ou ai mais propriamente de Avaliação, são dadas, isto é repetidas nas cláusulas que de fato concorrem para o acontecimento. Observe-se a cláusula 1: 'ai pe diu para ele' (o Santo, já referido anteriormente) que ele queria ficar bom'. Aqui a narradora torna explícito aquilo de que ela falava anteriormente (nas cláusulas f,i,j) marcando um passo da sequência de eventos que compõem o acontecimento narrado. Da mesma forma que todos os enunciados de Orientação e Avaliação, as cláusulas i,j têm uma composição diferente daquelas que respondem pelas funções de Complicação e Resolução: '... sem pre lá deitado', 'mas não esquecia do Santo'. Quer na forma simples (o Imperfeito simples) quer em locuções verbais (às vezes em formas compos tas) percebe-se sempre uma oposição em nível aspectual que distingue es sas cláusulas das cláusulas de Complicação e Resolução, essas sempre mar cadas pelos verbos no Perfectivo. Entre essas cláusulas (f,i,j) aparece um enunciado, h: 'chegou lá, játava com acho que uns 8 dias e nada de me lhorar', que num primeiro exame mostra-se como uma cláusula possível de ser interpretada à luz de duas leituras, no que diz respeito à expressão do aspecto: nada de melhorar, não estando marcada temporalmente pode con duzir a princípio a duas leituras distintas: 'chegou lá... e não melho rou nada', e 'chegou lá... e não melhorava nada'. Na sua composição ela seria portanto ambígua. A primeira leitura nos deveria dar uma cláusula ordenada temporalmente: 'ele foi pro hospital... e não melhorou nada'. E

a cláusula deslizaria para o campo das cláusulas narrativas e ordenadas o que seria perfeitamente possível. Entretanto a própria brecha dada pela 'ambiguidade' aparente da cláusula, ou seja, a outra leitura, a sua inclusão em meio a várias cláusulas não narrativas, e a possibilidade de classificar tal enunciado h em meio às expressões de aspecto verbal chamado de Imperfectivo Cursivo nos fazem considerar essa cláusula como um elemento de uma seção de Avaliação que parece montar-se a esse ponto. Em outras palavras, f, i, j e h comporiam adequadamente o quadro dessa seção avaliativa. Sem dúvida esse não é o ponto mais frequentemente escolhido pelos narradores para constituir aí uma seção de avaliação, e é inegável que essas cláusulas passam ao ouvinte certas informações propriamente de Orientação (estava deitado, não melhorava). Mas elas não compõem aquela seção de Orientação geralmente colocada no início da narrativa e que criam o que estamos chamando de referência para o acontecimento. Elas não têm portanto a função de orientar a narrativa tal como ocorre às cláusulas propriamente da seção de Orientação. Há a exposição de alguns elementos de Orientação sim, mas com um intuito, muito mais forte, nos parece, de dar um peso avaliativo à narrativa ou talvez até de acentuar aquilo que seria o verdadeiro tema da narrativa: a fé do Zé no Santo espírito. É preciso captar e explorar bem esse ponto - a fé - porque afinal dele depende a 'crença' do ouvinte naquilo que o narrador conta, por aí se dá a verossimilhança do relato. Daí ter-se essa insistência do narrador em falar da fé, a repetição das frases inclusive, e a insistência em falar dos pedidos do personagem ao Santo.

As cláusulas que se seguem, até p, são todas narrativas, separadas por Juntura Temporal. O grupo q,r,s seguinte têm um estatuto muito particular qual seja o de expressar os próprios sentimentos da narradora em relação ao fato. Por essas cláusulas ela manifesta suas impressões sobre o evento, de forma bastante subjetiva, e todo o tempo chamando a atenção do ouvinte. São cláusulas nitidamente de Avaliação. É considerado talvez pela narradora como o momento crítico da estória, e aí ela pára, retorna ao momento da enunciação, isto é traz a perspectiva de locução para o momento presente, recua a narrativa e chama a atenção do ouvinte. Creio que aqui nós podemos falar na função Fática da Linguagem, de forma explícita. Esse conjunto de cláusulas apresentam: verbos no presente, adjetivos, e a insistência na atenção do ouvinte: você, vejam, no intuito de atrair, envolver e fazê-lo acreditar no que lhe é contado.

Evidentemente esse tipo de cláusula pode aparecer em qualquer narrativa mas o que se observou, após o exame do corpus, é que elas se apresentam como uma característica quase idiossincrásica do narrador, desse narrador particular. Há outras narrativas desse mesmo informante que incorporam esse tipo de enunciado, às vezes até compondo uma seção (do mesmo modo são muito semelhantes entre si as formas da Coda nos relatos desse narrador). Percebe-se então mais facilmente como muito da avaliação de uma narrativa está condicionada em maior ou menor grau até pela própria concepção e o envolvimento do narrador com o 'tema' que está sendo de certa forma considerado: a crença e as dúvidas em relação a um assunto tão polêmico quanto são os chamados fenômenos parapsicológicos ou extraterrenos se quisermos.

As cláusulas seguintes são todas cláusulas narrativas, apresentando uma pequena desordenação, de resto muito comum em linguagem coloquial oral, mas que, absolutamente, não impede o entendimento da narrativa. Dentro desse grupo, que vai da cláusula t à cláusula qq, há dois enunciados que escapam à sequência ordenada de eventos, portanto considerados livres, embora sejam de natureza diferente entre si. São elas: v 'é lá em Paradas (...) isso' e z 'você sabe que ele ficou bom mesmo?'. A primeira é uma pequena Orientação localizada, e a segunda é mais uma das expressões fáticas do falante: repete o que disse na cláusula anterior (em x), reafirmando algo já dito e chamando a atenção do ouvinte.

Por fim temos hh (quer dizer, é verdade que ele pintou por lá...'), um período composto contendo relações de subordinação causal e condicional, que tem a forma de um pequeno comentário explicativo - explicativo do que ocorrera: era de fato verdadeiro e digno de menção a estória que acabara de contar. Funciona como o Coda do texto narrativo: a sequência narrativa propriamente se encerra à altura da cláusula qq ('ai o Zê disse: não falei pra você que você ia ficar bom?'), sendo hh o espaço e o tempo utilizados pelo falante para reafirmar a sua estória ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade de comunicação com o seu interlocutor.

Começamos agora a perceber quão diferentes tipos de enunciados podem aparecer num texto narrativo tal qual esse, e como eles marcam uma oposição com aquilo que de fato é pertinente narrativamente. Essa narrativa em particular é cheia de expressões que revelam a função Fática da Linguagem, com enunciados dirigidos diretamente ao ouvinte, com mudanças de

perspectiva de locução passando do momento da narrativa, isto é do acontecimento, para o momento da enunciação e sobretudo uma narrativa bastante avaliada e isso decorrente talvez mesmo da própria temática que subjaz ao acontecimento em si mesmo: a crença, a existência ou o poder de forças extraterrenas e a fé do personagem em fenômenos dessa natureza. Além disso acreditamos que não só da temática depende tal estrutura de Avaliação. Há outros fatores a serem levados em consideração, entre eles estão o próprio narrador, sua experiência, os ouvintes a sua volta, e o que ele falante, pensa a respeito desses ouvintes, por exemplo. Como veremos, há outras estórias que tratam de fenômenos semelhantes sem que haja entretanto um envolvimento tão grande do narrador com o fato narrado, e naturalmente, tendo uma estrutura de certa forma diferente da estrutura de Avaliação vista nessa narrativa.

Desta narrativa ainda percebemos a ausência de uma seção completa de Orientação. Há apenas indícios na cláusula a. Isso talvez se deva ao fato mesmo de que tratava-se de uma conversa entre várias pessoas e é possível que tal seção tivesse se esvaído durante a conversação.

Os enunciados com que propriamente trabalhamos nessa narrativa são:

a Ele chama, como é o nome dele, eu esqueci o nome dele,

b Eu sei que ele tava doente,
c e ele ficava sempre pedindo pro Zé que ele queria ficar
 bom, queria ficar bom.

...

g Chegou lá já tava com acho que uns oito dias e nada de
 melhorar,

h daí ele sempre lá deitado,
i mas não esquecia do Santo

...

q É impressionante!
r Você sabe que eu... é isso que eu tenho medo!
s Vejam só!

...

v É lá em Paradas... isso.

...

z Você sabe que ele ficou bom?

...

hh Quer dizer, é verdade que ele pintou por lá porque se ele não tivesse ido lá, como é que ele ia saber que ele chegou e o cara, e o Santo chega prá ele e diz: eu não falei que você ia ficar bom?

Como se observa, esses elementos em separado do resto do texto não possibilitam a recuperação de acontecimento algum, e o que se tem são diferentes tipos de enunciados que, quer em grupos quer isolados, só funcionam quando atuam junto ao corpo de acontecimentos, junto às cláusulas de Complicação e Resolução portanto.

Como estamos todo o tempo tentando mostrar que linguisticamente tais enunciados diferem dos demais, vamos trabalhar um pouco mais com eles. Vejamos a princípio o tipo de verbo que geralmente ocupa o núcleo dessas sentenças: chama, esqueci, sei (tava), ficava pedindo, chegou, (estava) deitado, (não) esquecia, é impressionante, (você) sabe, é, veja, é (verdade).

Do mesmo modo que para a narrativa anterior, verificamos mais uma vez que, na consideração da totalidade das cláusulas não narrativas, não é possível se chegar a uma classificação unitária se observarmos unicamente o tipo de verbo que ocupa o núcleo dessas cláusulas: há verbos da Ação (pedir, chegar), verbos de Processo Mental (sabe, sei, esqueci, esquecia), verbos de Estado (pouca ocorrência). Dentre esses a ocorrência maior se dá justamente com os verbos de Processo Mental e, digo 'justamente' por que nos parece que são esses verbos os que permitem uma expressão maior da subjetividade do narrador (ainda que em cláusulas como i: 'mas ele não

esquecia do Santo'), possibilitando a articulação da estrutura avaliati
va tão forte nessa narrativa.

O tipo de verbo portanto, como já observávamos, não é suficien
te para se chegar a grandes conclusões se queremos caracterizar mais rigo
rosamente nossos enunciados. Recorremos mais uma vez à categoria de Aspec
to prã se ter melhor a distinção entre as cláusulas não narrativas e as
narrativas propriamente. Vejamos os núcleos verbais representativos de
cada aspecto e tempo verbal: chama, esqueci, (sei), ficava pedindo, que
ria ficar, (estava) sempre deitado, esquecia, é.

Essa amostra, diferentemente da que analisamos na narrativa an
terior, é bem mais geral e comporta algumas formas verbais que aparente
mente dificultariam a nossa análise conforme o modelo que apresentamos: há
aqui verbos no tempo presente e pelo menos uma forma de verbo no Perfecti
vo (esqueci). As formas de tempo presente são muito comuns em narrativas
e na verdade elas ocorrem tanto em núcleos de cláusulas não narrativas
(esse caso) quanto em núcleos das cláusulas narrativas. Quando ocorre nas
cláusulas narrativas facilmente percebe-se a neutralidade da marca de tem
po da forma do Presente e o nosso procedimento, mesmo intuitivo, quando
ouvimos uma narrativa no tempo presente é passá-la para uma forma no pas
sado, mais especificamente para a forma do Pretérito Perfeito. Dificilmen
te a transposição se dá para uma forma no Imperfeito se a cláusula é nar
rativa². Quando ocorre nas cláusulas não narrativas, como aqui, o procedi
mento da transposição nem sempre dá certo, às vezes causando estranheza
mesmo porque muitas das cláusulas não narrativas, enquanto expressões pu
ramente avaliativas (vejam-se as cláusulas q,r,s), são do momento da enun

ciação, se expressam na relação entre o sujeito do discurso e o momento da sua fala. Quando a transposição pode ser efetuada ela ocorre sempre nas formas do Imperfeito, dificilmente nas formas do Perfeito. Não se constitui problema portanto o fato de se ter verbos no Presente nas cláusulas não narrativas.

No caso das formas do Pretérito Perfeito, tal como 'esqueci', a questão já é outra. Embora não muito frequentemente essas formas com efeito ocorrem em nossas narrativas, e há até cláusulas aparentemente ordenadas com verbos de Ação no Perfectivo que acabamos por considerar como pertencentes ao corpo das cláusulas de Orientação (ou Avaliação, em geral quando se trata de repetição). Esse enunciado no Perfectivo entretanto de certa forma se peculiariza por ter um verbo dito de Processo Mental - Esquecer, preenchendo seu núcleo. Entendendo que por sua própria natureza semântica esses verbos de Processo Mental já poderiam se constituir num traço caracterizador das cláusulas não narrativas, na medida em que expressam muitas vezes sentimentos do sujeito, procuramos observar então se havia forte ocorrência/reocorrência dessas formas verbais preenchendo os núcleos das cláusulas não narrativas. Constatou-se grande frequência dos verbos de Processo Mental naquelas cláusulas caracterizadas como não narrativas pelo critério da Juntura Temporal, mas com distribuição igual entre formas do Perfeito e do Imperfeito. Foi necessário, então, a par disso, um embasamento teórico mais forte para a consideração e o tratamento que se procedia aos verbos dessa categoria.

Dos estudos sobre a categoria do verbo vistos, o que mais se adequou aos nossos problemas, nessa etapa de análise, foi a classificação

apresentada por Halliday em 'Estrutura e Função da Linguagem'³. Com efeito as suas reflexões não somente oferecem classificações razoavelmente amplas e gerais dos verbos mas permitem também uma maior compreensão das relações sintáticas que se podem encontrar numa sentença gramatical fundamentadas justamente no tipo de verbo que ocupa o núcleo dessas sentenças. Para o que nos interessa aqui/agora vamos nos deter um pouco apenas naqueles verbos que ele chama de verbos de Processo Mental, dentre os quais o autor enumera por exemplo Pensar, Saber, Gostar, etc. Segundo Halliday esses verbos mantêm com os elementos da sentença (tradicionalmente sujeito, predicado, objeto) relações bastante diversas por exemplo às relações dos verbos de Ação de um lado e os verbos de Estado. Com os verbos de Processo Mental não mais se tem 'ator', 'objetivo', 'beneficiário', e sim os papéis de 'processador' e 'fenômeno'. Diz Halliday: "Os papéis inerentes são os de um ser humano, ou, de qualquer modo, de um ser animado, cuja consciência é invadida, e algum fenômeno que a invade. Vamos referir-nos a esses papéis como o 'processador' e o 'fenômeno'". O sujeito aí não mais se coloca então como o 'agente' mas como um 'paciente' no sentido em que ele não agencia uma ação mas sofre um processo. O tipo de relação sintática que se estabelece nas sentenças com verbos dessa natureza, claro, cria uma estrutura de significação diferente daquela encontrada nas cláusulas de verbos de Ação, por exemplo. Numa observação mais geral, podemos admitir que é através de uma cláusula com verbo de Processo Mental que o sujeito do discurso expressa a sua interiorização, sua subjetividade, isto é, algo que lhe acontece: ele sofre então um processo. Por isso é que a nossa intuição linguística nos faz ver, do ponto de vista da semântica,

uma cláusula contendo verbo de Processo Mental como uma cláusula não narrativa, isto é, não concorrente para o acontecimento, e, a depender do contexto, como uma cláusula avaliativa. E nesses casos, nos parece ser justificável teoricamente dizer que, para a consideração dos problemas narrativos em geral, a relação dos elementos de uma sentença de Processo Mental não sofre alterações substanciais caso o seu verbo se apresente numa forma de Pretérito Perfeito ou de Imperfeito (e conseqüentemente com mudança de aspecto verbal). Do ponto de vista da narrativa portanto a forma do Imperfeito ou do Perfeito desses verbos não comprometerá o modelo que estamos propondo pois que não interfere propriamente no acontecimento. Não acarretará grandes problemas para a consideração do processo narrativo, que se tenha nesses casos, o complemento ou a duração da ação verbal, quando o verbo é de Processo Mental⁴.

Buscar-se uma caracterização formal, através de marcas linguísticas ocorrentes e recorrentes num texto narrativo, que possibilitem a caracterização e a distinção entre esses diversos elementos, evidentemente não é uma tarefa fácil e muito menos absoluta em seus resultados. No decorrer dessa dissertação veremos ainda muitos problemas referentes a essa caracterização, em particular com relação à classe dos verbos, sobre a qual estamos querendo nos apoiar para caracterizar um discurso narrativo. Nem sempre se opõe um verbo de Estado ou Processo Mental no Imperfeito a verbos de Ação no Perfectivo para caracterizar dois diferentes enunciados com funções também diversas. Problemas com locuções verbais e tempos compostos são frequentes e às vezes é necessário atentar para a possi

bilidade de interpretação dessas formas verbais como ocorrentes tanto num quanto noutro dos sub-grupos. Por ora, entretanto, queremos já chamar atenção sobre essas oposições que se mostram às vezes tão claramente como caracterizadoras. Queremos ressaltar também a questão do Aspecto Verbal, esta categoria linguística já bastante estudada e analisada, mas, ao que sabemos, sempre dentro dos limites da frase. Num texto narrativo, como estamos examinando, o Aspecto Verbal pode perder um pouco daquela caracterização de expressar simplesmente o desenvolvimento do Processo Verbal, isto é, inerente à forma verbal e limitado à frase, e possibilitando uma outra interpretação mais ampla quando analisado numa unidade maior tal qual o discurso.

Com isso alertamos de antemão para a 'leitura' que se deve fazer da nossa utilização da categoria de Aspecto, de modo a não se fazer tal 'leitura' com base simplesmente nessa interpretação, que tradicionalmente se tem dado à categoria de Aspecto. Muitas vezes, sem dúvida, numa narrativa, tal análise tradicional efetivamente ajuda a discernir elementos, a juntar outros, enfim a destrinchar a estrutura do texto. E nos utilizamos muitas vezes dessa categoria para a compreensão das diversas cláusulas que aparecem num texto narrativo sobretudo quando se trata de análise das cláusulas não narrativas entre si. Mas nesses casos, não estamos falando do Aspecto como uma das possíveis categorias linguísticas que possibilitam a articulação do discurso narrativo na sua totalidade, isto é, o produto discursivo: estamos falando simplesmente da 'duração de uma ação' em contraposição à 'duração' de uma outra, ou até do aspecto pontual distinto do resultativo nas cláusulas.

Nessa narrativa, pelo que foi exposto, observa-se então uma grande quantidade de cláusulas não narrativas e dentre essas a incidência maior das chamadas Avaliativas. A Coda também está aí bem representada. O que se percebe porém é o pequeno número de cláusulas não narrativas propriamente de Orientação, isto é aquelas cláusulas que dão referências mais gerais de 'Lugar', 'Tempo' e 'Personagem'.

Como iremos vendo não é absolutamente incomum que se tenham narrativas como essa. Embora dessas funções 'estruturais' - Avaliação, Orientação e Coda, seja a Orientação aquela que efetivamente mais se cumpre (estamos falando em termos de número de narrativas), ela nem sempre se realiza tão concretamente e tão plenamente num texto narrativo a ponto de se chegar a considerá-la como de fato um elemento indispensável, na medida em que é estrutural, à formação do discurso narrativo. Para esse texto que estamos analisando por exemplo, nascido em meio a uma conversa entre várias pessoas, não houve grandes necessidades de informações desse tipo. O tema da conversa, era o que comumente se chama de Assombração, incluindo aí toda uma série de fenômenos que se catalogam ou resvalam para esse tema. O importante não era então naqueles momentos tanto a identificação dos personagens, dos seus hábitos e dos lugares onde pode ter ocorrido o evento: mais importante era o próprio acontecimento e era, naturalmente fazer-se com que a estória se mostrasse o bastante verossímil de forma a levar o ouvinte não só a envolver-se como até acreditar. Não nos parece à toa portanto que essa narrativa seja tão avaliada: afora a própria interferência do narrador, o seu modo particular de envolvimento com o tipo de assunto que de certa forma estava sendo tratado, há toda uma atmosfera

na própria conversa que levam a uma maior ou menor grau de avaliação. Já no caso das cláusulas de Orientação, sendo outra a função que ela de sempre sempre, é pouco, em situações como essa, o interesse em desenvolver es sa seção. Observe-se por exemplo a cláusula a: 'ele chama, como é o nome, eu já esqueci o nome dele', onde a narradora começa por dar alguma infor mação sobre o personagem/pessoa mas diz que esqueceu o seu nome e não con sidera isso como um obstáculo à realização do ato da narração. A cláusu la b 'eu sei que ele tava doente' é evidentemente uma cláusula de Orienta ção; mas a Orientação que se expressa aí é de referência mais restrita ao próprio acontecimento: ela descreve um traço da situação do personagem - o seu estado de saúde, quando se inicia o acontecimento. E com essas duas cláusulas (na verdade apenas uma) a narradora se dá por satisfeita na realização do componente de Orientação da narrativa. As cláusulas que apa recem depois e que por sua natureza semântica poderiam ser classificadas como de Orientação (caso de cláusula i, por exemplo), estão participando na verdade de uma estrutura de Avaliação, não somente pela posição que ocupam em meio às cláusulas de Avaliação e de certa forma quebrando a Com plicação, como pela perceptível intenção do narrador em marcar avaliativa mente essa narrativa através dessas informações, através das repetições. Evidentemente o modo de apreensão dessas funções da avaliação na narrativa difere muito da forma de apreensão das cláusulas de Orientação (essa muito mais definida por sua relação com o real), como das formas de apre ensão da Avaliação - apreciação por exemplo (como ocorre nas cláusulas q, r, s). Por outro lado é na consideração do texto narrativo em sua totali dade, nas relações entre os diversos elementos que aí aparecem, que esta mos nos fundamentando todo o tempo. É portanto numa dimensão bem mais ampla

do que na consideração de um simples enunciado que se consegue (e se deve) trabalhar tais funções. Com efeito, a compreensão e a apreensão desses elementos só podem dar-se quando a análise se procede em unidades bem mais amplas do que o enunciado, quando se trabalha por exemplo com o díscurso. Explicitando um pouco mais a idéia, considerem-se por exemplo os enunciados f, h, i, por nós classificados como cláusulas de Avaliação. É claro que esses enunciados se examinados isoladamente (não importa mesmo se o grupo) não ofereceriam quaisquer condições, através de marcas linguísticas quer morfológicas quer sintáticas, que permitissem o seu entendimento como cláusula de Avaliação. Retirados do contexto onde são realizados eles evidentemente mostram-se sem a força avaliativa que ora lhes emprestamos, ou, por outra, essa força avaliativa só lhes é atribuída justamente na consideração desses elementos dentro do texto maior, nas suas relações com os demais enunciados, e até nas suas relações com os próprios elementos que entram na produção desse texto.

Essas questões nos levam a tocar, por enquanto somente como uma forma de situar o problema, no questionamento dessas noções de Avaliação (sobretudo), Orientação e Coda que estão sendo usadas nos textos de Labov e nos nossos textos, e, numa decorrência disso, mesmo uma discussão dos estatutos conferidos a esses elementos como estruturadores da narração.

Sobretudo em relação à Avaliação essa questão necessita ser um pouco mais trabalhada porque sem dúvida muitos dos problemas com que nos defrontamos no momento da aplicação do modelo de Labov, se devem à elasticidade desse conceito, às várias nuances sob as quais pode-se considerar

ser um enunciado, avaliativo para um texto, e mais ainda para um texto narrativo. Nessa narrativa que acabamos de analisar por exemplo podemos distinguir três formas de Avaliação conforme se veja a Avaliação por três ângulos distintos em sua natureza: uma avaliação decorrente da própria posição dos enunciados (aquela seção que ocorre mais comumente entre a seção de Complicação e Resolução, mas que pode vir avaliando 'pontos' da narrativa), como se dá nas cláusulas f,h,i,j. Nesses casos há uma avaliação na própria forma de organizar um após os outros os enunciados da narrativa. São avaliativas ainda essas cláusulas, e sobrepondo-se a esse aspecto estrutural e, claro, do qual não se pode dissociar, pela sua atuação junto aos elementos com os quais se relacionam, isto é, a sua apreensão decorre desse sentido de avaliação que elas assumem junto às cláusulas propriamente narrativas. Esse é o caso em que só se pode entendê-la (a avaliação) se consideramos a totalidade de sentido do texto narrativo. E há uma Avaliação marcada explicitamente como nas cláusulas q,r,s, onde o apelo aos interlocutores (vejam só, você...), os verbos no presente, e nesse caso a forte subjetividade marcam tais enunciados como aí sim, explicitamente avaliativos (além é claro, de não sequer serem suscetíveis de aplicação do critério temporal).

Não é fácil portanto, pode-se perceber, estabelecer os limites entre o que é propriamente avaliativo (e sob que pontos de vista), e o que não é: não seria, no momento em que ocorre a narração, a própria escolha de um acontecimento, relato (dentre vários), uma forma de avaliar, se quisermos radicalizar um pouco? Só para efeitos de análise então é que tentamos delinear esse esquema de sua tipologia. Mas sabemos de sua estreiteza

de explicação e das possíveis adjunções de outras formas de avaliação na consideração daqueles que se dediquem ao seu estudo.

A orientação não é tão confusa em sua definição mas oferece também alguns problemas quando se tenta discernir num texto narrativo o que é de Orientação e o que não é. Afora aquelas cláusulas responsáveis pelas informações de tempo, lugar e personagem e quando colocadas no início do texto narrativo facilmente identificáveis como cláusulas de Orientação, nem sempre se pode caracterizar bem numa narrativa uma cláusula de Orientação. Mesmo quando se procede a separação daquelas cláusulas iniciais como de Orientação da Narrativa, levam-se em conta critérios que não diríamos sejam tão compatíveis e coerentes entre si: são cláusulas de Orientação por conterem informações de circunstancialidade ou a respeito dos personagens e seus hábitos, mas são também por virem no início do texto narrativo e por terem conjunto livre de deslocamento. Pelo que se observa nas análises de Labov, um grupo de cláusulas compondo a seção de Orientação da narrativa comporte também cláusulas que fogem um pouco a essa caracterização mais geral de informações de circunstancialidade e surgem cláusulas do tipo da cláusula d de nossa narrativa ('tinha muito rato por lá'), ou ainda f,i,v ('é lá em Paradas(...) isso'). Suponha-se agora que se procedesse a análise dessa narrativa conforme o modelo de Labov. Nesse caso afora o fato de que nada se diria, sobre esse nexos subordinativo subjacente existente entre as cláusulas d e e, a cláusula v por exemplo passaria provavelmente por uma cláusula de Avaliação, levando-se em conta a afirmação de Labov de que quando uma cláusula de Orientação vem em

outros pontos da narrativa ela passa a ser cláusula de Avaliação.

O que não se explica é como essa cláusula y por exemplo, um enunciado com todas as características de cláusula de Orientação, passa a ser classificada como cláusula de Avaliação. Nada é dito sobre a natureza do enunciado, sobre o fato de que essa cláusula realmente comporta uma informação de lugar, como nas cláusulas de Orientação. Como se justificaria então ser ela uma cláusula de Avaliação?

Em nossa análise tal cláusula não se classifica como uma cláusula de Avaliação (apesar do possível deslocamento) mas como uma cláusula de Orientação bem localizada. Suponhamos entretanto que essa cláusula seja considerada como cláusula de Avaliação pelo critério já exposto. Nesse caso o que se faz é atribuir a essa cláusula e em decorrência também de sua posição na narrativa, um valor de avaliação conferido pela estrutura de sentido que só a análise da totalidade do discurso permite detectar. O raciocínio naturalmente poderia estar perfeito mas falta-lhe a alusão no mínimo à natureza orientacional da cláusula. É nesse sentido que o modelo de Labov carece de melhores explicações e se faz necessário estabelecer melhor os limites desses conceitos de Avaliação e Orientação. Trocando em miúdos: quando se trata daquelas cláusulas iniciais as cláusulas são classificadas conforme tanto critérios formais - são cláusulas livres que vêm no início da narrativa, como pelo critério semântico - são cláusulas que dão informações de Orientação. Ora, no caso da nossa cláusula é evidente que se aplica o critério semântico e ela só não será classificada de Orientação por estar noutra posição no texto narrativo. Por que não fa

lar-se de uma superposição, nalguns casos, de funções? E por que não falar-se de uma orientação localizada, isto é de uma orientação que dá informações relativas a um ponto particular do relato sem que se incorra necessariamente em Avaliação? Essas questões não são absolutamente esclarecidas nas análises oferecidas pelos autores e por isso é que dizemos que o modelo carece de maiores explicações no estabelecimento dos limites desses conceitos.

Problemas semelhantes na delimitação de suas características, como já várias vezes ressaltamos, ocorre com a Coda. No caso da nossa narrativa (cláusula hh: 'quer dizer, é verdade que ele pintou por lá porque se não...') por exemplo, podemos interpretar a Coda como acumulando também a função de Avaliação, observável na sua construção sintática: presença de subordinadas condicionais, causais e revelando além disso a forte interferência/inferência do narrador. Sabemos que é Coda efetivamente pois que a cláusula está fora do acontecimento propriamente, formalmente uma cláusula livre e retorna sem dúvida a perspectiva da locução para o momento da enunciação. Mas é inegável também que essa cláusula semanticamente inclusive, oferece todas as chaves para sua interpretação como Avaliativa. Mais uma vez aqui pode-se falar então da superposição de funções. Por que não considerar-se?

Desse pequeno levantamento das marcas formais recorrentes que acabamos de efetuar, observamos que ao lado do tipo de verbo, o aspecto verbal (e na consideração desse, as várias formas sob as quais pode-se dar o aspecto Imperfectivo, marcado pelas diferentes locuções e formas compos

tas do verbo), e mesmo o tempo do verbo (a utilização do Presente do Indicativo, em muitos casos), são elementos ou marcas linguísticas desses enunciados tratados. Além disso, os casos de Negação (que rejeitamos en quanto esquemas puramente de Avaliação), formas sintáticas que fogem ao esquema básico narrativo como o uso de Condicionais e Explicativas, as construções com o conectivo Mas, por si só um artifício com valor avaliativo, e, num outro nível de análise, e consideração da própria função de linguagem explícita que realizando a função fática de Linguagem marca avaliativamente a narrativa, são elementos que nos têm ajudado na caracterização dos enunciados, das funções com que nos temos preocupado nesse estudo.

Vamos agora analisar uma outra narrativa, a número 3 do nosso corpus, já a fornecendo também em cláusulas independentes.

- a- Milton trabalhava em lotação não é,
- b- Então ela contou pra gente a seguinte estória
- c- Milton foi... estava viajando de noite
- d- Fazendo aquela pernoite
- ce- ele somente e o cobrador né,
- f- lotação ou ônibus não me lembro bem.
- g- Aí diz que não tinha ninguém,
- 8h16 O ônibus vazio
- 9i2 aí passou naquele ponto
- 10j1 diz que o ponto cheio de gente
- 11l12 gente que não dava nem pro ônibus inteiro

2m1 aí subiu todo mundo
 12n10 e o cobrador parece que estava na frente nê,
 1o1 subiu todo mundo,
 14p8 aquele (...) gente como quê nê,
 1q0 encheu o ônibus nê,
 0r0 aí foram andando, andando
 0s0 daqui a pouco, que viram prá tras, na certa pro cobra
 dor começar a cobrar, quando ele vira prá trás, não ti
 nha uma alama de pessoa.
 0t0 aí foi aquele susto nê,
 1u0 se assustaram todo
 0v0 e aí se mandaram
 0x0 foram botar o carro na garagem
 0z0 e voltaram prá casa
 0aa0 Não rodaram mais nessa noite.

Há aqui uma grande secção de Orientação com verbos típicos das cláusulas que cumprem essa função nas diversas narrativas. Estamos consi
 derando como secção de Orientação as cláusulas de a até h; só a partir
 da cláusula i tem-se o início do relato do acontecimento propriamente di
 to. O que é dito nesse início do texto se configura como a referência cri
 ada para esse acontecimento singular e único que merece ser contado. Apli
 cando-se o critério da Juntura Temporal, veremos, pelos conjuntos de des
 locamento propostos a esses enunciados, que eles não estão sequenciados
 temporalmente entre si, nem mesmo contêm um par de cláusulas que o este
 jam. À primeira vista pode parecer, contudo, que pelo menos as cláusulas

g, h (aí diz que não tinha ninguém, o ônibus vazio) devam estar ordenadas temporalmente em relação a i: o ônibus estava vazio, passa naquele ponto, sobe todo mundo. Parece inclusive haver alguma relação de causa e efeito entre essas duas cláusulas e as que se seguem. Mais uma vez aqui nos deparamos com problemas semelhantes aos já vistos anteriormente. E repetimos que estas cláusulas embora pareçam à primeira vista estar em Juntura Temporal com a que lhe segue (i), dando-nos inclusive uma relação, no caso, de causa e efeito, elas não fornecem nada mais do que a referência necessária para situar o acontecimento que virá a ser contado em seguida. Além disso, elas dão uma valiosa colaboração para o matiz avaliativo dessa narrativa: o fato de não haver ninguém no ônibus antes do acontecido, e a uma certa altura essa situação ter-se rompido ('passou naquele ponto... subiu todo mundo'), é, digamos, uma forma que a narradora encontra, inclusive pela insistência, de marcar a importância do acontecimento justificando ainda o que se passa depois de algum tempo: o cobrador constata que não há ninguém no ônibus.

Esse tipo de cláusula nos parece, se encontra nos 'limites' entre aquilo que é propriamente descritivo, isto é, dentro daquilo que é ainda descrito e o discurso narrativo, onde se tem propriamente o acontecimento.

A cláusula i: 'aí passou naquele ponto', será a primeira cláusula narrativa, logo em seguida interrompida para dar lugar também a expressões de referência e avaliativas (é uma forma de Avaliação a repetição que se verifica nas cláusulas j, l: 'diz que o ponto cheio de gente nê, gente que não dava nem pro ônibus inteiro'). A próxima cláusula narrati

va considerada é m: 'subiu todo mundo', seguida de três cláusulas que es tamos analisando como não essencialmente narrativas, sendo uma delas, o também a repetição da cláusula m. São elas, n,o,p: 'o cobrador parece que estava na frente nê, subiu todo mundo, aquele... gente como quê!'. Sem dúvida a informação que o narrador deseja passar vem na primeira emissão de tal enunciado (em m) e a segunda cláusula (o), inclusive incluída em meio a cláusulas de referência e avaliativas, não é mais do que uma forma de reiterar (e por aí vem a Avaliação), o fato ou evento particular.⁵ A cláusula o ('subiu todo mundo') tem exatamente a mesma estrutura sintático-semântica das cláusulas narrativas mas por ser repetição, simplesmente, e por sua posição no corpo das cláusulas que constituem este texto narrativo ela deixa de funcionar como narrativa para ser somente avaliativa. As cláusulas n,p são expressões muito claras, sobretudo p, da interferência do narrador sobre o evento, embora n seja uma cláusula com características de Orientação, que, poderia ou deveria estar contida no primeiro grupo de cláusulas livres dessa narrativa. Difícil será detectar os motivos pelos quais ela aparece em tal posição: esquecimento do narrador ou veiculação dessa informação de referência a esse ponto justamente pelo clima de suspense que ela pode obter? O fato é que ela aparece a esse ponto da narrativa e esse fato não pode ser solapado ou esquecido. É esse possível acúmulo de funções que parece carregar essa cláusula que nos faz falar de sua característica de Orientação e considerá-la ao mesmo tempo como Avaliativa. Além do mais, ainda através do critério semântico-interpretativo desses enunciados, dizemos que esse grupo de cláusulas antecede o momento máximo ou o início talvez daquilo que é chamado de Seção de Resolução da

narrativa, exatamente como ocorre nas análises de narrativas efetuadas pelos autores estudados: é o momento de interrupção entre a Complicação e a Resolução onde se localiza mais fortemente a Avaliação. A cláusula q: 'encheu o ônibus', em virtude de ter seu núcleo verbal preenchido por um verbo - encher, que geralmente não admite uma relação sintática onde o sujeito - (pessoas), é ao mesmo tempo agente e paciente' nos parece pode-nos conduzir a conclusões mais precipitadas e mesmo de alguma forma, polêmicas, quanto a sua caracterização, do ponto de vista formal, de cláusula narrativa ou cláusula não narrativa'. 'Encheu o ônibus' pode ser considerado como uma forma perifrástica de 'o ônibus ficou cheio'. Nesse caso, dado o valor aspectual do verbo e sua classificação talvez como verbo de Estado (ao lado de formas como 'ficou um pouco grande') pode-nos levar a sua consideração de cláusula não narrativa como ocorre com, normalmente, as cláusulas que têm em seu núcleo um verbo de ligação. Entretanto, as classificações vistas sobre verbos nos dão tal forma ('ficou cheio ou ficou amarelo, ficou com medo') como sendo ou ocupando o mesmo lugar de verbos ditos normalmente de Ação^{*}: Assim, 'ficar cheio' se coloca como um prosseguimento, havendo portanto a mudança de uma situação para outra: 'o ônibus vazio' de um lado (subiu todo mundo), e o ônibus ficou cheio, de outro, e a permanência desse último estado. Esse raciocínio nos permite caracterizar essa cláusula como uma cláusula de Complicação propriamente dita.⁶

A cláusula s: 'daqui a pouco, que viram prã trás na certa pro cobrador começar a cobrar... alma de pessoa', um período composto cheio de

(*) Ver para isso o trabalho de Dissertação da colega Ana Luisa Amêndola.

formas próprias à linguagem coloquial deveria ser considerada, pelos traços gramaticais que apresenta, como uma cláusula não narrativa. Expliquemos: estivemos até agora considerando cláusulas narrativas aquelas que têm seus núcleos preenchidos por verbos de Ação realizados no Aspecto Perfectivo. O que se tem aqui entretanto é um período verbal composto por subordinação embora interrompido, onde o processo temporal de subordinação é o dominante do ponto de vista narrativo. Dentro do que é proposto por Labov e Waletzky (1967) nas suas descrições formais de narrativas, a nós só devem interessar aquelas cláusulas não subordinadas, onde o critério da Juntura Temporal efetivamente possa se cumprir. Estamos perfeitamente de acordo com essa observação de Labov e por essa razão, torna-se problemático para nós a caracterização de tal cláusula. Por outro lado, observe-se que em muitos casos de linguagem coloquial, em períodos compostos por subordinação temporal, tem-se uma inversão, perfeitamente aceitável, diga-se de passagem, da partícula que indica a relação subordinação de temporalidade entre as duas orações vinculadas. Isso ocorre com alguma frequência em nosso material (não muito visível em nossas explorações mas bastante trabalhado nas análises da colega Ana Luisa Amêndola), e quando acontece procedemos, via análise, a inversão. Aqui entretanto não podemos usar tal artifício para mostrar que há um uso inadequado, do ponto de vista da gramática Normativa, da conjunção Quando, e dessa forma caracterizarmos como subordinada o que na verdade é a oração Principal do período, pois que tal procedimento inclusive implicaria em tornar mesmo o período passível de errôneas ligações semânticas do tipo: '... ele vira prá trás quando não tinha uma alma de pessoa'. Em vista dessas dificuldades nos de

paramos no decorrer de nossas análises com um problema efetivamente a ser solucionado. Observe-se que escantear tal cláusula (s) e considerá-la como não narrativa se tornaria um problema grave em nossas análises. Não se trata aí de expressão de alguma referência/orientação ou da manifestação avaliativa do narrador. O que é expresso na cláusula s efetivamente faz parte do processo dinâmico que se quer recuperar, é um evento na sequência que constitui esse acontecimento recuperado pelo discurso narrativo. Era preciso portanto buscar uma forma de solucionar esse impasse que aparentemente acontecia. Passamos então à análise cuidadosa de cláusulas desse tipo em todo o material que constitui o nosso corpus. A observação mais apurada de cláusulas desse tipo, de maneira sistemática e recorrente, levou-nos a pensar a possibilidade de haver aí nessas construções, e não marcado superficialmente, um verbo do tipo Ver ou Constatar (e nesse sentido), para cuja comprovação nos apoiariamos sobretudo na existência de um sujeito animado, humano, presente na oração subordinada, e ausente na oração principal. Assim, a oração 'quando ele vira prã trás' não faz relação, do ponto de vista do sujeito, e a nível superficial, com o possível sujeito da oração seguinte, oração essa não descrita, absolutamente, como aqueles casos de sujeito indeterminado e/ou inexistente conforme rezam algumas descrições: 'não tinha uma alma de pessoa' é a oração principal que subordina uma outra oração, 'quando ele vira prã trás', e nesse caso, pode-se perfeitamente pensar que o sujeito da oração principal, explicitado na oração subordinada que a antecede 'ele vira', é omitido na 2a. oração, a principal, deixando manifestado somente aquilo que mais convinha, do ponto de vista da função avaliativa da narrativa: a oposição entre 'en

chegou o ônibus' e '... quando ele vira prá trás não tinha uma alma de pessoa'. Estamos propondo então que para cláusulas desse tipo o que se tem é a omissão do verbo Ver ou Constatar possibilitado por um sujeito explicitado na oração subordinada e a que se deve a emergência da oração principal. Assim ficamos com: '... quando ele vira prá trás (ele viu/constatou) que não tinha uma alma de pessoa'.

Os verbos Ver ou Constatar têm, nesse sentido, um estatuto semelhante aos verbos de Ação normalmente classificados, encontrados nas cláusulas de Complicação/Resolução, isto é, aquelas cláusulas que estamos chamando de Essencialmente Narrativas.

Problemas como esse surgem com frequência em nosso material e nem sempre dentro de uma estrutura de subordinação tal qual a que acabamos de ver. Observe-se essa passagem da narrativa 13, já aqui apresentada:

jj então, mas... minha mãe não tinha medo dessas coisas.
11 foi lá junto
mm Quando foi que chegou lá que foi ver... uma galinha.

onde propúnhamos a existência de um verbo desse tipo e do mesmo modo possibilitado pela presença de um sujeito (minha mãe - ela) nas orações (cláusulas) anteriores, que possibilita a emergência daquilo que é expresso, reduzidamente, na parte final da cláusula mm: '(constatou/viu que era) uma galinha'.

Também a narrativa 38 do corpus:

A gente tava em Cuzco né

ia indo prá... ia comprar passagem para Machupichu

Aí tinha um cara tocando flauta, harpa, não sei o quê...

Aí a gente parou prá ver, pra ver como os caras tocavam

X Quando se deu conta o pessoal tinha levado o dinheiro da velha

Tava enrolado num... tava na carteira

Não, levaram a carteira

e junto com a carteira tinha dinheiro enrolado...

Apresenta na cláusula aqui assinalada, um problema desse tipo: a cláusula X é, efetivamente, um evento nessa sequência que constitui todo o acontecimento narrado. No entanto do ponto de vista sintático ela aparentemente escapa aos padrões das cláusulas chamadas narrativas: o núcleo verbal da oração principal, aquela que de fato concorre para a recapitulação do acontecimento, é preenchido por uma forma verbal composta - tinha levado - que, à primeira vista, parece lançar a passagem para um tempo anterior àquele que está sendo narrado. Além do mais há uma aparente repetição de informação na segunda parte da cláusula, na oração principal. Se tentássemos uma paráfrase de tal enunciado poderíamos obter: 'quando percebemos o pessoal tinha levado o dinheiro da velha', o que nada adianta para o impasse colocado. Necessário se faz então aqui a interpretação do enunciado não isoladamente mas considerando o contexto maior no qual ele se encontra e no tipo de discurso que é estruturado aí: o discurso narrativo, onde os eventos se sucedem e naturalmente havendo interligação entre eles. Desse modo foi possível entender tal enunciado como sendo um período composto por subordinação no qual a parte subordinada expressa o momento em que se tem desviada a atenção dos tocadores de flauta para o que se passava ao próprio redor e nesse momento a percepção do roubo já efe

tuado. Teríamos então uma estrutura tal como: 'quando (a gente) se deu conta (quando voltamos a atenção para nós mesmos) percebemos/constatamos que o pessoal tinha levado o dinheiro da velha. Embora não sendo o mesmo verbo proposto para as cláusulas anteriores, o verbo Perceber que passa a preencher assim o verdadeiro núcleo da oração principal apresenta traços semânticos semelhantes senão idênticos aos dos verbos Ver e Constatar propostos acima.

A insistência nesse ponto que aparentemente não deveria ocorrer, visto ser esse tipo de cláusula tratada com muito mais cuidado e rigor no trabalho da colega Ana Luisa Amêndola, se deve ao próprio fato de que só é possível assegurarmos tal caracterização e classificação da cláusula narrativa a enunciados desse tipo quando se tem asseverada, na medida do possível, um mínimo de rigor formal necessário a sua sustentação uma vez que as nossas reflexões em torno à narrativa se dão com base não apenas na interpretação do texto mas na própria estrutura formal em que ele se monta; aliás o propósito na verdade é a busca da interpretação combinada a este modelo formal. Assim, uma cláusula que aparentemente é tida como não narrativa, se configura na verdade como uma cláusula narrativa, inserida no contexto da sequência de eventos recapitulada pelo discurso narrativo. E sem dúvida problemas como esse e outros, só são possíveis de serem abordados quando os consideramos sob um ponto de vista de maior alcance do que o que se consegue na perspectiva da frase.

A narrativa 50 a obtida numa gravação entre pesquisador com um informante apenas, nos vem dar uma comprovação empírica de tudo aquilo que

acabamos de expor e a prova de que de fato a hipótese é válida e compro
vada.

- a Eu deixei o carro estacionado no hotel
- b e subi prá tomar banho, pro apartamento
- c uns 40 minutos depois descí para sair no carro
- d e ví que o carro estva sem a janela de vidro
- e e constatei que tinham levado meus documentos...
- ...

Numa sequência em que é perfeitamente possível as cláusulas d
e e sem a presença dos verbos Ver e Constatar, haja visto as narrativas
aqui apresentadas anteriormente, o narrador os utiliza de forma a efetiva
mente marcar a sua atuação, isto é, o seu papel de sujeito na sequência
emitida: não simplesmente 'o carro estava sem a janela de vidro' e 'tinham
levado meus documentos' (como aparece na narrativa 31 anteriormente vis
ta), mas a explicitação da atuação do sujeito. Os eventos se dão e são
narrados na relação que mantêm com o sujeito, perceptível nas cláusulas
examinadas. É esta forma de relação que tentávamos mostrar antes, e que
efetivamente se dá numa narrativa, queremos dizer num processo discursivo
de narrar. Os fatos não estão lá, como às vezes se dá, em descrições que
servem de Plano de Fundo à narrativa, mas esses eventos, pela forma, es
trutura e semânticidade do discurso, obedecem a uma certa ótica do perso
nagem (e narrador, no caso), a sua efetiva participação.

Compare-se esta narrativa a narrativa 4 vista no capítulo I, e
teçamos então o paralelo: trata-se, agora, de uma narrativa de 3a. pessoa

onde o narrador não toma parte naquilo que é contado.

...

l desceu para trabalhar
m aí abriu a porta do carro
n quando ele ligou, nada, não ligou
o quando ele olhou o carro estava suspenso assim
p não tinha motor

Sobretudo o e p admitem do mesmo modo a inserção do verbo Ver ou do verbo Constatar, tal como se dá na narrativa 50a. O fato de ela ser contada em 3a. pessoa em nada invalida o que é proposto. A relação que se pretende manter aqui entre o sujeito/personagem e o evento contado se dá na mesma forma que numa narrativa de 1a. pessoa: simplesmente o narrador os omite reiteramos, numa tentativa, ao nosso ver, de enfatizar a função avaliativa da narrativa, mesmo dentro de uma cláusula narrativa (vê-se as sim que os 'limites' entre aquilo que é 'avaliativo', constituindo função à parte na estruturação de um texto, e as funções de Complicação e Resolução não são tão claras uma vez que a 'Avaliação' pode ser entendida por um raciocínio muito mais intuitivo do que propriamente formal).

Vamos voltar agora à narrativa 3. Somente a cláusula t nos interessa mais de perto aqui uma vez que ela apresenta uma estrutura diferente das demais: 'aí foi aquele susto'. O verbo Ser realizado no Perfectivo que se encontra no núcleo dessa cláusula nos permite em princípio catalogá-la como uma cláusula narrativa. Mas, como estamos vendo, nada é

tão rígido a ponto de se descartar uma cláusula somente por ela conter tal ou tal outra forma verbal. Necessário se fazem outros critérios. Aqui, o que é expresso na cláusula t é retomado na cláusula u, dessa vez com o uso de um verbo de Ação, e aí sim se tem marcada a sequência temporal necessária à inscrição da cláusula como narrativa: após constatar que não havia ninguém (sabendo-se que o ônibus estivera anteriormente cheio) eles se assustam e vão embora. A cláusula t, por outro lado, sozinha não daria essa dimensão dos eventos e se coloca muito mais como apenas a apreciação do narrador sobre o momento crucial/clímax da narrativa. Na verdade, a cláusula u é que retoma o curso dos eventos recuperados e permite a sequência narrativa e onde a narradora recoloca os personagens na ação que está sendo contada. Por esse motivo, tendemos a ver em t apenas uma cláusula de Avaliação, como a interferência do narrador sobre um momento terminado, embora aparentemente ela carregue consigo uma marca de temporalidade que poderia permitir a sua colocação entre as cláusulas que sofrem Juntura Temporal e portanto narrativas.

A Coda, representada pela cláusula aa, é, semanticamente uma cláusula que apenas explicita uma conclusão quase óbvia do que é dito antes. Ela só reforça uma atitude que já se depreende daquilo que é dito nas cláusulas anteriores. É comum encontrar narrativas com cláusulas desses tipos com seus núcleos verbais preenchidos por verbos de Ação realizados no Perfectivo. É evidente que essa cláusula se encontra separada das demais e que obedece a uma sequência temporal, isto é, o que é expresso nessa cláusula necessariamente se realizaria dentro de um tempo posterior ao momento em que ocorre o evento da última cláusula narrativa z 'e voltaram prá

casa'. Mas isso não significa que essa cláusula aa esteja em Juntura Temporal com essa cláusula narrativa z. Se ocorre alguma Juntura aí ela se dá muito mais como uma forma de organização desse texto narrativo, esta belecendo o que nós estamos chamando de uma Juntura Textural aquela que colabora para a estrutura do texto. Ela cumpre portanto uma função estrutural.

Dessa narrativa gostaríamos de chamar a atenção e trabalhar um pouco mais com as cláusulas de Orientação, aquelas colocadas no início da narrativa até a cláusula h ('o ônibus vazio'). Do ponto de vista das características formais elas não apresentam novidade em relação às já vistas: há verbos de todo o tipo em seus núcleos, formas simples de tempo verbal e locuções verbais, mesmo diferentes expressões de Aspecto Verbal (cláusulas b,a,c). Entretanto há enunciados distintos quanto a sua significação na composição dessa seção de Orientação (como na maioria das seções de Orientação). Comparem-se por exemplo a cláusula a 'ele trabalhava em lotação' com os enunciados c 'Miltom foi... estava viajando de noite' e d '(estava) fazendo aquele pernoite' ou ainda e '(eram) ele somente e o cobrador' e q '(ai diz que) não tinha ninguém'. Todos esses enunciados fazem parte do grupo de cláusulas de Orientação mas queremos chamar a atenção para os diversos 'matizes' de orientação que se percebem dentre esses enunciados. A orientação contida em a por exemplo é distinta de todas as demais: ela nos dá informações da atividade ou do trabalho (função social) do personagem. As demais (exceto nesse caso, b) são referências muito mais condicionadas ou dependentes do acontecimento a ser narrado. Es

sas cláusulas compõem o quadro situacional⁷ onde ocorrerá esse evento particular, descrevendo o plano de fundo da narrativa. Nesse sentido elas funcionam como o antecedente narrativo, a situação a partir da qual desenvolve-se o processo narrativo. Por esse motivo é que percebe-se certa sequência temporal entre o que é expresso nessas cláusulas (c e d) e o acontecimento propriamente dito. Mas na verdade o que se tem é a descrição de uma situação, dos vários elementos componentes dessa situação e relativos aos personagens (incluindo referências propriamente de Personagens como em e). Com efeito, servindo-nos do critério da Juntura Temporal não há como enquadrar por exemplo as cláusulas c, d, g, h num encadeamento temporal pois que essas cláusulas não estão sujeitas a essa ordenação propriamente: ou a 'ação' é interrompida ou ele permanece indeterminadamente.

São cláusulas efetivamente de Orientação na medida em que elas expressam uma situação que descreve um estado de coisas que é perturbado (no caso o ônibus está vazio e em seguida enche). E naturalmente há sempre uma situação, há sempre dados referenciais sobre os quais 'montar-se' um acontecimento (no caso da narrativa) mas que também podem anteceder qualquer expressão linguística e não unicamente o discurso narrativo. As expressões de espaço, tempo, personagens estão vinculadas a qualquer forma linguística que se construa, isto é a qualquer forma discursiva que se adote, que se manifeste. No caso da narrativa essa orientação por vezes se mostra muito mais elaborada, mais detalhada, mais coesa até compondo às vezes verdadeiros blocos semânticos, de descrições: há informações de toda natureza sobre as pessoas que participam do acontecimento, há informações de lugar e tempo e há aquelas informações ligadas propriamente à situação (e ao acontecimento) compondo um real cenário - Milton estava via

jando de noite (eram) ele e o cobrador, (era) lotação ou ônibus, não ti nha ninguém, o ônibus estava vazio. Nesse cenário os personagens se moverão e se terá a emergência do acontecimento. Ainda que antes da primeira cláusula narrativa, haja uma certa dinâmica, um certo movimento, essa di namicidade não é o que recupera o acontecimento: ela só descreve uma si tuação X que vai possibilitar a articulação do discurso propriamente narrativo.

Nesse pequeno grupo de cláusulas de Orientação percebem-se al guns elementos que propriamente compõem um texto descritivo, e efetivamente se tem uma pequena descrição aí também (tal qual na narrativa 14 já vista). Há a introdução de um personagem em seu trabalho, em seguida a apresentação de outro personagem via esse primeiro (o cobrador do ônibus di rigido pelo primeiro personagem), há a apresentação no caso do 'meio' de trabalho (lotação ou ônibus), e por fim as condições que envolviam esses dois personagens em suas tarefas.

Feito isso introduz-se então o próprio acontecimento. Este por sua vez é interrompido em vários pontos para o lançamento de novas cláusulas de Orientação mas que cumprem, sobremaneira, papéis de Avaliação no texto (cláusulas j, l, n, p, t).

Com essa discussão nós pretendemos ter tocado em alguns pontos principais do nosso trabalho: a verdadeira condição desses elementos di tos 'estruturais' da narrativa. É claro, há mil e um problemas a mais a serem resolvidos mas acreditamos que certos detalhes nessas nossas consi derações tenham sido relevantemente discutidos. Outras questões surgirão

em relação a isso no decorrer da exposição e claro muita dúvida há de pairar no final. Mas, esperamos algum esclarecimento também teremos lançado sobre o assunto.

II.2.2 Discussão de alguns esquemas sintáticos em função de Avaliação, considerados como desvios do padrão sintático de uma cláusula narrativa

Vamos abordar agora uma narrativa que numa primeira análise se mostra particularmente difícil no que diz respeito ao exame de suas cláusulas isoladamente, e de sua estrutura. Rica em avaliações, em detalhes de orientação, peculiar mesmo na forma de recuperação do acontecimento, ela nos servirá para trabalharmos mais minuciosamente a forma de organização de um texto narrativo, e os vários esquemas sintáticos encontrados nos textos narrativos. Ainda, numa relação com todos esses fatores, discutiremos um pouco mais as questões relativas às condições de produção do discurso e os diversos elementos que entram na produção desse discurso (o discurso narrativo).

Narrativa 11

- a A gente foi lá prá Central né, Sexta-Feira Santa lá,
- b Então quando foi depois de Sexta-Feira Santa
ele, a gente assou um pouquinho, uma lata de castanha
assim funda né,
- c aí a gente assou as castanhas,

d ele começou a partir a castanha
e e comeu a castanha toda,
f Castanha dá dor de barriga não é!
g (Comeu) a castanha toda.
h Quando foi tarde da noite que ele foi dormir ai deu dor
 de barriga, deu dor de barriga.
i Ai ele foi pro mato porque lá é... lá fora não tem ne
 gócio de sanitário não,
j aí que quando ele tava assim no mato... (truncamento)
l aí o vulto do lobisomem, porque lobisomem a gente não
 vê o vulto dele não
m só vê é o olho
 é aquelas duas tochas assim, sabe,
n você pode estar aqui,
o e ele lá longe ôi
p você só vê aquelas duas tochas!
q Quando você... se você não saber o que é, quando você
 vê ele está em cima de você;
r aí nesse... e ele não sabia,
s ele sabia o que era lobisomem
t mas não viu.
u Ai que quando ele tá muito bem distraído aí o lobiso
 mem veio, suspendeu ele por aqui pelo quarto, jogou lá
 em cima,

v ele aí deu aquele grito,
 deu aquele grito,
 x aí o pai correu prá ver o que era
 z quando chegou lá... tá ele no chão, todo estirado,
 aa quieto sem se bulir,
 bb assombrado,
 assombrado.
 cc E ninguém viu o lobisomem
 dd lobisomem foi embora.
 ee Ai quando ele... o pai pegou ele,
 ff botou dentro de casa e tudo,
 gg depois muito que deu água a ele ele bebeu e tudo por
 muito... que passou e perguntou a ele o que foi,
 rr que ele disse: ah! eu não sei o que foi não
 me pegaram,
 me suspenderam lá em cima
 me jogou no chão.
 ss aí o finado disse: você sabe o que foi isso? Isso foi
 lobisomem.
 Você sabe que aqui tarde da noite tem lobisomem...

A seção de Orientação dessa narrativa é constituída de apenas duas cláusulas ou ainda melhor da cláusula a e de parte da cláusula b (en tão quando foi depois da sexta-feira santa). Em b mesmo tem-se o início da narrativa propriamente dita e de b a i tem-se uma sequência de enunciados narrativos somente interrompido pela cláusula f (castanha dá dor de barri

ga não ê). Essa cláusula f, a cláusula repetida q (comeu toda a castanha') e a repetição em h (deu dor de barriga) são as formas de Avaliação do trecho inicial da narrativa. A partir de j (um truncamento) se dá o início de uma seção de Avaliação, que é definida bem mais em termos da posição que essa seção ocupa no interior do texto narrativo: ela interrompe o ciclo das cláusulas narrativas propriamente ditas. Esse grupo na verdade busca caracterizar melhor o personagem chave da estória contada: o lobisomem, só introduzido a essa altura no relato, e sendo esse o melhor momento para a sua caracterização. Se a narrativa já contivesse desde o início a caracterização desse personagem muito do peso avaliativo que lhe é conferido se teria perdido, se consideramos que a descrição que é dada a esse personagem tem muito a ver com a sua aparição 'em cena', com a sua própria existência, com a forma como ele se 'coloca' para o outro personagem (para as pessoas de modo geral): 'lobisomem a gente não vê o vulto... só vê é o olho, aquelas duas tochas... se você não saber quando você vê ele está em cima de você'. É um trecho que contém características descritivas, com apresentação do 'desconhecido' e as atribuições a esse 'desconhecido' (aí o vulto do lobisomem... porque lobisomem a gente não vê o vulto dele não, só vê é o olho, as duas tochas...'), verbos no Presente (não vê, só vê, é, pode estar) enfim relações sintáticas bastante distintas das relações que se estabelecem entre os componentes de uma cláusula narrativa.

Na verdade esse grupo de cláusulas orienta o ouvinte na medida em que dá informações sobre um personagem e nesse sentido essas cláusulas deveriam ser consideradas como cláusulas de Orientação. Porém, estamos ou

tra vez diante de mais um caso de cláusulas de significação referencial - dão informações de um personagem, mas que cumprem uma função mais intensa de Avaliação: a Orientação a esse ponto da narrativa, acerca de um personagem se dá como uma forma de avaliar, interrompendo a ação, criando o suspense até mesmo pela própria caracterização/descrição do lobisomem, uma entidade que é visível (só vê é o olho) mas ao mesmo tempo difficílimo de contrôle pelo ser humano ('se você não saber o que é, quando você vê, ele está em cima de você').

Esse é um tipo de avaliação que já inclusive classificamos anteriormente quando falávamos de Avaliações definidas pela posição que ocupam no interior da narrativa, isto é, uma avaliação do ponto de vista estrutural. Composto ainda essa seção de Avaliação nós encontramos as três cláusulas subsequentes r, s, t, até que se tem uma outra cláusula narrativa, u ('ai quando ele tá lá muito bem distraído...'). Essas três cláusulas que também estamos chamando de Avaliativas têm entretanto uma natureza diversa daquelas vistas anteriormente. Em r parece ter-se no início, a retomada do acontecimento propriamente dito ('ai nesse...'), mas a narradora a interrompe e enuncia 'e ele não sabia', que de qualquer modo nos dá a idéia de retorno ao acontecimento: 'ele não sabia' na verdade tem o significado de 'ele não percebeu', 'ele não viu' (o verdadeiro 'sabia' sendo realizado na cláusula s). Essas três cláusulas juntas perfazem um esquema avaliativo distinto da avaliação vista mas é também encontrado com frequência nos textos que compõem o nosso corpus. Vamos tentar expor com clareza como se monta esse jogo ou como estamos inferindo que se monta esse jogo de Avaliação. Quando a narradora enuncia r ela parece efetivamen

te marcar o retorno ao acontecimento, ou ao menos percebe-se que ela sai do plano de 'descrição' anterior. A cláusula r, como s e t, apresentam formas de Imperfectivo (no caso de r,s), em seus núcleos e palavras negativas (r,t). Além disso t é um enunciado introduzido pela conjunção adversativa Mas que como já vimos faz marcar, independentemente do tipo de cláusula que ela introduza, sempre uma forma avaliativa.

Tentando-se estabelecer os conjuntos de deslocamento para essas cláusulas pelo critério da Juntura Temporal, deparamo-nos com problemas talvez de natureza semântica: suponhamos que i ('ai ele foi pro mato...') seja a última cláusula narrativa completamente realizada. Devemos perguntar então se r está ou não ordenada em relação a essa cláusula i. E percebemos que de fato r só pode realizar-se a essa altura da narrativa (algo como 'ele foi pro mato... e não viu (o lobisomem)), e nesse caso devemos aceitar a repetição de r em t. Em outras palavras ela não pode sofrer deslocamento nem para antes nem para depois. E aí surge um problema: o personagem efetivamente não viu o lobisomem, logo não ocorre uma ação (ainda que se diga que essa ação é involuntária em virtude do verbo que ocupa o seu núcleo), embora a narradora exponha o enunciado com a força de um Perfectivo, isto é de um completamento da ação. Diferentemente do que ocorre ao enunciado contendo Não visto na narrativa 14, (cláusula 1: 'a mãe não foi de acordo'), onde o Não de 'não foi de acordo' esconde uma ação propriamente (ela discordou) e que encadeia o processo narrativo (a sequência de cláusulas essencialmente narrativas), em nosso texto o enunciado contendo Não (e apesar do perfectivo viu) por não ser veiculador de qualquer ação mas apenas um enunciado quase comparativo estabelecido pela

narradora (comparativo em relação ao que 'deveria/poderia' ter ocorrido: ver o lobisomem), tal enunciado não se presta a qualquer aplicação do critério da Juntura Temporal. Como se proceder no caso o ajustamento de ordenação temporal entre os eventos que as cláusulas devem estar recuperando (e, inferimos, na ordem em que de fato ocorreram), se uma dessas cláusulas não expressa evento algum, mas marca, pela negação de uma possível ação, muito mais a expressão avaliativa do narrador? O que parece ocorrer é que o não deslocamento da cláusula não é possível em virtude do prejuízo que se teria para a organização do texto, para a sua estrutura, mas não em prejuízo do entendimento da recuperação do acontecimento propriamente dito, o que se daria no caso de ser uma cláusula narrativa. É um tipo de Juntura que nós estamos chamando de Juntura Textual essa que se estabelece entre esses enunciados, e do qual já havíamos falado quando discutimos problemas referentes à Coda.

Entre esses dois enunciados r,t aparece um enunciado s ('ele sabia o que era lobisomem') não propriamente avaliativo se o consideramos isoladamente. Ele pode até ser considerado como uma cláusula de informação do tipo de Orientação. Mas ele compõe com o enunciado seguinte t ('mas não viu'), um esquema sintático que nós estamos interpretando como um esquema avaliativo. Quando o narrador enuncia s em princípio ele tenta restituir ao verbo 'saber' um significado mais próprio a esse lexema (o significado de conhecer: conhecia a descrição do lobisomem - sabia de sua caracterização física), que ele havia de certa forma repudiado em r quando enuncia 'ele não sabia' por 'ele não tinha percebido (o lobisomem)' ou 'ele não viu', como já aventamos. Feito isso, isto é, colocar para o seu

interlocutor o conhecimento do personagem sobre o lobisomem, ele enuncia t, fazendo estabelecer entre esses enunciados (s,t) uma relação que a gramática tradicional chama de relação adversativa, marcada pela conjunção Mas. Tal conjunção, juntamente ao enunciado negativo (e isso é importante) que introduz, permite agrupar esses dois enunciados e fazer deles um esquema avaliativo da narrativa. Vejamos como estamos entendendo esse esquema: ao enunciado s (ele sabia o que era lobisomem) deve-se sobrepor uma segunda leitura, uma leitura que funcionaria a nível do implícito (no caso, só perceptível a nível do discurso) e que se poderia talvez chamar de Pressuposto, como já adiantamos. Esse pressuposto acresceria ao enunciado uma significação de 'a possibilidade de o personagem perceber (ter percebido) o lobisomem (uma vez que ele sabia como se dava a aparição do lobisomem)'. Evidentemente essa 'leitura' só é possível a nível do texto, e ela não se coloca como uma forma já marcada de implícito: ela o é na aceção do narrador, ela o é na possibilidade conferida pela experiência do indivíduo, desse falante/narrador. Dai a dificuldade em se apreender, e mais, talvez, em aceitar tal idéia. Mas existe um mas ligando esses enunciados e acreditamos que a sua compreensão só é possível se admitimos uma segunda significação desse primeiro enunciado s, (ou só se admite o Mas quando se compreende essa segunda leitura). O papel do Mas aí é marcar que existe uma segunda leitura desse tipo e isso é feito introduzindo-se um enunciado que veicula a negação desse pressuposto, isto é nega a expressão do pressuposto. Ter-se-ia então uma estrutura como: ele sabia o que era lobisomem (ele conhecia), deveria então ter percebido a presença do lobisomem. Deu-se que ele não percebeu, ele não viu então (o lobisomem).

O que estamos caracterizando como pressuposto seria algo como uma expectativa do falante/narrador e que ele supõe seja igualmente compartilhada pelo seu interlocutor. O enunciado com Mas vem explicitar a negação de tal expectativa, e nesse caso, o jogo avaliativo se faz em combinação com a expressão da 'não realização da ação' do enunciado contendo o Mas.

Vejamos em outras narrativas como funcionam esses esquemas de Negativas e Mas, isolados ou combinados.

(narrativa 10 (b))

n	Quando foi nesse dia o marido chegou entrou,
X o	ela não viu
p	ela tava na cozinha
X q	não viu ele.
r	quando ela tava assim no fogão fazendo café quando ela viu foi o marido,
s	disse: oh, você...

As duas cláusulas assinaladas, embora não possam ser deslocadas de sua posição para outros pontos da narrativa, elas não estão marcadas temporalmente. Seus núcleos preenchidos por verbos de Ação (no caso o verbo 'ver') e realizados no Perfectivo dando uma idéia de completamento da ação verbal, nos conduzem a sua interpretação como cláusulas ordenadas temporalmente uma vez que elas não podem ser deslocadas nem para antes nem para depois. Por outro lado, intuitivamente não podemos computar essas cláusulas sob o critério da Juntura Temporal posto que elas expressam a

'não realização da ação' e sua colocação aí se dá justamente na relação, tecida pelo narrador, com a ação que deveria ter ocorrido a esse momento. Pensamos então que o Perfectivo cumpre a função de marcar o lugar onde efetivamente deveria dar-se o evento no corpo da narrativa, ou melhor no corpo das cláusulas essencialmente narrativas, caso tivesse acontecido. Assim, se ocorresse então 'olhar' deveria ter ocorrido a esse ponto e não em outro qualquer da narrativa. Em outras palavras, o deslocamento é in compreensível ainda que numa cláusula de 'não realização da ação' justa mente porque essa cláusula é estabelecida numa relação com o seu contrá rio que seria 'ela viu o marido'. É exatamente nessa relação entre a 'ação que deveria/poderia ter ocorrido' e a 'não realização da ação' expressa pelo narrador, que se monta um esquema de Avaliação muito frequente em nos sas narrativas.

A locução de enunciados desse tipo evidentemente se coloca muito mais como expressões avaliativas do narrador, dependentes inclusive do seu modo de 'concepção' ou de sua experiência. Naturalmente que não são esquemas encontrados em todas as seções de Avaliação, sistematicamente.

São diferentes em certos pontos, no que diz respeito ao seu fun cionamento, esses mecanismos daqueles vistos anteriormente (enunciados com Mas), mas permanece naqueles uma mesma idéia de 'algo' que poderia/deve ria ter ocorrido e não ocorreu. E a expressão disso é marcada lá ainda pe lo uso da conjunção Mas.

Vejamos ainda outros exemplos desses 'comparadores', nome dado por Labov a esse tipo de esquemas sintáticos de Avaliação desviantes do

padrão narrativo.

Na mesma narrativa:

jj ai ela foi: fechou a porta da rua
X 11 não olhou a casa nem coisa nenhuma
mm fechou a porta da rua

ou ainda

Narrativa 47

i a gente só viu que saímos os três juntos numa carreira
 tão grande...
j minha casa era mais perto
l nós demos uma trombada tão grande na parte de baixo
 da porta assim que nós arregaçamos a dobradiça da por_
 ta assim, sabe,
X m nós nem bateu na porta
n nós deu uma peitada os três juntos,
 ...

Também aqui as cláusulas assinaladas deveriam estar ordenadas: o primeiro dentro do grupo de cláusulas coordenadas-narrativas, e no segundo na verdade em lugar da cláusula 1. Em ambos percebe-se, nesse caso ainda mais marcada a comparação entre o que deveria/poderia ter ocorrido - olhar a casa (verificar se havia alguém dentro) e bater à porta e o que de fato ocorreu: somente fechou a porta da rua e deu uma trombada na porta (empurrou com o peito).

São mecanismos de Avaliação compreendidos na sua relação com o que o narrador supõe como verdadeiras justificativas para o acontecido. No primeiro caso a não averiguação da casa leva, posteriormente, ao susto maior da 'surpresa' terror de um ladrão em casa, e no segundo, numa apreciação do já acontecido, a intensidade do medo leva à ação violenta de empurrar a porta e levantar a dobradiça.

Vejamos agora esses exemplos comparando-os ao que ocorre na narrativa 50 (b).

f Mas acontece que eu tava sem a roupa apropriada, que
era um smoking,

...

i então o cara não deixou eu entrar.

Pode-se até postular aqui uma relação de subordinação causal subjacente que nos daria a construção: 'mas acontece que (como) eu tava sem a roupa apropriada, que era um smoking, então o cara não deixou eu entrar'. Essa relação como já vimos superficializa uma estrutura sintática do tipo: 'mas o cara não deixou eu entrar porque eu tava sem a roupa apropriada, que era um smoking', que configura o Mas introduzindo um enunciado contendo um Não.

Abandonemos um pouco o papel do Mas e vejamos como podemos estabelecer uma relação entre esse enunciado contendo o Não e os demais que acabamos de ver.

Da mesma forma que na narrativa 14 (cláusula h 'lá um belo dia o filho resolveu casar...', cláusula l 'a mãe realmente não foi de acor

do') onde postulávamos uma paráfrase como 'discordou' para a cláusula 1, paráfrase essa que mostraria a ação/reação da mãe, aqui também é possível parafrasear-se a locução verbal 'não deixou eu entrar' por uma expressão marcada por traços de ação, traços esses apenas implícitos na expressão contendo a negativa. Poderíamos usar por exemplo 'impediu-me a entrada' ou talvez ainda 'barrou-me a entrada', que elucidaria mais facilmente a conotação de ação até talvez física que o enunciado deixa entrever.

Distintamente dos enunciados contendo Negativas nas narrativas vistas anteriormente (narrativas 10b, 47), essas duas cláusulas (das narrativas 50 b e 14) estão efetivamente separadas por Juntura Temporal das cláusulas narrativas antecedentes e seguintes, pois que não se trata aí de possíveis ocorrências (eventos) mas de uma ação que foi realizada (assim a narração faz compreender).

Uma das formas que encontramos para marcar a distinção entre esses tipos de enunciados (os avaliativos e os essencialmente narrativos) é tentar então a paráfrase da locução verbal. Embora sendo raros esses casos em nosso corpus de expressões verbais com partícula negativa, com valor essencialmente narrativo, elas efetivamente aparecem e neles verificamos a possibilidade de substituição dessas locuções verbais por uma paráfrase verbal da qual não se teria qualquer dúvida quanto à ação/evento que elas realmente veiculam.

A constatação desses dois modos de ocorrências de núcleos de cláusulas com partículas Negativas é o que nos leva a repensar a classificação de Labov no tocante aos esquemas sintáticos, e aqui (mais explici

tamente, à consideração do uso da partícula negativa, como desvios de uma sintaxe narrativa padrão que veiculam pura e simples Avaliação: há elementos da ordem dos eventos que vêm expressos nas cláusulas com negação mas que não estabelecem precisamente uma oposição com uma ação que deveria/poderia ocorrer, e há enunciados contendo Negação que vêm expressando a 'não realização da ação' em oposição ao que deveria ter ocorrido.

Interpretações mais apuradas até poderiam vislumbrar traços de Avaliação na própria escolha e combinação do léxico, em cláusulas como 'não deixou eu entrar', em contraposição à forma paralela 'barrou-me a entrada'. Entretanto, embora admitindo a idéia, percebemos que interpretações tão sutis poderiam nos levar a conversações sem fim, sem conclusão: não seria lícito também, pensar que 'barrou' é uma forma marcada avaliativamente? E por ía seguiríamos.

Para efeitos de análise portanto, estabelecemos dois esquemas do uso do Não (negativas) nas narrativas, e com base na análise desse corpus, um deles constituidor de cláusulas essencialmente narrativas, e outro integrando aquela seção mais diretamente dependente do narrador, da sua interferência/avaliação sobre o que ele conta (ele é quem procede as devidas comparações entre o evento real e o que deveria/poderia ter ocorrido (o evento possível), e supõe ainda que essa comparação estabelecida por ele seja referendada, na medida em que compartilhada, pelo seu interlocutor).

A conjunção Mas, no caso específico que estamos analisando (nar. 50 b), aparece superficialmente encabeçando um enunciado livre. A análise

sintática da construção subordinada subjacente suposta (a partir do texto) revela a verdadeira ligação do Mas ao enunciado i, preso narrativamente.

Do mesmo modo que nos casos das cláusulas não narrativas. O Mas também faz constituir aqui um esquema avaliativo relacionando o enunciado não narrativo 'e queria entrar' (numa festa de formatura) ao enunciado '(mas) o cara não deixou eu entrar (porque eu estava sem a roupa apropriada)'. Nesse caso o Mas introduz o enunciado que expressa uma ação contrária à expectativa. A conjunção Mas marca que havia um pressuposto e que a idéia contida nesse pressuposto é contrariada por uma outra ação: 'eu queria entrar na festa' - deveria ter livre entrada na festa - o porteiro não deixou eu entrar (barrou-me a entrada).

No caso dos enunciados narrativos introduzidos pela conjunção Mas a forma avaliativa vem através do uso dessa conjunção. Através do Mas o narrador marca uma significação implícita e além disso expressa, pelo enunciado introduzido pela conjunção, a contrariedade à idéia contida nessa significação implícita. O jogo avaliativo se articula a partir do narrador, isto é, pelas concepções do narrador sobre um determinado tópico, por sua experiência linguística e por sua suposição de que essa concepção é compartilhada igualmente por seu interlocutor. A possibilidade de articular enunciados relacionando-os através de um Mas se dá com grande intensidade por interferência do narrador (embora haja um certo limite nessas possibilidades combinatórias, sob o risco de não se observando tais limites, criarem-se relações de significação no mínimo estranhas ao repertório

rio do interlocutor, dificultando a compreensão), e é por isso que nós creditamos a esses esquemas um valor avaliativo.

Nos enunciados não narrativos contendo Não e introduzidos pela conjunção Mas, sobrepõem-se dois esquemas avaliativos que se associam formando um terceiro: um esquema conferido pelo uso do Mas, estabelecendo a relação adversativa, e um esquema de avaliação conferido pela comparação entre uma ação possível (que está a nível da significação implícita) e a explicitação da 'não realização da ação'. Em enunciados assim complexos o Mas não somente marca que deve haver uma leitura a mais, isto é aquela da significação implícita, o que estamos chamando de um pressuposto ou uma expectativa, conforme se ressalte o papel dos interlocutores, mas também introduz o enunciado que, nesse caso, explicita a negação da ação contida na significação do implícito. Veja-se a narrativa 17:

No gabinete eu peguei a máquina

trouxe para a sala

e fui bater

X aí observei que alguém pos a cabeça assim na janela nê,

mas não não olhei

quando eu levantei assim não vi mais ninguém

O enunciado assinalado marca a negação de uma expectativa conferida pela articulação desse enunciado ao anterior. O conjunto das duas cláusulas observa uma ação propriamente e a 'não realização da ação' trabalhada a nível de uma significação implícita do tipo: deveria ter olhado. O que se tem na cláusula assinalada não é uma ação qualquer contrária

àquela que está contida na significação implícita (como ocorre aos enunciados narrativos com Mas), mas é a 'não realização da ação' (não o fiz). Ocorre então a não realização da expectativa (e nesse sentido a negação da expectativa).

Vejamos agora uma outra narrativa que apresenta a conjunção Mas introduzindo um enunciado Não Narrativo sem qualquer partícula negativa.

(narrativa 7)

- hh ela falou assim: mas como Vânia, você...
- ii Eu falei: mas e a criança que está ali?
- mm Ela falou: não tem criança nenhuma!
- ...
- oo Eu cheguei lá,
- pp quando eu puxei o lençol não tinha nada.
- X qq Mas eu tinha visto a cebecinha de uma criança assim
 de cabelinho preto
- rr quando eu falei isso prã ela...

O enunciado contendo Mas distingue-se dos demais vistos já mesmo pela forma verbal que preenche o seu núcleo. Marcado linguisticamente pelo Mais que Perfeito Composto, esse enunciado já se coloca como um antecedente não importando o lugar em que ele apareça na narrativa. Caracterizada como um antecedente narrativo essa cláusula não sofre a aplicação do critério da Juntura Temporal visto que ela não ira concorrer diretamente para a recuperação do acontecimento que o narrador escolhe como pertencente ao primeiro plano da narrativa. Nesse sentido ela é considerada co

mo uma cláusula livre, o que nos leva a dizer que se trata de uma cláusula não narrativa. Resta saber qual é a sua função e a esse ponto da narrativa⁸.

Novamente o Mas aparece aqui atuando avaliativamente jogando com uma expectativa que nesse caso até se transforma no ponto clímax da narrativa: o momento em que todo o impasse criado antes parece desfazer-se, quando a narradora puxa o lençol e vê que não há criança alguma. Nesse sentido pode-se falar de uma expectativa não realizada.

Segundo Carlos Vogt e O. Ducrot no artigo 'De magis à mais: une hypothèse sémantique',⁹ uma análise que pode dar-se à conjunção Mas do Português fundamenta-se no jogo de argumentação que essa partícula permite estabelecer relacionando dois enunciados entre si. Sem entrarmos em detalhes nas considerações desse estudo, e só destacando aqui o que nos interessa para nossas reflexões, vejamos como esses autores consideram o tipo de relação que se estabelece entre dois enunciados ligados pela conjunção Mas. Segundo essa análise A mas B é uma relação semântica em que se tem a manutenção de A, isto é, A não é negado mas B é o argumento forte para uma certa conclusão r¹⁰. Sem dar os refinamentos da análise, o que se teria nessa relação A mas B, é que ao dizer-se 'mas B', retiramos de A aquela força argumentativa em direção a uma conclusão, logo o enfraquecemos mas não o negamos. E a B empresta-se o maior valor argumentativo para a conclusão r.

A interpretação semântica da narrativa, por outro lado, nos faz

intuir uma certa estrutura de Avaliação apreendida na compreensão da totalidade de sentido do texto. Essa estrutura talvez fique melhor explicada quando tentamos aplicar a análise do Mas que esses autores citados apresentam.

A narradora informa já antes, em ii, que ela vê uma criança deitada na cama. Esse é um dado que serve para a compreensão dessa estrutura de Avaliação. Em pp tem-se uma afirmação: 'quando puxei o lençol (vi/constatei que) não tinha nada'. Com essa afirmação ter-se-ia a destruição do que seria o motivo mesmo pelo qual a estória é contada, o fato inaudito de se ter a visão de uma criança onde ela não existia. O enunciado pp seria então o argumento para uma conclusão tal como 'houve um engano'. Com a introdução do Mas encabeçando o enunciado seguinte qq, estabelece-se a relação A mas B, essa relação faz permanecer A, isto é não nega A, mas estabelece B como verdadeiro argumento para a conclusão - r ('não se conclua precipitadamente que houve um engano mas de fato um fenômeno no mínimo estranho, pois que 'eu tinha visto a cabecinha de uma criança').

A estrutura argumentativa que aí se esboça nessa relação adversativa se explica (e se justifica) na parte final do texto. O que chamamos de parte final cumpriria a função de Coda referente a essa primeira seção de Complicação e Resolução encerrada à altura da cláusula ss. Dessa cláusula em diante tem-se uma série de cláusulas ordenadas temporalmente lingüisticamente marcadas como antecedentes ao acontecimento narrado, tal como se pode observar nas cláusulas ss,uu o uso de Mais que Perfeito composto tinha estado, tinha falado. Essas formas no Mais que Perfeito repõem o que

poderia parecer estar em Juntura Temporal com as cláusulas narrativas antecedentes ao seu lugar na sequência temporal, isto é, antes do acontecimento, e a narradora explicita a anterioridade marcando as cláusulas como verbo no Mais que Perfeito. É na Coda então que se tem consolidada essa estrutura argumentativa esboçada nos enunciados considerados: na Coda revela-se um fato relevante na consideração de fenômenos do tipo visto, qual seja, a percepção por um indivíduo dotado de qualidades mediúnicas do espírito de uma criança naquela casa. E mais que isso, revela-se a coincidência das duas apreensões ou percepções mediúnicas num mesmo dia.

O que estamos chamando de estrutura de argumentação é o que nos parece constituir um dos traços da Avaliação dessa narrativa. Todo esse jogo de argumentação é montado com vistas a tornar mais relevante o ponto central da estória narrada: a percepção mediúnica ocorrendo em duas pessoas, inclusive o narrador, num mesmo dia.

Se falamos em termos de Pressuposto acreditamos também ser possível aceitar a análise que preconize para o enunciado pp uma significação inferida como 'foi tudo um engano' e qq não exatamente nega essa idéia mas reconsidera fortemente o próprio enunciado pp, que diz com outras palabras: 'quando eu puxei o lençol (eu vi que) não tinha nada = não havia criança alguma = não vi (naquele momento) criança alguma. Com o enunciado qq a narradora parece querer induzir a uma conclusão contrária àquela pressuposta em pp (houve um engano) e isso se faz através da reconsideração pela negação do que é expresso na parte principal da cláusula pp: não tinha nada = não vi criança alguma deitada ali naquele momento. Daí ter-se em

qq: 'mas eu tinha visto uma...' (= eu vi).

Vamos ver agora um exemplo de cláusula introduzida por Mas, tendo sido considerada como Narrativa e que não contém em seu núcleo uma partícula negativa. (narrativa 21 a)

...

		deu <u>queixa</u> na polícia
	x	e conseguiram pegar o carro
		mas o carro com um cara dentro
	y	e conseguiram algumas coisas que estavam dentro do
		carro
X	z	mas o cara disse que... ele deu carona aos que ele não
		tinha nada a ver com o roubo.

Embora se tendo aqui uma cláusula narrativa, ordenada e com verbo no Perfectivo, o Mas faz estabelecer um jogo avaliativo/argumentativo do mesmo tipo do que foi visto anteriormente.

A expectativa criada em x,y é retomada em z, e de certa forma é negada: não se conclua que conseguiram reaver tudo o que os ladrões roubaram pois que o cara que estava no carro disse que não havia roubado nada, que 'nada tinha a ver com o roubo'.

Ocorre aqui que a expectativa é rompida pelos próprios eventos, no caso a fala de um dos personagens, da mesma forma que na narrativa 50 e na narrativa 14, a expectativa é frustrada pelos próprios eventos: o porteiro impediu a entrada, a mãe discordou. No caso das cláusulas não narrativas o Mas estabelece a relação entre um enunciado com sua signifi

cação implícita e a negação desse implícito numa estrutura que ele espera seja referendada pelo seu interlocutor. Daí a tonalidade avaliativa que lhe estamos conferindo. Como uma cláusula pode ser não narrativa por distintos critérios além do critério da Juntura Temporal¹ dão-se às vezes casos como o da narrativa 7, que configura um evento antecedente (mas não narrativo, por essa mesma razão) ou outros casos como da narrativa 17, onde se tem no enunciado introduzido por Mas, a expressão da 'não realização da ação' (ai manifestada para estabelecer uma comparação, daí a avaliação com uma ação afirmativa que 'deveria' ocorrer).

Nas cláusulas narrativas introduzidas por Mas a conjunção atua avaliativamente como estamos dizendo porque a relação de adversidade que ela estabelece se configura muito mais como uma impressão do narrador sobre o evento na medida em que é o narrador quem está supondo naquele momento uma certa conclusão (ou expectativa) e que além disso essa expectativa seja compactuada também por seu parceiro de interlocução, referendando a relação adversativa.

Vamos voltar agora à narrativa 11, ponto de partida para toda essa discussão em torno a esses esquemas avaliativos de Negativas e conjunção adversativa Mas, trabalhadas em conjunto ou isoladamente.

Continuando a destrinchar a narrativa, isto é, o texto narrativo, retomemos a cláusula u (ai que quando ele tã muito bem distraído, ai o lobisomem veio, suspendeu ele por aqui pelo quarto, jogou lá em cima), a cláusula narrativa que dá continuidade a essa seção de complicação. Em cc,dd essa seção de Complicação parece findar-se, sendo cc e dd cláusulas

não ordenadas temporalmente: elas podem vir antes ou depois das cláusulas narrativas z e ee. Essas cláusulas parecem encerrar a narrativa, tendo aparentemente, talvez, a função de Coda. Entretanto as cláusulas que a elas se seguem são uma continuação do acontecimento iniciado antes e entre as cláusulas z e ee verifica-se uma juntura temporal, dando continuidade à recuperação do acontecimento, que efetivamente é encerrado na cláusula ss. Assim o que antes supúnhamos ser o início da Coda em cc, dd na verdade se apresenta como uma pequena seção que interrompe a seção de Complicação.

A idéia que se tem de que cc e dd constituiriam a Coda se dá, num primeiro exame do texto, em virtude de 1º) não se ter nas cláusulas cc e dd características de cláusulas avaliativas (como e o quê estariam avaliando?) daquele tipo encontrado entre a seção de Complicação e Resolução, e tampouco se mostrarem como cláusulas típicas de Orientação, e 2º) o fato de que as cláusulas que se seguem a cc, dd parecem constituir uma 2a. parte do relato, explicitando-se nela o que havia ocorrido antes: o que aconteceu ao personagem, e conforme o seu relato a explicação do pai de que havia sido o lobisomem.

Não pelo tipo de enunciado mas pela função que elas cumpririam cc e dd não se sustentam enquanto cláusulas avaliativas pois que, a partir da compreensão do texto, não parece ser preocupação da narradora questionar, marcando a ausência, a existência do lobisomem. Para a narradora essa questão não se coloca. Essas cláusulas também não parecem funcionar como aquelas cláusulas de Orientação (que dão informações de lugar, tempo

ou personagem) que vez por outra aparecem em posições não iniciais na narrativa. Por outro lado cc e dd mostram-se como cláusulas livres ou de conjunto de deslocamento pelo menos restrito, sendo dd inclusive uma forma camuflada de antecedência.

Descartadas as possibilidades de cláusulas de Orientação ou de Avaliação, e considerando-se o 2º fator antes discutido, tendíamos em ver em cc e dd cláusulas da Coda (perfeitamente possível do ponto de vista da estrutura linguística dos enunciados e de seus conjuntos de deslocamentos).

O fato de se ver nas cláusulas ee/ss uma outra sequência narrativa fundamentando-se na idéia de que elas comporiam um bloco semântico coeso de explicação do que ocorrera nos parece porém extraído ou deduzido muito mais de nossas próprias impressões a respeito do assunto dessa natureza (lobisomem) e baseado numa posição crítica em relação à existência do lobisomem. E de certa forma refletíamos essa preocupação quando pensávamos essas cláusulas como explicativas de alguma coisa. Na realidade a narrativa nos dá apenas uma série de eventos, com Complicação e Resolução, avaliando o que acha e quando acha que deve avaliar (como nas cláusulas l/t e aa,bb). Esse é seu texto, com o que se convencionou chamar de começo, meio e fim.

Resta-nos entretanto, com essa nova análise, explicar afinal a função de cc e dd, agora não mais Coda, pois que erroneamente supunha-se ser ali o final de um ciclo de cláusulas narrativas.

A cláusula dd (lobisomem foi embora) conforme o sentido dado no texto, permite a substituição da forma verbal de Perfectivo do seu núcleo por um Mais que Perfeito composto, por exemplo, que aparece com bastante frequência quando se quer marcar uma anterioridade (como parece ser no caso). Teríamos então 'lobisomem tinha ido embora' e ficaríamos com a sequência de enunciados 'e ninguém viu o lobisomem', 'lobisomem tinha ido embora'.

Esses enunciados juntos nos permitem pensar, a princípio, numa relação de justificativa tal como 'ninguém viu o lobisomem (pois) lobisomem tinha ido embora'. O enunciado 'ninguém viu' por outro lado equivale a 'não se viu o lobisomem', marcando melhor a 'não realização da ação'; e nesse caso cairíamos de novo naquele tipo de enunciado examinado anteriormente. Aqui entretanto não nos parece ser o caso de uma comparação com uma ação possível: não se tem a idéia implícita de 'alguém dever ter visto o lobisomem' (isso inclusive acarretaria prejuízo para o entendimento da organização do texto, no que diz respeito às suas últimas cláusulas).

Esse enunciado 'não se viu o lobisomem' seguido de 'lobisomem tinha ido embora' (sugerindo um 'pois' justificativo entre ambos), busca na verdade, e de forma muito peculiar, alertar o ouvinte para a nova situação criada e que acolhe o pai: o momento após a 'saída' de cena do lobisomem, personagem antes presente conforme ela, a narradora, nos afiançara.

Considerando-se então o ponto em que aparecem essas cláusulas - o momento após o susto e quando surge um novo personagem - o pai, e considerando-se além disso a possibilidade de deslocamento dessas cláusulas,

acreditamos ser viável a hipótese de que essas cláusulas estejam em realidade cumprindo uma função de Orientação na narrativa, mais especificamente aquela orientação de composição do 'novo quadro da situação', no momento em que o pai chega para socorrer o filho. Os enunciados cc e dd teriam então a leitura: 'o lobisomem não estava mais lá, o lobisomem tinha ido embora'.

Esse 'novo' dado da situação - fornecido pela narradora, é importante para a consideração sobretudo da última cláusula, quando o 'finado' diz: 'você sabe o que foi isso? Isso foi lobisomem...'. Esses enunciados (cc,dd) se articulam com o que é expresso na última cláusula, quando o 'finado' deduz o que havia ocorrido - a presença do lobisomem, a partir do relato do filho.

Por aí vemos como numa narrativa, isto é na totalidade discursiva emitida por um narrador, os enunciados se articulam e se organizam para dar a significação. Elementos aparentemente desloados quando observados numa primeira leitura, verificam verdadeiras ligações semânticas com outros elementos do texto, às vezes colocados em pontos bem distantes, e é através dessas ligações que se procedem então à organização e coesão do texto.

Convém lembrar aqui, todavia, que estudando esses mecanismos de organização e coesão, nós estamos trabalhando com os elementos concorrentes para a formação do texto, e nesse caso para o texto narrativo ou para a Narrativa, como se costuma chamar a essa totalidade discursiva.

Dos enunciados uu em diante a narrativa flui em cláusulas narrativas até o seu final, sem outras 'interrupções' de Avaliação ou Orientação. E conclui sem o espaço da Coda - a narradora dá por terminada a sua narrativa ao final do acontecimento, sem tecer comentários sobre o que contara, como ocorre às vezes, e mesmo sem se preocupar em trazer a perspectiva de locução para o momento presente - a finalidade maior da Coda.

II.2.3 Aspecto e tempo verbal nas formas temporais encontradas nos núcleos das cláusulas não narrativas.

De seção propriamente de Orientação nós só temos a cláusula a ('a gente foi lá prá Central, passar Sexta-Feira Santa lá), e parte da cláusula b ('quando foi depois da Sexta-Feira Santa...'). A cláusula a distingue-se da parte orientacional de b por ter a forma de um evento antecedente ao acontecimento ao passo que b é daquela orientação mais geral de tempo da ação narrativa. A cláusula b marca no tempo quando se dá propriamente o início do processo narrativo, isto é de ocorrência do acontecimento enquanto a expressa um evento que o antecede. Esse tipo de cláusula (a) parece por vezes estar ordenada em relação à primeira cláusula narrativa (nesse texto, a cláusula b), uma vez que de fato o que ela expressa ocorre antes do que é expresso na primeira cláusula narrativa, está num tempo anterior ao tempo definido em b. Isso nos poderia conduzir a classificá-la como cláusula narrativa, isto é, como cláusula participante daquilo que o narrador constituiu como primeiro plano da narrativa. Entretanto quando se trabalha com a ordenação temporal entre as cláusulas narrativas não é exatamente ou somente a relação de anterioridade/poste

rioridade entre os tempos de ocorrência dos eventos das diversas cláulas o que está sendo levado em conta, para que se estabeleça entre duas cláusulas a separação por Juntura Temporal. Claro, essa anterioridade/posterioridade deve vir e necessariamente vem, intrinsecamente, nessa relação que se estabelece entre duas cláusulas narrativas, separadas por Juntura Temporal, mas além disso deve haver também aí uma relação que expressa certa continuidade/consequência entre esses enunciados ou melhor entre os eventos veiculados por esses enunciados. Labov tenta explicar isso chamando essa relação de uma relação semântica do tipo A então B (em inglês A then B). Em nosso caso por exemplo, claro, o enunciado a não 'necessariamente' conduz ao enunciado b, em outras palavras, não há em nossa experiência linguística nada que nos leve a informar a então b (sendo a e b aqui as cláusulas de nossa narrativa). Por outro lado essa mesma experiência poderia nos conduzir a expressar por exemplo b então c. Naturalmente que se poderia objetar ser tão arbitrária essa relação quanto pretendemos seja a relação por nós repudiada de a então b. Mas há alguns fatores a serem considerados aí: quando se considera um texto narrativo deve-se todo o tempo atentar para aquilo que o narrador efetivamente quer recuperar, deve-se atentar para a sua forma de organização, deve-se procurar enfim no texto aquilo que é do Primeiro Plano e aquilo que o narrador quis lançar para o plano de fundo da narrativa. Há no caso dessa narrativa até uma marca linguística de tempo - quando foi depois da Semana Santa, que anuncia proprriamente o início do acontecimento que vai ser contado, e veremos outras narrativas contendo marcas do mesmo tipo com a mesma função. E devemos observar também que essa relação A então B não é necessariamente uma rela

ção de causalidade: não é que se diga que B ocorre porque A, sendo essa uma relação de causalidade já descrita e cristalizada em nossas experiências linguísticas, queremos dizer, formas de causalidade já prontas e das quais o narrador simplesmente se serve.

Entender a relação A então B como uma relação de causalidade é claro levaria facilmente a se negar quaisquer das duas sequências de cláusulas com que trabalhamos, há pouco: não há necessariamente causa entre aqueles enunciados. O que entendemos por toda essa questão é que essa relação A então B deve ser entendida na instauração desse acontecimento singular e único que constitui o essencialmente narrativo, portanto aquilo que é definido pelo narrador (e aí se dão as marcas de tempo dando início a esse acontecimento), o qual pode inclusive selecionar os eventos no interior do acontecimento todo que ele conta. Por outro lado observe-se que quando o narrador quer expressar realmente uma causalidade ele se utiliza dos recursos propriamente linguísticos, através de conectivos, e marca então a relação de causa. Às vezes ele procede essas relações subjacentemente (como já tivemos oportunidade de demonstrar) mas a causa é dada numa cláusula não narrativa, aquela que não concorre para a ordem dos eventos.

Suponha-se que se faça a um indivíduo/informante a pergunta: 'conte como você foi assaltado' e que se obtenha como resposta: 'fui assaltado porque fiquei transitando até tarde da noite na rua'. Evidentemente que a resposta obtida não é exatamente a resposta ao que foi perguntado, não há adequação entre o que foi solicitado e o que foi respondido. O que esse indivíduo faz é simplesmente dar a razão porque foi assaltado, dá uma

explicação ou causa mas não constrói uma narração, não recupera o acontecimento. Sua intenção não foi então narrar mas dar mesmo uma razão ou o que ele julga uma explicação para o acontecido.

Numa narração pode dar-se naturalmente a convergência entre a ordenação das cláusulas essencialmente narrativas e uma certa causalidade, como em 'escorreguei numa casca de banana, caí, levaram-me a um hospital'. Nesse caso está 'pressuposta' uma idéia de causa da queda por exemplo. Mas isso não ocorre sistematicamente como se tratasse de uma característica do discurso narrativo. Aliás dentro do corpus por nós examinado, essa é uma forma não muito vista de narração, embora haja alguns exemplos. Nessa pequena narração o que se tem como caracterizador efetivamente do discurso narrativo é a ordenação temporal, é a sequência ordenada das cláusulas veiculadoras dos eventos, como se recuperassem o acontecimento obedecendo à ordem em que de fato esses eventos ocorreram. Aquilo que se quer dar como ou explicação de um determinado evento ou do acontecimento vem geralmente expresso nas cláusulas livres de Orientação ou de Avaliação, como temos visto em nossas análises. Ou então essas causas/explicações aparecem nas cláusulas propriamente narrativas mas ligadas a essas por relações explícitas de causalidade, via conectivos do tipo: como, porque. Ainda que não se tenha marcada superficialmente tal relação, se ela ocorre a nível subjacente, a idéia da causa está sempre contida naquela cláusula livre, geralmente marcada por verbo no Imperfectivo, que não concorre para a sequência dos eventos.

Lembremos os exemplos já vistos:

(narrativa 42)

'(como) tinha muito rato por lá
ele ficou com hepatite'

(narrativa 14)

'mas ele gostava muito da moça, insistiu e casou', o
que resulta em:

'mas ele insistiu porque gostava muito da moça' (e ca
sou)

ou ainda

(narrativa 50 b)

'mas o cara não deixou eu entrar porque eu estava sem a
roupa apropriada', resultante por sua vez de:

'mas acontece que eu tava sem a roupa apropriada que
era um smoking... então o cara não deixou eu entrar'.

De relações de causa marcadas superficialmente temos, por exem
plo:

(narrativa 50(2))

vv 'Bom daí a gente foi imobilizado mesmo porque um 38 e
um 45 apontado não é prá se fazer muita coisa'.

(narrativa 7)

ss 'elas ficaram apavoradas porque tinha estado na casa
de manhã, e eu não sabia, um cara de Montes Claros'.

Estamos tentando mostrar então que relações de causalidade, como

querem aparentar certas passagens dos textos narrativos, inclusive ligando cláusulas narrativas a não narrativas, que dessa forma passariam a constituir o propriamente narrativo, não se inscrevem no ciclo dos enunciados ditos narrativos por constituírem traço caracterizador desse tipo de discurso. Se há enunciados encadeados formando narrativas que possam dar essa idéia de causalidade, isso acontece por fatores não propriamente característicos da narração, isto é não havendo necessidade constitutiva de causalidade na emergência de um discurso narrativo, mas por fatores outros, alguns até ligados a dados da situação, ou ainda, por exemplo, significações de causa que se sobrepõem à narrativa por intenções propositais do falante (é o que ocorre por exemplo quando, a propósito de uma carta elogiosa de um fulano a outro, uma terceira pessoa, a título de brincadeira, sugere que o elogio só se deu em virtude de certo presente que o segundo havia dado ao indivíduo que escreve a carta. O beneficiário responde que só lhe havia certa feita presenteado com uma garrafa de vinho, ao que o outro responde: 'ah, já sei, ele bebeu e escreveu'). Mas o que se tem, na verdade, é um discurso narrativo, apesar dessa 'significação' que talvez se superponha aí.

Voltemos à questão de anterioridade ou antecendência que certas cláusulas, mesmo no perfectivo, parecem marcar em relação ao corpo de cláusulas essencialmente narrativas. Como já dizíamos, quando se apresentam tais cláusulas nas narrativas, quase sempre é possível destacar-se no texto um indicador de tempo, realizado por uma expressão adverbial de tempo, que marca o início do acontecimento propriamente que o falante deseja

narrar, isto é aquilo que ele recolhe ao que Weinrich chama de Primeiro Plano* da narrativa.

Isso ocorre por exemplo nas narrativas

(27 a)

- c 'Foi num sítio em Tribobô que é uma região assim onde
tem a base operária
- d além do mais o lumpem proletariado tal lá todinho de
Niterói.
- e Então tem todo aquele esquema de se você não paga im
posto prá sua própria vida voce acaba sendo assaltado,
né,
- X f Bem esse meu tio resolveu morar lá, por, em termos as
sím de folclore,
- g foi lá ele, a mulher e as filhas,
- h até que uma noite de repente aparece... (truncamento)
- X i e ele... a região, com poder aquisitivo alto, aquela re
gião miserável, começa a comprar cavalo, outro cavalo,
começa a ter nove cavalos, passarinho, cachorro, gato,
pato, todo tipo de animal né,
- j até que um dia chegou lá de repente
- l entram assim três, quatro camaradas,...'
- ...

(*) No próximo capítulo discutiremos mais detalhadamente as reflexões des
se autor em torno a narrativa, e as implicações dessas reflexões para
nosso estudo.

As duas cláusulas assinaladas deveriam ser consideradas como o início do acontecimento se se levasse em consideração apenas o traço de anterioridade/posterioridade das cláusulas narrativas. Evidentemente os eventos expressos nessas cláusulas antecedem no tempo também a cláusula j que estamos considerando como a primeira cláusula narrativa propriamente dita, marcada por uma expressão adverbial de tempo: 'até que um dia', dando-se aí o início do que seria esse acontecimento singular e único que o narrador quer enfocar. Em razão dessa anterioridade do evento no tempo, torna-se difícil deslocamento dessas cláusulas para depois dessas cláusulas narrativas (j, 1...), o que se constitui em motivo suficiente para se dizer que essas cláusulas são narrativas pois que aparentam estar em Juntura Temporal. Por outro lado não se pode negar que o indicador de tempo tal como 'até que um dia', tem aí uma função de estabelecer um 'ponto de partida', assinalando uma certa 'divisão' no contínuum que é o tempo (e nesse 'continuum' estamos sempre estabelecendo pontos de partida e pontos finais). Essas cláusulas (f, i) poderiam perfeitamente ter em seus núcleos formas verbais de Pretérito Mais que Perfeito, o que as marcariam como cláusulas antecedentes propriamente, como acontece em várias outras narrativas do corpus, sem que se atribuisse a essa anterioridade o traço de ordenação temporal, caracterizadora do discurso narrativo. Os verbos que preenchem seus núcleos, realizados no perfectivo ao contrário nos conduzem à interpretação de possível encadeamento. Mas acreditamos que nesses casos a forma verbal de Pretérito Perfeito¹¹ marca simplesmente o aspecto verbal de Perfectivo, isto é, o completamento de uma ação, em meio a enunciados de Orientação, com verbos no Presente que ocupam núcleos de cláusu

las que descrevem uma situação: '... é uma região onde tem a base operária..., o lúmpem proletariado tá lá todinho... tem todo aquele... aquela (era uma) região miserável'. Nessa situação descrita dois eventos ocorrem: o tio passa a morar lá, o tio começa a comprar animais'. Na nova situação criada é que se dá então o acontecimento singular e único, e de interesse, no entender do narrador, suficiente para ser contado.

É inegável que essas comparações que o narrador estabelece assinalando alterações na situação natural existente com a chegada do tio, indivíduo possivelmente de posses instalando-se numa região de lúmpens, dando mostras pela compra de gado dessa riqueza, são elementos não puramente de Orientação mas têm um forte tom de Avaliação: 'alguma coisa de grave fatalmente iria ocorrer' e é isso o que ele passa a contar.

Parece ser essa carga avaliativa que essas cláusulas acabam por transmitir o que nos faz julgá-las como essencialmente narrativas. O texto é montado sobre essa estrutura de Avaliação, daí a dificuldade talvez em se discernir aquilo que está constituindo o acontecimento narrado, o que vale a pena ser contado.

Em resumo, parece-nos ser possível entender tais cláusulas como fazendo parte da seção de Orientação, aquela seção que cumpre a função de criar a referência para o acontecimento.

Vejamos a narrativa 6

- c 'Nesse tempo a gente morava em Curvelo,
- X d daí eu fui morar em casa de minha madrinha
- e e essa minha madrinha tinha três filhos e o caçula

que era o Sérgio,

...

X 1 E a gente um belo dia resolveu fazer uma assombração
prá ele,

...

Por razões bastante semelhantes às aquelas apresentadas na conside
ração da narrativa anterior, aqui também assinalamos a 1 o estatuto de
primeira cláusula narrativa, e a d o papel de uma cláusula de Orientação.

Outras narrativas aparecem em nosso corpus apresentando também
cláusulas que têm seus núcleos preenchidos por verbos de Ação no Perfecti
vo, geralmente em meio às cláusulas de Orientação (narrativa 4, por exem
plo). E por critérios semelhantes aos que foram trabalhados até agora, so
mos levados a incluir tais cláusulas no grupo das cláusulas de Orientação

É interessante observar que a Orientação que essas cláusulas vei
culam acabam por ser bem semelhantes às informações de circunstância que
são dadas nas cláusulas cujos núcleos são preenchidos por verbos no Mais
que Perfeito Composto, tanto que é possível a substituição das cláusulas
do Perfectivo por verbos no Mais que Perfeito, e conseguir-se a recupera-
ção do acontecimento sem qualquer prejuízo. Cláusulas do tipo visto (com
Perfectivo) e cláusulas sobretudo com o Mais que Perfeito Composto com
põem um tipo de Orientação que nós chamamos de Antecedente Narrativo, uma
orientação que não está prevista adequadamente pelos parâmetros estabele
cidos por Labov e Waletzky para a Orientação, mas que como estamos vendo,
efetivamente ocorre dentro do texto narrativo.

Vamos mostrar algumas narrativas de nosso corpus que compreendem seções, em geral de Orientação, cujas cláusulas apresentam formas verbais de Mais que Perfeito Composto e outras mais, ao lado daquelas já discutidas anteriormente (Imperfeito de Ir + Infinito e Imperfeito de Estar + Gerúndio).

Sem dúvida é muito amplo o número de possibilidades de realização do verbo no que diz respeito às modalidades da categoria de Aspecto nessas cláusulas ditas não narrativas. E não é fácil a tarefa de se estudar cada uma dessas expressões e o que elas afinal significam dentro da totalidade do texto: por si só se constituem em tema para uma Dissertação. O que nós tentamos fazer foi somente proceder o levantamento dessas formas verbais, buscando em certa medida apreender certas características mais gerais na significação dessas diversas realizações verbais de forma a se chegar a melhor compreensão do texto e por esse caminho à caracterização mais precisa das cláusulas que compõem a parte não essencialmente narrativa do texto. Esse estudo se procedeu com base sobretudo na comparação com a realização da categoria de Aspecto daquelas cláusulas caracterizadas como Essencialmente Narrativas, e nesse sentido e por isso mesmo, acabamos por estabelecer, em realidade apenas uma grande oposição em nível aspectual: e do Completamento versus a Duração da Ação.

Por estudos já realizados no campo, é por demais sabido que há mil e um problemas a serem enfrentados na consideração da categoria verbal de Aspecto, e talvez essas dificuldades se dêem com mais ênfase ainda quando o Aspecto deve ser entendido num contexto de significação mais am

plo do que a frase. Sabendo dessas dificuldades (inclusive pelo confronto com o problema) queremos ressaltar aqui a nossa posição que muito mais se define por uma tentativa não de classificar e caracterizar as diversas modalidades de aspecto, mas de buscar com a ajuda do entendimento a nível intuitivo de como se realiza a categoria do Aspecto, separar e discernir entre os dois grandes grupos de cláusulas que se definem numa narrativa, aquilo que é de natureza não essencialmente narrativa.

Passemos aos textos:

(narrativa 47)

- a Quando eu era pequeno a gente tinha aprontado uma boa,
- b nós tinha arrumado lá, eu e mais dois amigos
- c então a gente não queria dormir em casa porque a gen
te...
- d então a gente pegou e se escondeu
- ...

(narrativa 48)

- c teve um tempo ali que a gente andava em baile né, eu
e um amigo chamado Bastião...
- ...
- ' e então a gente vinha assim de festa,
- ...
- X h e nós vínhamos vindo assim
- i tinha tomado uns 'paras' assim..
- X j vinha vindo, tá,

1 então nesse tempo era mata assim,
 m então tinha um casal de namorados no maior dos amas
 sos, na curva assim,
 n ai então Bastião virou e falou, pãra, pãra, tem gente
 ali...

(Narrativa 6)

x e a gente um belo dia resolveu fazer uma assombrão
 prá ele,
 y Dona Ordália tinha saído,
 z Dona Ordália era a madrinha, tinha saído
 daí nós resolvemos pegar um lençol branco
 ...

Nos dois primeiros textos as cláusulas que vêm marcadas pelo Pretérito Mais que Perfeito compõem junto às cláusulas que dão informações de tempo, personagem, lugar, a seção de Orientação. Nas duas narrativas tais cláusulas marcam o evento antecedente e vêm de fato expressas antes da primeira cláusula narrativa. Já na narrativa 6 a cláusula marcada com o verbo no Pretérito Mais que Perfeito composto se coloca depois da primeira cláusula narrativa (cláusula x: 'a gente um belo dia resolveu fazer uma assombrão...') e da mesma forma marca a antecedência em relação ao acontecimento propriamente.

Diferentemente do que ocorre às cláusulas de Perfectivo que vimos, os enunciados com o Mais que Perfeito Composto aparecem a qualquer ponto da narrativa sem que com isso se tenha qualquer dúvida a respeito

de sua característica de não narrativo: o tempo verbal se incumbe de deixar explícito a antecedência do evento. E aqui como no caso dos Perfectivos também sentimos que do ponto de vista da ordenação temporal os enunciados com Pretérito Mais que Perfeito deveriam estar ordenados, isto é, não deveriam vir após a primeira cláusula narrativa pois que o seu tempo é anterior ao tempo da cláusula narrativa. Havendo entretanto já a marca dessa antecedência na própria forma verbal, o deslocamento não somente é possível mas de fato ocorre (como na narrativa 6 e na 7, vista anteriormente, e outras ainda).

Geralmente expressando um evento que se compreende como imediatamente antecedente ao acontecido, esses enunciados distinguem-se por exemplo das formas assinaladas com asterisco na narrativa 48 (cláusulas h,j) de Imperfeito de Vir ou (ir) + Gerúndio do Verbo Principal (vinha passando). Essas formas também se incorporam às demais vistas no quadro das cláusulas de Orientação, expressando naturalmente uma ação que ocorre no momento em que é instaurado o acontecimento singular e único que vai ser contado. Tem-se então: 'a gente vinha vindo(a gente vinha passando, vínhamos vindo), aí então Bastião virou e falou:...', o que inclusive sugere, a partir do texto, uma relação de temporalidade entre uma coisa e outra (vir passando - Bastião falou). E nesse momento instaura-se o acontecimento que mereceu do falante o enfoque.

Ao lado desse tipo de locução verbal ocorrem também e cumprindo diríamos uma significação aspectual semelhante, combinações do tipo: Imperfeito de Ir + Gerúndio, tal como se observa na narrativa 5:

- ...
- x Pagamos à requisição,
- z quando a gente saía de lá que ia prá Pituba, andando um pouco prá o ponto de ônibus que é ali no Português, eu ia... aquela bolsinha azul eu ia segurando ela na mão, tranquila né, eu senti um puxãozinho de leve na bolsa,
- ...

Embora um pouco confuso, dá para depreender toda a relação temporal do período e nessa relação se encaixa uma ação paralela - ia segurando, ao momento em que ocorre um fato relevante narrativamente: senti um puxãozinho.

Não é exatamente igual esse ao caso da locução verbal 'vinhamos vindo' que praticamente põe em cena o início do acontecimento, mas oferece bastante semelhança: estabelece um paralelismo de ação, uma concomitância, sendo também essa uma ação progressiva que tem uma função de descrever uma situação sobre a qual desenvolve-se uma ação narrativa propriamente dita.

Pelo nosso corpus pudemos observar que essas formas não são tão recorrentes como até pode parecer (formas e locuções com verbos de Estado o são muito mais), mas elas aparecem. E há pelo menos dois casos em que essas locuções (Ir + Gerúndio) aparecem preenchendo núcleos de cláusulas propriamente narrativas. Senão vejamos:

(narrativa 23)

- a Diz ele que ia passando por uma rua nê, no centro de No
va York,
- b e num dado momento o camarada encosta alguma coisa nas
costas dele,
- c e diz prã ele tirar tudo...
- ...
- g tinha um outro acompanhando do lado também que ia ti
rando, segurando tudo nê, o companheiro, e tomando to
dos os relógios, documentos, dinheiro...
- e daí mandou o camarada continuar...
- ...

O primeiro caso da locução (ia passando) descreve sem dúvida um uso bastante semelhante ao da locução 'vinha passando' da narrativa 48: quando a ação está se processando acontece algo que dá início ao acontecimento. Já o segundo caso, esse nós o inscrevemos no quadro das ocorrências verbais das cláusulas narrativas, embora não se tenha muita incidência. Aqui naturalmente estamos diante daqueles casos em que a característica de linearidade de fala (da linguagem) impede a execução ou a verbalização de duas ações que ocorrem ao mesmo tempo: um indivíduo encosta alguma coisa nas costas do personagem, lhe diz algo, e nesse mesmo tempo outro individuo tira dele os objetos que ele tem em mãos. Além disso, claro, há a forma progressiva que caracteriza uma modalidade cursiva do aspecto e esse é o ponto de dificuldades para o entendimento da cláusula como narrative

va, pois que essas formas progressivas em geral nós as classificamos como não narrativas. A Cursividade, conforme os quadros de tipos e valor de Aspecto Verbal no Português, apresentado por Ataliba T. de Castilho, em Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa¹², está incluída no conjunto dos aspectos com valor de Duração da Ação, do Aspecto Imperfectivo. E na verdade essas formas revelam mesmo a duração da Ação, (a duração de uma ação em relação a outra), mas nos parece que essa duração deve ser entendida dentro do campo de atuação do aspecto Perfectivo, isto é do completamento da ação: a algo que fica acabado, completado (o que faz o aspecto Perfectivo), a própria recuperação do acontecimento, circunscreve-se uma ação que se prolongou por um tempo. O aspecto Perfectivo continua sendo o articulador da sequência narrativa, e nessa sequência naturalmente o falante pode realizar os diversos matizes de ações que melhor expressam a recuperação do acontecimento. Vejamos mais uma narrativa onde parece ocorrer um uso semelhante da locução.

(narrativa 48)

aa Então eu vim por dentro do cemitério assim né, peguei,
bb o Bastião ia fazendo assim: vai, vai, vai
 Por dentro do cemitério

Aqui também se pode falar de uma relação de temporalidade, talvez até marcada por uma conjunção do tipo 'enquanto', que explicitaria essa simultaneidade do acontecimento e a duração de uma ação.

Embora não se possa ter uma idéia muito concisa sobre isso uma vez que não há efetivamente grande número de ocorrências em nosso corpus,

podemos adiantar as duas possibilidades de uso dessa locução num texto narrativo: o uso não narrativo, quer circunscrito à seção de Orientação, quer em meios a cláusulas narrativas mas fornecendo informações de Orientação, e o uso narrativo propriamente dito quando se tem a simultaneidade de atos igualmente relevantes do ponto de vista da recuperação do acontecimento. Nesse último caso, nas duas narrativas observamos sempre a introdução de um personagem (sujeito da ação) diferente daquele que é sujeito da ação simultânea (narrativa 48: eu vim.../Bastião falou...; narrativa 23: o camarada encosta.../um outro ia tirando). No primeiro caso descreve-se um dado da situação, apesar de se ter todo o dinamismo inerente a significação de um verbo como 'vinha passando, vindo' (verbos de ação) e no segundo caso tem-se a expressão de uma ação que não só é pertinente mas também relevante narrativamente falando, isto é, fazendo parte da sequência de ações (nessa sequência, a ação expressa por uma locução do tipo visto, deveria vir ao lado de outra realizado na forma simples de Perfeito, pois que são simultâneas).

Outro exemplo de formas verbais que ocupam em geral núcleos de cláusulas não narrativas mas que podem aparecer em cláusulas narrativas se dá com as formas simples do Imperfeito. Dos casos (poucos) que aparecem em nosso corpus vamos apresentar somente a narrativa 43, que nos parece o exemplo mais significativo desse tipo de ocorrência.

...

j eu peguei entrei,

- l ela falou: oi Zequinha, tudo bom?
- m eu falei: tudo bom.
- X n Ela com a garrafa de cachaça do lado, então ela enchia
o copo de cachaça né,
- o aí começava a conversar comigo,
- p falava assim: oi Zequinha, tudo bom?
- q eu falava: tubo bom,
- r e ela mesma falava: quem é?
- s ela mesma respondia: é o Zequinha amigo do meu filho.
- ...
- X hh sabe, sei lá, eu fiquei meio cabreiro
e falei: oi Dona, então depois eu falo com a senhora,
tê logo.
- ...

À primeira vista essas cláusulas parecem recuperar não uma se quência narrativa mas ações costumeiras, habituais, distintas em sua natureza daquilo que é intrinsecamente a natureza do narrar: a recuperação de um acontecimento singular e único e não de fatos habituais, repetitivos (enquanto costumeiros) concorrentes para a descrição da situação ou enumeração de fatos. Em verdade essas cláusulas podem sofrer algum deslocamento mas esses deslocamentos, conforme se observa, só podem ocorrer dentro do espaço desse ciclo de cláusulas marcadas no Perfectivo, ou por outra, não para antes de m, nem para depois de hh. Isso mostra que elas de certa forma estão ordenadas, e o fato de se poder deslocá-las dentro desses limites mostra que são, por outro lado, coordenadas. A coordenação dessas

cláusulas, consideradas no todo narrativo é o que nos leva a pensar em ação repetida mas repetições que revelam a duração de uma ação: falava is so, falava aquilo, falava, falava, bebia, respondia. Mas essas ações mos tram a sua vigência do mesmo modo no interior de um espaço de tempo que se completou, e que se inserem no fluir do acontecimento recuperado. Ness se sentido diz-se que o Imperfectivo cumpre uma função de Perfectivo, e isso só é entendido quando se considera a totalidade do texto (mesmo que você diga que numa frase como 'ela falava, falava e não dizia nada' tem-se a apreensão desse sentido de Perfectivo, você está supondo, quando você apreende esse sentido, uma situação discursiva na qual esse enunciado pode-se inserir, e a partir do qual tal significação pode ser apreendida. O enunciado por si só não daria tal dimensão aspectual).

Ao lado dessas formas verbais aparecem ainda algumas amostras de locução formada do Imperfeito do verbo Ir + Infinito do verbo Principal, compondo por exemplo Ia comprar, Iam chegar, Ia entrar, todas elas também constituindo cláusulas de Orientação.

Num levantamento talvez não tão detalhado e preciso mas de qualu quer modo razoavelmente representativo das formas verbais que aparecem nos núcleos das cláusulas não narrativas, foi possível afinal perceber-se um grande traço de identidade entre as diversas maneiras que essas cláusulas se realizam: como acreditamos ter afinal deixado perceber, através do es tudo de cada uma dessas formas verbais que aparecem nas cláusulas narrativas, a grande oposição detectada foi mesmo entre o Perfectivo e o Imperfectivo, marcando respectivamente o essencialmente narrativo e aquela parte

te responsável sobretudo pelas funções de Orientação mas que também ocorrem nas cláusulas componentes das seções de Avaliação e Coda.

II.3 Outras possibilidades de interpretação desses elementos não essenciais de narrativa: Orientação, Avaliação e Coda, enquanto configuradores de outros tipos discursivos

Quando se procede um estudo como esse que estamos realizando, com material de trabalho tão vasto e tão rico em fatos até de variada natureza, é sem dúvida muito difícil abordar todos os problemas com igual exaustividade e precisão na análise, e mais que isso, escolher dentre eles os mais representativos e significativos para as conclusões a que afinal se quer chegar.

Na etapa anterior buscamos justamente abordar aquelas dificuldades mais recorrentes e mais significativas nos textos vistos, e contorná-los da maneira o mais minuciosa que nos parecia possível. Naturalmente outros problemas apareceram, outras dúvidas permearam (e permeiam) o nosso caminho na tarefa de análise do discurso narrativo, mas acreditamos que, em face àqueles que foram abordados e consequentemente em decorrência da maturidade conquistada na descoberta e aplicação dos procedimentos de análise que aqueles fatos nos permitiram operar, esses outros tornam-se quase que apenas detalhes dentre esse 'emaranhado' que é o texto narrativo à primeira vista.

O que fizemos até agora mais exatamente foi proceder o levanta

mento sempre que possível, das marcas formais e linguísticas dos diversos enunciados que compõem uma narrativa, discutir e analisar as ocorrências mais sistemáticas e afinal tentar caracterizar cada uma daquelas funções que já no capítulo I apontávamos como funções de um texto narrativo. Para que isso se desse, foi preciso um trabalho mais elaborado, chegando a detalhes às vezes até muito particulares a um só texto, mas de qualquer forma necessário para que, a partir daí se desse o depuramento daquilo que é mais regular e recorrente na configuração dessas partes não narrativas, sobretudo.

Vamos retomar agora algumas formas de Orientação, Avaliação e Coda, e dentre elas mesmo aquelas já vistas nas análises anteriores, e proceder a uma reflexão rápida e distinta daquela que vimos efetuando até agora em torno a essas funções, sem nos preocuparmos doravante com análises da composição linguística do enunciado ou dos aspectos formais que determinam se a cláusula é narrativa ou não.

Pressupondo-se então a compreensão da constituição linguística dessas cláusulas, avançaremos essa etapa buscando agora verificar que possibilidades discursivas afinal esses elementos estruturais de Avaliação, Orientação e Coda podem efetivamente cumprir num texto predominantemente narrativo.

A hipótese de que esses elementos de Coda, Avaliação e Orientação, podem às vezes realizar posturas discursivas diversas num texto de dominância narrativa, decorreu, ainda em fase de exploração do modelo de Labov, do confronto com certas seções que por si só pareciam compor

um bloco de significação coeso e com perfeita organização interna, isto é independente do resto do texto.

Vejamos como isso ocorre. Vamos retomar então da narrativa 13 as suas cláusulas iniciais, aquelas que estão realizando a função de Ori entação da narrativa.

- a Tinha uma senhora que morava lá na minha cidade que
 era tia de papai,
- b não exatamente tia de papai, o esposo dela tinha sido
 tio,
- c era tia emprestada né, porque o marido dela tinha sido
 tio de meu pai,
- d mas já era falecido,
- e ela já era muito velha
- f e ela vivia sozinha
- g não tinha filhos nem nada.
- h Já estava muito velha mesmo dona Didi.
- X i Então quando ele adoeceu assim prá morrer...

Só a partir da cláusula assinalada é que se tem o início propriamente do acontecimento. Toda essa parte inicial cobre a função referencial da narrativa, fornecendo elementos de Orientação de pessoas, lugar e tempo.

Mas o que se pode observar mais particularmente nesse trecho é que ele efetivamente compõe um pequeno texto com características bem próximas àquelas que se diriam de uma descrição.

Obviamente não iremos entrar aqui na consideração dessa outra forma discursiva ao que saibamos ainda tão pouco explorada, em termos linguísticos, quanto o é a Descrição. Mas, com base em alguns estudos que têm sido realizados sobre a descrição, e mais uma vez contando com a nossa intuição, tentaremos apontar nesse texto para alguns traços que parecem caracterizar a descrição.

Philippe Hamon em 'Qu'est-ce qu'une description',¹³ enumera três problemas principais a partir dos quais se pode considerar a descrição:

a) A maneira pela qual a descrição se insere num conjunto textual mais vasto (uma descrição maior ou uma narração). Há sinais demarcativos, introdutórios e conclusivos da descrição?

b) A maneira pela qual a descrição, enquanto unidade destacável, funciona interiormente e assegura sua coesão semântica.

c) Seu papel em geral no funcionamento global de uma narração.

Examinando textos de Zola, o autor procura mostrar como se dá a inserção da descrição num texto maior, mesmo da narração. Retiradas de lado maiores explicações que giram inclusive em torno ao tipo de texto que é estudado, podemos detectar dos escritos de Hamon, certas regularidades que ele aponta na forma como a descrição é dada num texto. Há então um sintagma introdutivo da descrição que observa: personagem + verbo de percepção + meio + objeto a descrever.

Esse personagem pode ser do tipo não informado ou mal informado, que observa o objeto ou que é instruído sobre esse objeto por um outro

personagem, esse, conhecedor. Ele pode ser ainda um personagem ativo, ao trabalho (que manipula um objeto), sendo observado por um espectador, pres supondo-se no sintagma introdutivo um verbo de ação.

Temos então a conjunção de um personagem (ou dois) e de um obje to a descrever, e uma passagem de informação que pode dar-se pela fala, e pelo olhar.

Trabalhando já o tópico II de coesão interna da descrição, Hamon diz: '... esse meio (o objeto a descrever), tema introdutor da descrição, descerra a aparição de uma série de subtemas, de uma nomenclatura (N) cu jas unidades constitutivas estão em relação metonímica em inclusão com ele... () a descrição de um jardim supõe quase necessariamente a enume ração de diversas flores... Cada subtema pode igualmente dar lugar a uma expressão predicativa, seja qualificativa, seja funcional, que funciona como uma glosa desse subtema'. (pag. 475).

Tem-se então a fórmula da descrição: $P+F+TH-I(N + PRq/Prf)$ onde F é mais frequentemente da forma olhar/falr de/manipular com.

No caso do nosso texto nem sempre é possível a perfeita adequa ção do modelo de Hamon, quer em virtude do próprio tipo de texto com que o autor lida, quer mesmo em razão de não estarmos diante de nenhum padrão de descrição: os nossos textos estão inseridos ou iniciando textos narra tivos. Mas acreditamos ser possível a apreensão nessas pequenas orienta ções de pelo menos alguns desses elementos de caracterização da descrição.

Tratando-se em nosso caso de uma expressão oral de narração, on de o ato de fala se dá entre dois interlocutores, e não pela mediação de um autor, tem-se a convergência de um personagem instruído dos textos es

critos para o nosso narrador/personagem: esse personagem narrador será aquele personagem instruído que vai permitir a conjunção do objeto a descrever e o outro personagem, o não informado, que nessa situação de interlocução será o ouvinte. A transposição para o nosso texto do que entendemos por conjunção de um personagem (ou mais de um) e o objeto a descrever se dá então quando o narrador expõe ao seu interlocutor o personagem tia que se tornará o centro de motivação da estória. Apresentando o personagem através do enunciado 'tinha uma senhora que morava lá na minha cidade' marca-se o início da descrição com um sintagma introdutivo não exatamente correspondente ao modelo pois que os personagens instruído e o neófito (ou não informado) estão sob as vestes de narrador e ouvinte. Nesse sintagma introdutivo depreende-se o tema introdutor: uma senhora que morava... que por sua vez vai compondo a descrição através da apresentação de subtemas ou expressões predicativas, possivelmente do tipo qualificativo (era tia de meu pai, era velha, vivia sozinha, não tinha filhos). À altura da cláusula j, com o início do acontecimento tem-se efetivamente um grupo de cláusulas constituindo um bloco semântico com relações intrínsecas próprias que expressam uma significação bem diversa daquela que se tem com a introdução do acontecimento em j.

Distintamente da sequência narrativa, essas cláusulas de a e j podem sofrer deslocamentos entre si sem que com isso se incorra em prejuízo da sua significação. Essa é aliás uma das características que, sob outros pontos de vista, tem-se apontado no discurso descritivo em confronto à narração, que como vimos, deve recuperar os eventos na ordem em que

ocorreram, sob pena de ter-se prejudicado a interpretação semântica original se assim não ocorrer.

Considerando-se outras óticas sob as quais tem-se visto o discurso descritivo, podemos apontar a presença do verbo Ter, que tem muitas vezes a função de 'dar existência' a um objeto (um personagem, um meio ambiente, etc...), a forte adjetivação do texto (velha, estava doente, era tia de meu pai, vivia sozinha), e a presença dos verbos Ser e Estar, ambos considerados verbos de Estado, aqueles que definem a situação do personagem.

Concordamos que esses critérios não estão nada definidos nem precisos mas esses critérios por outro lado são aqueles que têm sido levados em conta em inúmeras caracterizações da descrição. Além do mais, pelo levantamento e caracterização, ainda que se diga superficial, que acabamos por fazer das marcas linguísticas que os enunciados dessas seções apresentam, é possível entender-se no mínimo que são bem diferentes as relações tecidas entre os componentes de uma sentença nesse grupo de cláusulas, daquelas normalmente encontradas nas cláusulas da sequência narrativa. E essas relações diversas evidentemente configuram significações também bastante distintas.

Um outro exemplo também possível de ser caracterizado como um pequeno texto descritivo, ocorre com a narrativa 11, já vista, no momento em que a narradora introduz o personagem 'o lobisomem', e que conforme a análise efetuada, compõe uma seção de Avaliação da narrativa:

'... aí o vulto do lobisomem, porque lobisomem a gente não vê o vulto dele não, só vê é o olho, é aquelas duas tochas assim sabe, você pode estar aqui e ele lá longe oi, você só vê é aquelas duas tochas. Quando você... se você não saber o que é quando você vê ele está em cima'. (aí que quando ele tá muito bem distraído, o lobisomem veio...).

Embora com características distintas do outro texto visto, e fugindo um pouco mais às normas do que se chamaria de boa descrição, percebem-se nesse texto traços descritivos bem caracterizados. Há do mesmo modo um tema introdutor (o vulto do lobisomem) e o desenvolvimento desse tema em expressões predicativas (ou sub temas) talvez um pouco camuflados, mas perceptíveis: 'a gente não vê o vulto, só vê é o olho, é aquelas duas tochas', a quase invisibilidade do lobisomem enfim.

Talvez por ser um pouco didático, o texto se camufla um pouco em suas características descritivas mas sem dúvida pode-se perceber aí a introdução de um objeto a descrever (o lobisomem) ao personagem mal informado (o ouvinte), a doação desse conhecimento pelo personagem instruído (o narrador), a esse personagem/ouvinte, e o desenvolvimento do tema em sub temas. Do mesmo modo que no texto anterior, as cláusulas podem ser alteradas em sua posição além do que esses enunciados compõem por eles mesmos um quadro de significações não só distinto, mas inclusive independente do resto do texto.

Vejamos agora o que se passa na narrativa 25, igualmente obtida mediante a pergunta usada em todas as nossas entrevistas.

'Primeira vez foi há coisa de uma semana atrás e foi terrível, foi uma experiência terrível mesmo.

(Como foi?)

Bem, primeiramente eu quando eu... eu senti um indivíduo surgir na minha frente e toda aquela imagem que você tem... de como enfrentar uma situação dessas né, então você percebe que não é a pessoa física que está ali presente. É todo aquele susto, aquela lembrança que você tem das experiências contadas por outros indivíduos não é, é aquele terror da morte, medo da morte; porém você tem aquele... realça aquela luz que começa a surgir naquele momento e que te dá forças pra você ir levar adiante essa situação não é...

Bem aí vem aquela, aquela alternativa sua não é, ou você fica parado pra ver se vai acontecer alguma coisa não é ou você corre e toma outra perspectiva não é, principalmente aquele velho ditado que você tem de se ficar o bicho come se correr o bicho pega não é, então você tem aquela lembrança como te falei anteriormente, é o seguinte: você sabe o quê que... como ocorre um assalto não é, então você tem mais uma força consigo que é a problemática do indivíduo que está assaltando você, não é, ou porque pode ser uma problemática dali duma situação espontânea, do indivíduo que é um burguês e por acaso perdeu a carteira e não tem como pagar então quer roubar você por simples fato de roubar e outro também é a problemática social que o camarada vai roubar você porque está precisando realmente do dinheiro não é, então você tem essa consciência e você toma aquela abertura de luz não é, mas essa abertura de luz é a sua escapatória da situação

ai você sai correndo não é, no que você sai correndo tem outro, outro e ai já é o complô organizado não é...

(Mas como foi?)

Bem na realidade foi, as palavras foram simples (): passe o dinheiro ai branco. Ai eu falei: bem, dinheiro eu não tenho, você vai me desculpar mas você...'

...

Só a partir de 'Bem na realidade...' é que se tem o início propriamente do acontecimento.

Todo esse trecho (e claro, o restante) foi obtido seguindo-se o mesmo procedimento usado em todas as outras solicitações, surgindo como resposta à pergunta 'você já foi assaltado?' que, como em todo o corpus, propiciou o aparecimento de um processo discursivo de narração, numa situação de interlocução onde inquiridor e informante dispunham de iguais condições de possibilidade de fala e onde se estabeleceram de igual modo os papéis de narrador e ouvinte. E nesse espaço discursivo estabelecido entre dois interlocutores surgiu esse texto que temos em mãos.

o trecho destacado preenche o espaço normalmente ocupado pela seção de Orientação, quando ela ocorre, e seguida da sequência narrativa: (aqui a partir de 'Bem, na realidade as palavras...').

Como se observa, entretanto, faltam ao texto os elementos/compo-nentes de uma seção de Orientação (exceto a referência ligeira ao tempo da ação, na primeira cláusula) com as informações comuns de pessoa, lugar e

circunstância. Em vez disso tem-se um conjunto de enunciados compondo um bloco semântico coeso e de condições próprias de organização, cuja significação transmitida se configura muito mais como uma forma discursiva de dissertação: sem dúvida o que se tem nesse trecho em questão reveste-se da forma de um comentário sobre a questão do assalto, um comentário analítico, com pretensas generalizações de explicações sobre as razões e os motivos até mesmo sociais de se praticarem assaltos, observando tanto os papéis do assaltante quanto do assaltado e os seus sentimentos diante do ato violento. Tendo em mente a sua própria experiência com esse tipo de violência o narrador(?) parte desse fato particular que lhe ocorreu e tira daí conclusões, generalizações em seu entender pertinentes em sua natureza ao próprio assalto, enquanto um fenômeno de violência social, ao mesmo tempo que mistura a essa ótica social, a problemática do indivíduo que sofre o assalto: o medo do assalto.

Busca-se todo o tempo definir as sensações e os sentimentos, definir e conceituar a relação que se estabelece entre o assaltado e o assaltante, precisar os porquês de ocorrência do assalto e ainda as chances de escapatória de uma tal situação. Buscam-se generalizações e condições amplas de explicação.

Usam-se substantivos, relações de causalidade e explicações marcadas por conectivos como Porque. E assim constroem-se argumentos fortes concorrentes para a construção de uma tese - 'o porquê e o como do assalto'. Mas não se dão os elementos referenciais para o acontecimento a ser recuperado. Temos que admitir então que estamos diante de um texto domi

nantemente narrativo cuja primeira parte se constitui num bloco autônomo de significações, com relações próprias de coesão textual, caracterizado do ponto de vista da elaboração/organização como uma Dissertação.

Só para falarmos de alguns traços da generalização que se depreendem do texto, observem-se as marcas, reiteradas da forma pronominal Você, que no caso não representa exatamente ou unicamente o interlocutor mas potencialmente representa todas as pessoas que podem sofrer um assalto: e nesse caso procede-se por exemplo a uma generalização a nível do sujeito também (e não somente a nível do objeto - o assalto)¹⁴.

Casos como esse, tão delimitados e coesos em sua significação, são naturalmente raros mas ocorrem formas diversas de comentários em várias seções de Avaliações e sobretudo em seções de Coda, das quais passaremos a dar alguns exemplos.

Nessa mesma narrativa (25):

'Agora a experiência terrível mesmo, prá lhe ser sincero não foi a experiência somente do ladrão, foi a experiência que eu tive pós o assalto quando você procura o auxílio de outro indivíduo e aí você percebe como a sociedade está individualista muito mesmo, entendeu, ao ponto máximo de não auxiliar outro indivíduo que está precisando de auxílio, entendeu... .

Ou ainda a Coda da narrativa 22:

'Não sei se realmente foi uma desorientação ou se foi assim uma amnêsia, um esquecimento temporário... '.

(narrativa 26)

'Nunca mais foi a Pedro Rio sozinha, entendeu. Mas acontece que você sempre tem uma linguagem prá entender essas coisas não é Rosa, tinha todo aquele, aquele condicionamento que o indivíduo tem aos 10, 15 anos não é, e que ficam guardados dentro de sua memória não é, e de repente po de sair, tá não é?

E há casos como o da narrativa 30 onde se misturam elementos descritivos com pequenos comentários:

'E aí tem outros casos sabe, de leprosos passar, pegar... não sei se o pessoal contava para amedrontar a gente que eu era pequena, sabe, contava que quando eles vinham prá cidade, eles vinham em ocasião assim de festas sabe, festas de sete de setembro, dia da cidade que tinham muita gente, e eles de uma forma ou de outra se confundiam com o pessoal, ficavam sempre no meio do pessoal, tinha casos assim de leprosos que segundo eles nê chupavam bala, embrulhavam bala pro menino pegar mas aí eu já acho que é muita estória prá menino não pegar bala na rua...'

E pode-se seguir aqui enumerando amostras de Coda realizadas sob a forma de Comentários ou de apreciações mais diretamente ligados àquele acontecimento narrado.

Se procedermos um estudo minucioso desses enunciados isoladamente ou nas grandes seções vistas, vamos detectar e apreender mais sistematicamente aquelas formas linguísticas as mais recorrentes e possivelmente as classes e categorias de língua que possibilitam um e outro tipo de discur

so (assim como o verbo de ação está de fato relacionado ao discurso narrativo). Para o nosso ponto de interesse aqui é suficiente levantar amos tras dessas várias formas discursivas realizadas (ou em potencial: as Co das, sobretudo, são indícios de uma descrição ou de uma dissertação) e apontar para a possibilidade de sua caracterização e de seu entendimento como outras posturas discursivas assumidas pelo falante no momento da cons trução do seu discurso, ainda que esse seja eminentemente narrativo. Uma descrição ou uma dissertação podem efetivamente compor uma narração, um texto narrativo, isto é compor uma forma mais ampla de Narração, entendi da numa situação de interlocução em que os papéis dos interlocutores, bem como os dados da situação e mesmo o 'objeto' do qual se fala, têm peso efe tivo para a constituição, no sentido de formação do tipo de discurso que surge daí, no caso a Narração.

Nesse 'jogo' de linguagem que se estabelece numa situação discur siva, atuam fatores diversos, como já fizemos ressaltar, e o jogo da nar ração não foge a sua atuação: 'explicam-se por aí, por exemplo, os elemen tos de Orientação/Referência, possibilitando aos participantes situaram se nesse mundo de significações novas a ele exposto.

E então pode-se proceder com amplas possibilidades, a uma descri ção, a 'instauração de uma realidade' na qual deve-se direcionar o aconte cimento recuperado na sequência narrativa. Esse acontecimento singular e único a ser recuperado se coloca para o narrador como o de maior importân cia e digno de ser contado. Por essa razão se dá com ênfase muitas vezes a sua Avaliação/apreciação, de forma a se ter 'referendada' e compartilha

da pelo interlocutor a importância a ele concedida. Nesse momento também podem ser criados tipos discursivos comentativos/apreciativos, que jogam sobretudo com o apelo ao interlocutor, de forma a envolvê-lo e fazê-lo compactuar com essa apreciação.

Sem dúvida as marcas da interlocução se dão com muito mais ênfase nos esquemas avaliativos da narrativa, encontrados sobretudo nas seções de Avaliação, mas também possíveis nas Coda. Não por acaso se dão esses esquemas de argumentação com usos de Mas e negativas, com uso de relações causais, às vezes condicionais, formas sintáticas que se desviam da sintaxe narrativa básica através de elipses de verbos (como viu/constatou) num mecanismo de realçar um evento qualquer e avaliar aquele momento particular.

Da mesma maneira, Orientações mais apuradas, mais trabalhadas, com antecedência narrativa, elementos da situação (circunstanciais), informações de lugar e pessoas, decorrem não apenas de um 'estilo' do narrador mas também das 'necessidades' advindas da situação de interlocução existente: é preciso ou não dar maiores detalhes de referência ao acontecimento conforme a exigência apreendida na hora pelo falante/narrador.

Em nosso corpus há tanto narrativas com seções de Orientação estilisticamente trabalhadas quanto narrativas que sequer apresentam elementos de Orientação ou apresentam pouco (o caso mais radical é configurado na narrativa 50 a). Da mesma forma, há narrativas que não apresentam Avaliação e a Coda resume-se, em muitos casos, à expressão: 'é isso' ou expressões semelhantes.

Nesses textos diz-se que a narrativa é pobre justamente pela ausência desses elementos de Orientação e Avaliação. Mas não se pode negar que eles realizam do mesmo modo a função do narrar: a recuperação do acontecimento obedecendo à ordem em que os eventos devem ter ocorrido.

...

Pouco a pouco esperamos ter feito o que pretendíamos no início do capítulo: a exposição mais detalhada das aplicações do modelo de Labov a narrativas do Português, a especificação dos problemas com que deparamos desde o momento da separação em cláusulas independentes até a mais possivelmente completa caracterização daquelas funções estruturais da narrativa com que nos propusemos trabalhar, e mostrando sempre que possível uma ou mais de uma solução para as diversas dificuldades encontradas.

Da tarefa de caracterização das cláusulas conforme a sua função verificamos em termos de oposições maiores:

a) A concretude do critério da Juntura Temporal, com refinamentos do conceito apresentado por Labov, como um dos instrumentos de decisivo poder caracterizador daquilo que é essencialmente narrativo, contrapondo-se ao que não é essencialmente narrativo: cláusulas narrativas são intrinsecamente marcadas/separadas por Juntura Temporal, cláusulas não essencialmente narrativas - Avaliação, Orientação e Coda, não se caracterizam pela Ordenação Temporal.

b) Marcas linguísticas especialmente de natureza verbal consti

tuindo um e outro dos subgrupos apontados no interior das cinco funções estruturais. Para as cláusulas de Orientação, Avaliação e Coda percebeu-se maior incidência de verbos de Estado e de Processo Mental (classificação de Halliday) e em menor ocorrência, verbos de Ação em contraposição aos verbos quase sempre de Ação das cláusulas de Complicação e Resolução.

c) As formas verbais que preenchem os núcleos das cláusulas obedecem, em geral, ao esquema: realização do Aspecto Perfectivo nas cláusulas narrativas, realização do Aspecto Imperfectivo nas cláusulas não narrativas.

A partir de c então pensamos numa outra forma de abordagem à categoria de Aspecto Verbal, entendida agora bem mais como uma categoria que não se limita à forma verbal inserida numa frase mas o Aspecto Verbal como uma categoria discursiva, entendida ao nível do discurso. E no caso da narração, a categoria de Aspecto, ao lado do tipo (a sub-classe dos verbos de Ação), atuariam como marcas linguísticas de articulação do discurso narrativo.

Das distinções menores, observou-se a caracterização das cláusulas avaliativas sobretudo, que apresentam mecanismos próprios a sua função de avaliar o acontecimento. Esses mecanismos que Labov chama de desvios da sintaxe padrão narrativa, compreendem o uso argumentativo da conjunção Mas, elaborando relações com significações implícitas só entendidas a nível do texto, usos de Negativas (Não) também com funções de Avaliação pela comparação com ações em potencial a serem realizadas, trabalhadas também com significações só apreendidas no texto, relações de causalidade igualmente

com clara interferência do narrador, verbos de Processo Mental e marcas fortes de interlocução com freqüentes apelos aos interlocutores realizando a função fática de linguagem, e outros mecanismos ainda.

Através desse levantamento, e tendo sempre em mente a caracterização fornecida no modelo de origem, foi possível chegar-se a um pequeno esquema que embora não muito coerente nos critérios que o organizam permite observar três tipos de Avaliação:

1) A avaliação estrutural descrita pela posição que ocupa em meio às cláusulas de Complicação e Resolução.

2) A Avaliação descrita semanticamente, isto é, inerentemente avaliativa, e que pode aparecer a qualquer ponto da narrativa (inclusive nas Cudas e nas cláusulas narrativas). Pode aparecer em grupo ou em enunciados isolados.

3) Uma avaliação que se define a partir da compreensão do texto: a importância apreendida pela totalidade de sentido do texto, que certas passagens podem adquirir em meio ao acontecimento narrado. Nesse tipo de Avaliação podemos inscrever também a Avaliação por Repetição (às vezes de parte de uma cláusula, às vezes de seções inteiras).

Para a Orientação descrevemos sobretudo as diversas formas verbais que preenchem seus núcleos, e os diferentes matizes de significações que essas formas verbais emprestam à referência: locuções formadas de Imperfeito de Estar + Formas Impessoais (o gerúndio e o particípio) do verbo principal, tempos compostos, locuções com Imperfeito de Ir/Vir + Gerúndio ou Infinito e as formas mais comuns e recorrentes de Imperfeito de

Estar, Ser, Ter.

A partir desse levantamento buscamos também situar um pouco mais o conceito de Orientação, ampliar o quadro de possibilidades da significação referencial, postulando o que chamamos de Antecedente Narrativo marcado pelo Mais que Perfeito.

Tanto para a Avaliação quanto para a Orientação alertamos todo o tempo para a diversidade e a elasticidade desses conceitos, e, consequentemente, as confusões de análise que se poderiam proceder.

Sobre a Coda, permanecemos do original com o conceito de um elemento discursivo responsável pelas mudanças de Perspectiva de Locução: sem dúvida, qualquer que seja a significação contida em seus enunciados/componentes a Coda faz recuperar a Perspectiva de Locução para o momento de enunciação. Verificou-se ainda que a Coda incorpora significações de Avaliação, repetições de cláusulas narrativas e que em virtude dessa variação da significação ela apresenta marcas linguísticas ocorrentes tanto num quanto noutro dos subgrupos.

Por fim tentamos mostrar que determinadas seções no texto narrativo (material com que efetivamente tem-se trabalhado e que se define como a produção discursiva total do sujeito/narrador desde o momento em que ele responde a pergunta usada até ao ponto em que ele dá por encerrada sua vez de fala, constituindo a pausa ~ a pausa discursiva) que cumprem dentro desse todo narrativo de fato uma função de Orientar, Avaliar ou mesmo encerrá-lo (o texto), podem assumir características de diferentes posturas discursivas de Dissertação/Comentários ou Descrições, cons

títuidas por enunciados organizados textualmente, compondo significações autônomas dentro desse texto maior.

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. Estamos considerando somente uma das possibilidades do Mas em língua portuguesa. Expressões como: 'ele não é inteligente mas esperto' ou ainda aquelas orações iniciadoras de diálogos e introduzidas por Mas não estão sendo consideradas aqui.
2. Salvo nos casos em que é necessário usar-se uma forma no Imperfeito dentro do corpo de cláusulas narrativas para mostrar por exemplo a simultaneidade de ações.
3. Halliday, in John Lyons (org.), Novos Horizontes em Linguísticas, 1976.
4. A não ser, é claro, naqueles casos em que a expressão de um verbo de Processo Mental se reveste das características de uma ação propriamente dita, como por exemplo em:

"Ele pensou bastante sobre o problema e construiu uma tese rocambolesca".
5. Nos esquemas de Labov a repetição é uma forma de marcar a avaliação na narrativa. Ver Labov, 1972.
6. Há casos contudo com o verbo 'ficar' (como em "ficou grande") em que estamos considerando uma forma não narrativa.
7. Esse tipo de orientação está previsto no modelo de Labov constituindo o que ele chamou de Picture of Situation (Labov 1972, p. 364). Mas não há na análise discussão sobre as diferenças de orientação.

8. Claúsulas que apresentam o Mais que Perfeito composto geralmente aparecem em meio às claúsulas de orientação. Mas no caso visto naturalmente ela não cumpre função de Orientação.
9. O. Ducrot e C. Vogt, 'De Magis a Mais: Une hypothèse Sémantique', (ed. mimeografada).
10. Essa análise se faz mais clara sobretudo na comparação com outros 'usos' do Mas em Português. Por exemplo em 'Mário não é inteligente mas esperto' tem-se a negação de A.
11. O presente do Indicativo em i, se transposto para o Pretérito, vai incorporar possivelmente a forma verbal do 'Pretérito Perfeito: 'começou a comprar'.
12. Castilho, A. T. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, p. 49, 1968.
13. Hamon, in Poétique nº 12, 1972.
14. Para melhor exploração desse problema veja-se R. H. B. Martinez in Subsídios à Proposta Curricular da Língua Portuguesa para o 2º grau, volume III, Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, S.P., 1978.

CONCLUSÕES

Harald Weinrich em 'Le Temps'^{*}, procede um estudo minucioso e sistemático da classe dos verbos, mais precisamente das formas temporais ditas flexionadas, considerando em princípio as falhas que os enfoques linguísticos tradicionais têm sofrido em decorrência de sua particular atenção a uma unidade linguística - a frase, por ele vista somente como "uma unidade de tamanho médio situada em um ponto qualquer entre as unidades menores (morfemas/fonemas) e a unidade máxima, o texto". E é a partir do texto, e no texto, que Weinrich vai buscar todo o seu material de trabalho: a sua preocupação será trabalhar com uma linguística textual, e o estudo do verbo a que procede fará parte de uma gramática da língua "mas essa gramática deve refletir o fato fundamental de que as formas temporais venham a nós primeiro - e voltem, através dos textos. É aí que eles delineiam com outros sinais e também com outros tempos um complexo de determinações, uma rede de valores textuais..." (Pag. 13).

Pelo exame de vários textos escritos (de Merimée, Sartre e outros) ele observa a grande frequência das formas temporais na sua relação com a totalidade de linhas dos textos escolhidos, e no total das ocorrências ele verifica num e noutro texto a frequência maior de uma ou outra forma temporal (ou de um grupo de formas verbais) em relação a outras (reais e/ou virtuais). Essa distribuição das formas temporais (mais ocorrentes num do que noutro texto) não é, como se poderia pensar tão arbitrá

(*) Weinrich, Le Temps, Paris, 1973.

ria "repetindo-se segundo leis de probabilidade; tal não é o caso. Nem aqui nem em outro lugar. A sucessão dos tempos nos textos obedece manifestamente a um certo princípio de ordem" (Pag. 19).

E a partir daí articula-se a hipótese que dará desenvolvimento ao trabalho: a dominância temporal (frequência maior de uma forma temporal em detrimento de outra), deve de alguma forma marcar para o leitor (ouvinte, parceiro de interlocução) o tipo de texto constituído; ou que todo texto (em francês) se dará pela dominância de um ou de outro dos grupos de verbos verificados.

A observação sistemática dos textos revelou a distribuição de dois grandes grupos de verbos: o Grupo I, ao qual pertencem as formas temporais de, em francês, Presente, Passé Composé e Futuro, e o Grupo II, contendo o Passé Simple, Imperfeito, Mais que Perfeito e Condicional.

E aqui estabelece-se a primeira grande oposição no trabalho de Weinrich: a distinção entre o que nos textos se revela como Mundo Contado, textos onde a dominância temporal é cumprida por verbos do Grupo II, e Mundo Comentado, caracterizado pela grande frequência de verbos do Grupo I.

A análise dos textos e a constatação inicial da hipótese levam Weinrich a estabelecer as três grandes dimensões sob as quais considerar-se a forma temporal nos textos. A constatação inicial da frequência maior dos verbos de cada um dos grupos (em detrimento de outro) conduzem à hipótese de que na verdade esses usos configuram uma atitude de locução, ou em outras palavras, a distribuição dos verbos dos dois grupos está ligada

ã articulação de diferentes atos de locução: se se usam verbos do Grupo I o sujeito falante marca para o seu ouvinte a natureza comentativa do seu texto (e o ouvinte deve estar atento a isso), ao passo que o uso dos verbos do grupo II determina que o texto produzido é de natureza narrativa. A constituição dos textos mediante o uso pelo sujeito falante de um ou outro dos grupos de formas temporais ele dá o nome de Atitude de Locução: "é essa oposição entre o grupo dos tempos do mundo contado e o grupo dos tempos do mundo comentado que eu caracterizaria globalmente como 'Atitude de Locução' (Pag. 30). Por mudança de Atitude de Locução entende-se a passagem que ocorre num texto entre o uso de verbos de um grupo para outros de outro grupo, marcando aí diferentes textos (comentativos e narrativos).

A Atitude de Locução faz o ouvinte tornar sua escuta mais tensa no caso do emprego dos tempos comentativos, e mais vigilante: quando se dão os tempos do mundo contado, os tempos narrativos, então o ouvinte é advertido de uma outra atitude de escuta mais relaxada, menos carente de atenção.

Segundo Weínrich são representativos do mundo comentado: diálogo dramático, memorandum político, editorial, testamento, tratado científico, ensaio filosófico, comentário jurídico e todas as formas de discurso ritual, codificado e performativo. No caso dos tempos do mundo contado são outras as situações de locução: "uma narrativa de caça, uma estória imaginária... uma novela, uma narrativa histórica, um romance". O que importa no caso na distinção entre um e outro tipo de Atitude de Locução é que o primeiro caracteriza-se por uma tensão que o falante quer fazer passar ao

seu interlocutor, ao passo que no segundo dá-se justamente uma situação de relaxamento. O papel dos verbos marcando essa atitude de tensão X relaxamento faz ver ao ouvinte que se trata de um texto comentativo ou narrativo.

O tempo de um texto é normalmente orientado conforme duas direções 'fundamentais' da comunicação: a informação anterior e a informação por vir' (p. 68). E é no sistema temporal que se encontram as distinções encarregadas da orientação em relação ao tempo do texto. Esses dois conceitos - informação que pode ser narrada e uma informação que é antecipada, têm valor relacional entre tempo do texto e tempo de Ação (p. 68).

Nos dois grupos de verbos, ou registros (tempos narrativos e tempos comentativos), aparecem diversas formas temporais e essas têm a função de expressar a relação entre o tempo do texto e o tempo da ação. Pode haver uma coincidência entre os dois, pode haver uma decalagem (o tempo da ação precede o tempo do texto ou coloca-se muito depois dele).

Quando ocorre a coincidência tem-se o ponto zero da perspectiva. Isso se dá no caso dos tempos comentativos com o Presente, e nos narrativos ao mesmo tempo pelo imperfeito e Passê Simples. No grau zero não há a preocupação em se marcar a Perspectiva de Locução. Ao contrário quando se usam o Passê Composé, dentre os tempos comentativos, e o tempo Futuro, marcam-se respectivamente a atenção para as relações entre Tempo de Ação e Tempo de Texto. No primeiro caso para uma informação passada, a retrospectão, e no segundo a informação antecipada, a prospecção. No grupo dos

tempos narrativos, o Mais que Perfeito e o Passé Antérieur são os responsáveis pela retrospectiva e o Condicional marca a prospecção.

A esta relação que o falante deseja marcar de coincidência ou de colagem entre o tempo de ação e o tempo do texto Weinrich chama de Perspectiva de Locução.

Por fim Weinrich aborda um terceiro aspecto a ser observado no estudo dos verbos. Trata-se do que ele chama de Mise en Relief, uma noção que traduz mais ou menos um fenômeno ocorrente nos textos de se dar realce a um ou outro processo 'projetando para o Primeiro Plano certos conteúdos' ao mesmo tempo em que se lançam outros para um Plano de Fundo. Isso ocorre com intensidade nos textos narrativos, mas também nos textos comentativos.

Das três noções trabalhadas no texto citado esta é sem dúvida a aquela em que temos mais interesse visto ser ela enfoque, em última análise, dos problemas que nos propusemos discutir em nossa tese.

A Mise en Relief se articula nos textos através do que o autor de nomina de transições temporais, que são as passagens que se têm num texto entre um tempo e outro do grupo de verbos dominantes (verbos comentativos ou narrativos). É através da transição temporal que o leitor é advertido para conteúdos do Primeiro Plano ou conteúdo do Plano de Fundo (assim como para conteúdos do Mundo Contado e Mundo Comentado ou para as informações passadas e as antecipadas).

Em francês a Mise en Relief nas narrativas se dá através do Im

perfeito e do Passê Simple. Sendo formas temporais consideradas como de grau zero de Perspectiva de Locução a sua função é dar realce ao que numa narrativa é pertencente ao Plano de Fundo - o papel realizado pelo Imperfeito, e o que é pertencente ao Primeiro Plano, geralmente marcado pelo Passê Simple. Vamos recorrer ao próprio Weirich para mostrar quais são esses mecanismos de Mise en Relief e qual a sua função:

"... na repartição desses dois tempos na narrativa não há outra lei constante além do princípio de sua mescla; o detalhe de sua distribuição é abandonado ao poder do narrador. Na verdade sua liberdade é limitada por certas estruturas narrativas fundamentais. No início da estória não se pode passar totalmente sem exposição; também a narrativa tem normalmente uma introdução onde o tempo é mais frequentemente do Plano de Fundo. Ademais em numerosas narrativas o final é explicitamente marcado por uma conclusão e ela também tem uma tendência para os tempos do Plano de Fundo. Isso não é absolutamente uma obrigação, as exceções existem; mas é relativamente frequente encontrar, como na lenda de Saint Dimitri, no início e no fim da narrativa uma concentração de tempos do Plano de Fundo. No narrativo esses (Imperfeito e Mais que Perfeito) são destinados às circunstâncias secundárias, às descrições, reflexões e tudo o que o autor deseja repousar no Plano de Fundo.

É completamente impossível decidir a priori o que, numa narrativa estará do lado do Passê Simple e portanto do Primeiro Plano. Pertence ao Primeiro Plano aquilo que o autor quer constituir como tal. Aqui também a margem do jogo onde se dispõe o narrador encontra limitado por certas leis fundamentais da narratividade. Elas querem que o Primeiro Plano

seja habitualmente aquilo porquê a estória é contada; retêm o resumo fac
tual; o que o título resume ou poderia resumir; ou ainda aquilo que no
 fundo dá às pessoas o desejo de deixar de lado um instante suas ocupações
 para escutar uma estória tão estranha ao seu universo cotidiano; é em
 suma, segundo a palavra de Goethe, 'L'événement inoui' (o acontecimento
 não esperado, novo). A partir daí deixa-se enfim determinar o inverso, o
 plano de fundo da narrativa: em seu sentido mais amplo é aquilo que por
 si só não despertaria o interesse mas que ajuda o ouvinte a se orientar
 através do mundo contado e lhe torna a escuta mais fácil" (Pag. 115).

Fundamentado nessas três dimensões postuladas para se proceder o
 estudo dos verbos, o autor prossegue o trabalho analisando em diversos tex
tos escritos as transições temporais - "passagem de um signo a outro no
 curso do desenrolar linear do texto" (p. 198), as possibilidades combina
 tórias: articulação de outros tipos de palavras como advérbios, conjun
ções, etc às formas temporais. Verifica além disso, enfocando também uma
 questão interessante para o nosso trabalho, a Mise en Relief na frase, obser
 vando, em caráter geral, o Plano de Fundo constituído geralmente pela par
 te subordinada do período, cujo núcleo verbal é preenchido por um verbo
 no Imperfeito (no caso do francês), e o Primeiro Plano evidenciado na par
 te principal da oração, articulado em geral por verbos no Passé Simple. Se
 teria então na sintaxe da frase um arremedo em miniatura daquilo que ocor
re no texto: o relevo a certos conteúdos e o lançamento para o plano de
 fundo de outros.

Em se tratando de um estudo sobre verbos o autor busca na medida do possível, a caracterização mais exaustiva e mais abrangente das formas temporais nas diversas línguas. Para o que nos concerne em nossa dissertação, e como já fizemos salientar, as grandes noções por ele trabalhadas e que efetivamente oferecem subsídios teóricos em sustentação a nossa tese, são aqueles referentes às oposições entre Mundo Contado X Mundo Comentado, e fundamentalmente, Primeiro Plano e Plano de Fundo da narrativa. Ou por outra, as chamadas dimensões da Mise en Relief e Atitude de Locução são os instrumentos teóricos com os quais trabalhamos mediante as oposições que elas permitem operar.

Apesar de não ser um trabalho de enfoque preciso ao estudo da narrativa, as reflexões de Weinrich sem dúvida expõem noções e mesmo instrumentos de análise com vasto poder explanatório para a consideração desse tipo de discurso. Com base na caracterização que ele afinal acaba por dar à narrativa, ou antes, ao texto com que trabalha, é que tentaremos chegar a alguns pontos de contacto, outros de desacordo entre nossas reflexões²⁸ de Weinrich e aquelas que serviram de ponto de partida, de Labov e Waletzky.

Depreende-se da leitura de Weinrich a sua grande preocupação com a significação e mesmo a função da forma temporal no texto: não mais apenas o lexema dotado de informações de pessoa, tempo e modo (aspecto) de ação, mas em realidade sinais indicadores/articuladores de diferentes atitudes de locução, ou discursivas se levarmos adiante a definição, acrescentando-se a isso ainda as funções de marcadores das relações entre Tempo

do Texto e Tempo de Ação, e de fazer realçar certos processos lançando-os para o Primeiro Plano da Narrativa, enquanto outros compõem o Plano de Fundo.

Essa compreensão da categoria verbal vem de certa forma embasar certas posições teóricas com que afinal estamos lidando em nossos estudos. Se para Weinrich o Passé Simple é o verbo em francês que possibilita sob a forma discursiva, a recuperação do acontecimento 'inoué' e aquele que constitui o Primeiro Plano da narrativa, foi também preocupação nossa mostrar, em nossas análises, que o verbo de Ação é a sub-classe de palavras na língua que possibilita a articulação do discurso da narração. Ainda, os mecanismos que ele descreve como dimensões ou eixos para o estudo dos verbos - a Mise en Relief e a Atitude de Locução, operam, com as devidas diferenças decorrentes mesmo do objeto de estudo, com ocorrências textuais semelhantes àquelas que nos levaram a definir num texto partes essencialmente narrativas e partes não essencialmente narrativas, centrando-nos nesas últimas como tema dessa dissertação.

Discutindo a questão da Mise en Relief nas narrativas, Weinrich efetua um levantamento das formas verbais que aparecem nos textos por ele examinados, e observa que há passagens marcadas pelo Passé Simple e outras pelo Imperfeito. Descreve as primeiras como aquelas constitutivas do Primeiro Plano da narrativa e as últimas como sendo seu Plano de Fundo. Atribui à primeira parte um traço de 'essencialidade' ou o que ele chama de 'ação principal' como se vê pela passagem que citamos, e a segunda ele define mais ou menos como 'o espaço para onde são lançados as ações

secundárias".

Ao lado do Passé Simple pode aparecer também nas narrativas do Francês, o Passé Antérieur, constituindo o Primeiro Plano. Para o Plano de Fundo encontramos em grande frequência o Imperfeito mas também o Plus que parfait. Analisando textos em Inglês, que das línguas trabalhadas pelo autor é aquela com que mantivemos maior contacto no estudo das narrativas, ele observa que as formas temporais em '... ing' ('he was singing') são as que estabelecem o Plano de fundo nas narrativas do Inglês, não importando questões relativas ao Aspecto Verbal do processo verbal a expressar se é durativo ou pontual não interessa mas é relevante o fato de que essas formas marcam a Mise en Relief nas narrativas do Inglês, projetando como secundárias certas ações para o Plano de Fundo.

Transpondo-se essas observações para o nosso trabalho, verificamos melhor os pontos de contacto entre nossas reflexões e aquelas efetuadas por Weinrich. Sem discutirmos certos aspectos muito particulares à língua francesa, como é o caso do uso do Passé Simple só ocorrente no registro escrito (no oral sendo substituído por formas comentativas como Presente e Passé Composé), os levantamentos das formas verbais nas narrativas do Francês de certa forma coincidem com aqueles que procedemos para as nossas. Aqui como lá, verificou-se a distribuição entre formas do Perfeito e formas do Imperfeito (em suas modalidades simples ou em locuções), e ainda as formas do Mais que Perfeito (que tentamos definir como a forma responsável pelo 'antecedente narrativo'). Também as formas progressivas do Inglês encontram correlato no Português com as nossas locuções em Es

tar + Gerúndio do verbo Principal ou Ir + gerúndio do verbo Principal.

Se tentássemos aplicar o modelo de Weinrich às narrativas do Português diríamos então que a Mise en Relief é cumprida em nossos textos por formas temporais bem semelhantes àsquelas do Francês.

A mudança de Atitude de Locução seria também outra perspectiva de convergência entre nossas considerações e as de Weinrich, se estivéssemos analisando nossos textos segundo a proposta de Weinrich: como já observávamos no capítulo anterior pode-se depreender num texto maior partes/seções bem estruturadas marcadas pela presença intensa de certas formas temporais como ocorre por exemplo às narrativas 25, 13 e outras ainda que analisamos. Em nossas considerações falávamos de possíveis diferentes atitudes discursivas num texto de dominância narrativa e apontávamos, do ponto de vista semântico/sintático, para a natureza comentativa do texto, no caso a narrativa 25, e para a própria estrutura de argumentação do texto conferido na articulação de afirmações generalizadas sobre um tópico de terminado (o assalto), possibilitado sobretudo pela classe dos substantivos. Também aqui como no francês, é grande a ocorrência das formas temporais do Presente do Indicativo, mesmo do Futuro. Só para dar um exemplo vamos enumerar algumas das formas verbais encontradas: tem, você percebe, é realça... ai vem... ou você fica parado prá ver se vai acontecer..., você sabe o que que, ... como ocorre um assalto, ... vai roubar voce, você toma aquela abertura de luz... etc.

E aqui também, como no caso do Francês ocorre a transição temporal que marca para o ouvinte a mudança de Atitude de Locução, introdu-

zindo para nós aquilo que é narrativo propriamente dito, que nesse caso específico confunde-se com a passagem para o Mundo Narrado de Weinrich.

No caso da narrativa 13, não teríamos conforme o modelo de Weinrich a mudança de Atitude de Locução mas estaria bem claro a Mise en Relief do texto, configurando-se o trecho citado como um perfeito Plano de Fundo da narrativa.

Em nossas análises tentamos mostrar que o texto em questão tem toda a feição, segundo caracterizações já estabelecidas, de uma descri
ção. E do mesmo modo que para a narrativa 25, procedemos o levantamento dos verbos considerando-se tipo, tempo e aspecto. Da mesma forma foram observada a organização e estruturação do texto.

E essa constatação também se insere perfeitamente nas observa
ções de Weinrich pois que é ao 'Plano de Fundo onde repousam as circuns
tâncias secundárias, as descrições e as reflexões' em torno ao nó narrati
vo conforme a própria citação acima.

À altura da cláusula j ('quando dona Didi adoeceu assim para mor
rer papai então levou ela prá casa') ter-se-ia, ainda segundo o modelo, uma transição temporal homogênea, aquela que marca a passagem de um tempo a outro do mesmo grupo (sem mudança de Atitude de Locução ou de Perspectiva de Locução) articulando a Mise en Relief do texto: passagem do Plano de Fundo para o Primeiro Plano.

As Cudas que enumeramos de natureza comentativo/apreciativa tam
bém se enquadram de um modo geral dentro da mudança de Atitude de Locução,

proposta para a narrativa 25.

Um quadro bastante representativo das semelhanças entre essas ocorrências e as ocorrências apontadas por Weinrich pode ser vista no exame que o autor efetua em torno a um texto de Balzac, 'Pere Goriot', ainda a propósito da Mise en Relief. Diz Weinrich:

'(O romance) Pere Goriot dá uma boa ilustração disso. O início do romance se faz em três vagas temporais. A primeira está no Presente, a segunda no Imperfeito. O Passé Simple só aparece na terceira. A primeira parte descreve a pensão Vauqueur. É antes de tudo a cena de ação do romance mas (é) também uma pensão típica: tem-se aí um fragmento do comentário sobre o objeto sociológico 'pensão parisiense'. Dai o presente. Depois Balzac situa a pensão à época do romance e descreve aí os ocupantes. Aqui (tem-se) não mais a descrição pitoresca de um grupo humano arbitrário mas uma amostra representativa da sociedade parisiense numa época dada. Essas descrições, onde os personagens ainda não atuam, funcionam assim como um Plano de Fundo da ação principal que vai coloca-los em movimento e deixá-los ir ao encontro de seus destinos. De um ponto de vista da técnica narrativa e da teoria do romance é portanto normal que essa passagem esteja no Imperfeito. No terceiro movimento o romance introduz o acontecimento a narrar. Mas na sequência do livro Balzac voltará constantemente a descrição típica propriamente sociológica" (Pag. 121).

Sem levarmos tão ao extremo a dimensão da Mise en Relief também na frase, a ponto de se considerar que nos textos narrativos 'toda propo-

sição no Imperfeito (*Imperfait*) é subordinada' (Pag. 175), pelas próprias evidências por nós apontadas em nossas narrativas devemos compartilhar com Weinrich a idéia do que de fato elementos de natureza não essencialmente narrativa são mais facilmente encontradas nas partes subordinadas das cláusulas. Elementos de Orientação vêm muitas vezes constituindo a subordinada relativa de uma cláusula, ligada pelo pronome Que; e com certa frequência a subordinada adverbial introduzida por conjunções como Por que, Como, Quando é na frase e para o texto, aquela parte responsável pelas funções de Avaliação e Orientação. Lembremos a propósito os exemplos apontados quando discutíamos relações subjacentes de subordinação causal, só perceptíveis a nível do texto, nas análises efetuadas para a depreensão e caracterização daqueles elementos encontrados nas narrativas cumprindo funções não diretamente comprometidas com o acontecimento recuperado.

De maneira geral vemos que não somente o levantamento das marcas formais de uma narrativa (as formas temporais) mas também alguns dos próprios procedimentos utilizados por Weinrich para caracterizar e apreender as diversas partes que aí aparecem são bastante próximos às conclusões a que temos chegado e mesmo se assemelham em muito as nossas intuições sobre a narração.

Em várias passagens da nossa exposição fizemos ressaltar a natureza diferente em relação ao corpo das cláusulas que compõem a sequência narrativa, daqueles enunciados que respondem aí pelas funções da Referência sobretudo e de Avaliação. Observávamos ocasionalmente as diferentes incidências desses elementos no corpus examinado, podendo aparecer ou não,

a distinta composição desses enunciados principalmente no que diz respeito ao verbo que preenche seus núcleos, e buscamos na medida do possível acertar com a sua significação e função dentro da totalidade discursiva examinada. Essas conclusões se davam ainda mais na comparação com os enunciados componentes da sequência narrativa ou seção de Complicação/Resolução, na terminologia de Labov, ou ainda, para Weinrich, aquela parte que corresponde à expressão do acontecimento novo, ou 'ação principal'.

Sem usarmos a palavra, ressalvamos o caráter 'secundário' dessas partes entendidas na sua relação com os enunciados linguísticos responsáveis precisamente pela recuperação do acontecimento, com o narrar, entendido enquanto atitude discursiva que recupera o acontecimento, fazendo com que as suas unidades constitutivas - enunciados, se apresentem sequenciados temporalmente na mesma ordem em que os eventos ocorreram. Em outras palavras, observávamos essas seções nas suas relações com a sequência narrativa propriamente dita.

São inúmeras também as passagens de Weinrich que, em última análise, expressam as suas intuições sobre as funções que essas 'seções' em prestam à narrativa sobretudo quando ele verifica a questão da Mise en Relief nos diversos textos literários. Diz Weinrich examinando o problema das Transições Temporais Imperfeito - Passé Simple, num texto de Camus:

'Os acontecimentos marginais estão no Imperfeito. Na primeira das duas transições citadas (Imperfeito - Passé Simple) isso se reflete até na construção da frase: o Imperfeito se encontra numa proposição relativa (dont la voiture était em bourbée). Da terceira forma temporal (rencon

tra) à penúltima (courut) se estende portanto o nô narrativo que estã no Passê Simple. No interior, as circunstâncias secundárias estão no Imperfeito (...). Mas introdução e conclusão representam bem mais do que as primeiras e últimas frases do texto: elas são plenamente partes da narrativa (récit) as quais do ponto de vista da técnica narrativa asseguram funções bem precisas. A introdução serve de exposição: ela apresenta o mundo que vai ser contado e convida o leitor (ou o ouvinte) a penetrar nesse universo estranho. A conclusão encerra esse mundo misterioso da narrativa onde um mortal pode ter encontro com Deus. Ela nos conduz em direção a moral da lenda, em pleno domínio do mundo comentado. Eis-nos de volta desse mundo estranho para o nosso mundo cotidiano' (Pag. 114).

Esse trecho se revela bastante interessante para nossa exposição pois que ele a um só tempo aponta tanto para pontos de contacto quanto para pontos de desacordo (que discutiremos em seguida) entre as conclusões a que chegamos e as observações de Weinrich.

Na parte final do texto o autor explicita a importância/valor que ele atribui a cada uma dessas partes (introdução e conclusão, que devem constituir o Plano de Fundo das narrativas) caracterizando-as como 'partes plenamente da narrativa'.

E nesse sentido, e como uma decorrência mesmo de idênticas considerações em torno ao produto linguístico examinado, aqui chamada de Narrativa, dão-se as convergências entre os estudos de Weinrich e aqueles efetuados por Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972).

Embora fundamentado em outros aspectos e com outros objetivos o

texto de Weinrich, quando examina a questão da Míse en Relief nas narra-
tivas, acaba por se aproximar bastante das conclusões de Labov e Waletzky
em torno a esse tipo de discurso. O que se mostra a princípio de natureza
tão distinta e descrevendo objetos iguais (o mesmo objeto na verdade) mas
de forma também diferente, quanto podem parecer por um lado as cinco fun-
ções estruturais de Labov e Waletzky e por outra a detecção de dois Pla-
nos: Primeiro Plano e Plano de Fundo de Weinrich, na verdade se revelam
como formas descritivas bem semelhantes, no que diz respeito sobretudo à
funcionalidade de seus elementos, do material narrativo com que trabalham

Descrevendo e postulando funções estruturais da narrativa Labov,
tanto quanto Weinrich, busca dar conta de todos aqueles elementos encon-
trados no texto e para os quais atribui o papel de estruturador (do mesmo
modo como Weinrich fala dos seus Planos como 'partes plenamente da narra-
tiva').

Weinrich separa entre partes "descritivas e de reflexões", que
servem muitas vezes de Orientação ("a introdução) apresenta o mundo que
vai ser contado e convida o leitor (ouvinte) a entrar nesse universo es-
tranho") e partes que comportam o acontecimento novo, o que vale a pena
ser contado, a ação principal.

Nesse paralelismo como Labov observa-se por outro lado que, em
virtude possivelmente de não ser a narrativa a questão central a ser exa-
minada na obra de Weinrich e/ou talvez em decorrência dos diferentes ti-
pos de narrativas trabalhadas (Labov: narrativas de experiência pessoal,
oral; Weinrich: narrativas literárias), não há nessa perspectiva de Pla-

nos na Narrativa quase nada discutido, ou nada mesmo, em torno àquela função de Avaliação, responsável, segundo Labov, pelo próprio 'sentido', 'razão de ser' da narrativa.

Ou entenderíamos por outro lado que, em Weinrich aquilo que se coloca como o motivo mesmo da estória ser contada, está no acontecimento propriamente dito, como já realçamos na passagem acima:

'Pertence ao Primeiro Plano aquilo que o autor quer constituir como tal... Elas (...) querem que o primeiro plano seja habitualmente o por quê a estória é contada; aquilo que retém o compte rendu factual; ou ainda aquilo que no fundo dá às pessoas o desejo de deixar um instante seu universo cotidiano; é em suma, segundo a palavra de Goethe, 'l'événement inoui'. A partir daí deixa-se enfim determinar o Plano de Fundo da Narrativa (...) que por si só não despertaria o interesse mas que ajuda o ouvinte a se orientar através do mundo contado..." (P. 115).

Observe-se por outro lado o que diz Labov em 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax', p. 366:

'Inícios, meios e finais das narrativas têm sido analisados em muitas abordagens de folclore ou narrativa, Mas há um aspecto importante que não tem sido discutido - talvez o elemento mais importante em adição à cláusula narrativa básica. Isso é o que nós denominamos de Avaliação da narrativa, a sua razão de ser: porque foi contada e o que o narrador quer conseguir com isso. Há muitas maneiras de contar uma estória, constituir pontos muito diferentes ou não constituir ponto algum'.

Apesar dos textos ou por causa deles mesmo, ainda é possível perguntar-se da 'incompatibilidade' que estamos querendo apontar entre as duas análises: a Avaliação ou 'o porquê a estória é contada' de Weinrich poderia estar contida dentro de uma seção maior que seria o Primeiro Plano ou mesmo a Ação Principal. Parece-nos entretanto que essa atribuição de 'o porquê da estória' se situa para Weinrich no próprio acontecimento, é o próprio acontecimento novo, ao passo que em Labov a Avaliação é um elemento adicional (e importante) à cláusula narrativa básica, responsável pela recuperação do acontecimento.

Tendo em vista que Weinrich não se propõe como objetivo estudar o discurso narrativo mas a questão das formas temporais nos textos (narrativos, no caso), é compreensível que lhe tenha escapado, por não precisar a análise com observações tão sistemáticas e detalhadas, certas passagens de natureza avaliativa, como faz Labov. Por outro lado, também nós já havíamos apontado inclusive para a possibilidade de se ter, no momento em que se escolhe um relato entre vários possíveis, uma postura de avaliação conferida pelo narrador.

A questão da Avaliação, que para Labov é tão importante na estruturação da narrativa, se coloca então como, na realidade, um dos poucos 'desencontros' nas conclusões a que chegam esses autores - Weinrich e Labov em seus trabalhos. Tanto um quanto outro, quer considerando o quadro das cinco funções estruturais, quer aquele dos planos da narrativa, de finem partes mais importantes umas do que outras, delimitando os conteúdos do Plano de Fundo num caso, e elementos/funções não tão sistemáticos e

regulares quanto outros. É o que se pode comprovar por exemplo das leituras dos textos de Labov e Weinrich, respectivamente:

Em 'Oral Version of Personal Experience', p. 34,

'A narrativa mais simples consistiria da única linha de Complicação sem uma resolução clara; frequentemente encontramos narrativas mínimas que têm tanto Complicação quanto Resolução (He hit me hard and I hit him back).

Já no artigo 'The Transformation of Experience in Narrative Sintax; p. 361:

'O esqueleto de uma narrativa consistiria então de uma série de cláusulas ordenadas temporalmente que nós podemos chamar de cláusulas narrativas. Uma narrativa como 4 consiste inteiramente de cláusulas narrativas:

'This boy punched me
And I punched him
And the teacher came in
And stopped the fight'

(pag. 360)

Mais adiante à página 370, analisando as diversas funções da narrativa, Labov diz: 'Podemos considerar também a narrativa como uma série de respostas às questões subjacentes:

- a) Resumo: sobre o quê é?
- b) Orientação: quem, quando, o quê, onde?

- c) Complicação: o que aconteceu então?
- d) Avaliação: e daí?
- e) Resultado: o que afinal aconteceu?

Somente c, a ação de Complicação é essencial se reconhecemos uma narrativa como colocado na seção 1. O Resumo, a Resolução, a Orientação e a Avaliação respondem a questões que se relacionam à função de efetividade da narrativa: as três primeiras para explicitar funções referenciais e a última para responder à questão funcional do porquê a história foi contada. Mas a referência do Resumo é mais ampla do que a Orientação e a ação de Complicação: ela inclui essas e a Avaliação, de maneira que o Resumo não somente estabelece sobre o que a narrativa é como também por que ela foi contada. A Coda não é dada em resposta a qualquer dessas cinco questões e é muito menos frequentemente encontrada do que qualquer outro elemento da narrativa. A Coda afasta qualquer questão e é ela quem assinala que as questões c e d não são mais relevantes'.

Vejamos agora o texto de Weinrich ainda comentando sobre a Mise en Relief nas novelas:

'Ninguém sonharia ao contrário, em tomar por uma história verdadeira a narrativa formada pelo Plano de Fundo. Ainda assim é preciso distinguir. No começo e no fim a coerência é irrepreensível. O começo poder-se-ia conceber como um pequeno quadro autônomo, como uma peça em prosa tendo ela própria bastante verossimilhança e legibilidade. O fim pode também ser concebido como uma solução feliz juntada a uma história, independentemente do sentido desta. Mas, no meio, é com esforço que se pode revelar

lar uma sequência coerente. Não se sabe por qual caminho tomar as frases. Elas não têm existência senão como auxiliar, como o acompanhamento de uma melodia; pode-se imaginar a melodia sem acompanhamento mas não o contrário. Ou, para falar sem metáfora, se se priva uma narrativa de todo o seu Plano de Fundo cortando as frases no Imperfeito (Imparfait) ou Mais que Perfeito, o que falta não é indispensável e pode ser adivinhado. Mas se o corte recai sobre o Primeiro Plano a narrativa é tão profundamente perturbada que ela perde toda sua consistência unitária' (pag. 139).

Observa-se então que Labov e Weinrich atribuem o traço de Essencialidade, numa narrativa, aos elementos, para o primeiro autor, de Complicação, talvez Resolução, e para o segundo autor, aqueles do Primeiro Plano.

E aqui parece residir a grande confluência entre as duas abordagens à narrativa: ao Primeiro Plano postulado por Weinrich é fácil associar-se as funções de Complicação, Resolução de Labov; ao Plano de Fundo, as seções de Avaliação, Orientação e Coda.

E na verdade aí se configura^o grande ponto de confluência entre as nossas reflexões e as reflexões desses autores, como já havíamos salientado, pois que como eles nós também detectamos no texto partes essencialmente narrativas e partes não essencialmente narrativas. Entretanto é nesse ponto mesmo que reside o desvio ou a divergência de nossas posições em relação aos autores estudados e como consequência estabelecem-se certas modificações sobre o quadro teórico antes configurada em relação à narrativa: nós não conferimos a essas seções da narrativa trabalhadas,

quer entendidas como funções de Avaliação, Orientação ou Coda, quer enquanto o Plano de Fundo das narrativas, nenhum estatuto de funções governantes da narrativa ou de 'partes plenamente da narrativa'. O que fizemos foi descrever as diversas seções que compõem o nosso material de trabalho, os textos narrativos, conferindo-lhes valores de essencialmente ou não essencialmente narrativos sobretudo pela sistematicidade e regularidade com que aparecem num texto.

Em Weinrich é explicitado desde o início a tentativa de se estudar a forma temporal dentro de unidades linguísticas mais amplas de que a frase e a preocupação do autor se define antes de tudo na busca da caracterização e da função que os verbos aí cumprem nas suas relações com os demais signos no interior do texto. O autor é claro já no estabelecimento dos seus princípios quanto a sua preocupação em se trabalhar com a chamada linguística textual. E só com base no estudo do texto é que foi possível a Weinrich estabelecer as três dimensões sob as quais devem-se considerar as formas temporais. Os traços mais forte nas reflexões de Weinrich que traduzem o seu empenho em mostrar as distinções entre análises linguísticas de texto e análise linguísticas de frase sem dúvida se coloca na re-apreciação que o autor faz da categoria de Aspecto (p. 107 do texto); o aspecto 'pontual' ou o 'permansivo' e outras distinções ainda que se depreendem no processo verbal, são de certa forma neutralizadas, segundo Weinrich, dentro do texto. O que importa no caso não seria a duração ou o complemento da ação mas a possibilidade de se marcar nos textos narrati

vos mecanismos de fazer realçar certos conteúdos em relação a outros, articulando a Mise en Relief.

As noções de Mundo Comentado e Mundo Contado postuladas por Weinrich também só são possíveis quando se trabalha com o texto. E daí também é que se verificam as mudanças de Atitude de Locução (passagem do mundo contado para mundo comentado e vice-versa) descritas pelo autor. E isso demonstra, mais uma vez, que Weinrich não está preocupado com as diferentes posturas discursivas que o sujeito/falante (ou o autor) pode assumir nas diversas situações de fala. Tendo em vista os seus objetivos (muito claros nos textos) ele efetivamente procede a um recorte no objeto de estudo - o texto, e descreve aí os elementos que encontra. Daí a postulação dessas dimensões de Mundo Comentado X Mundo Contado, e até mesmo Plano de Fundo X Primeiro Plano.

Naturalmente considerando-se 1) os objetivos a que se propõe o autor em seus estudos, 2) o próprio material linguístico com que trabalha, são sem dúvida bastante apreciáveis as conclusões a que chega o autor. E são pertinentes e bem delineadas as descrições e análises da organização e confecção dos diversos textos.

Nessa tentativa de descrever a significação do elemento linguístico verbo no texto, ele acaba por delimitar textos comentativos e textos narrativos, e dentro desses o Primeiro Plano e o Plano de Fundo. Segundo ele os verbos dos textos comentativos parecem ter afinidades com certos temas como as matérias científicas, o que equivaleria de certa forma a dizer que são textos mais tendentes à dissertação (embora a palavra não

tenha sido usada). No mundo narrado podem-se encontrar por outro lado 'reflexões e descrições' conforme já observado nas passagens antes citadas. Segundo tipologias tradicionais a Descrição, a Dissertação e a Narração são três formas de manifestação linguística igualmente partilhando o mesmo estatuto discursivo. Conforme as análises de Weinrich, pelo que se pode perceber não há limites teóricos bem traçados entre o que constitui o Mundo Comentado de um lado e o Mundo Narrado e as Descrições por exemplo que aparecem no Plano de Fundo. Isso se mostra mais claro na sua exposição sobre a Mise en Relief no romance 'Pere Goriot' de Balzac, já citado aqui.

E voltamos a repetir, isso se dá em virtude justamente, da consideração do texto, isto é, da totalidade do texto, no caso de Weinrich textos narrativos e comentativos. Natural que se procedam então as diversas classificações ou caracterizações dos elementos (discursivos/morfológicos-sintáticos) que aí aparecem.

Labov e Waletzky distinguem-se de Weinrich quer nos procedimentos de análise, quer fundamentalmente na delimitação do objeto de estudo: aqueles, diferentemente de Weinrich, preocupam-se especificamente com a Narração. Em razão disso, obviamente, as conclusões não chegam a explicar tão amplamente os mecanismos de organização dos textos: eles se dão na sua relação com o discurso narrativo apenas.

Por outro lado tanto para Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) quanto para nós, essas conclusões alcançadas devem ser entendidas sob a perspectiva também da análise do texto, e mais especificamente do texto

narrativo, ou do que se chama convencionalmente de Narrativa: todo aquele produto discursivo realizado pelo sujeito falante mediante uma situação de fala na qual se tem solicitado a emergência de um processo narrativo ou aquele de recapitulação de experiências passadas ou de recuperação de um acontecimento configurando-se suas unidades linguísticas mínimas - enunciados, responsáveis pelos eventos, na ordem em que esses eventos de fato ocorreram.

Na própria constitutividade desse texto, ou do discurso narrativo entendido de maneira geral, o sujeito falante faz intervir vários elementos linguísticos que atuam de maneira diversa e com fins também não tão semelhantes para a formação e organização desse texto. Como já havia mos observado em diversas análises das narrativas do nosso corpus, mesmo os elementos de Orientação por exemplo, dos quais se tem certa necessidade referencial talvez mais enfática na narrativa (situar o acontecimento em coordenadas espaço/temporais, circunstanciais e de personagens), variam em sua natureza (de Lugar? Tempo? Personagem?) e sua frequência nas diversas narrativas vistas. A Avaliação, que se dá por variados meios e sob interpretações as mais distintas, ocorre por exemplo como interferência do narrador na sua íntima relação com o 'tema' abordado, na sua relação com o interlocutor. A Coda, um elemento de natureza bem distinta dos demais, deixa assegurada a sua função discursiva de trazer a perspectiva de locução para o momento da enunciação (o que não significa concluir da sua pertinência enquanto estrutural: a presença da Coda na narrativa é o que torna esse elemento estrutural).

São esses elementos muito mais entendidos a nível de interlocução, e ocorrentes/realizados com maior frequência e regularidade através e nesses elementos de Avaliação, Orientação e Coda (ou Plano de Fundo), que os autores de 'Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience' não perceberam ou acharam melhor considerar como estruturadores/governantes da narrativa. Embora observando a irregularidade e a imprecisão nas noções sobretudo de Avaliação, como fizemos ver no capítulo I, e embora constatando o apontando para narrativas só constituídas da sequência narrativa, os autores definem-se pela postulação dos cinco elementos estruturais da narrativa.

A exposição e postulação dos procedimentos de análise, a postulação dos critérios sobretudo da Juntura Temporal são inegavelmente instrumentos linguísticos da maior importância para a consideração não só dos estudos da narrativa mas inclusive para estudos linguísticos que se proje-tam para além dos limites da frase. E observamos sobretudo que diante do material linguístico (que tentamos descrever há pouco) com que efetiva-mente tem-se trabalhado, a descrição e a análise das partes ou seções dos textos decorrem mesmo pela necessidade de explicação dos fatos ou ocorrên-cias aí apresentadas. Nesse sentido são justas tanto as averiguações/con-clusões desses autores, como em Weinrich.

Naturalmente, tantos mais elementos sejam aí incluídos (por variados motivos) mais explicações e/ou funções advirão. Observe-se por exem-plo que em Labov 1972, aparece mais um elemento classificado pelo autor como Abstract (Resumo), cuja função é captar o ponto principal da estória,

e que vai-se juntar às demais funções estruturadoras da narrativa.

Assim, quer considerando-se funções de Complicação, Orientação e Coda, quer entendendo-se o Plano de Fundo, o fato é que há certas partes do texto cumprindo diferentes funções e que distinguem-se em sua pertinência mesmo, daqueles elementos de Complicação e Resolução ou do Primeiro Plano.

Esses elementos de Avaliação, Orientação e Coda examinados por Labov e por nós, constituem e que estamos chamando de Não Essencialmente Narrativo. Compreendendo o texto narrativo então, ou o que todo o tempo chamamos de Narrativa, podemos depreender duas grandes seções: uma que cumpre funções de referência, avaliação e finalização de texto, e uma outra que se ocupa unicamente com a recuperação do acontecimento singular e único narrado - a sequência narrativa.

Todas as nossas conclusões estão de acordo de maneira geral com a caracterização dada por esses autores as diversas seções de uma narrativa. Retomemos os textos dos autores:

"Somente c, a seção de Complicação é essencial se reconhecemos uma narrativa tal como colocado na seção 1. O resumo, a resolução e orientação e a avaliação respondem a questões que se relacionam à função de efetividade da narrativa: as três primeiras para explicar funções referenciais e a última para responder à questão funcional de porque a história foi contada (...) A Coda não é dada em resposta a qualquer dessas cinco questões e é muito menos frequentemente encontrada do que qualquer outro elemento da narrativa" (Labov).

Para Weinrich:

"... ou para falar sem metáfora, se se priva uma narrativa de todo o seu Plano de Fundo contendo as frases no Imperfeito ou Mais que Perfeito, o que falta não é indispensável e pode ser adivinhado. Mas se o corte recói sobre o Primeiro Plano a narrativa é tão profundamente perturbada que ela perde toda sua consistência unitária" (Pag. 139).

E outras passagens poderiam ser citadas aqui para mostrar em ambos os autores a fraca consistência dessas seções, a sua não significatividade para a efetivação/constituição do discurso narrativo propriamente dito, e todo o tempo, o seu papel na composição do quadro maior de ocorrências do texto narrativo. É aí sobretudo onde eles devem ser recuperados e na sua relação com a situação de interlocução, onde os pápeis de sujeito/narrador e ouvinte, e as impressões que os interlocutores têm um sobre o outro e sobre o objeto da fala deixam suas marcas da intersubjetividade do discurso.

Os traços de 'essencialidade' da Complicação e Resolução (em contraposição a não essencialidade das outras funções), e a impossibilidade de se destacar Primeiro Plano sem prejudicar a narrativa, apreendidas nas análises dos autores revelam, em última instância, a sua intuição de que de fato há elementos não tão pertinentes ao processo discursivo da narração, ou por outra, esses são elementos que cumprem funções próprias à constituição de um texto, o texto narrativo no caso.

Aos textos onde só se cumpre a sequência narrativa pode-se atribuir um caráter de pobreza, entendido enquanto falta de 'detalhes' de

referência, avaliação, mas não se pode falar que não se deu o processo narrativo. A raridade contudo com que esses textos são encontrados por ou tro lado permite mostrar que manifestações linguísticas as mais diversas são criadas a partir da situação de fala que se estabelece entre dois (ou mais) falantes da língua; e nessa situação e por ela é que se dão as diversas formas discursivas.

...

Os fatos estão aí. As nossas análises, permitindo verificar, nalguns casos, mais que uma interpretação, e as conclusões a que pudemos chegar também. Talvez seja o caso de uma nova interpretação. Ou no caso de aceitá-las, de partir para novas investigações em torno a um assunto tão pouco discutido lingusticamente quanto ainda o são essas várias for mas : discursivas.

O que não fará, tão facilmente, desaparecerem os mistérios. Na turalmente.

BIBLIOGRAFIA

- Ali, Said M., Dificuldades da Língua Portuguesa. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1957.
- Austin, J. L., Quando dire c'est faire (trad. Francesa de How to do things with words), Seuil, Paris, 1970.
- Barthes, R., Introdução à "Análise Estrutural da Narrativa" in Análise Estrutural da Narrativa, editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Benveniste, E., "Structure des Relations de Personne dans le verbe", in Problèmes de Linguistique Générale, Paris, Gallimard, 1966.
- Benveniste, E., "La Nature des Pronoms", Idem.
- Benveniste, E., "Les Relations de Temps dans le verbe Français", Idem.
- Benveniste E., "L'Appareil Formel de l'Énonciation" in Langages 17, Paris, Didier-Larousse, 1970.
- Benveniste, E., "Sémiologie de la Langue" in Problèmes de Linguistique Générale II, Paris, Gallimard, 1970.
- Benveniste, E., "Language et Experience Humaine", Idem.
- Brémond, Cl., "A Lógica dos Possíveis Narrativos", in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, 1971.
- Castilho, A. T., Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, Revista Alfa, Marília, 1968.

- Cunha, Celso, Gramática do Português Contemporâneo, Editora Bernardo Álvares S.A., Belo Horizonte, 1976.
- Chomsky, N., Language and Mind, Harcourt, Brace and World, Inc. New York, 1968.
- Chomsky, Noam, Aspectos de la Teoria de la Sintaxis, (trad. C.P. Otero), Ediciones Aguillar, Madrid, 1971.
- Ducrot, O., "Implicite et Pressuposition", in Dire et ne pes Dire, Paris, Hermann, 1972.
- Ducrot, O., "L'Acte de Pressuposer", Idem.
- Ducrot, O. "Les Echelles Argumentatives" in La Preuve et la Dire, Paris, Mame, 1973.
- Ducrot, O., C. Vogt, "De Magis A Mais: Une Hypothèse Sémantique", (ed. mimeografada).
- Granger, G. G., Essais d'une Philosophie du Style, Paris, A. Colin, 1968.
- Greimas, A. J., "Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica" in Análise Estrutural da Narrativa, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.
- Halliday, M. A. K., "Estrutura e Função da Linguagem" in John Lyons (organizador) Novos Horizontes em Linguística, tradução de J. A. Durigan, Editora Cultrix, São Paulo, 1976.
- Harris, Z., "Co-occurrence and Transformation in Linguistic Structure", in Katz, J. J. e Fodor J. A. (eds), The Structure of Language, Readings

in the Philosophy of Language, New Jersey, Prentice-Hall, 1964.

Harris, Z., Discourse Analysis, Idem.

Hamon, Philippe, "Qu'est-ce qu'une description", in Poétique n° 12, Paris, Seuil, 1972.

_____, "Un Discours Contraint", in Poétique n° 16, Paris, Seuil, 1973.

Labov, W. Waletzky, J., "Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience", in J. Helm (ed) Essays on The Verbal and Visual Arts, American Anthropological Society, 1967.

Labov, W., "The Transformation of Experience in Narrative Syntax" in Language in the Inner City, Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

Lapa, R. M. L., "O Verbo", in Estilística da Língua Portuguesa, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959.

Lévi-Strauss, Claude, "Análise Estrutural do Mito", in Antropologia Estrutural, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970.

Osakabe, H., O Componente Subjetivo no Discurso Político, tese de Doutorado, Departamento de Linguística, IFCH, Unicamp, 1975.

Pêcheux, M., Analyse Automatique du Discours, Paris, Dunod, 1969.

Propp, V., Morphologie du Conte, Seuil, 1965.

Searle, J. "Introdução" a Searle, J. (ed) The Philosophy of Language, Oxford, University Press, 1971.

_____, "What is a Speech Act", idem.

Searle, J. "Les Actes de Language" (tr. fr. de Speech Acts). Paris, Her
mann, 1972.

Strawson, P. F., "Intention and Convention in Speech Acts" in Searle, J.
(ed) The Philosophy of Language, Oxford, University Press, 1971.

Todorov, T., "As Categorias da Narrativa Literária (trad. de Maria Z. B.
Pinto), Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.

Vendler, Zeno, Linguistics in Philosophy, Cornell University Press, Ithaca
New York, 1968.

Weinrich, Harald, Le Temps, Aux Éditions du Seuil, Paris, 1973.

ANEXO

FICHA Nº 1

IDADE: 40 anos
PROFISSÃO: doméstica
ESCOLARIDADE: -

Você já foi assaltada, roubada?

Já.

Aonde foi?

Na minha casa.

Como foi?

Porque... eu estava deitada na cama nê? Tava dormindo. Aí (...) aí, quando eu estou assim dormindo, aí eu vi aquela claridade assim pela, a chave da porta sabe? assim aquilo parecendo que era uma luz, um cigarro aceso ou fôsforo ou coisa assim. Eu tava pensando que era até a lua da rua mas não era. Depois eu cheguei levantei a cabeça, fiquei assim escutando. E, e continuou. Aí passei a mão assim em Paulo prá ver se Paulo tava se mexendo na cama, mas não era ele, não era ele. Aí fiquei assuntando; depois apagou. Desapareceu. Depois começou bulir na fechadura, a chave, não sabe? Bulir assim na chave. Aí eu cheguei disse assim, aí eu fiquei assuntando, aí de novo. Depois eu gritei: Dete! Aí Dete: Senhora? Aí eu chamei: Cacau! Cacau: Senhora?! Aqui tão bulindo na chave, tem gente bulindo na chave! Aí Cacau chegou, levantou com a luz do quarto nê, do quarto nê, aí deitou por lá, panhou uma faca, panhou a faca e se deitou. Tã, se deitou. Aí mandou eu calar a boca. Não acendeu luz nem nada; mandou calar

a boca. Depois ele... ele ficou assuntando; aí tornou continuar, a chave, bulindo não sabe? Ele aí se levantou, que quando ele se levantou, que abriu a porta, aí o nego arrastou. Aí acordou gente como quê, acordou Seu Francisco, acordou Marquinho, acordou Seu Luís, acordou outras pessoas do lado de lá e ninguém não pegou. Ele desceu do lado de lá abaixo e ninguém não pegou.

FICHA Nº 2

IDADE: 30
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

2a

Eu achei que era um assalto mas não era.

(Como é que foi)

Eu achei que... vou te contar um caso que não é verdadeiro porque eu achei que era um assalto mas não era. Felizmente, não? Foi assim. Eu... por isso que eu não dou mais carona. Eu ia indo prá Unicamp, aqui mais ou menos na altura dessa casa dois caras passam pedindo carona. Eu parei... eles estavam vestidos assim: calça Lee, túnica, sujas e de bolsa. Então eu pensei: Vai prá Unicamp. Parei, abri a porta, eles entraram. A hora que eles entraram eles perguntaram: - Prá onde você vai? Eu fiz assim: - Eu vou prá Unicamp. Se vocês não vão prá lã vocês vão desculpar. Vamos. Eu procurei... mas vocês vão mesmo ou vocês... Eles pegaram: - Não, a gente não ia mas agora a gente vai. Eu falei: - Não mas, eu posso parar, vocês descem. Eles pegaram e falaram assim: - Não, não tem importância, a gente vai, a gente vai pronde você for. Certo? Eu fui você sabe como né? Aí então, aí chegamos lá aí a hora que nós estávamos chegando na entradinha da Unicamp eu falei assim pros caras: - Olha, vocês não querem descer aqui? Vocês não querem descer aqui? Porque aqui vocês, vocês podem

pegar uma carona, ir prã Barão Geraldo, Paulínia (...). Não, tã muito bom, nã vamos com você. Por acaso minha mãe tinha me dado dinheiro aquele dia, foi na época que eu tava dura, ela tinha me dado dinheiro prã fazer umas compras, e então, e eu então tava preocupada com o dinheiro porque eu ví o outro cara mexendo nas coisas, aí quando tava chegando ali perto da Tecnologia de Alimentos eu disse assim: vocês não querem descer aqui? Eles falaram assim: - Não, nã vamos com você. Eles foram comigo até a porta da Ciências Sociais... lá dentro, prédio. Eu dei prã tremer, eu tremia, tremia que nem (...) Precisei tomar água. uma correria. E eles nem eram ladrões mas eu nunca mais dei carona prã gente que eu não conheço.

2b

Minha avó contava casos de assombração.

(Você se lembra de algum?)

Não.

(Nenhum?)

Não, o que eu me lembro assim são as coisas: que acordei uma vez com uma mão nas minhas costas não é? Quase morri de medo! eu não me mexia. Fiquei quietinha assim aí então eu falei: - mãe, pai! Prã ir lá. E eles não acordavam, e eu estava realmente gelada e a mão era fria que estava em mim. Aí então (...) foi todo mundo pro meu quarto. ERA eu mesma: tinha dormido em cima da mão, a mão dormiu e tava gelada em cima de mim. Eu assustei com a minha mão né? Tava assim nas minhas costas.

FICHA Nº 3

IDADE: 23
PROFISSÃO: estudante
ESCOLARIDADE: universitária

(Você se lembra de algum caso de assombração?)

Milton trabalhava em lotação nê? então ela contou prã gente a seguinte estória: que Milton foi, estava viajando de noite, fazendo aquela pernoite nê? Ele somente e o cobrador nê? lotação ou ônibus não me lembro bem. Aí diz que não tinha ninguém nê, o ônibus vazio nê, aí passou naquele ponto, diz que o ponto cheio de gente nê, gente que não dava nem pro ônibus inteiro. Aí subiu todo mundo nê, e o cobrador parece que estava na frente nê; subiu todo mundo, aquele (...) gente como quê nê, encheu o ônibus nê. Aí foram andando andando, daqui a pouco, que viram para trás nê, na certa pro cobrador começar a cobrar, quando ele vira prã trás não tinha uma alma de pessoa. Aí foi aquele susto, nê, se assustaram todo e aí se mandaram, foram botar o carro na garagem e voltaram prã casa nê. Não rodaram mais nessa noite.

FICHA Nº 4

IDADE: 27
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(Com outra pessoa você se lembra de algum caso de assalto?)

O mais interessante foi o gerente da Unimar. Ele comprou um carro zerinho, estava pagando uma prestação de mil e tantos cruzeiros e ele morava num apartamento e o carro dormia em baixo, não é? bem na porta, então sempre ele olhava lá de cima. Um dia ele acordou, olhou viu o carro lá, muito bem. Tomou banho, tomou café, desceu para trabalhar. Aí abriu a porta do carro, quando ele ligou, nada. Não ligou. Quando ele olhou o carro estava suspenso assim. Não tinha motor, depenaram o carro na porta dele. Esse foi o mais interessante que eu já vi. Tiraram o motor na porta dele. Ele acordou de manhã estava lá o carro, zerinho sem motor.

FICHA Nº 5

IDADE: 25
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você já foi alguma vez assaltada ou roubada?)

Já.

(Como é que foi?)

No ano passado, foi mais ou menos em novembro, Paulo Itamar disse que eu estava com suspeita de hepatite, que eu tinha que fazer urgentemente um exame de sangue. Então, eu cheguei em casa mas eu não liguei, né? Aí Marta ficou logo com medo. Marta aí fez: Ah, é bom você fazer logo, não sei o quê, porque pode pegar em mim, aquele negócio. Aí me levou na raça nesse dia, era um sábado até, de manhã, me levou lá num posto de Amaralina, um posto médico que tem ali em Amaralina prá fazer o exame de sangue. Pedi a requisição fui fazer o exame de sangue. Nós fomos lá e tal, pegamos a requisição, quando a gente saía de lá que ia prá Pituba, andando um pouco prá o ponto de ônibus, que é ali perto do Porguguês, eu ia... aquela bolsinha, azul, eu ia segurando ela na mão, tranquila né. Eu senti o puxãozinho, puxãozinho de leve na bolsa, né. Quando eu virei prá olhar, a bolsa não tava mais na minha mão, eu só vi um garotinho de uns 10 anos sumindando assim na esquina da rua com a bolsa. Nós corremos atrás, eu e Marta. Marta: - vamos pegar, vamos correr. Não tinha ninguém; por incrível que

pareç a, não tinha ninguém na rua a essa hora. A rua estava vazia, vazia, vazia. Nós corremos ainda até a Pituba atrás desse garoto, o garoto sumiu.

E depois eu encontrei a bolsa, o interessante foi isso.

Isso foi no sábado, aí eu digo, é Marta, agora nós estamos sem dinheiro. Eu digo, é, eu vou passar na casa de Djalma e pedir a Lucinha emprestado dez cruzeiros né, prá poder a gente pegar o ônibus e ir prá casa. Passei na casa de Djalma contei a Lucinha. Aí Lucinha fez até gozação, não sei quê, pererê, aí fui prá casa. Na terça feira Djalma me disse que tinha encontrado minha bolsa com os documentos. Na bolsa tinha o telefone do trabalho de Lucinha. Quando acharam, um servente da Escola Nobre da Pituba achou lá no matagal, perto do Nordeste de Amaralina. Achou a bolsa no matagal e levou prá Escola Nobre. A Escola Nobre achou de... achou logo de cara o telefone de Lucinha né, aí telefonou prá Lucinha na segunda feira de manhã logo... prá saber se ela conhecia realmente essa pessoa; ela já sabia de tudo aí fez, é, realmente. Aí Djalma me disse na terça de manhã e eu fui buscar a bolsa. Tava com tudo lá certinho. Só tinha sumido os quatro cruzeiros que tinha na carteira. Foi a única coisa que sumiu. O resto tudo... inclusive um negócio até que eu achei graça como quê: tinha uma chave da Variante de Carlinho dentro da minha carteirinha né, e tinha um chaveiro, solto, um chaveiro solto e a chave solta. O pivete ainda teve o cuidado de pegar a chave e botar no chaveiro, prendeu a chave no chaveiro, prá não perder. Deixou lá. Tava tudo certinho. Todos os documentos.

FICHA Nº 6

IDADE: 28
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você lembra de algum caso de assombração?)

Quando eu tinha catorze anos eu fui prá Belo Horizonte. Fiz a 4a. série lá, sabe? Nesse tempo a gente morava em Curvelo no interior de Minas. Daí eu fui morar na casa de minha madrinha. E essa minha madrinha tinha três filhos e o caçula que era o Sérgio. E esse menino tinha nove anos. E ele sempre foi muito medroso sabe? Não sei se é porque ele era o caçula e tinha uma série de ansiedades, de problemas não sei se por criação, seja lá o que for. Mas eu sei que ele era um medroso de marca maior. E a gente um belo dia resolveu fazer uma assombração prá ele. Dona Ordália tinha saído. Dona Ordália era a madrinha, tinha saído.

(A tua madrinha?)

É, Ela tinha saído, e então eu e a Vânia, a Vânia é a filha mais velha dela que chamava Vânia, chama né! Daí nós resolvemos pegar um lençol branco botar um lençol branco por cima do corpo e sair lá pro barracão. Quando Sérgio apareceu na cozinha nós começamos a fazer assim uma zuada, lá no fundo né, Eh! Eh! Sérgio, oh Sérgio, vem cá. Daí menina sabe o que aconteceu? O Sérgio pegou abriu a porta da cozinha morrendo de medo. No que ele abriu a porta nós: Hua! as duas com um lençol assim, ô de coisa aberta.

Esse menino começou a perder ar, ficou branco, amarelo, roxo não sei nem de que cor, e eu e a Vânia não sabia o que fazer porque ele começou a ficar sem ar e a Dona Ordália nesse momento chegou. Ni que a Dona Ordália chegou nós corremos pro barracão. Trancamos lá. E o Sérgio começou a gaguejar e contar prá ela que tinha visto assombração, que não sei o quê, isso aquilo e aquilo outro. Eu sei que foi a maior bronca que eu já levei na minha vida. Que a Dona Ordália com o caçulinha era intocável. Daí ficou querendo saber cadê o povo da casa com que (...) tava. Ah! tou com a Vânia... e a Vânia Pena. E cadê a Vânia Sã e a Vânia Pena? Ah! não sei, elas saíram, não tou vendo elas aqui. Mas elas saíram e te deixaram sozinho? Ah! aho que (...) capaz de elas terem ido prá casa da vizinha. Aí a Vânia falou comigo: Oh, melhor nós entrar em casa e esclarecer essa situação porque senão isso vai ficar preto prá nós né? Aí a gente a melhor esculhambação da vida porque nós tínhamos passao o bendito susto no menino e ele quase morreu de susto. Teve ataque cardíaco, um negócio assim.

(Vocês não tiraram o lençol?)

Não, nós passamos o susto e corremos, ora bolas. Ah! tinha que dar suspenso.

FICHA Nº 7

IDADE: 28
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você nunca viu caso nenhum assim?)

Não, caso de assombração não mas tem um caso interessante que tem alguma coisa que ver com espiritismo.

Assim. Eu dava aula em Araxá. A diretora da Faculdade de Araxá chama Eunice. E eu ficava, quando eu ia à Araxá, eu ficava hospedada na casa dela. Mas a mãe de Eunice morava em Belo Horizonte e eu fiz amizade com elas, e frequentava a casa da mãe de Eunice quando eu ia a Belo Horizonte também. Porque eu ficava em Araxá e Belo Horizonte né? Alguns dias da semana lá, outros cá. Tudo bem. Quando foi nas férias a Eunice mudou de casa lá em Araxá. E me pediu pra eu ir ajudar ela a fazer mudança. E ela foi de carro pra Belo Horizonte. Então, como elas iam sair muito cedinho eu fui dormir na casa da mãe dela onde ela estava hospedada, claro pra facilitar a saída da viagem. Tudo bem, aí a Eunice foi me mostrar: - olhe... ela é muito assim né... cheia de medidas, - olhe o meu quarto procê mais (...) dormir aqui. O quarto da mamãe, o quarto da televisão, vem ver. Então quando eu fui ver o quarto lá tinha uma bi-cama. Ela tinha colocado a bi-cama assim perto de uma parede, tinha uma mesinha lá do canto com um abajour que tava aceso, e mais outro pedaço da bi-cama, aquela parte que fica de baixo, né? Já no correr da outra parede. E tava assim... a cama já arru

nada prá você deitar sabe? Com travesseiro, já, cobertor e tudo. E eu cheguei, olhei e vi. Falei assim: - mas Eunice, eu posso dormir na sala; eu não preciso dormir aqui no quarto; prá mim não tem o menor problema se dormir lá na sala no sofá. Eu não tenho esse problema de estranhar quarto nem nada não. Ela falou: - mas por que que você está dizendo isso? Você dorme aqui, eu durmo ali, apontando pra outra cama. Eu falei: - mas Eunice nós não precisa... nós não precisamos dormir nós três aqui. Eu durmo na sala. Prá mim não tem o menor problema; cê não precisa fazer cerimônia comigo! Ela falou assim: - mas como Vânia, você dorme aqui eu durmo aqui, você dorme lá. Eu falei: - mas e a criança que tá ali? Ela falou: que criança menina? Eu fiz: ali, eu estou vendo uma criança deitada ali. Ela falou: não tem criança nenhuma. Eu falei: - não é possível! Eu cheguei lá, quando eu puxei o lençol não tinha nada. Mas eu tinha visto a cabecinha de uma criança assim de cabelinho preto. Quando eu falei isso prá ela, ela ficou lembrando, falou assim: - mamãe vem cá, a Vânia viu uma criança deitada ali. Aí eles ficaram apavorados porque tinha estado na casa, de manhã, e eu não sabia, um cara de Montes Claros. E ele era espírita. E tinha falado com elas... engraçado tem uma criança nessa casa. Eu estou enxergando uma criança nessa casa. Elas falaram: - mas que criança, não tem criança nenhuma. A única pessoa que podia estar aqui era meu neto mas os meus netos estão na minha casa da... da minha filha. Não tem nenhum aqui, olhe... O homem falou assim, não não, não é esse tipo de criança que eu estou falando. Tem uma criança, o espírito de uma criança está vagando nessa casa e está precisando de ajuda. Aí elas ficaram meia cismadas com aquilo mas o tempo passou. Quando eu cheguei e falei aquilo o pessoal ficou as

sim meio estupefacto né? Porque eu tinha visto a criança e eu não sabia da estória. Porque eu podia ter ficado sugestionada se eu soubesse né? mas eu não sabia de nada; e eu realmente tive a sensação nítida de ver uma criança deitada dormindo lá. Tanto é que eu queria dormir na sala porque eu achei que a Eunice fosse dormir com outra pessoa na cama.

(E depois?)

Uai, aí depois ficou todo mundo meio perplexo assim e tal, conversou conversou e ela depois... Mas esse cara já tinha viajado pra Montes Claros. Ela falou que ia contar pra ele que eu tinha visto o menino. Mas a estória terminou assim, eu sei que nessa noite lá na casa ninguém dormiu. Eu fui dormir tranquila mas o povo não dormiu. Todo mundo com medo da criança.

FICHA Nº 8

IDADE: 28
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você sabe de algum caso com outra pessoa?)

Um tio meu ele foi prá... ele foi pruma fazenda. Passou um fim de semana lá, uma fazenda de uns amigos dele.

(Você estava lá?)

Não, isso foi... é mamãe que conta.

Diz que ele foi passar um fim de semana lá e ele foi dormir num quarto sozinho. Mas esse quarto tinha duas camas, que era o quarto de hóspedes. E diz que à noite ele ouviu umas batidas na porta e diz que entrou uma pessoa no quarto, pegou o capote né, naquele tempo usava, esses capotes. Pendurou lá, deitou na cama e dormiu sabe? E ele diz que tava com muito sono. Já era assim mais de meia noite, todo mundo já tinha ido deitar, ele achou que fosse um hóspede qualquer que tava na casa e simplesmente: bom, amanhã eu converso com esse cara, né? Nem se dignou a remexer na cama nem nada. Continuou. No dia seguinte ele acordou, a cama tava igualzinha como na hora que foi deitar. Não tinha vestígio de nada ali. Aí ele chegou e na hora do café e falou com o cara, com o dono da fazenda, lá, o amigo: oh, fulano, que história é essa? você põe uma pessoa prá dormir lá no quarto junto comigo e agora eu amanhã, cadê o hóspede? Já foi embora?

Quero conhecer o... cadê meu companheiro de sono nê? Ele falou assim: - mas não chegou ninguém na casa. Mas como não chegou? O cara chegou, eu vi, pendurou o sobretudo, o chapêu lá no cabide que fica no nosso quarto e deixou lá na cama. Ele falou assim: - não, não tem ninguém não, não veio ninguém nessa casa. Aí, e perguntaram prá ele: - como é que é o cara? Eu não lembro da descrição dele a respeito do cara não mas ele falou, o cara é assim, assim assim assado. Esse cara já morou nessa casa e o homem já morreu.

(Que loucura Vânia!)

O cara tava aparecendo lá prá eles nê? e eles, não sei...

FICHA Nº 9

IDADE: 53
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: Primário

(Sabe de alguém que foi assaltado ou roubado?)

Bem... na véspera do casamento dessa menina Lourdinha, você soube do ca
so? Diz que um tio dela da da da Joalheira Florentino... da Joalheria Flo
rentino não, da Joalheria... aquele outro que trabalha, um tio de Lourdi
nha... O Médico dos Relógios, no Médico dos Relógios. Já ao anoitecer,
tinham... já tinham descido a metade da porta, aí diz que entraram três
pessoas, três homens não é, e fizeram eles lhes dar o dinheiro que tinham
no cofre e inclusive levaram diz que um... diz que levaram um bocado de
ouro de ...

(e daí)

Dáí que eles não tiveram jeito a dar não é? Estavam, parece que estavam
três pessoas dentro mas diz que eles entraram, acabaram de fechar a porta
desceram mais a porta não sabe, e aí fizeram eles entregar o ouro, o di
nheiro e as peças que eles acharam bom: depois foram-se embora.

FICHA Nº 10

IDADE: 45
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: -

(Você sabe de algum caso de alguém que foi assaltado ou roubado? com al
guém que você conheça?)

10a

Teve lá também, uma casa onde eu moro que tem o fundo que dá prã frente de
minha casa não sabe? desse pessoal que gosta de ficar até tarde com a por
ta do fundo aberta entendeu; Aí que quando ela vai saindo de lá da sala
prã cozinha aí teve um ladrão que ia invadindo a casa dela, ia invadindo a
casa dela. Ela aí gritou; que quando ela gritou ele aí fugiu. Cortaram as
bananeiras toda pra ver se pegava ele, pra ver se ele tava por ali por dentro
escondido, ninguém achou.

10b

Uma ocasião, esse pessoal... a mesma coisa, quase que a mesma coisa des
se. Mas não foi aqui, foi em minha terra. Lá... uma moça, sabe Dona Dorinda;
agora era ela só e o marido. Então o marido chegava tarde. chegava de
noite. Ela era desses pessoal que ficava com a porta, dessas casas que

tem a grade assim prã dentro como essa daqui e que tem a grade prã dentro e a porta da rua, ela fechava a grade por dentro e a da rua ficava a berta. Quando foi nesse dia o marido chegou, entrou, ela não viu. Ela ta va na cozinha não viu ele. Quando ela tava assim na, no fogão fazendo ca fê, que quando ela viu foi o marido. Disse: oh, você entrou por onde? Aí ele disse: eu entrei pela porta, a porta da rua tava aberta e a grade en costada. Pronto aí quietou. Aí teve um cara que viu na hora que ele en trou, e ficou escondido. Ficou escondido. Deixou todo mundo se aquietar prã poder então ele entrar. Aí que quando eles tão lá por dentro, ele ta va tomando banho e ela cá na sala, aí o ladrão entrou, chegou debaixo da cama, se escondeu. Debaixo da cama deles, se escondeu. Ela era dessas que gostava de tomar banho na hora de dormir... tomar banho na hora de dormir, aí quando ela acabou de jantar, lavou os pratos, que arrumou tudo, fechou a porta da cozinha, a porta era assim como a porta do armazém, do lado, tem aquelas trancas que passa assim em cruz, a porta da cozinha era assim e a janela também; aí ela foi, fechou a porta da rua, não olhou a casa nem coisa nenhuma, fechou a porta da rua, fechou a grade aí pegou a (...) gran de botou no chão do quarto com a lona, com o pano do chão, botou a bacia e foi com um balde com água prã tomar banho. Aí que quando ela tã dentro da bacia, tã na bacia, tirou a roupa toda prã tomar banho e prã deitar tam bém, tirou a roupa toda prã tomar banho, aí que quando ela vai chegando prã ir dentro da bacia que vai se sentando na bacia, começou a se molhar, se molhar, se molhar, começou a se molhar, se molhar, que quando ela tã passando sabão no corpo, passou sabão no corpo, passou no rosto, passou sa bão no corpo todo nê, que quando ela vai se levantar, se enxaguou toda,

tudo, quando ela vai se levantando da bacia prã se enxugar, aí o ladrão chega, paco! puxa a bacia. Aí ela aquele grito: uai! deu aquele grito forte, ai quando o marido se assustou depressa, que é mulher? que é mulher? Aí o ladrão saiu que saiu doido correndo, procurando um lugar prã sair... procurando um lugar prã sair, vai praqui, se vai prali, se vai pracolã, procurando um lugar prã sair até que ele pegou, e a mulher caiu lá no chão dura! Caiu lá no chão dura, menina, dura! dura! só você vendo. Agora ele, ou bem cudir o ladrão, ou bem cudir ela, entendeu; terminou ele, pegou o ladrão, marrou, marrou ele com a corrente do cachorro que ele. (...), pegou ele marrou ele com a corrente, prendeu ele com a corrente, quando acabou foi ver a mulher; quando a mulher melhorou, ele pegou o ladrão levou pra Segunda. Mas esse caso quando contaram esse caso a gente, a gente se embolava assim no chão de dar risada.

(Você não viu não?)

Eu não vi não, foi uma vizinha lá que contou gente.

FICHA Nº 11

IDADE: 45
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: -

(Você já ouviu falar em assombração?)

A gente foi lá prá Central né, Sexta-feira Santa lá. Então quando foi de pois de sexta feira santa, ele, a gente assou um pouquinho, uma lata de castanha, assim junta né, aí a gente chegou assou as castanhas, ele começou a partir a castanha e a comer a castanha toda. Castanha dá dor de barriga né; comeu a castanha toda. Quando foi tarde da noite que ele foi dormir, aí deu dor de barriga, Deu dor de barriga. Aí ele foi... pro mato, porque lá é, lá fora não tem negócio de sanitário não; aí que quando ele tava assim no mato aí o vulto do lobisomem, porque lobisomem a gente não vê o vulto dele não, só vê é o olho, é aquelas duas tochas assim sabe, você pode estar aqui e ele lá longe oi, você só vê aquelas duas tochas. Quando você... se você não saber o que é quando você vê ele está em cima. Se visse... e ele não sabia, ele sabia o que era lobisomem mas não viu. Aí que quando ele tá muito bem distraído aí o lobisomem veio, suspendeu ele por aqui pelo quarto, jogou lá em cima. Ele aí deu aquele grito, deu aquele grito aí o pai correu depressa prá ver o que era, quando chegou lá tá ele no chão, todo estirado. Quietos, sem se bulir. Assombrado. Assombrado e ninguém viu o lobisomem. Lobisomem foi embora. Aí quando etc... o pai pegou ele, botou dentro de casa e tudo, depois, muito,

que deu água a ele, ele bebeu e tudo por muito... que passou e perguntou a ele o que foi, que ele disse: ah. eu não sei o que foi não. Me pegaram, me suspenderam lá em cima, me jogou no chão. Aí o finado disse: você sabe o que foi isso? isso foi lobisomem. Cê sabe que aqui tarde da noite tem lobisomem.

FICHA Nº 12

IDADE: 25
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

Nós íamos sair. Isso já foi há tempo. Quando ele tinha ainda aquele fusquinha, aquele fusquinha velho! sabe; Glorinha estava aí, a irmã dele, de noite, e a gente ia sair prá ir prá Amaralina comer acarajê. Fez, vamos em Amaralina comer acarajê. A gente já ia descendo né, Carlinho já tinha ido pro carro, já tinha aberto o carro, ele carregava aquelas bolsinhas, aquelas sacolinhas pretinhas que usavam sabe, com todos os documentos ali dentro, dinheiro, tudo. Ele tinha levado a bolsinha e tudo, já tinha colocado no porta-luva. Glorinha tinha ficado em casa, né, Glorinha demorou, ele fêz, vamos lá ver o que é que foi. A gente entrou, quando entrou ela estava conversando com Dona Edite e a gente sentou, continuou a conversar e tudo e desistimos do acarajê; e ele, esqueceu de pegar a bolsa no carro né. Bom, fomos dormir. No outro dia de manhã, na hora que a gente foi sair a gente entrou no carro, ele aí abriu logo prá ver se a bolsa estava, a bolsa não estava. Tinha sumido a bolsa, né... Só tinha documentos, não tinha dinheiro, não tinha nem um tostão na bolsa, só tinha documentos. Aí ele ligou o carro, foi sair. Quando ele ligou o carro que deu a partida, o pneu voou longe. O pneu do meu lado, o lado do carro na. O cara tinha folgado os parafusos, todos; tinha tirado os parafusos, os parafusos estavam todos juntos assim num matinho, na porta dele, esta

vam todos juntos assim num matinho e o pneu soltinho, no lugar. Se ele
arranca com muita velocidade eu acho que a gente se acabava, sei lá, o
carro capotava... Na hora que ele deu a partida o pneu voou longe.

FICHA Nº 13

IDADE: 25
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

Tinha uma senhora que morava lá na minha cidade que era tia de papai, não exatamente tia de papai, o esposo dela tinha sido tio, era tia empresta da né porque o marido dela tinha sido tio de meu pai; mas já era falecido, ela já era muito velha e ela vivia sozinha, não tinha filhos nem nada. Já estava muito velha mesmo, Dona Didi. Então, quando ela adoeceu assim prá morrer, não tinha quem cuidasse dela na casa dela, meu pai então levou ela prá nossa casa. Ela passou a ficar lá em casa. Ficou lá em casa o tempo todo da doença até que morreu, morreu lá em casa... Bom quando Dona Didi morreu aí então foi aquele terror dentro de casa né. Nós todos com medo. Cada um via Dona Didi num canto. Ninguém passava nem de longe pela porta do quarto onde Dona Didi morreu. Eu sei que um belo dia, o... lá em cidade do interior, a maioria antigamente era assim: o sanitário não ficava ligado à casa ficava no quintal. Bom, de noite a gente tinha que atravessar aquele o quintal né, prá ir pro sanitário. Então eu ia pro sanitário e no caminho pro sanitário tinha um tanque, que era onde meu pai lavava... meu pai engarrafava bebida; meu tio tinha um alambique e meu pai engarrafava. Então tinha um tanque de cimento onde ele lavava as garrafas, tirava os rótulos velhos e tudo, deixava de molho ali, prá tirar e tudo sabe; Então num tanque velho eu avistei Dona Didi. Então eu avistei Dona Didi

num tanque velho. Voltei correndo prã casa nê, esbaforida cheguei em casa o coração saindo pela boca aos saltos; minha mãe: o que foi? o que foi? Nada. Não conseguia nem falar. A voz nem saía nê: Eu vi Dona Didi no quintal mamãe! Menina deixe de bobagem! Eu vi mamaẽ, Dona Didi no quintal! Aí vai todo mundo no quintal, quando chega no tanque velho, realmente viram uma sombra no tanque velho nê; então mas... minha mãe não tinha medo dessas coisas nê, foi lá de junto, quando foi, que chegou lá que foi ver... uma galinha! uma galinha fazendo uma sombra, que eu afirmei ser Dona Didi. Foi a única assombrção que eu já vi na minha vida!

FICHA Nº 14

IDADE: 25
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

Um filho que matou a mãe. Agora foi da seguinte maneira. Ele era filho único, a mãe era viúva e os dois eram muito ligados nê. E a mãe tinha muitos ciúmes do filho, sabe, era um negócio sério, os dois. Lá um belo dia o filho resolveu casar. Disse que ia casar, arranjou uma noiva e queria casar. A mãe realmente não foi de acordo, não seria de acordo não só com essa noiva que ele arranjou como com nenhuma outra. Jamais seria de acordo que ele casasse. Mas, disse que era por causa dessa moça, que não queria o casamento com essa moça. Mas ele gostava muito da moça e tal, insistiu e casou. Casou e como não podia deixar de suceder foram morar os três juntos, na mesma casa. E a mãe dele sempre procurando um jeitinho prã separar os dois não é; por fim, ela não teve mais nada o que inventar, o filho viajava muito, assim, tinha roça fora, ia plantar, esse negócio todo, então ela inventou que quando o filho viajava, a esposa recebia outro homem, em casa. Então, isso o filho realmente ficou parado, sem saber o que fazer. Então ela disse: ... é, se você quiser ter a prova disso você, amanhã você vai ter que sair prã trabalhar, você sai e volta à noite. Normalmente ele saía passava três dias fora, quatro dias. Então ela planejou o seguinte: se vestiu de homem e quando a nora já estava dormindo, ela foi e deitou junto da nora. E o filho quando chegou, já à noite, que en

trou em casa, avistou um homem na cama; e matou. Depois que matou foi
que ele viu que era a mãe dele.

FICHA Nº 15

IDADE: 26
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você já foi roubada?)

Aliás já fui roubada duas vezes, uma vez em Recife e outra vez aqui em Salvador mesmo, em Salvador.

(Como foi?)

Você sabe que eu não senti? Estávamos fazendo umas comprinhas ali nas imediações da Baixa dos Sapateiros, foi época de Natal, então quando eu parei ali na Mensageiro da Fé, naquela livraria pra comprar uns cartões de Natal, escolhi tudo não é, fui pagar, procurei a carteira não achei. Não senti nada, nada, nada. Não vi absolutamente nada.

FICHA Nº 16

IDADE: 27
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você já foi assaltada?)

Já

(Como foi?)

Não foi bem assaltada não, fui roubada. O carro estava estacionado defronte da minha casa e quatro horas da manhã quando meu cunhado acordou e saiu, observou que o carro não estava. Voltou; me chamou eu olhei e o carro desapareceu. Três dias depois... no dia seguinte eu dei logo queixa à polícia e a polícia não encontrou. Três dias depois eu encontrei a carcaça do carro num matagal, bem distante, em Sussuarana e eu trouxe para a porta, fui a polícia oito dias depois e perguntei se tinham encontrado, não tinham encontrado, então eu fiz uma gozação com a polícia porque o carro já estava na minha porta há oito dias e fiquei com a carcaça procurando a quem vender. Depois surgiu um cara para comprar que parece ser o próprio ladrão, comprou por sinal muito bem comprada deu quatro mil cruzeiros quando não valia nem... eu acho que não valia nem a metade, ele deu quatro mil cruzeiros sem nem olhar, de olhos fechados chegou lá dentro estendeu assim na mesa os quatro mil cruzeiros e levou a carcaça. Depois eu deixei prá lá, viajei fui para o Rio, passei 20 dias lá e nem me lembrar

brei mais do roubo, quando eu voltei, logo que eu voltei do Rio comprei esse segundo carro e pronto, deixei prá lá. Depois surgiu um cara que parece estar com o próprio motor do carro do mesmo carro, mas eu resolvi deixar prá lá com medo de vingança, que ele voltasse a roubar o outro carro ou bater meu carro na rua aí eu resolvi deixar prá lá.

FICHA Nº 17

IDADE: 27
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(E roubo em sua casa?)

Foi em 74, se não me engano. Entraram na minha casa, foi lá no Matatu. De dia, três para quatro horas da tarde eu cheguei e passei direto fui para o gabinete, bater a máquina porque eu estava dando aulas na faculda de né, tava ensinando Zoologia, e tinha que levar umas apostilas que eu estava encarregada de confeccionar. Então eu fui bater aquilo rápido e nem me preocupei, fechei a porta não é, a janela do quarto. Eu abri, deixei a janela aberta, puxei a cortina e deixei. Aí fui pro gabinete. No gabinete eu peguei a máquina trouxe para sala, coloquei na mesa, fui bater. Aí eu observei que alguém pôs a cabeça assim na janela né, mas não, não olhei. Quando eu levantei assim não vi mais ninguém, deixei. Continuei batendo. Depois eu tive necessidade não sei se de uma borracha, alguma coisa, aí fui no quarto; quando eu entrei no quarto, aí tive aquele medo assim, aquele pavor, que olhei assim faltava tanta coisa, que eu fiquei meio apavorada assim, não sabia dar um passo porque eu estava sozinha em casa; só estava com a empregada e a empregada tinha saído não é, então no momento que eu cheguei ela tinha saído prá ir pertinho comprar alguma coisa. Me nina, eu tomei um susto! Aí eu olhei prá estante faltava a televisão, olhei prá outro faltava um rádio portátil, olhei prá outro faltava uma pe

ruca que fica na cabeça de isopor não é, aí olhei prá minha bolsa, nada. Botei a mão na boca e fiquei parada assim com medo que o ladrão estivesse dentro de casa não é; fiquei apavorada, fechei a porta do quarto, fiquei dentro do quarto, apavorada. Depois, muito silêncio, pernas tremendo as sim, aí eu resolvi olhar o que é que ele tinha levado não é, aí eu olhei rapidamente assim faltava muita coisa, aí abri a porta, saí fui prá por ta da rua, fiquei lá no muro, esperando Valdelice chegar. Quando Valdeli ce chegou, aí eu já estava com a perna... tive um problema de circulação, do susto, a perna pesando 10 k assim e toda dormente assim de um lado. Aí Valdelice saiu comigo correndo pegamos um táxi e ela me levou ao médico, chegou lá o médico: - Você está nervosa, você está nervosa - aí me deu uns remédios, deitei, fiquei lá de repouso, no (...) médico, aí voltei, con tei o caso todo, aí não deu mais jeito. Levou tudo, até hoje. Até hoje eu não tenho gravador, rádio, nada. Levou tudo.

FICHA Nº 18

IDADE: 25
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

(A sua casa já foi assaltada, roubada?)

A minha casa já

(Como foi?)

18a

Eu me lembro assim que a gente estava dormindo na sala na época a gente dormia na sala no chão não é, e nós acordamos com o cara dentro de casa. Começamos a gritar, meu pai acordou, chamou a polícia, a polícia veio e levou o cara.

18b

Ele tava carregando uma caçamba, asfalto quente; de noite, meia noite por aí, trabalhando de noite né, com asfalto quente. Aí a caçamba bateu no barranco e virou com ele, certo? virou com ele, banhou a caçamba toda de asfalto quente; só não pegou ele porque tava com o vidro virado pra fora... com o vidro suspenso, aí não entrou não é. Ele aí voltou pra casa umas quatro horas da manhã e tava todo mundo acordado preocupado, ele che

gou todo sujo e preocupado porque a caçamba tava virada. Começou a chorar até, demos açúcar, (...) e depois ele vendeu a caçamba.

FICHA Nº 19

IDADE: 23
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

19a

(Você lembra de algum caso de assalto ou roubo?)

Eu me lembro do armazém mas não tenho nada prá falar.

(Como foi?)

É, eu me lembro que a gente de manhã, a gente acordou nê, sei lá quem foi que viu, não sei quem foi que viu primeiro, aí quando chegamos na... fomos ver na porta, a porta estava arrombada não é, escancarada que arrombaram em baixo não é e não sei nem que foi que roubaram lá dentro.

19b

E me lembro também do roubo de Carlos não é

(Como foi?)

O roubo de Carlos ele... Manolito descobriu que ele vinha fazendo roubos, ele saía pelo sótão daqui de casa não é, saía pelo sótão daqui de casa, ia pelo telhado, entrava no sótão do armazém que ele conhecia bem a casa não é, conhecia bem as duas casa, entrava pelo sótão, descia e pegava coisas

como cigarro e dinheiro, não tirava muito dinheiro não mas... dinheiro, cigarro e coisas assim. Aí que Manolito descobriu e...

(Como?)

desconfiou, não me lembro como foi não, sei que Manolito desconfiou, teve uma vez que ele foi lá e comprovou, que ele realmente tava lá, comprovou na hora, aí botou, botamos ele prá fora não é.

FICHA Nº 20

IDADE: 23
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você sabe de algum caso de assalto com outra pessoa?)

Foi no dia do, da 1a. comunhão de ... eu me lembrei agora, da 1a. comu
nhão de Telma, que a gente foi, a primeira comunhão eu fui só prã a ... a
recepção, fomos na casa de Tânia nê, todo mundo nê. Estávamos la todo mun
do na recepção e comendo e bebendo, tinha umas comidas lá umas bebidas.
Aí daqui a pouco estou vendo aquela confusão e, Luzia entrou lá e toda
nervosa e não sei o quê, que a gente perguntou o que foi, eu só soube de
pois não é. Ela contou o seguinte: que Luzia saiu de lá foi prã casa de
la prã ver um negócio de Sandra lá. E quando Luzia vinha voltando da casa
dela, virando ali a esquina entendeu, o carro de Rogalice - você sabe quem
é Rogalice não é? - o carro de Rogalice estava do outro lado assim de jun
to daquela, perto daquela padaria. Aí pegou... o carro... e ela viu umas
pessoas nê, dentro do carro, dois rapazes, vestidos assim e tudo normal.
Bom, aí pensou que fosse algum parente de Rogalice. Disse - não, deve ser
alguma pessoa parente de Rogalice que está... que veio pegar alguma coi
sa. Mas aí ela viu saindo com, com um gravador de dentro do carro nê, -
não foi Maria do Carmo, um gravador? - aí pegou e Luzia aí chegou correu
entendeu, chegou correu e da janela chamou: - Mário! - Mário estava perto
ali, - Oh! Mário, estão assaltando o carro de Rogalice! - Aí Luzia disse

que Mário desceu mas de ceu tranquilo entendeu, não correu muito. Aí quando viu os caras já tinham se mandado porque os caras parece que perceberam não é. Aí depois Rogalice soube também, foi atrás e tudo e não conseguiu. Mas... e roubaram um gravador e o dinheiro que ele tinha... o besta tinha deixado embaixo do banco, ni uma capanga: seis mil cruzeiros, um negócio assim, um dinheirão. Deixou e os caras levaram não é. Na luz do dia, de manhã.

FICHA Nº 21

IDADE: 23
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

21a

Messias foi prá praia com você, deixou dentro do carro, é... rádio, dia bo todo, peixeira, um bocado de roupa, carteira com dinheiro e foi prá praia né. Foi prá praia, tomou tanho lá tomou cerveja e depois voltou né, quando voltou encontrou o carro com a porta achoque aberta não sei, aberta né? aí quando foi ver dentro... tinham roubado levado tudo né, só tinham deixado dez cruzeiros em cima do banco; aí o menino que tinha visto, o menino tinha anotado a chapa do carro, disse que tinham sido cinco homens num carro, que tinham assaltado o carro e que... é... ele então anotou a chapa; só fez isso mas não foi lá porque não dava né, a barra era pesada. Aí Messias chegou e foi dar queixa na polícia né, deu queixa na polícia e conseguiram pegar o carro né, mas o carro com um cara dentro, e conseguiu reaver algumas coisas que estavam dentro do carro mas o cara disse que não era... o dinheiro não era... que o carro... ele deu carona aos caras, que ele não tinha nada a ver com o roubo. E está aí até hoje, acho que não vai resolver mais.

21b

(E assombração? você sabe de alguém ou de algum caso de assombração?)

Só me lembro dos casos de Ziza.

(Como foi?)

Me lembro que ela, diz que uma noite ela subiu, não sei quem foi que... alguém tinha morrido dela aí, não sei quem foi não, ela subiu prá dormir né, ela dormia com Milton, o filho dela né, na mesma cama né, aí diz que de noite né, lá prá tantas ela sente alguém bulir no dedão do pé dela: Aí diz que vira prá Milton e faz: - Milton, foi você que buliu no meu pé? Você futucou no meu dedão? Milton fez: - Eu minha mãe, oxente, a senhora tá sonhando, eu não buli no pé da senhora não! Aí ela disse: - bom, deve ter sido impressão minha né! Aí voltou prá deitar. Daqui a pouco Milton levantou também e disse: - mas minha mãe, a senhora buliu no dedão do meu pé? Aí: - oxente Milton, não foi eu não! Não foi eu que buliu no seu dedão não! Aí não sei, não sei mais o que foi não. Não me lembro mais do resto da estória não. Ficou por isso mesmo.

21c

Diz que uma vez tava o pessoal na casa dormindo né, aí que os ladrões entraram né, não sei quantos ladrões foram, entraram, pegaram abriram a geladeira, comeram todas as comidas que tinham, fizeram aquele bacanal na sala né, comeram tudo, depois, fizeram a maior locura dentro da casa né, depois foram no quarto do casal, chegaram lá, pegaram a saia da mulher, a

camisola, levantaram, deram um tapa na bunda da mulher e saíram. Não lem
bro mais não, do resto não.

FICHA Nº 22

IDADE: 22
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

22a

Minha avô, isso aconteceu com minha avô, entenda. Minha avô não é pessoa de inventar coisa assim. Eles, o pessoal do interior também acha que a caipora tem o poder de desorientar as pessoas, entendeu; numa certa região, por exemplo, você vai por um caminho e ela consegue desorientar e você nunca chega àquele lugar determinado. Minha avô vinha da fazenda de uma irmã e ia prã prã dela, nê, onde ela morava, ela morava na roça. Eu sei que ela vagou várias horas e não conseguia achar o caminho; e tinha uma determinada parte do caminho que passava dentro da mata, entendeu, interior bem assim cheio de mato, passava na mata. Então ela, ela supõe que ao passar ali pela aquele caminho, que tinha algum, alguma caipora, que ela acredita nê, e que tenha desorientado, então... Diz que depois de muito tempo que ela vagou foi que veio... encontrou uma pessoa assim também por acaso que orientou; Ah! o que é que a senhora está fazendo aqui? Aí ela contou o caso. Aí levaram ela em casa. Não sei se realmente foi uma desorientação ou se foi assim uma anamnêsia... oh! uma amnêsia, um esquecimento temporário.

22b

(E assombração?)

Eu, a única coisa que aconteceu comigo, eu me lembrei agora, foi durante uma vez que eu ia de noite, mais de 10 horas da noite, eu ia com uma irmã de meu padrasto, entendeu; ela é paulista. Então nós íamos prã casa nê. Eu morava num sítio lá; no mato. Num determinado lugar entendeu, nós ou vimos assim um ronco, um um barulho diferente, entendeu, assustador! Aí, eu, realmente me assutei, corri. Foi a única coisa que eu vi até hoje as si,, ser... é... ruído de animal conhecido nem nada, entendeu. Aí nós nos assustamos. Só isso assim.

FICHA Nº 23

IDADE: 32
PROFISSÃO: Professor
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você se lembra de alguma pessoa que tenha sido assaltada?)

Um caso do Professor Keller mas nos Estados Unidos.

(Como foi?)

Diz ele que ia passando por uma rua nê, comum, no centro do estado de Nova York nê, no centro de Nova York, no estado de Nova York e um dado momento ele... o camarada encosta alguma coisa nas, nas costas dele e e diz prã ele tirar tudo e não se voltar e tirar tudo e entregar prã ele. Tinha um outro acompanhando do lado também que ia tirando, segurando tudo nê, o companheiro, e tomando todos os... relógio, documentos, dinheiro, todos esses troços que tinham valor e daí mandou o camarada continuar... o camarada então, o ladrão não é, o assaltante, mandou o Keller continuar seu caminho sem olhar prã trás. É... só.

FICHA Nº 24

IDADE: 32
PROFISSÃO: Professor
ESCOLARIDADE: Universitária

24a

Houve aqui um caso interessante mas não, não uma interação comigo direta.

Com o automóvel

(Como foi?)

Esse carro, esse volks que eu tinha aí, ele foi assaltado enquanto a gente tava na praia. Tiraram todo o dinheiro da gente, documento, essas coisas, levaram. E quando a gente tava na praia mesmo, um sujeito veio com a carteira de identidade do Edson, meu irmão, procurando aquela... o dono daquela, aquela carteira. Aí avisou prá o Edson. Então, nós fomos prá ver o carro, o carro estava realmente aberto e fomos conversar depois com o rapaz que viu o assalto e que deu o aviso. Bom, acontece que pegaram um dos rapazes assaltantes não é, pegaram o rapaz assaltante no momento em que ele estava inclusive escondendo os documentos num certo local na areia não é, num ponto assim já escolhido por ele. E deram muita pancada no camarada. Mas acontece que faltavam uns documentos outros mais, mais importantes, inclusive meus. Então eu fui com Edson no carro e mais um outro rapaz até a delegacia próxima onde estava já esse rapaz que tinha sido pegado. Bom, lá, a gente tentou manter o contacto é, como mantivemos o contac

to com o delegado e ele me chamou prá ir ver, perguntar ao outro nê, ao ladrão, ao assaltante, um deles nê, se ele sabia nê, que o rapaz que as saltou o carro, esse tipo de contacto. Então eu percebi por exemplo o se guinte: que o rapaz estava bastante massacrado já, tinham dado muito pan cada no rapaz e, até cigarro aceso nego tinha apagado nas costas do ra paz. Quer dizer, estas foram as experiência que eu tive. E... daí, o ra paz não podia dizer nada, os detalhes da... quem seria o outro tal, já tinha dito não é, quem era e tal; mais nada, ficou por isso mesmo. Aí vol tamos, nunca mais encontrei os documentos e o rapaz deve ter sofrido o diabo.

24b

(E assalto em casa?)

Aquí mesmo em casa já teve roubo.

(Como foi?)

Na época que vocês estavam na Europa teve uma noite que não sei como foi, eu estava dormindo lá em cima no sótão nê, a casa tava em conserto e en traram, roubaram tudo, roupas, bastante roupa, umas quatro ou cinco cal ças minhas e não sei quê mais lá, desapareceram, nunca mais vi. Eu não sei quem foi, não sei quem foi que entrou.

FICHA Nº 25

IDADE: 23
PROFISSÃO: Pintor
ESCOLARIDADE: Universitária

25a

.(Você já foi assaltado alguma vez?)

Primeira vez foi há coisa de uma semana atrás e foi terrível, foi uma experiência terrível mesmo.

(Como foi?)

Bem, primeiramente eu quando eu... eu senti um indivíduo surgir na minha frente e toda aquela imagem que você tem da... de como enfrentar uma situação dessas né, então você percebe que não é a pessoa física que está ali, presente; é todo aquele susto, aquela lembrança que você tem das experiências contadas por outros indivíduos não é, é aquele terror da morte o medo da morte; porém você tem aquele... realça aquela luz que começa a surgir naquele momento e que te dá forças pra você ir, levar adiante essa situação não é...

(e daí?)

bem aí vem aquela, aquela alternativa sua não é, ou você fica parado pra ver se vai acontecer alguma coisa não é ou você corre e toma outra perspectiva não é, principalmente aquele velho ditado que você tem de se fi

car o bicho come se correr o bicho pega não é; então você tem aquela lem
brança como te falei anteriormente, é o seguinte: focê sabe o quê que...
como ocorre um assalto não é, então você tem mais uma força consigo que
é a problemática do indivíduo que está assaltando você, não é, ou por
quê; pode ser uma problemática dali duma situação espontânea, do indiví
duo que é um burguês e por acaso perdeu a carteira, não tem como pagar en
tão quer roubar você por simples fato de roubar e outro também é a proble
mática social que o camarada vai roubar você porque está precisando real
mente do dinheiro não é; então você tem essa consciência e você toma aque
la abertura de luz não é, mas essa abertura de luz é a sua escapatória da
situação, aí você sai correndo não é, no que você sai correndo tem outro,
outro e aí já é o complô organizado não é...

(Mas como foi?)

Bem na realidade foi, as palavras foram simples: passe o dinheiro branco.
Aí eu falei: bem, dinheiro eu não tenho, você vai me desculpar mas você
me pegou numa situação muito ruim que eu só tenho cinco cruzeiros na bol
sa. Aí ele olhou a bolsa prá ver se tinha algum dinheiro, não tinha, ele
ficou enraivecido né e aí falou: - Bem, então você vai morrer, hoje, com
dinheiro ou sem dinheiro. Aí quando eu escutei, isso me deu aquele branco
eu sai correndo né, aí tinha outro rapaz, botou o pé né, eu caí no chão,
aí foi a salvação minha eu cair no chão porque se ele tivesse de frente
prá mim poderia me dar uma barra de ferro de cima prá baixo, na vertical,
ia arrebentar meu miolo todinho né, aí a barra deu, quando eu estava no
chão, deu de de lado, é ela passou de raspão! Aí naturalmente depois eu

desmaiei né, aí foram lá sondar se eu tinha algum dinheiro interno, prá li, prá qui, quando eu acordei eu vi que não tinha mais nada né, tava tudo assim espalhado pelo chão, todo mundo foi embora. Agora a experiência terrível mesmo prá lhe ser sincero não foi a experiência somente do ladrão foi a experiência que eu tive pós o assalto, quando você procura o auxílio de outro indivíduo e aí você percebe como a sociedade está individualista muito mesmo, entendeu, ao ponto máximo de não auxiliar outro indivíduo que está precisando de auxílio entendeu,

(Por quê?)

Porque justamente eu estava ensanguentado não é, quase caindo desmaiado e tudo não é, você, por mais que você pedisse, me dá uma carona prá levar até o hospital Souza Aguiar que é coisa de cinco, dez esquinas daqui não é, mesmo estando de carro o pessoal não, não parava prá te dar nem nada.

(Como você voltou?)

Bem depois da décima quinta tentativa de parar um carro até que eu encontrei um rapazinho que estava saindo de um edifício, aí expliquei a situação como tinha ocorrido os fatos não é, aí ele me levou, até a esquina do Miguel Couto, porque lá no Miguel Couto ele não me deixou também não, me deixou na esquina por por medo de chegar e achar que tinha me atropelado, alguma coisa assim e começar a complicar a vida dele não é; você vê como andam las cosas não é!...

25b

Uma que eu... não tinha ônibus eu resolvi andar a pé de Copacabana até mi nha casa que fica em Botafogo, e prá chegar até lá tem que passar num tú nel. À medida que eu ia andando nesse túnel eu senti que tinha uns pas sos atrás de mim de duas pessoas. Então fui progredindo meu passo enten- deu, fui andando, fui andando e cada vez eu sentia que o passo, que os pas sos que vinham atrás de mim eram mais fortes. Aí até que chegou um ponto que eu resolvi correr. Aí eu vi, percebi também que o pessoal tava corren do. Mas aí por sorte eu corri bastante não é, não ocorreu nada. Mas, quer dizer, naturalmente só podia ser um assalto! Só que não deu tempo.

25c

(Com outras pessoas, você se lembra de algum assalto?)

Uma experiência de um assalto que um rapaz me contou foi uma que ele pa rou num ponto de ônibus, ficou esperando, tava ele e a mulher dele. E chegou lá um rapaz que começou a perguntar se por ali passava ponto tal, ponto tal, se ia prá tal lugar. Ele falou: não, aqui não passa esse ôni bus, não sei quê e tudo. Aí foi quando o rapaz reparou que ele tava com relógio, aí ele pediu o relógio. Bom, ele teve que dar.

FICHA Nº 26

IDADE: 23
PROFISSÃO: Pintor
ESCOLARIDADE: Universitária

26a

Agora no meu caso tem um troço até que se tornou até livro, praça pública e não sei quê, do meu, do meu primo, entendeu: ele foi assaltado há coisa de dez anos atrás, foi um assalto até terrível, teve uma repercussão enorme lá no Rio de Janeiro; depois daí foi que se fundou aquele negócio do do SAM né que é uma coisa tenebrosa em termos de assistência ao menor né, e hoje em dia tem tem a FUNAREM né. Foi aquele assalto que ocorreu lá em Santa Tereza desse meu primo, filho do Odylo e que estava ele e a namorada dele quando dois garotinhos de 8 a... na idade assim de 8 a 10 anos, pediu o relógio, a carteira, a bolsa da menina e a menina. Mas eles estavam com revólver e meu primo chegou e falou: uê, que é isso guri, pôxa, não enche a paciência. Aí ele falou: estou falando sério! - Não enche garoto! Como você faz assim normalmente não é. No que ele falou a segunda vez ele deu três tiros na barriga dele. Ele morreu.

(Garoto de oito a dez anos?)

É, prá você ter idêia. É. Esse crime foi contado e hoje tem até praça de Odylo Costa Neto lá em Santa Tereza.

26b

(Você se lembra de algum caso de assombração?)

Assombração eu não transo mas eu sei dum lance aí de assombração que é genial. Foi... ocorreu até lá numa casa que a gente tem lá em Pedro Rio, tem uma casa assim mais ou menos mal assombrada entendeu, quando você dorme lá sozinho. E tem... eu não acredito nessas histórias mas que lá existem las brujas, que las hay, hay não é, yo no creo pero que las hay, hay. Enfim, lá, aquela escuridão tudo, você, uma ocasião minha mãe tava dormindo lá sozinha e sempre tem uma senhora lá que trabalha lá em casa mas é que ela tem um olho prá lá outro prá cá entendeu, cabelo despenteado, sabe como é que é né e ela tava dormindo no outro quarto. E a mamãe pediu prá ela acordar assim pelas cinco horas da manhã que a mamãe queria sair cedo. Lá pelas duas horas da manhã a mãe diz que acordou e viu uma coisa iluminada com um chifre prá lá com pente por aqui assim olhando prá ela assim, coisa de um segundo, desapareceu. Quer dizer ela ficou assustadíssima depois decidiu não dormir mais; nunca mais foi a Pedro Rio sozinha, entendeu. Mas acontece que você sempre tem uma linguagem prá entender essas coisas não é Rosa, tinha todo aquele, aquele condicionamento que o indivíduo tem até os 10, 15 anos não é, e que ficam guardados dentro da sua memória não é, e de repente pode sair, tá não é?

FICHA Nº 27

IDADE: 23
PROFISSÃO: Pintor
ESCOLARIDADE: Universitária

27a

Outro assalto, eu me lembro isso, eu não estava lá mas eu ia chegando no dia seguinte. Foi num sítio lá em Tribobó que é uma região assim onde tem a base operária além do mais o lumpem proletariado tá lá, todinho de Niterói. Então tem todo aquele esquema de se você não paga imposto pra sua própria vida você acaba sendo assaltado né, entendeu. Bem, esse meu tio resolveu morar lá por, em termos assim de folclore. Foi lá ele, a mulher dele, as filhas, até que uma noite de repente aparece... e ele a região, com poder aquisitivo alto, aquela região miserável, começa a comprar cavalo outro cavalo, começa a ter nove cavalos, passarinho, cachorro, gato, pato, todo tipo de animal né. Até que um dia chegam lá de repente, entra assim três, quatro camaradas de metralhadora, perguntando pelo caseiro dele. Onde está o caseiro que eles queriam falar com o caseiro, que é um troço muito importante. Ele falou: não, não sei nada disso não. - Mas como o senhor não sabe? Ele não trabalha para o senhor? - Não sei. Aí no que ele falou não sabe então falou: - bem, então vamos conversar com o senhor mesmo. O negócio era pra ser tratado com ele, agora nós vamos conversar com o senhor mesmo. Queremos todo, tudo que tiver aí de valor o senhor pode botar aqui na mesa (...). Aí, na mesma hora. Pode ficar à vontade, pode

tomar tudo. Desse dia em diante ele sumiu de Tribobó. Três anos depois foi que ele voltou mas noutra região assim mas com, sabendo como é que é a situação não é; mas foi um assalto assim que você contando, você nem entende né, como é que pode surgiu né, de metralhadora e tudo...

27b

Minha irmã foi assaltada também...

(Como foi?)

Ela tava conversando com a amiga dela na frente de casa e de repente entrou um rapaz e perguntou: - cadê o... dê o dinheiro e nós vamos querer o carro também, entendeu? e chega prá dentro porque nós vamos dirigir; eram dois rapazes. Aí ela falou: - tá bom, não, pode levar o carro que nós vamos saindo embora; pode ir levar o carro que eu vou sair prá fora né; aí dito e feito, ela saiu prá fora e... mas a amiga dela que tava dirigindo o carro, disse: - não, não ter que dar meu carro, não vou dar meu carro, não vou dar de maneira nenhuma, aí ele falou: - então chega prá lá; empurrou ela, botou ela ali no meio do fusca entendeu, e saiu disparado né. Helena assim ficou apavorada. Coisa de dez esqueínas depois eles jogam a menina no chão, a menina começa a perceber: - será que houve algum negócio de... entende? passou pela cabeça dela a idéia de que a Helena tivesse junto com esse assalto, entendeu? que caso poderia ser um assalto político, prá utilizar do carro dela prá... foi um aborrecimento que surgiu mas tudo bem. Esse é um outro tipo de assalto também, entendeu...

FICHA Nº 28

IDADE: 23
PROFISSÃO: Pintor
ESCOLARIDADE: Universitária

Tava a Bahia, uma amiga minha, e outra menina que não me vem o nome agora, também era de lá do Rio Grande do Norte e ela ia visitar uma outra amiga que morava no San Roman, que é um morro assim que tem em plena Copacabana entendeu, em volta de todos os edifícios, rodeado por todos os edifícios não é, tá ali o morro. Bem, subiram a ladeira então bateram lá na casa da mulher, não tinha ninguém. E nisso, a menina que tava com a Bahia, tinha acabado de receber um milhão e meio do salário dela que era pra pagar o aluguel entendeu, a essa amiga dela. Bem, na volta, tão descendo lá pela uma hora da manhã e no que vai descendo, chega um rapaz e apanha a bolsa dela entendeu, no que apanha a bolsa, sob correndo o morro e a Bahia olhou assim espantada, a menina também, falou: é um assalto, não sei quê e tudo, como é que eu vou fazer, minha bolsa, meu dinheiro, eu não vou ter como arranjar onde eu vou morar e tudo!... Lá foi embora a menina, subiu também no morro. Aí a Bahia chegou: - ah! eu não vou subir não você me desculpe mas eu não subo nesse morro aí nem sonhando! você sobe aí se você quiser. Aí a menina subiu. Subiu naqueles labirintos ali né, chegou lá tinha um barraquinho e tinha um rapaz com uma máscara preta vendo assim a quantidade de dinheiro né, e jogando fora ali o resto que tinha dentro da bolsa; aí ela pediu pelo menos a carteira de Identidade e

começou a explicar a situação dela que ela tinha aquele dinheiro ali mínimo mas que era muito importante; o rapaz não queria nem saber nê: - escuta! você subiu, qui como? - Assim mesmo! - Por que você subiu? Você não sabe que isso é perigoso? Eu posso te dar um tiro agora! e apontando a arma prá ela e não que ela falou assim: - mas eu estou precisando pelo menos da minha carteira de identidade meus, meus certificados e tudo nê, que está aí dentro dessa bolsa. Aí ele chegou prá ela e falou: - mas você se arriscou muito. Então quando ela pega, tenta panhar a bolsa, ele segura no braço dela e vê que tem um relógio relógio de ouro. Aí apanha o relógio de ouro, aí sobe mais ainda uns... um tanto de casa nê; Ela vai atrás dele. Até que encontram um outro lugarzinho que tava lá o... três assaltantes. Aí tão lá (contando...) dividindo os bens nê, do assalto do dia nê, e ela entra e fala: "escuta cara, eu quero meus documentos pelo menos, você pode ficar com minha bolsa, com meu relógio, com meu dinheiro e tudo". Ela falou que aí o cara que parecia o chefe nê: "vamos fechar ela agora, fecha ela agora que ela sabe onde que a gente mora e isso é perigoso". Aí ela começa a chorar, falar miséria, entendeu, explicar a situação dela. Aí o outro: "não, mas mesmo assim você vai morrer, vamos fechar ela logo antes que tenha testemunhas. Aí um dos caras mas que tem expressão de chefe nê, chegou falou: "não, não vamos fazer isso com ela não. Ela não merece, tudo, enfim ela teve até coragem de subir aqui no morro não é, quer dizeer, ela não... pode ser que ela não conheça isso aqui nem nada. Ela sabe que o que tem de pívete ali... que não é da nossa organização, pode até ferí-la... "Então nisso ela fica apavorada nê; "bem, que é que vocês vão fazer comigo?" Aí um ameaça até de tirar a roupa de

la, prá ter relações com ela e tudo. Começa a puxar a blusa mas ela se fecha toda e um outro que tava sentado resolve deixar ela ir embora en tendeu? Aí ela desce aquele morro ali e a Bahia naquele desespero ali esperando ela né; "Você é maluca, você é doida, você não sabe o que é que você passou pela tua vida". Ela chegou, ia descendo: "Ah! você não sabe de nada, eu sei o que eu passei mas nunca mais eu passo nessa rua. É a última vez". Quer dizer, um assalto assim incrível não é. como uma pessoa, diante daquela circunstância ali toma a iniciativa de ir em fren te até o final arriscando a vida dela até o máximo né!...

FICHA Nº 29

IDADE: 22
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

29a

.(Você sabe de algum caso de assalto com um amigo seu?)

Não, não foi bem assim... caso de assalto sabe, mas o caso de um cara, acho que era tarado, um troço assim que perseguiu uma moça; que a gente mora num prédio de apartamento, então, aquela complicação toda, a moça pegou, tava saindo de um bloco pro outro não é, e o cara foi andando atrás dela; tem umas lixeira assim no meio do bloco não é, até a portaria, e se confundem não é, ele saiu detrás dessa lixeira do bloco K e a moça ia entrar lá no bloco J não é, então ele foi andando atrás dela e tal e ela sacando que o cara estava atrás dela e tudo mais. Aí ela abriu a portaria do bloco, lá dela, do J não é e entrou no bloco, o cara também entrou, sabe, um cara muito estranho; e aí ela pegou o elevador, foi pro 5º andar, na hora que ela chegou lá no 5º andar o cara tava lá, na porta da casa dela. E daí ela começou a gritar e acabou nisso sabe; apareceram umas outras pessoas lá e pegaram, pegaram o cara.

29b

Ah! sei lá! Teve, teve uma época quando a gente ainda morava lá em Minas

nê, teve um caso assim: A casa onde a gente morava era muito grande e ti
nha um corredor assim comprido toda vida; e a janela do quarto das meni
nas tinha uma fechadura... - sabe essas fechaduras de porta, porta anti
ga, aquelas fechaduras bem grandonas? - e daí quando os meninos se muda
ram prá Brasília a casa ficou sem homem nê, meu pai foi prá Brasília e
meus irmãos também, e ficamos só nós mulheres lá. Aí um dia, a gente tava
dormindo no quarto dos meninos, nê, as meninas estavam dormindo no quar
to dos meninos e daí de repente, uma luzinha sabe, projetando assim a fe
chadura, na parede, e aquilo tava dançando nê; aí eu acordei assim assus
tada e a gente foi... é, eu chamei minha mãe não é, e nós fomos lá no...
lá no quarto prá poder verificar se tinha alugê^m lá, não sei o quê e a
fechadura não tava mais na parede nê, o reflexo da fechadura; e aí, o...
parecia que tinha alguém ali porquê aí quando minha mãe apareceu na jane
la ela gritou sabe: - quem é que está aí, não sei o quê - e o cara pegou
correu mais prá dentro sabe, mais prá perto da porta de entrada que tinha
um portão assim que dava prá horta; e a gente tinha um cachorro e o ca
chorro começou a latir, aí de repente o cachorro ficou calado. Quer di
zer, tinha realmente alguém ali sabe, que se encostou no portão lá. Che
gamos a telefonar lá prá delegacia mas tudo fajuto, o cara disse que não
ia, que não tinha nenhum soldadinho prá poder mandar lá prá casa, não sei
o quê. E parece que o cara saiu, sabe, depois correu, depois do telefone
ma lá. Foi só isso aí... agora não sei se também foi muita imaginação que
a gente fica com medo de ficar sozinha, aí não sei...

FICHA Nº 30

IDADE: 22
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(E assombração, você já ouviu falar alguma coisa de assombração?)

Minha avó gostava de contar...

Não sei por que, eu tinha e ainda tenho sabe, assim, eles contavam estó
rias de leprosos também que atacava casas sabe, e eu tenho assim verdadeiri
ro pavor de leprosos. Sabe, talvez pelo medo que as pessoas... Agora eu
já tenho informações a respeito da doença, tudo, justamente por causa desse
pavor né, mas mesmo assim, se eu encontrar algum leproso na minha frente
eu não sei se sabe... se eu vou ficar com medo, qualquer coisa assim.
E tinha um caso assim de de um leproso que... uma família morava num lu
gar afastado da cidade, não chégava a ser uma roça sabe, mas tinha a ca
sinha lá no alto e num lugar afastado. E o leproso, disseram que quando
ele era são, ele gostava da mulher, sabe; então daí ele foi com mais...
mais dois caras também leprosos e entraram na casa, na casa desse mulher
lá e ela tava grávida sabe, e tinha um bebê. E, segundo o que disseram
foi que ele fez... sei lá teve relações com a mulher, transou a mulher e
também a criança sabe, prejudicou a criança e depois aí o cara, o marido
da mulher quando chegou em casa, ela pegou gritou prá ele... (por) que os
leprosos foram embora né, passaram lá e deram no pé, e quando o cara che

gou aí ela pegou gritou: - não, não chegue perto de mim não, porque eu es
tou contaminada não sei o quê; aí disseram que o cara ficou desesperado,
matou a mulher, filho e depois se suicidou sabe. E aí tem outros casos sa
be, de leprosos passar, pegar... não sei se o pessoal contava prá amedron
tar a gente que eu era pequena, sabe; contava que quando eles vinham prá
cidade, eles vinham em ocasiões assim de festas, sabe, festas de sete de
setembro, dia da cidade, que tinham muita gente e eles de uma uma forma ou
de outra se confundiam com o pessoal, ficava sempre no meio do pessoal; ti
nha casos assim de leprosos que segundo eles né, chupavam bala, embrulha-
vam bala pro menino pegar mais aí eu já acho que é muita estória prá me
nino não pegar bala na rua...

FICHA Nº 31

IDADE: 22
PROFISÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

Olha eu sei de um caso assim gozadíssimo, não é bem assombração não mas de um medo que um cara tinha. É, lá em Campo Belo tem um cara que chama Boneco, um troço assim, Nenên, um troço assim sabe, bem dengosinho, um apelido assim bem estranho. Eu acho que é Nenên sabe, ou Bebê, Bebê, é Bebê, o apelido do cara. E a... tem o cemitério, cemitério velho né que ficou dentro da cidade, que a cidade cresceu tanto que o cemitério ficou dentro da cidade. E esse cara morava perto do cemitério. Aí a mulher dele passou mal, um troço assim e ele precisou ir até a farmácia. Aí aquele negócio né, ia no pé, correndo e tal e passou pela porta do cemitério, na ida né, prá ir até à farmácia. Daí quando ele tava voltando da farmácia, lá de dentro do cemitério gritaram assim: Bebê, tem fogo aí? Aí o cara, Puff! desmaiou né; não, mas antes, antes do cara gritar assim: Bebê tem fogo aí? ele falou assim: Rau! Bebê, tem fogo aí? Aí o cara se assustou né; Rau! tal, fêz aquele escândalo todo, e o cara caiu desmaiado né; aí que foi uma desonra prá ele porque todo mundo ficou sabendo, encontraram o cara demaiado na porta do cemitério não sei quê, depois foi contar a estória. E a estória era a seguinte: é, um bebado que tem lá na cidade sabe, que o apelido dele é Rau, tanto que ele fica gritano Rau! Rau!; prá maior escândalo o apelido dele ficou esse. E o cara tava lá no cemitério,

navam que esse cara transformasse em lobisomem, imaginavam. Daí foi um não sei quem numa roça de não sei quem também, que estória de minha mãe é muito comprida e diz que chegou lá nessa tal roça, foi buscar também não sei o quê, e o cavalo, cavalo tem grande poder também de assombração né, diz que o cavalo começou a... como é?... a relinchar, daí o cara desceu e pegou uma faca de sete tostão e falou que devia ser arte ... da tal pessoa que eles mal davam que virasse lobisomem. E quando chegou lá era essa tal pessoa mesmo que a roupa tava estendida assim nuns gravetos e a pessoa ele só ouviu os passos bem fortes por dentro da mata. Daí ele virou, virou a roupa pelos avesso, isso é o que mainha conta né, e esperou. Quando o cara voltou, o tal lobisomem lá, ele chegou esfaqueou. Aí o lobisomem no momento que tava morrendo falou: - você matou um homem! O cara disse: matei um bicho! Falou três vezes. Ficou meio transformado em homem meio transformado em bicho. E desencantou por causa do... não desencantou de tudo mas algumas partes do corpo desencantou por causa do sangue derramado. Mainha conta muito... Sobre lobisomem...

FICHA Nº 32

IDADE: 21
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Secundária

32a

(Você conhece algum caso de alguém que tivesse sido roubado?)

Já sim, no Viaduto da Sê mesmo um cara quando queria pegar o ônibus de Luis Anselmo, aí veio dois playboys né, muito bem vestidos, muito bem trajados e esse cara tava até com... tava com um paletó; então quando ele foi se aproximando da porta do Ônibus, os caras se aproximaram dele e ni um rápido lance, levou a carteira. Tinha na média de uns... ele tava dizendo que tinha mais ou menos dois milhões e pouco no bolso. Levou tudo. Só deixou as nicas.

32b

(E assombração, você lembra de algum caso?)

Mainha mesmo sô fala em lobisomem e ela diz que já viu

(Você se lembra de algum caso que ela tivesse contado?)

Ela disse que já viu lobisomem. E ela falou que era escuro lá no interior onde ela morou que era escuro e tinha um cara que... como é... eles imagi

sabe, não tinha prã onde ir, sei lá, e ficou lá no cemitério e era amigo desse Bebê, quer dizer, conhecia o Bebê, sabe, e aí grita lá de dentro do cemitério: Rau! Bebê, tem fogo aí?!

FICHA Nº 33

IDADE: 21
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Secundária

(Como foi o caso de Marcos?)

Ah, ele saiu... ele trabalhava numa funilaria. Daí ele ele saiu; tinha recebido dinheiro naquele dia né; ele era bem moderno, bem moderno mesmo, ganhava muito pouco, tinha recebido dinheiro. Então quando ele estava indo no caminho de casa (a)pareceu um sujeito cheio de embrulhos, uma bacia enrolada, o embrulho parecia... um embrulho muito bem feito. Aí chamou ele: - psiu, rapazinho venha cá. Aí ele chegou não deu a mínima. O cara insistiu em chamar ele daí ele foi atender. Chegou o cara pediu se ele podia fazer o favor, prá ele. Pediu que ele entregasse os embrulhos que ele estava na mão numa casa defronte onde eles estavam. Daí ele pediu como um prá... que ele não se confiava muito em menino, esse negócio todo, pediu perguntou se tinha, ele tinha algum dinheiro na mão, ele disse que tinha, tinha recebido dinheiro naquele exato momento, então ele pediu, que era prá ele passar o dinheiro todo prá mão dele que ele não se confiava em menino, menino era muito enrolado. Daí Marcos chegou entregou o dinheiro todo, inclusive o do transporte que ele separava. Em troca ele deu os embrulhos todo, amostrou a casa, mandou que Marcos batesse na porta e chamasse por um tal de fulano lá, acho que era Benedito se eu não me engano.

Foi meio desconfiado mas foi. Chegou bateu na porta, atenderam ele, mandaram ele entrar: - O que é? Ah, o rapaz aqui mandou entregar esse embrulho! Embrulho? Que rapaz?! Ele deu a definição toda do rapaz, os caras quando abriram o embrulho; um bocado de bolacha velha e uma bacia também velha toda enrolada melada de azeite. Aí o pessoal chegaram falaram que ele tinha caído no conto do pato né? Quando Marcos voltou rápido pra procurar o cara com... ver se encontrava ele, não tinha nem fumaça mais. Mas foi há muito tempo mesmo!

FICHA Nº 34

IDADE: 21
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Secundária

(Como é que César foi roubado?)

César saiu de lá do Luis Anselmo prá pegar o ônibus no Matatu. Jonas ti nha dado acho que cem cruzeiros prá ele comprar a mortalha dele prá car naval, tava na época do carnaval. Lá no Largo do Matatu tinha uma kombi com dois caras de óculos, claros, sentado um no volante e outro do lado nê. Aí chamaram ele, perguntaram prá onde ele ia tal e coisa, ele disse que ia prá cidade comprar a fantasia dele pro carnaval. Daí perguntaram: quanto é que você tem aí? Ele disse: - tenho na média de uns 150 cruzei ros, cem é da mortalha e o outro, os cinquenta eu vou ver o que é que eu faço. Aí disse assim: você quer entregar uns pneus ali numa oficina? Cé sar disse: entrego. Eu lhe dou mais uns 70 cruzeiros prá você inteirar comprar muito mais coisa! Tá. Eu entrego. César muito ambicioso por di nheiro nê! Aí ele disse: então me dê aí o seu, eu estou aqui esperando na kombi, você me dá o dinheiro que você tem aí e eu já aqui... ói!, co locou o dinheiro que eles iam, diziam que ia dar a ele, de junto nê; - bom aí os pneus, pneus velhos e eles dizendo que era prá encher a câmara nê, aí César pegou os pneus e foi prá... em rumo à oficina. Antes dele chegar na oficina o cara já tinha ligado o motor da kombi e se arrancado

e passado... ainda dando... deu bye bye... como é... dizendo a ele que era
prá ele passar feliz carnaval!

FICHA Nº 35

IDADE: 27
PROFISSÃO: Enfermeira
ESCOLARIDADE: Secundária

35a

(Algum amigo seu já foi assaltado?)

Acontece que saiu né, o marido saiu de manhã e uma hora depois mais ou me nos a mulher saiu, a esposa saiu. Certo? Eles iam chegar, tinham combinado chegar mais ou menos no mesmo horário, quer dizer isso uma hora depois, certo, que o último saísse os dois voltariam e nesse intervalo de uma ho ra entrou alguém lá e roubou monte de sapato, radinho de pilha assim uns três sabe, relógio, relógio bem antigo e tal, herança de família tal e, sei lá, tavam desconfiado que era pessoas vizinhas sabe, só; moral lá pe gado. E chamaram a polícia inclusive pra ir dar uma batida tal mas no fim. Ficou por isso mesmo. Incrível que tinha telefone, televisão essas coisas todas mas não levaram. Levaram essas coisinhas bestas, coisas pe quenas.

35b

Ah! sim. O outro dia o trombadinha pegou uma bolsa dum amigo meu no cen tro de São Paulo.

(Como foi?)

Tava na São João né, distraído e tal, nunca teve medo de ser assaltada, tava tranquila com a bolsa; tinha dinheiro da firma; e de repente o cara cortou as alças da bolsa não é, não tinha tanta grana tal mas aí teve que, teve que se arranjar prá devolver o dinheiro da firma; moleque, não deu prá correr atrás que moleque realmente corre bastante né. Ficou por isso mesmo, tudo bem. E agora ele tá tomando bastante cuidado com a bolsa. Nem por isso eu... mesmo depois sabendo tudo isso eu não tenho medo não.

35c

(E com pessoas que voê não conhece, já ouviu algum caso?)

Eu vim sim. O gil Gomes, outro dia ele contando.

(Quem?)

(Aquele cara maluco, o repórter) O cara saiu de manhã né, prá trabalhar é gerente do Bradesco, certo, e daí o cara, o bandido, assim que ele saiu, o bandido foi na casa dele pegou a filha, a mulher tal sabe, e ameaçou sa be, se ela não telefonasse pro banco dizendo pro marido dela ir lá tal sabe, realmente ia matar todo mundo. E a mulher telefonou pro cara né e o cara sei lá, saiu, conseguiu sair do trabalho foi prá casa chegou lá ele fez o cara voltar com ele pro banco sabe e retirar uma quantia assim bem grande, uma bem grande de dinheiro, mas acontece que o gerente desconfiou né, achou estranho pô ele fazer isso e aí logo chamou a polícia tal sabe. Realmente eu achei o maior barato essa estória. E tudo bem, o cara foi

preso, numa boa.

(No banco?)

No banco, saindo do banco; quando ele tava saindo do banco com a grana já a polícia já estava esperando ele lá fora, sabe. Quer ver que o cara tava dando dinheiro prá ele, o outro o amigo dele lá do banco telefonou prá polícia, eu acho que ele tava achando estranho a atitude do gerente né, ele tirar tanta grana assim prá dar prum cara que ele nunca tinha visto; e quando ele saiu a polícia já estava lá fora esperando.

FICHA Nº 36

IDADE: 27
PROFISSÃO: Enfermeira
ESCOLARIDADE: Secundária

Chegamos de Santos era mais ou menos uma hora, é, 1 h da manhã né, e ela ia ainda prá... ela mora lá na X lá por perto do... lá por Ceasa, praque les fundô lá sabe...

(Quem?)

a Dirce, essa amiga minha. Ela ainda ia prá lá, uma hora da manhã. Eu não, ia ficar lá no centro né, bem no centro, eu morava no pensionato. En tão ela falou: - Bom, a gente toma um taxi, eu te deixo né, aí na rua San to Antônio, depois eu vou prá casa. Acontece que ela queria um motorista de taxi que não tivesse cara de bandido, uma hora da manhã... Você preci sa ver a cara dos fulanos Rosa! Sabe, incrível! Sabe aqueles caras barbu dos assim, aquela cara de tarado sabe; ela falou: - ai Marlene como que eu vou fazer? Vamos ver se a gente acha um legalzinho né; daí pintou um lá com uma carinha melhor mas de... assim sabe, fumando assim sabe, aque le jeitão de cafajeste sabe, mas era o melhorzinho sabe; daí ela me dei xou em casa né, morrendo de medo sabe, ela me deixou em casa e depois eu fiquei sem ver ela dois dias, fiquei preocupada sabe, com o motorista, era tarde prá burro, o lugar que ela ia não é brincadeira, sabe lá por perto Rosa... como chama aquele lugar, meu Deus do céu? ah! como chama aqueles

dōs lã? ẽ bem prã lã do Ceasa, ai, esqueci o nome do bairro, ẽ... ẽ como chama aquele bairro, jã ẽ fora de São Paulo, que tem a Avenida dos Automobilistas, ẽ longe, dá umas duas horas de São Paulo; Ela ficou sem aparecer dois dias em casa e pronto nẽ, o cara deve ter feito alguma coisa prã ela. Daĩ ela disse que tudo bem sabe, que ele levou ela direitinho mas assim sempre olhando pelo espelho prã ela sabe, falando assim... fazendo umas perguntas bestas: tem namorado, não sei o quẽ e ela tava morrendo de medo; mas tudo bem, ele deixou ela em casa, numa boa. Mas incrível sabe...

FICHA Nº 37

IDADE: 27
PROFISSÃO Enfermeira
ESCOLARIDADE: Secundária

Trabalhava numa boutique e a menina era gerente lá, sabe, e sei lá, depois de muito tempo eu saquei que ela tinha qualquer coisa com o cara, sabe, e a mulher dele estava viajando tal então aproveitaram prá transar legal, sabe, depois ele acabou me contando tudo que ele é muito meu amigo, aca bou me contando. E ela tava... foi na época de... na copa de 74 certo, bem naquela época, uma semana antes mais ou menos. E um dia ela chegou toda marcada sabe, toda gozada sabe, a menina tava incrível e chorando assim pelos cantos sabe, com as outras meninas e tal. Aí três dias depois eu perguntei prá ela o que tava acontecendo tal, ela disse que tinha saído com o cara; ela mora... morava num fundão aí sabe, esqueci o nome do bairro, lá pro lado da Vila Bela, bem depois da Vila Teixeira, e o cara foi levar ela de carro, certo, e ficaram parado assim, bem perto da casa dela mas num lugar bem escuro, certo; Daí pintou um taxi né, desceu o motoris ta e mais dois caras né, e um deles entrou dentro do carro do fulano né, e levaram os dois pro meio do mato sabe, e já perto do cara tiraram a rou pa da menina sabe, tiraram toda a roupa dela e vinha assim... tinha três bandidos: dois brancos e um preto. Então diz que fazia fila assim, todo mundo ia lá sabe, e possuindo a menina tal, a menina já estava toda ensan guentada sabe, daqui a pouco o mesmo cara que tinha ido sabe, voltava sa

be e falava: olhe, tá vendo; aí, a sua mulher cara, isso aí tá vendo, por que você não reage, né? faz alguma coisa! Sabe, o cara chorando sabe e falava prá menina deixar prá lá tal, que ele ia dar um jeito sabe. Depois que abusaram muito sabe, arrebetaram com a menina, estouraram com ela sabe, deixaram os dois lá nus no meio do mato. Pegaram inclusive a chave da loja, tudo sabe, a menina ficou grávida dos bandidos sabe, pegou doença sabe, teve uma infecção, táí né, motorista de taxi, quer dizer pode até não ser deles o taxi né, pode ser até carro roubado mas eles estavam com um taxi.

FICHA Nº 38

IDADE: 27
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Universitária

(Você já foi assaltado?)

Fui, quer dizer eu não mas eu estava junto com a velha que foi assaltada. No Peru. A gente tav8 em Cuzco nê, ia indo prá... ia comprar passagem prá ir prá Machupichu. Quando tava lá no... perto do mercado, tinha que pas sar um mercado não é, aí tinha uma estação de trem prá comprar a passagem. Aí tinha uns caras tocando flauta e harpa não sei quê, dois cegos, um pes soal em roda, olhando, todo mundo. Aí a gente parou prá ver, prá ver como os caras tocavam, quando se deu conta o pessoal tinha levado o dinheiro da bolsa da mulher. Tava enrolado num... tava na carteira... não, levaram a carteira e junto com a carteira, tinha dinheiro enrolado em jornal nê, mas aí os caras não levaram nê, só levaram a carteira. Devia ter uns dois mil cruzeiros por aí, dólar e cruzeiro não sei o quê. Mas a confusão foi de pois nê, que aí não tinha mais dinheiro peruano não é e não aceitava cru zeiro em lugar nenhum! Mas... e isso devia ser o quê? acho que era uma sexta feira, quinta feira sei lá. A gente ficou até as três horas da tar de sem comer nê, não tinha comida, não tinha dinheiro nê. Aí ficamos lá, Aí apareceu uns paulistas lá na praça. Aí contou a história, os caras de ram comida prá nós, não sei que lá. Fomos na polícia, antes disso, aí a polícia mandou ir prá o Ministério da..., pro Ministério, que o Ministê-

rio dava ajuda, não sei o quê, trocava o dinheiro, trocou zorra nenhuma né, fomos falar com o cônsul da Alemanha, que a velha era alemã, o cônsul disse que não podia fazer nada também, não dava prá trocar, não tinha como trocar dinheiro, eu sei que aí... aí voltamos prá praça, ficamos lá sem comer até três horas não é, aí quando foi três horas apareceu uns paulistas lá que deram comida prá gente, pegaram almoço lá não sei quê. Aí no outro dia, não, aí de noite a gente falou com a velha do hotel, aí a velha do hotel disse que trocava uns cruzeiros lá porque tava interessada em vir pro Brasil né, aí ela trocava e ficava com o dinheiro lá não é, depois no outro ano ela viajava prá cá não tinha problema. Mas aí tinha um francês que vinha prá cá e trocou; deu cem francos parece. Aí com cem francos deu prá ficar mais uma semana lá. Tá?

(OK)

Bom, aí eu troquei... prá pagar o hotel eu paguei com o guarda-chuva, dei o guarda-chuva prá mulher por uma semana de hospedagem, dez dias, quase vendia a máquina de escrever mas não vendi, não precisei, de fotografia não é, mas não precisei vender e aí deu prá seguir a viagem prá Machupichu.

FICHA Nº 39

IDADE: 30

PROFISSÃO

ESCOLARIDADE: Secundário

39a

Tinha uma estória que... meu pai é assim, meu pai é católico mas ele acredita assim muito em espiritismo, certo? então ele conta que uma moça, ela, uma irmã de criação... esse pessoal que chega, ela era assim como uma irmã de criação, filha de criação, porque chega, fica ali na fazenda, vai morando, morando então passa a ser aceita como uma pessoa da família. E essa menina de repente começou a emagrecer, ficar pálida, não comia e na época não... lógico, médico era um só que tinha na cidade. Levou pro médico, o médico não descobriu, aí resolveram levar a menina num sujeito que era espírita. Então meu pai conta () que eles chegaram na casa do cara, velho, que era até um bugre, que em Mato Grosso dá muito bugre, você deve saber disso né; aí diz que ele chegou, mangou a menina sentar e só fez uma oração... e outra, tinha um detalhe, a menina não andava, certo? ela não andava. Aí mandou colocar a menina num banquinho e fez uma oração e mandou a garota levantar e a menina ficou boa. Lembro que meu pai sempre contava isso.

39b

... e foi a mulher dele. A mulher começou com um problema de hemorra
gia... e outra, ele era médico, problemas de hemorragia, dor de cabeça,
(não parava a hemorragia) aí resultado, a mulher entrou assim num esta
do de inércia. Ele inclusive levou ela aos Estados Unidos. Nada... eles
simplesmente não descobriram o que é que a mulher tinha. Aí como ele já
estava desesperado de tanto apelar prá isso, prá aquilo, ele partiu pro
espiritismo e inclusive foi prá Bahia, é, foi prá Bahia; lá ele procurou
um pai de santo, depois aí não teve nada, o pai de santo só fez uma reza
e a mulher ficou boa.

FICHA Nº 40

IDADE: 35
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: Primário

40a

A irmã de José tava muito bem apoiada lá, sentada num banquinho namorando, isso já faz tempo, e apareceu um cara levou o cordão dela, jóia, tudo que ela tinha. Ela não fez nada, ficou parada lá... eu acho que ficou uma meia hora paralisada lá, assustada. Não fez nada, aí acabou que teve que comprar tudo de novo, não é?

40b

Uma vez eu ainda era, era muito, ainda era jovem; fui pro Centro com a minha amiga que não tinha com quem ela ir. Quando eu cheguei lá começou aquelas coisas esquisitas que eu nunca tinha visto na minha vida, sei lá, uns troços diferentes, aquelas pessoas ficavam se batendo, gemendo, chorando... e () subindo pelos meus pés e me (agarram), aí eu começava a pensar na rua, ficava pensando na rua, sabe, puxa, se eu tivessse em casa essa hora eu tava na rua, paquerando, sei lá, fazendo alguma coisa, andando na rua, passeando porque lá no interior tem esse negócio da gente ficar passeando à tardinha, de noitinha na rua não é; quando cheguei no

outro dia a moça disse: olha, você não pode mais ir no Centro porque vo
cê fica pensando fora de lá. Sabe que eu fiquei mais assustada e nunca
mais botei os pés no Centro! Nem mesmo dia de domingo, tem umas tais de
umas reuniões, qualquer coisa lá prá crianças, eu não ia não. Não ia por
que, sei lá eu fiquei impressionada com aquilo; já fiquei com medo, o ho
mem que sentava do meu lado tremia tanto e recebia santo, espírito não
sei o quê que era aquilo, eu sei que eu fiquei foi apavorada e nunca mais
fui à Centro. Agora de pouco tempo que eu fui, mas não é bem Centro, é
digamos assim uma macumba sabe, aí já é diferente, você vê aquelas coisas
mas não te dá muito medo, mas eu não vou a Centro não porque... sei lá,
parece que aquilo é muito... ah, eu não sei te explicar o que é que me dá
vendo aquele... só sei que me dá é muito frio.

FICHA Nº 41

IDADE: 35
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: Primária

41a

Minha mãe, não sei se era porque a gente gostava de andar no mato, brin-
cando, minha mãe disse uma vez que uma amiga dela, o marido dela tava fi-
cando amarelo e com o cotovelo cheio de pele grossa e eu... a gente fica-
va atento com aquilo, e que o marido dela, quando foi um dia ela descobriu
que o marido virava lobisomem. Então ela estava de vestido vermelho e
saíu andando, vejam só! Quando chegou lá ela diz que viu aquele enorme
cachorrão preto correndo atrás dela e ela subiu na árvore e ele conse-
guiu morder o vestido dela. Então ficou aquelas linhas nos dentes do ca-
ra. Quando chegou em casa, aí tã, ela ficou, foi embora prã casa, ele de-
sapareceu. Ela foi prã casa; quando chegou lá, passado muito tempo ele apa-
receu; Aí ele deitou no colo dela e tava conversando com ela, daí quando
ele sorriu a mulher viu a linha nos dentes dele! Ah, mas eu... você sabe
que eu nunca mais fui brincar no mato! Quem é que ia virar lobisomem prã
eu ver?! Meu pai?! Eu sei lá, eu... sabe que isso me deixou impressionada,
mas eu não acredito que alguém vá virar lobisomem!

41b

... a gente fica conversando besteira. Ela disse que prá mim que, quando ela morava lá, ela é do Maranhão, que ela tava... tem uma amiga que a amiga diz (disse?) que desconfiava que a mãe virava mula sem cabeça... Eu lá credito em mula sem cabeça! bom, eu acredito se eu ver nê; Então ela diz... e ela diz... mas dizem que deixa a cabeça no quarto, isso é a garota contando prá Lindinha, que deixa... a mãe deixava a cabeça no quarto, agora você imagina como é que você vai tirar sua cabeça heim! deixava a cabeça no quarto, numa posição e saía, virava mula sem cabeça. Depois... aí ela ficou obervando; quando a mãe saiu ela pegou virou a cabeça ao contrário da posição que ela havia deixado e quando ela chegou ela não conseguia colocar a cabeça, aí ela diz que... conseguiram ver que realmente a mãe virava mula sem cabeça. Menina, impressionante a Lindinha contando... sabe que eu ficava, sei lá eu fico escutando essas coisas depois no fundo me dá medo não sei se é porque, sei lá, você fica muito prestando atenção, atenção...

FICHA Nº 42

IDADE: 35
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: Primária

... ele chama, como é o nome, eu já esqueci o nome dele. Eu sei que ele tava doente e foi fazer uma pescaria como eu te disse, (ficou...) tinha muito rato por lá e ele ficou com hepatite. E ele ficava sempre pedindo pro Zé que ele queria ficar bom, queria ficar bom. Ai ele foi pro hospital, chegou lá já tava com acho que uns oito dias e nada de melhorar. Daí ele ... sempre lá deitado mas nunca esquecia do santo. Aí pediu prá ele que ele queria ficar bom. Então quando foi não sei que horas lá da tarde, o Zé chegou na porta, ele viu a porta abrir aí ele olhou, era o Zé que entrou. É impressionante, você sabe que eu... é isso é que eu tenho medo, vejam só: o Zé entrou, falou com ele, que ele ia ficar bom, que alguêm ia dar um pouco de sangue prá ele lá e ele ia ficar bom; e quando ele ficasse bom que ele fosse na casa do Zé. E lá em Paradas da () isso. E ele ficou bom mesmo, você sabe que ele ficou bom, quando ele ficou ele... Quando você sair daqui o primeiro passeio vai ser na minha casa e ele foi prá casa do Zé, chegou lá, levou charuto que ele gosta de charuto, levou cerveja, cachaça prá ele, aí o Zé disse prá ele: não falei prá você que você ia ficar bom? Quer dizer, é verdade que ele pintou por lá porque se ele não tivesse ido lá como é que ele ia saber que ele chegou lá e o cara, o santo chega prá ele e diz: eu não falei prá voce que você ia ficar bom?

FICHA Nº 43

IDADE: 20
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Secundário

... então uma vez eu cheguei lá, aí quando eu cheguei lá, o Claudinho fa
lou assim prá mim 'ah, manãe quer falar com você!' Eu falei: legal. Mas
é o seguinte, ela tá, tá recebendo santo, não sei o quê; então você chega
lá na porta da tenda dela e você fala: () Iansã! Aí ela vai responder
prá você e você entra e fala com ela. Aí eu falei: oh, eu não sei falar
isso não, então você chega lá na porta e fala prá mim, agora quando ela
(quiser) eu entro e falo com ela. Aí o Claudinho chegou lá na porta, fa
lu: '() Iansã? 'Ela: 'oi', o 'Zequinha tá aqui', 'Entre'. Eu peguei en
trei nê. Ela falou: 'oi Zequinha, tudo bom?' Eu falei: 'tudo bom'. Ela,
com a garrafa de cachaça do lado, então ela enchia o copo de cachaça
nê, 'Pum', aí começava a conversar comigo. Falava assim: 'oi Zequinha tu
do bom?' Eu falava 'tudo bom'. Aí ela mesmo falava assim: 'quem é?' Ela
mesmo respondia: 'é o Zequinha amigo do meu filho. 'Aí continuava: 'oi,
você vai dormir aqui hoje?' Ela falava: 'eu não'. Ela mesmo respondia.
'Ah, simpático ele não é?' Ela mesma falava: 'É, amigo do meu filho'. ()
Ela mesmo falava como se fosse duas pessoas. Aí eu fiquei meio cabreiro
com aquilo lá e ela enchia o copo de cachaça até a boca, 'Vup', botava ou
tra vez, aí assunto vai, e a mulher que tava com ela lá entrou no meio do
assunto nê, perguntando: Ah, e não mora alguém aqui? Sabe, sei lá, e aí

eu fiquei meio cabreiro e falei: 'oi, Dona () então depois eu falo com a senhora tê logo; 'tê logo', 'tê logo'.

FICHA Nº 44

IDADE: 20
PROFISSÃO: Estudante
ESCOLARIDADE: Secundário

Eu quando tava viajando para Correntes uma vez também, eu não sei o que foi que aconteceu que o carro atolou e, eu não sei, tava todo mundo desatolando o carro, aqueles () não sei o quê, e tinha um pê de pitanga e tinha um riachino perto. Aí eu fui, entendeu. E fui, quando voltei tinha uma cobra no caminho. E eu gritei. Eu gritei mas acontece o seguinte: eu fiquei parado olhando prã cobra, era uma coralzinha e a cobra ficou parada olhando prã mim, entendeu? e eu não sei se eu tava com medo ou se realmente a cobra me hipnotizou, eu não sei. Lembro que eu fiquei parado olhando assim, e o cara chegou por trás e 'tchu', sabe, cortou ela no meio, aí ela 'xui', virou e saiu... foi embora pro campo. () Mas realmente eu olhei prã ela e fiquei assim, ô, completamente parado sem saber, de medo ou se realmente,... dizem que ela hipnotiza não é...

FICHA Nº 45

IDADE: 28
PROFISSÃO: Professora
ESCOLARIDADE: Universitária

Uma vez eu tava numa sessão de, foi umbanda mesmo. Eu sei que tinha tido uma transa esquisitíssima de... tinha alguém que ia fazer trabalho contra alguém, tava achando que tinha alguém fazendo trabalho então resolveram fazer um negócio prá Exu. Então, era uma sala assim, a luz tava acesa e começaram a contar uma música: "oh já chegou seu sete encruza comendo go go espalhando brasa..." a hora de chamar o tal de Exu. Aí botaram uma ga mela assim no chão com farinha de dendê e acenderam um raio de umas velas nê, botaram as velas na farofa e acenderam. Eu não sei o que aconteceu, ju ro, apagou a luz de repente, a vela virou em cima da farofa do dendê, co meçou a queimar, ficou uma fumaceira, todo mundo: 'cof, cof'. 'tossindo e aquele... sabe, deu um treco assim esquisitíssimo, então: 'foi o Exu, o Exu, o Exu' e aí diziam assim: 'quem tiver um inimigo, o cara com uma voz esquisitíssima, o, lá, o que tava com o Exu nê, aí o Exu chegou incorpo rou nele, no sujeito lá, e ele dizia assim: 'Quem tiver um inimigo escre ve numa nota de dinheiro, escreve numa nota, escreve num papel e joga aqui". Aí um cara... aí uma pessoa que tava fazendo um trabalho contra o tal do inimigo dele queimou uma nota, naquele tempo era muito cem cruzei ros, dez cruzeiros, dinheiro prá chuchu; o cara queimava assim na vela de Exu nê e deixava, e o pessoal jogando papelzinho com o nome dos inimi-

gos. Aí a gente queria sair né mas aí tem aquele lance que não pode sair;

() quando acabou.

FICHA Nº 46

IDADE: 25

PROFISSÃO:

ESCOLARIDADE: Universitária

46a

É a história de uma lagoa... lá no Piauí tem uma lagoa, Parnaguá ou Paranaguá. E a lagoa é estranhíssima né, é lá em cima de um... você vê, vai chegando pertinho da cidade, parece uma nuvem. E lá tem uns troços estranhíssimos: passa um rio no meio dela, a água do rio mistura com a lagoa. Tem a lenda dessa cidade, dessa lagoa que... diz que foi uma lá que teve um filho não é, era uma mulher solteira e jogou o menino fora dentro de uma poçoa d'água não é, aí então (daí?) nasceu essa lagoa não é, no outro dia apareceu essa lagoa e tem um negócio interessante, essa lagoa é enorme, e toda vez que a pessoa, já inclusive casos aconteceu... no tempo que eu estava lá, quando a pessoa passa com carne com sangue na lagoa, diz que a lagoa se revolta e vira o barco de carne (...) já morreu uma pá de gente lá.

46b

Tem um lance com um negócio de cogra que o cara tava roçando um troço, um mato lá, veio uma jararaca e mordeu o dedo dele: aí com a foice cortou

o dedo fora não é, e matou a cobra. Foi embora prá medicar né. Aí diz que depois que ele cuidou do dedo foi que ele se lembrou do 'Ah! meu dedo, deixei meu dedo lá, vou pegar meu dedo, vou enterrar né'. Quando ele abaixou prá pegar o ... foi lá () quando ele abaixo prá pegaro o dedo, a outra companheira da cobra mordeu o rosto dele. Aí... não teve jeito.

FICHA Nº 47

IDADE: 33
PRIFISSÃO: Operário
ESCOLARIDADE: Primária

Quando eu era pequeno a gente tinha aprontado uma () boa, não é, nós ti nha arrumado lá, eu e mais dois amigos. Então a gente não queria dormir em casa porque a gente ia apanhar nê, então a gente pegou e se escondeu den tro daqueles fornos de assar pão, aí você imagina o tamanho que a gente era, que cabia três moleques daqueles dentro dum forno de assar pão, aque les fornos de barro sabe, que tem em fazenda. É então; e lá pelas tantas a gente ouviu bater a porteira assim na entrada da fazenda assim nê, e um barulho: plã, plã... Bom a gente não queria saber se era () não queria saber se era assombração, se era vivo, se era morto, o quê que era, a gente só viu que saímos os três numa carreira tão grande, minha casa era mais perto, nós demos uma trombada tão grande na parte de baixo da porta assim que nós arregaçamos a dobradiça da porta assim sabe; nós nem bateu na porta, deu uma peitada os três juntos e abriu a porta, fomos parar em baixo da cama. Foi a única vez que fui assombrado...

... a gente nem parou prá ver, podia ser algum boi batendo a orelha ou qualquer coisa mas como correu o boato que tinha um dos homem lá, que mo rava lá, que era lobisomem, então a gente pensou que era assombração. Tal vez fosse até nê, o homem que virou lobisomem...

FICHA Nº 48

IDADE: 33
PROFISSÃO: Operário
ESCOLARIDADE: Primária

Outro caso de assombrção que vai ficar na história também, contado por
aí, é de ali no cemitério né, teve um tempo ali que, por detrás do...
Estrada de Valinhos, ali onde entra agora, circunda o cemitério. Então te
ve um tempo que a gene andava em baile né, eu e um amigo chamado Bastião.
Sebastião grandão... Bastião era malvado que só ele, tinha umas idéias
que era o diabo. Então a gente vinha assim de festa assim, sábado prá do-
mingo né, então, tá, a gente vinha passando. E nós vínhamos vindo assim,
tinha tomado umas "paras" assim, molecada... podia tá com uns 18 anos por
aí, vinha vindo, tá, então aquele tempo era mato assim, então tinha um ca-
sal de namorados no maior dos amassos na curva assim né, aí então Bastião
virou e falou: pára, pára... tem gente. Olhamos, tinha uns cara assim; aí
Bastião chegou: oh rapaz, o que a gente podia fazer? vamos assoar um sus-
to naqueles caras, pôxa, você está vendo que desrespeito, bem no muro do
cemitério! Então né! Aí então o Bastião subiu em cima do muro, ficou dei-
tado em cima do muro, então ele ficou olhando assim! Sabe quando tá...
não tá dia e não tá noite assim, tá amanhecendo assim sabe; então eu vim
por dentro assim né, peguei, o Bastião ia fazendo assim: vai, vai, vai.,
Por dentro do cemitério, o muro é meio baixo né. Então os caras tavam
assim... Daí fui indo, fui indo, ele falou quando chegou lá deu o sinal

prá mim que tinha chegado. Então peguei uma coroa que tava em cima de um tũmulo, subi em cima assim e fiz: 'ah... 'mesmo assim... e soltei a coroa em cima dos dois. Olha, sem brincadeira, o cara do jeito que tava, virou prá trás, mas saiu numa carreira mas tão grande, largou a mulher, largou tudo e saiu correndo... a nega não falou nada, ela sô desmunhecou: 'ah...' Buuft! desmunhecou no chão nê, e eu corri prá tras. Esse pião subiu, ele subiu, sô se via a poeira do cara. Aí então prá você ver como é que tava e a mulher ficou lá caída, então: Não pô, é melhor a gente passar lá e ver o que aconteceu nê, vai ver morreu do coração ou tá doente () precisa chamar a assistência nê, largar a mulher aí nê! porque o cara desapareceu, esse a gente nem sabe quem é nê, aí a mulher nê que ele largou lá... herói nê!... aí então chegou Bastião chegou: moça, moça, que aconteceu moça? Aí a mulher abriu os olhos: "ah..." e caiu de novo. Aí, vamos embora (vombora) que o negócio tá vivo ainda, e se mandamos nê. Quer dizer isso deve estar correndo por aí... É o que dá... Diz que foi assombrado, que tinha assombração que jogava coroa de flores de dentro do cemitério, essas coisas...

FICHA Nº 49

IDADE: 33
PROFISSÃO: Operário
ESCOLARIDADE: Primária

Ali o pessoal do... no tempo que tinha um bonde, na Vila Saudade aí, ti
nha um tal, tinha um pessoáizinho dali... a gente brincava de pega, en
tão Sexta Feira Maior tinha a estória que na sexta feira maior tinha a
procissão dos Mortos à meia noite, dentro do cemitério. Então nós é: tem,
não tem, tem, não tem, a molecada, tem porque fulano viu, não tem, então,
e pega? não pega mas a gente vê arrepiava tudo, é verdade, é não é, aí a
molecada se juntou, bom vamos lá, prá nós ver a procissão dos mortos. En
tão foi e o bonde da linha Saudeade, o último era quinze prá noite, para
va em frente ao portão assim, ô, do lado de baixo só terreno vazio, do
lado de cima o muro do cemitério que começava a uns 100 metros assim e
fazia um L, então o cara entrava naquela esquina de dentro do L assim com
o bonde, então ele parava com o bonde ali, ficava, né, tremia de medo,
sexta feira maior, só tinha o motorneiro e o cobrador né; aí então o No
ca, ele é um cara que sempre () de amarelo, tudo com o pé no chão, então
né o cara parecia defunto mesmo não é, então ficou toda aquela molecadinha
lá, nós escondido atrás dos pilares, porque tem aqueles... tem um verdadeiro
monumento na estrada do cemitério, sabe aquelas de cemitério tudo cheio
de desenho e tal, aqueles pilares assim bem bonitos sabe, colunas jôni
cas deve ser aquele troço, aí então a gente se escondeu atrás. Ficou to

do mundo lá olhando, instalado né, e passa tempo e nada de procissão, na da de procissão dos mortos; aí o bonde chegou () já é mais de meia noite, o bonde tá atrasado, não, não tá atrasado rapaz, parece que os defuntos acho que estão atrasados né, então aí vai, vai alguém perguntar a hora lá prá ver se vai demorar muito prá sair a procissão né, aí então Noca foi pegou e saiu do pilar assim mas quem via ele vindo do lugar que o bonde tava, claro, agora você imagina o motorneiro ver saindo do cemitério assim, sexta feira maior, um cara de calça com uma barra da calça arregaçada a outra não, camisa aberta, subnutrido que sô diabo, vem vindo prolado dele né; então eles... tava conversando, parou de conversar ficou olhando; aí o Noca chegou: moço, que horas são? Aí eu sei que o cara chegou: oh, meu Deus, quinze prá meia noite! 'Brigado', virou as costas e voltou, quando ele voltou prá trás, esse motorneiro subiu... você já viu bonde cantar pneu? pois aquele cantou, roda em cima dos trilhos, viu,; e saiu com a bandejá quase saindo: nhect nhect, foi que ia até balançando. Foi embora; aquele dia o bonde saiu quinze prá meia noite do ponto. (ninguém sabe qual foi a alma) do defunto que saiu de lá de dentro, que veio do cemitério. Mas era assim, o pessoal que morava em volta do cemitério

FICHA Nº 50

IDADE: 33
PROFISSÃO: Professor
ESCOLARIDADE: Universitária

50a

Eu deixei o carro estacionado no hotel e subi prá tomar banho, pro apartamento; aí, uma... uns 40 m depois descí prá sair no carro e vi que o carro estava sem a janela de vidro e constatei que tinham levado meus documentos, meus documentos não... minha carteira de dinheiro, algum documento sem importância, óculos, caneta acho, não se, mais alguma coisa, Só.

50b

Na porta de um clube. Eu estava um pouco bêbado e queria entrar numa festa, formatura acho, acho que era. Isso já era umas quatro h da manhã. Mas acontece que eu tava sem a roupa apropriada, que era um 'smoking', acho que era um 'smoking', era. Então, o cara não deixou eu entrar. Aí eu... aí Jenner me deu o paletô dele, era um paletô preto, ficou um pouco grande né mas eu coloquei esse, mas eu coloquei na vista do porteiro. Aí o porteiro se sentiu assim, sei lá, ofendido porque foi aquilo assim acintosamente, aí ele falou, uma das coisas que ele falou que não ouvia, aí ele falou assim: 'palhaçada'. E eu tava bêbado e me irritei e fui agredir

FICHA Nº 51

IDADE: 38
PROFISSÃO: Doméstica
ESCOLARIDADE: Primária

(Eu quero que você conte prá mim aquele caso que você contou o outro dia)

Doutor Crescêncio era um médico que tinha lá na Bahia, em Vitória da Conquista.

E ele... dizem, eu não sei, eu não conheci. Quem conheceu foi minha mãe e minha avô mas eu não conheci, que ele era um médico muito caridoso. E ele fazia partos em bastante pessoas pobres, nas roças no interior e não cobrava nada. E ele era um médico super caridoso, um médico espírita caridosíssimo. Então uma senhora deu, deu as dores prá ter o filho e não sabía que ele tinha morrido, e o marido dela de lá da roça onde ela morava veio aí prá Conquista buscar o médico e ela lá no desespero da dor, chamou por ele né, por Doutor Crescêncio. E, pelo que ele conta, ele veio, fêz o parto dela. E quando o marido dela chegou ela já tinha tido a criança, já tava tudo arrumado, e tudo bem. Foi quando ele falou que o Doutor Crescêncio já tinha morrido.

o porteiro. Mas eu tava um pouco desequilibrado e não consegui agredir. Então o cara foi que me agrediu. Aí eu voltei novamente, parti prá cima do cara e uns 5 homens me seguraram (). Acho que eram agentes policiais, eram agentes policiais, tavam ali perto. Aí me seguraram. Aí depois eu tomei a... notei que tava sangrando no supercílio mas a essa altura eu não podia fazer mais nada, tava seguro mesmo e aí veio Jenner e João e começaram a agredir assim de... xingando o porteiro, xingando... sei lá, eu tava um pouco bêbado, não me lembro direito, e os caras aí puxaram um revólver e ameaçou, mandou o pessoal ficar quietinho aí, tal. Aí minha irmã, Fafá, veio também e ajudou também no xingamento, nas brigas, Bom, daí a gente foi imobilizado mesmo porque um 38 e um 45 apontado não é prá se fazer muita coisa. Daí, eu tomei o carro e fui pro Pronto Socorro, fazer o curativo na sobrancelha. E terminou a estória.

FICHA Nº 52

IDADE: Mais ou menos 35 anos

PROFISSÃO: Atendente

ESCOLARIDADE:

(Você já foi assaltada alguma vez?)

Já fui assaltada o ano passado no mês de Dezembro. E, fui a Itapevi com meu pai, e quando a gente vinha voltando, pegamos o trem, lá eram umas oito (8) horas, sentada assim, em frente comigo dois rapazes, meu pai sentado do lado deles. Tava vom um toca-discos da menina e a bolsa assim em cima. Aí eles levantaram de lá. Isso eu tava muito tensa conversando com uma colega, aí ele chegou puxou a bolsa, sabe; sabe quando você estã conversando com uma pessoa que você não dá atenção prã outra coisa? Aí quando puxou a bolsa eu ainda pensei que era o meu pai que tava pegando a metade das coisas prã não ficar muito prã mim sozinha, né. Aí eu fiquei... quieta, apertando assim né, a bolsa. Aí eu vi que o puxão foi mais forte. Aí que eu olhei, aí eu assustei, quando assustei o braço soltou mais a bolsa né, aí eles conseguiram tirar a bolsa: eu puxando eles puxando, a porta do trem aberta, um segurando a porta e o outro, quando pegou a bolsa, pulou, pulou do trem. Aí eu peguei levantei depressa também aí falei pro meu pai: ah! me roubaram a bolsa, que é que eu faço? ah, eu vou pular atrás deles. Aí uns rapazes que estavam do lado, chegou falou depressa; não faça isso que é perigoso eles te matarem. Ai eu fiquei. Aí fomos até

a próxima estação. Aí a gente desceu, fomos na Delegacia, mas aí o delegado falou: ah, você tem que voltar em Itapevi porque lá já é outro município não é. Aí voltamos pra Itapevi, cheguei lá na Delegacia, dei queixa, tudo, mas já era tarde né. Aí o delegado falou: ah!, você deixa os dados aqui tudo, eu vou te dar um atestado pra voce levar na firma onde você trabalha e amanhã você volta, porque se se acaso eles não encontrarem o que eles queria, que geralmente eles querem dinheiro né, então eles jogam a bolsa com documentos e é fácil a gente encontrar. E eu: Tudo bem. Pegamos, voltamos embora. Quando foi no outro dia foi lá de novo. Mas não apareceu. Aí, resultado, tive que tirar todos os outros documentos, quer dizer dinheiro não tinha na bolsa, só tinha documentos, que eu fiquei... o único documento que eu fiquei foi com a certidão porque estava em casa não é...

FICHA Nº 53

IDADE: Mais ou menos 35 anos

PROFISSÃO: Atendente

ESCOLARIDADE: 1º grau

Ah, tem uma colega minha que trabalha no hospital de Sorocabana também foi assaltada, inclusive faz uns 20 dias mais ou menos. Pr'aqueles lados lá também sabe, aqueles lados é demais, lá agente quando vai, você tem... ou ir sem bolsa ou então muito... prestar muita atenção porque senão eles passam a mão mesmo. Há uns 20 dias atrás ela foi prá lá, prá casa de uma colega mas apenas... olha, três horas da tarde, não sei como que eles são tão, menina, rápidos daquele jeito. O trem cheio, super cheio, e ela sentada. Uma bolsa assim como essa, assim no braço; sentada, a bolsa no colo e tava com o cordão assim no braço. Diz que o cara chegou, pois tirou a bolsa dela. Puxou com tanta força que ficou roxo, assim. Ela é bem clara, ficou a marca assim da bolsa, dele fazer força né. Aí ela tava com, parece 800 cruzeiros na bolsa, guarda-chuva, uma porção de coisas; daí ela ficou assustada. Ninguém falou nada. Ela ficou até nervosa porque o trem cheio, tanto homem ali perto, ninguém se reagiu. Ai um rapaz falou prá ela: olhe, melhor a senhora fêz bem em não falar nada, ficar quieta porque esses caras aí se for reagir ele é perigoso até matar né! Ai ela seguiu a viagem, chegou na casa da amiga dela, pegou dinheiro prá voltar porque nessas alturas ela tinha ficado sem nada né, e veio embora. Mas tinha uma moça no trem que a moça mora perto dali. Ela desceu naquela mes

ma estação nê, aí chegou na casa dela diz que falou pro pai dela: ah! assaltaram uma senhora aí no trem, a mulher ficou apavorada. Aí diz que o pai dela falou assim: ah! vamos lá, vamos... quem sabe a gente encontra a bolsa nê. Aí saíram. Acho que já era uma hora depois do assalto. Aí quando chegaram lá encontraram a bolsa, os documentos, até uns pacotes de bolachas que ela tinha na bolsa, nem as bolachas pegaram, só pegaram mesmo o dinheiro, carteira profissional tudo. A moça levou prá casa dela. Quando foi na semana seguinte veio trazer os documentos e a bolsa no hospital prá ela. E ela, sei lá, ficou tão contente de achar a bolsa e os documentos nê, que a gente quase não faz muita questão do dinheiro porque sabe que não volta mesmo não é. A moça chegou, contou a estória prá ela: olhe a gente falou com o meu pai, a gente foi lá e tal. Ela tá achando que foi até um milagre de Deus que ela recebeu não é, porque, a gente nunca encontra bolsa, documento, tão difícil nê.

FICHA Nº 54

IDADE: Mais ou menos 35 anos

PROFISSÃO: Atendente

ESCOLARIDADE: 1º grau

... terça feira mesmo aconteceu aí um fato assim. Eu tava trabalhando aí pequei fui, fui ao toalette né. Quando eu vinha saindo passou uma senhora assim na minha frente. Eu sempre vejo essas coisas. Mas nunca levei a sério, não tenho medo, nada disso. Ai eu olhei prá ver se a mulher tava na cozinha né, aí ela não estava. Aí fui onde está o corredor, ela estava numa salinha dos fundos. Aí eu peguei falei prá ela assim: olha, a senhora veio do quarto agora? Aí ela falou assim. Não, eu estou aqui lendo jornal faz tempo! Quer dizer, eu... só prá confirmar né, porque... Aí eu pensei bem, falei: é, a que eu vi não era, não era ela mesmo não é, e hoje a mesma coisa. Eu sempre... isso nem abalo mais porque eu sempre vejo. Mesmo no hospital onde eu trabalho, tem um vitrô assim, as vezes eu tou trabalhando tudo, eu vejo passar um vulto. Então levanto, vou até a janela prá ver se realmente passou alguém. Passou ninguém. Deixo prá lá.

FICHA Nº 55

IDADE: Mais ou menos 35 anos

PROFISSÃO: Atendente

ESCOLARIDADE: 1º grau

... e el, o pai dele pediu prá ele ir ao Super Mercado, naquele tempo não era Super Mercado, era empório nê, que eles falavam. Aí quando ele vinha voltando... e ele fumava, ele disse que vinha passando... tinha a estrada e mato de lado a lado, e ele acendia o cigarro e o cigarro apagava. Ele chegava puxava uma tragada e já apagava o cigarro. Ele tornava a acender tornava a apagar. E quando disse que ele já ia saindo da mata ele disse que uma voz falou: apagou. Mas ele disse que correu tanto tanto tanto que chegou na casa dele não tinha nem coragem mais de falar; então disse que foi uma das primeiras coisas que ele viu. Mas sempre ele via. Sempre ele via as coisas: vulto cercando ele em frente às estradas...